FOLHA DE S.PAULO

DESDE 1921 ★★★ UM JORNAL EM DEFESA DA ENERGIA LIMPA

ANO 105 ★ Nº 35.137 — DOMINGO, 15 DE JUNHO DE 2025 — R$ 9,90

ilustrada ilustríssima

CASO LEO LINS REFLETE APAGÃO NO HUMOR

Polarização política e embates comportamentais tiraram a comédia da TV B1

Dalton Trevisan era obcecado pela Bíblia, conta biógrafo B8

Bienal do Rio lota com fenômenos do TikTok B15

Feira do Livro de SP começa com debates políticos B15

mercado

COMO USAR IA PARA EXERCÍCIOS E VIAGENS A20

Lula tem queda e empata com Tarcísio no 2º turno, diz Datafolha

Simulações para 2026 mostram que presidente lidera com 36% a 38% das intenções de voto na rodada inicial; governador de São Paulo tem rejeição de 15%, ante 46% do petista

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) mantém a liderança em primeiro turno nas simulações da eleição de 2026 feitas pelo Datafolha, mas perdeu a vantagem que tinha sobre candidaturas à sua direita em uma segunda rodada da disputa.

Nos cinco cenários em que aparece como candidato à reeleição, Lula preserva o mesmo patamar inicial de intenções de voto, de 36% a 38%. Dos oposicionistas testados, apenas Jair Bolsonaro (PL), hoje inelegível, tem um desempenho similar (35%).

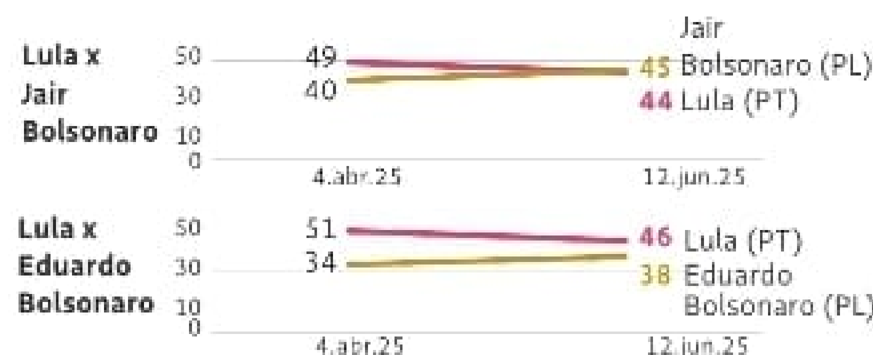
O cenário muda quando se consideram só dois postulantes. O petista e o governador Tarcísio de Freitas (Republicanos-SP) empatam (43% a 42%, ante 48% a 39% em abril). Contra Michelle Bolsonaro, a vantagem caiu de 12 para 4 pontos.

Pesa contra o presidente a rejeição de 46%, a maior entre os candidatos testados e aptos a concorrer. Na pesquisa, 30% declararam não votar de jeito nenhum na ex-primeira-dama Michelle, enquanto 15% descartaram escolher Tarcísio. Política A6

Pesquisa Datafolha de cenários de segundo turno para presidente em 2026

Resposta estimulada e única, em %





Presidente de órgão do MEC faz 86 viagens e gasta R$ 542 mil Cotidiano A33

ANÁLISE Eloisa M. de Almeida

Pena de ex-presidente deve dividir STF em julgamento A11

entrevista

FLÁVIO BOLSONARO

senador pelo PL-RJ

Indulto é chave para apoio de Bolsonaro

Filho de Jair Bolsonaro (PL) diz que, para receber apoio, candidato em 2026 terá de não apenas prometer indulto, mas brigar com STF por isso. "Vai ter de ter alguém que tenha comprometimento." Política A12



Donald Trump, que fez 79 anos ontem, e a primeira-dama Melania assistem a desfile militar em Washington Andrew Harnik / Getty Images via AFP

JHSF
SURPREENDENTE
FAZENDA SANTA HELENA
BRAGANÇA PAULISTA
A NOVA FAZENDA DA JHSF
COMING SOON
VEJA NA PÁG. A9.

EDITORIAIS A2

Datafolha traz boas notícias em série para a oposição A respeito de pesquisa em que Lula perde vantagem sobre adversários no segundo turno.

Negacionismo econômico-climático Acerca de entrevista da diretora da COP30 e custo da inação de governos ante aquecimento global.

Ataques ao Irã não foram nada perto do que virá, afirma premiê de Israel

A guerra aérea entre Israel e Irã prosseguiu neste sábado, após disparos iniciados pelo Estado judeu. Cerca de 60 pessoas morreram em Teerã. "O que eles sentiram não é nada comparado com o que receberão", disse o premiê Binyamin Netanyahu. Mundo A25

Deputada estadual democrata é morta a tiros nos EUA

Em dia de protestos nos EUA contra Donald Trump, que promoveu desfile militar, dois parlamentares estaduais democratas de Minnesota foram baleados por atirador que se passou por policial. A deputada Melissa Hortman e seu marido foram mortos, e o senador John Hoffman e sua mulher ficaram feridos. Mundo A27


ISSN 1414-5723

Vítimas de roubos têm trauma de usar celular na rua A29

EDITORIAIS

folha.com/editoriais
editoriais@grupofolha.com.br

Datafolha traz boas notícias em série para a oposição

Presidente Lula perdeu a vantagem que havia apresentado na pesquisa anterior, de abril, e agora vê possíveis adversários, como Michelle e Tarcísio, claramente competitivos em simulações de segundo turno

Por qualquer ângulo que se olhe, a mais recente pesquisa do Datafolha traz notícias boas para quem joga no campo da oposição e ruins para o governo e seus apoiadores.

Para começar, o levantamento retirou qualquer aura de invencibilidade que ainda pudesse haver em torno do presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT), ao mostrá-lo, nas simulações de segundo turno, em pé de igualdade com vários de seus potenciais adversários na disputa de 2026.

O petista, é claro, pode se agarrar ao tempo que falta para a eleição. Com mais de um ano pela frente, nada impede que o cenário mude de forma significativa, sobretudo porque, até lá, o Supremo Tribunal Federal terá terminado de julgar Jair Bolsonaro (PL) pela trama golpista de 2022.

A fragilidade eleitoral de Lula, contudo, está aí para quem quiser ver; seu capital político diminuiu, e o governo que comanda tem-se revelado incapaz de dar uma resposta convincente aos inúmeros anseios da população.

É verdade que, nos cenários hipotéticos de primeiro turno, o único oponente que parece lhe dar dor de cabeça é Bolsonaro, que chega a 35% das intenções de voto contra 36% de Lula. Mas o ex-presidente, como se sabe, foi declarado inelegível pelo Tribunal Superior Eleitoral.

Nas demais situações, o petista ainda tem certa folga. Somando sempre 37% ou 38% das intenções de voto, ele sobrepuja Eduardo e Flávio Bolsonaro, ambos do PL e com 20%; o governador Tarcísio de Freitas (Republicanos), com 21%; e Michelle Bolsonaro (PL), que se sai melhor, com 26%.

É no segundo turno, contudo, que a dificuldade de Lula se revela por inteiro. Se a eleição fosse hoje, dentre os cenários testados, ele venceria apenas contra Flávio (47% a 38%) e Eduardo (46% a 38%) —e, nesse último caso, vendo apertar uma vantagem que, em abril, era de 51% a 34%.

Essa mesma queda de desempenho eleitoral se repetiu contra Michelle. Se antes o Datafolha apontava para o que parecia uma vitória tranquila por 50% a 38%, agora o presidente se vê em situação de empate, no limite da margem de erro, com a ex-primeira-dama: 46% a 42%.

Pior ainda para Lula é o cenário de segundo turno contra Tarcísio. Em abril, o governador de São Paulo perdia por 39% a 48% das intenções de voto; passados dois meses, ele chegou a 42% e encostou no petista, com 43%.

> **Talvez agora o governo entenda a necessidade de corrigir rumos. O medo da derrota tende a ser mais forte que outros impulsos —e essa não deixa de ser uma das belezas da competição eleitoral, proporcionada apenas pelas verdadeiras democracias**

E, de um ponto de vista apenas simbólico —dado o obstáculo jurídico de Bolsonaro—, é digno de nota que o mandatário, com 44%, esteja numericamente atrás de seu antecessor, que registrou 45%. Em abril, Lula tinha aberto nove pontos de frente.

Se o governo demonstrava não entender a necessidade de corrigir rumos, talvez agora o alarme soe no Palácio do Planalto. O medo da derrota nas urnas tende a ser mais forte que qualquer outro impulso —e essa não deixa de ser uma das belezas da competição eleitoral, proporcionada apenas pelas verdadeiras democracias.

Negacionismo econômico-climático

Debate diplomático sobre aquecimento global, como o da COP30, só avançará quando se calcular o custo dos desastres; é preciso investir em mitigação das emissões de carbono e em adaptação de infraestrutura

A cinco meses da COP30, conferência global sobre emergência climática em Belém, estreitam-se as perspectivas de sucesso do governo brasileiro na ingrata tarefa de mobilizar um mutirão internacional para mitigar o aquecimento do planeta e adaptar populações vulneráveis a impactos já perceptíveis.

A figura do mutirão pelo clima foi cunhada pelo embaixador André Corrêa do Lago, na esperança de motivar negociadores da reunião que presidirá. Como que a intuir o risco de estagnação nas tratativas entre duas centenas de países, lançou à mesa outro conceito: negacionismo econômico.

Em entrevista à **Folha**, a diretora-executiva da COP30, Ana Toni, interpretou a expressão corretamente: "Está todo mundo ignorando o custo da inação". Vale dizer, sai cara a recalcitrância dos governos em financiar no montante necessário a transição energética, o fim das emissões de carbono na geração de energia, nos transportes ou no desmatamento e a resiliência da infraestrutura.

Eventos atmosféricos extremos, previstos há décadas pela ciência, já se fazem presentes. A realidade se encarregou de educar o ceticismo climático —tendência ideológica que nega projeções de especialistas, semeando dúvidas pontuais sobre estudos, considerados alarmistas.

Desastres se repetem: inundações no Rio Grande do Sul, incêndios florestais na Califórnia, secas na amazônia e no pantanal e ondas de calor na Europa. Outros virão, e ainda mais danosos, se o planeta não transitar para a renúncia a combustíveis fósseis até meados deste século, como se acordou na COP28.

Só a conta da reconstrução gaúcha chegou a R$ 100 bilhões, assinalou Toni, montante que saiu quase todo dos cofres do poder público —ou seja, do bolso dos contribuintes, não dos setores econômicos que mais poluem a atmosfera e bagunçam o clima. Ademais, quanto valem as 3.000 vidas perdidas em 2024? As quebras de safra? E as doenças zoonóticas turbinadas nos habitats deslocados de seus vetores?

> **Só a conta da reconstrução gaúcha chegou a R$ 100 bilhões, valor que saiu quase todo dos cofres públicos —ou seja, dos contribuintes, não dos setores que mais poluem a atmosfera e bagunçam o clima**

Desconhecem-se tais cifras porque os atores envolvidos estão mais empenhados em calcular subsídios para fomentar setores tradicionais, como o do petróleo. No Brasil, observa-se discordância entre o Palácio do Planalto e Marina Silva, ministra do Meio Ambiente, em relação à exploração de petróleo em área costeira da mesma amazônia para onde levou a COP30.

Corrêa do Lago e Toni não têm boas respostas diante dessa contradição, nem poderiam ter. É ao governo Luiz Inácio Lula da Silva que irá a cobrança em Belém.

FOLHA DE S.PAULO ★★★
UM JORNAL EM DEFESA DA ENERGIA LIMPA
Publicado desde 1921 – Propriedade da Empresa Folha da Manhã S.A.

PUBLISHER Luiz Frias

DIRETOR DE REDAÇÃO Sérgio Dávila

SUPERINTENDENTES Carlos Ponce de Leon e Judith Brito

CONSELHO EDITORIAL Fernanda Diamant, Hélio Schwartsman, Joel Pinheiro da Fonseca, José Vicente, Luiza Helena Trajano, Patrícia Blanco, Patrícia Campos Mello, Persio Arida, Ronaldo Lemos, Thiago Amparo, Luiz Frias e Sérgio Dávila (*secretário*)

DIRETOR DE OPINIÃO Gustavo Patu

DIRETORIA-EXECUTIVA Alexandre Bonacio (*financeiro, planejamento e novos negócios*), Anderson Demian (mercado leitor e estratégias digitais), João Cestari (tecnologia) e Marcelo Benez (*comercial*)

CIRCULAÇÃO FOLHA (VERIFICADO POR BDO)
876.400 - Fechamento 2º Semestre de 2024
Assinantes Folha + Venda Avulsa Impressa.
Veja os critérios em folha.com.br/circulacao-verificada/

Jean Galvão



COLUNISTAS

folha.com/editoriais
editoriais@grupofolha.com.br

SÃO PAULO

A ciência encantada da jurema

Hélio Schwartsman

Meu amigo Marcelo Leite é um daqueles jornalistas polímatas, que transitam bem por gêneros tão variados como física, meio ambiente, educação, antropologia e, mais recentemente, a ciência dos psicodélicos. Em "A Ciência Encantada da Jurema", Marcelo nos oferece uma feliz combinação dos dois últimos veios.

O livro pode ser descrito como uma radioetnografia da jurema, planta típica da caatinga e rica na substância psicodélica DMT (dimetiltriptamina), que é consumida em ritos da religião de mesmo nome que se desenvolveu na região. Marcelo destrincha a jurema, a planta e a religião.

Pelo veio científico, ele aborda a psicofarmacologia da DMT, seu potencial médico para o tratamento de depressões, e até mostra por que alguns modos de preparo da beberagem produzem mais efeitos psicoativos que outros. O segredo é incluir na receita algum inibidor da monoamina-oxidase (MAO), a enzima que degrada neurotransmissores, entre os quais estão as aminas.

Pelo veio antropológico, Marcelo mostra como a religião da jurema se desenvolveu combinando elementos da umbanda, de tradições indígenas e recebeu influências até do espiritismo. Mais importante, ele conta como a perseguição dos juremeiros por autoridades e por outras religiões, desde o Brasil colônia até os dias de hoje, moldou a nova fé.

Não é um fenômeno inédito. Comentei aqui há pouco um livro que explica o surgimento da Bíblia hebraica como reação literária às derrotas militares dos reinos de Israel e de Judá.

E isso não é tudo. Marcelo é um jornalista no século 21. Isso significa que sua missão não estaria completa se não relatasse também em primeira pessoa suas experiências com a DMT. E ele a experimentou tanto em setting científico (inalada, em laboratório, como participante de pesquisa clínica) como em contextos religiosos.

Ao caminhar por essas sendas, Marcelo já se aventura numa tradição mais literária do que propriamente jornalística, que inclui autores como De Quincey, Huxley, Coleridge, Baudelaire e tantos outros.

helio@uol.com.br

BRASÍLIA

A base desabou

Dora Kramer

Em meio a ultimatos, confrontos e rebeldias, o que a fortaleza do centrão está dizendo ao governo é que não existe mais base aliada. O conceito está superado na forma e no conteúdo.

Por base, entende-se o que dá sustentação, e por aliada compreende-se uma associação na defesa de objetivos comuns.

Nada disso se faz presente no relacionamento entre o Palácio do Planalto e os partidos com assento no ministério. Não há alicerce nem aliados de fé no campo dos políticos costumeiramente incluídos naquela expressão já obsoleta.

Não há oficialização de rompimento, por interesse de parte a parte. Mas em ambas as partes reside a percepção do antagonismo entre os respectivos propósitos: o PT quer se manter na cadeira presidencial e o centrão quer tirá-lo de lá na próxima eleição.

Embora seja esse o resumo da história, há um passo a passo na trajetória que adia o desfecho para o início de 2026. E quanto mais se aproxima a data do mais que provável desenlace, mais fortes e frequentes os atritos.

O confronto da vez deu-se de novo em decorrência de uma barbeiragem governamental, na edição de um decreto de aumento das alíquotas do IOF ao arrepio das consequências. A coisa transbordou para um embate acerca de quem deveria ser a iniciativa de propostas por cortes de gastos.

O Executivo joga a bomba para o Legislativo que devolve o artefato ao colo do vizinho. Fica, assim, posto um impasse sem solução porque, de fato, nenhum dos dois quer, na véspera do ano eleitoral, pôr as mãos na cumbuca do corte de benefícios, isenções fiscais, programas sociais, privilégios previdenciários e emendas parlamentares, dentre outras premências orçamentárias.

A votação da urgência do projeto que pode derrubar o decreto do IOF é um gesto político que tem a ver com as eleições, mas pode ter a ver também com a liberação de emendas.

Se forem pagas e o clima hostil arrefecer, restará evidente que no momento pesam mais a ganância por recursos do Orçamento que as futuras ambições eleitorais.

RIO DE JANEIRO

Na cama com um disco

Ruy Castro

Li outro dia uma frase do compositor americano Aaron Copland (1900-90) sobre a música gravada em disco. Para Copland, ela não fazia justiça à música ao vivo, interpretada em teatro por uma orquestra de 80 figuras. E pensou encerrar o assunto com "Ouvir um disco é como ir para a cama com um retrato" (não com uma pessoa de verdade). O autor do balé "Billy the Kid", de 1938, devia estar se referindo a algum momento primitivo da gravação, anterior à alta fidelidade, ao estéreo e ao Dolby.

De fato, os primeiros 50 anos da música gravada, que coincidiram com os primeiros 50 do século 20, foram de amargar. Os discos de 78 r.p.m., gravados na cera, não registravam direito os agudos, os baixos eram abafados e o material de que se compunham era grosseiro e chiava. Mas, em meados dos anos 1950, com o advento da fita magnética, da vinilite, do microssulco, da rotação em 33 1/3 r.p.m. e de inúmeros outros recursos, já se podia dizer que a música gravada pelo menos empatava em qualidade de som com a executada ao vivo.

E não demorou de certa forma a superá-la, como nas gravações em double tracking do grupo francês Les Double Six e em multitracking do trio vocal americano Lambert, Hendricks & Ross. O que eles pareciam fazer em disco era impossível no palco —cantar em dobro ou várias coisas ao mesmo tempo. Os próprios Beatles, em 1966, pararam de se apresentar em público não só pela gritaria das fãs, mas porque certos efeitos dos arranjos de George Martin eram impraticáveis fora do estúdio.

Mas o importante para mim é que, com os modernos recursos de recuperação sonora, gravações históricas, como as de Louis Armstrong, nos anos 1920, Carmen Miranda, nos anos 1930, e outros soam hoje como seus contemporâneos nunca as escutaram. Confirma algo de que sempre desconfiei: a gravação já era boa, a reprodução é que era deficiente.

Hoje, com a IA, a música gravada supera não só a música ao vivo, mas permite que até os mortos ressuscitem. Vide Elis Regina cantando coisas que nunca gravou.

O eterno espírito das universidades

Aos trancos e barrancos, as instituições de ensino erguem-se como bastiões de defesa contra o avanço do neofascismo

Muniz Sodré

Professor emérito da UFRJ, autor, entre outros, de "Pensar Nagô" e "Fascismo da Cor". Escreve aos domingos

O ataque de Trump às universidades americanas, maioria no rol das melhores do mundo, é sintoma forte do neofascismo transnacional. Não foi adiante no período de Bolsonaro, mas exerce controle total na Hungria de Orban. Pode ser característica de toda autocracia, porém tem mais a ver com fascismo do que com nazismo ou stalinismo, apesar do sinistro parentesco entre os três.

Suscita-se uma hipótese de vingança pessoal de Trump contra as altas instituições de ensino, de onde provém a elite dirigente dos EUA. Não só oito presidentes foram formados na Ivy League, núcleo de excelência universitária, assim como professores, economistas e cientistas, sempre nas pautas do Prêmio Nobel. Obama graduou-se em Harvard. Trump, embora proveniente da Ivy League (onde nunca foi benquisto), é produto de show televisivo. Respira e transpira banalidades, mas soube navegar no vácuo de credibilidade do elitismo: desde Truman, o povo americano descobriu que seus líderes eram grandes mentirosos. A verdade sobre as guerras inúteis do Vietnã e do Iraque não foi revelada aos jovens por governos, mas pela imprensa e pelas universidades.

O neofascismo trumpista constrói-se na mentira aberta, sem descambar no neonazismo. É que o nazismo como programa político "tinha uma teoria do racismo e do arianismo, uma noção precisa da entartete Kunst, a 'arte degenerada', uma filosofia da vontade de potência e do Übermensch. O nazismo era decididamente anticristão e neopagão" (Umberto Eco, "Fascismo Eterno"). O fascismo, ao contrário, sem bases filosóficas nem controle ideológico real, articulava-se emocionalmente em torno de arquétipos tradicionais. Houve só um nazismo, mas vários os fascismos.

[...] as instituições públicas são fontes únicas de ensino aliadas à produção de conhecimento. Vivem na corda bamba de orçamentos mesquinhos e cortes drásticos

Duas características do velho fascismo permitem identificar o novo: oposição ao avanço do conhecimento e ação irracional do chefe. Em Trump, o açodamento da guerra comercial e ameaças de conquistas territoriais. Depois, universidades como alvos de alegações infundadas, dentre as quais o antissemitismo. Ele finge desconhecer participação de judeus nas manifestações contra o massacre em Gaza e agora a própria revolta interna em Israel.

Na realidade, o ambiente universitário no mundo todo é conservador. Não exatamente de direita, mas de valores universalistas derivados de um sistema de ideias. Isso comporta uma diferenciação estrutural, processo pelo qual a estrutura de ensino se abre ao surgimento de institutos e laboratórios. Para tanto é imprescindível o avanço do saber, logo, liberdade de pesquisa e opiniões. Manifestações estudantis e docentes são o epifenômeno desse espírito libertário, sujeito ao debate.

Nenhuma comunidade de saber é possível num sistema educativo à distância nem em universidades-empresas. Isso não significa que o conhecimento esteja restrito às universidades. Mas, entre nós, as instituições públicas são fontes de ensino aliadas à produção de conhecimento. Vivem na corda bamba de orçamentos mesquinhos e cortes drásticos, em meio à farra de emendas parlamentares sem prestação pública de contas. Ainda assim, ascendem, como acaba de acontecer com a UFRJ, no ranking das melhores. Aos trancos e barrancos, aqui e no mundo, a universidade ergue-se como bastião de defesa contra a metástase progressiva do neofascismo.

TENDÊNCIAS / DEBATES

folha.com/tendencias
debates@grupofolha.com.br

Os artigos publicados com assinatura não traduzem a opinião do jornal. Sua publicação obedece ao propósito de estimular o debate dos problemas brasileiros e mundiais e de refletir as diversas tendências do pensamento contemporâneo

O Brasil é o país mais miscigenado do mundo?

2.723 genomas brasileiros estudados revelam, ao menos, que somos a maior população com mistura de povos do planeta; e isso tem um valor imenso

Lygia da Veiga Pereira
Professora titular de genética da USP, é criadora do Projeto DNA do Brasil e fundadora da gen-t

O estudo do genoma humano vem revolucionando a medicina, levando à melhor compreensão das causas fundamentais de doenças como câncer e Alzheimer. Isso possibilita o desenvolvimento de diagnósticos preditivos e terapias mais eficazes. Afinal, nosso DNA é uma grande receita que a natureza segue para a formação e funcionamento do ser humano.

É seguindo as instruções dessa receita —os genes— que aquela única célula que um dia fomos se transforma nos trilhões que compõem nosso corpo. E essas células sabem o que fazer para garantir nosso correto funcionamento.

Pequenas variações na sequência do DNA de cada um de nós explicam nossas características individuais: aparência, saúde e como respondemos a medicamentos. Ao entender quais variações geram quais características, compreendemos melhor a biologia humana e usamos esse conhecimento para desenvolver uma medicina mais eficaz. Mas, para isso, precisamos conhecer o genoma e a saúde de milhões de pessoas.

E nós conhecemos. Há anos, países como Islândia, Reino Unido, Finlândia, Estônia e Estados Unidos investem em plataformas com dados genômicos de centenas de milhares de indivíduos. Isso levou ao surgimento da medicina de precisão —que usa o DNA para melhorar a prevenção e o tratamento de doenças como hipertensão, diabetes e câncer. Por exemplo: conhecendo variações genéticas que elevam o risco de câncer de mama, em vez de realizar mamografia em todas as mulheres a partir dos 40 anos, podemos recomendar o exame a partir dos 20 anos para quem tem predisposição genética e aos 60 para quem não tem. Ganhamos em eficiência e reduzimos custos no sistema de saúde.

Contudo, 80% dos dados genéticos disponíveis no mundo vêm de populações de ancestralidade europeia. Logo, a medicina de precisão é hoje precisa só para brancos. Diferenças genéticas entre populações fazem com que resultados válidos para populações brancas não sejam diretamente aplicáveis a outros grupos.

Sabemos que a população brasileira resulta de mais de 500 anos de miscigenação entre indígenas, africanos, europeus e outros grupos que se encontraram em "Terras Brasilis". Assim, o Projeto DNA do Brasil, lançado em 2019 com apoio do Grupo Dasa e Google Cloud, e mais tarde encampado pelo Ministério da Saúde, nasceu com o objetivo de incluir o Brasil na medicina de precisão.

Os resultados da análise dos primeiros 2.723 genomas brasileiros revelaram as consequências biológicas da nossa história: uma fração menor de DNA indígena (resultado do extermínio), mistura de DNAs africanos de povos que não se encontram na África (sequestro de escravizados de várias regiões), e assimetria de ancestralidade paterna (predominantemente europeia) e materna (com maior fração indígena e africana). Essas mulheres se encantaram pelos homens europeus e passaram a rejeitar seus semelhantes, ou foram vítimas de violência desses colonizadores? Os livros de história sugerem a segunda hipótese.

Há uma fração menor de DNA indígena (resultado do extermínio), mistura de DNAs africanos de povos que não se encontram na África (sequestro de escravizados de várias regiões), e assimetria de ancestralidade paterna (europeia, na sua maioria) e materna (com maior fração indígena e africana)

Revelamos ainda quase 9 milhões de variações genéticas inéditas, mostrando a importância de estudar os genomas brasileiros para entender como essas variantes impactam nossa saúde. Com isso em mente, o Ministério da Saúde criou o Programa Genomas Brasil, que reúne pesquisadores de diversas instituições para criar uma plataforma com dados genômicos e de saúde de 100 mil brasileiros. Assim, ganharemos poder estatístico para aplicar a medicina de precisão no SUS.

Nossos resultados também apontam o valor que os genomas brasileiros têm para a inovação em saúde. Indústrias farmacêuticas e de biotecnologia usam esses dados para acelerar o desenvolvimento de novos medicamentos. Inspirada por esse potencial, fundei em 2022 a startup gen-t (leia-se "gente" —união de gene com tecnologia, mas antes de tudo uma empresa sobre a gente), que está construindo uma plataforma inédita de inovação baseada na diversidade genética do brasileiro.

O Brasil é o país mais miscigenado do mundo? Cientificamente, ainda não posso afirmar isso —teria que comparar com todas as populações mundiais. Mas os 2.723 genomas brasileiros estudados revelam que somos a maior população miscigenada do mundo. E isso tem um valor imenso. O Projeto DNA do Brasil, o Programa Genomas Brasil e agora a gen-t estão desvendando a biologia e a história por trás da maravilhosa diversidade do brasileiro, mostrando que ela é, sem dúvida, a nossa maior força.

Influencers e a sedução do vazio

Há inversão preocupante: muitos seguem quem apenas aparece ou viraliza mais, nem sempre se permitindo fazer do olhar crítico um companheiro

André Sampaio e Dayanne Maia
Pesquisador e professor colaborador da Universidade Federal do Oeste da Bahia; pesquisador do Instituto de Estudos Avançados da USP
Cofundadora do escritório Maia Advogados Associados (Fortaleza)

Em "O Segredo do Bonzo", conto de Machado de Assis, viajantes, em um reino do século 16, observam aglomerações em torno de figuras cujos discursos e ideias se mostravam absurdos e até burlescos; pessoas as seguiam com fé cega, enxergando nelas uma aura especial, em cenários em que mais valia o parecer (e seus holofotes) do que o ser. Em sua costura irônica, a narrativa escancara como o imaginário coletivo pode se curvar perante aparências de referenciais, mesmo que vazios.

Hoje, realidade similar é vista no mundo digital, uma não novidade em que cenas como as da CPI das Bets, no Senado Federal, têm posto em evidência. Como na ficção, multidões seguem figuras públicas, não raras vezes, sem suficiente filtro crítico.

O fenômeno encontra solo fértil na sociedade contemporânea, marcada pelo que o sociólogo Zygmunt Bauman chamou de "modernidade líquida". Vivemos tempos em que relações e valores, em geral, se tornam voláteis. Nada parece sólido: tudo pode vir a escorrer por entre os dedos, numa imagética que bem poderia ser representada junto aos relógios derretidos de Salvador Dalí. Nessa conjuntura, referências também se diluem: já não dependem de consistência, mas de visibilidade. O influencer de hoje, frequentemente, é filho do algoritmo, não de substância.

A internet, ao democratizar a comunicação, trouxe ganhos inegáveis, mas também deu à luz essa nova figura social. Para o bem e para o mal, trigo e joio: há criadores de conteúdos que se pautam por ética, com produções de qualidade, nos mais plurais campos de interesses; mas o contrário também é fato. Infelizmente, número elevado de seguidores, likes ou visualizações, por si sós, têm se convertido em quase sinônimo de pertinência, numa inversão preocupante. Muitos seguem quem apenas aparece mais, quem viraliza mais, nem sempre se permitindo fazer do olhar crítico um companheiro —o que retoma, sob novo molde, a lição machadiana às voltas da sedução do vazio.

As consequências desse contexto, cara leitora, caro leitor, não poderiam deixar de ser nocivas. Muitas publicações banalizam conhecimentos, relativizam preocupações éticas, alimentam desinformação e até mesmo promovem discursos de ódio mascarados de liberdade de expressão.

Todos têm o direito de falar, mas é preciso senso crítico e regulamentação para os usuários, sobretudo para quem ocupa espaços de visibilidade

Quando personalidades desse universo põem um alvo em temas como democracia e ciência, por exemplo, ou sugerem enriquecimento fácil com apostas online, disseminam ilusões e falseamentos perigosos em escala massiva. Num espaço onde se tende para a liquidez, a ausência de critérios sólidos para a "creator economy" deixa nossa sociedade à mercê de vozes, muitas vezes, inconsequentes.

O caminho a ser trilhado precisará passar pela construção da noção de efetiva responsabilidade nas ágoras digitais. Todos têm o direito de falar, mas é preciso senso crítico e regulamentação para os usuários, sobretudo para quem ocupa espaços de visibilidade. Do contrário, seguiremos cada vez mais cercados de postagens de qualidade precária ou deletéria, pagando um alto preço, em um tempo em que as redes conferem amplitude de vocalização a uma legião de pessoas que, como no atento dizer de Umberto Eco, "antes só falavam no bar, sem gerar danos à coletividade".

PAINEL DO LEITOR

folha.com/paineldoleitor
leitor@grupofolha.com.br

Guerra no Oriente Médio

"Ataque de Israel cria paradoxo para Trump e Putin" (Mundo, 14/6). Excelente artigo! Um desastre as tentativas de pacificação do Trump, sem nenhuma experiência em política internacional, e suas inconsequentes falas e propostas, somadas às atitudes de constrangimento de lideranças mundiais dentro da Casa Branca, mostram que ele é imprevisível e inconfiável. Ele está perdendo aliados e possíveis apoios internacionais, deixando espaço e campo aberto para a expansão da influência russa e chinesa no mundo
Marcelo Paes (Rio e Janeiro, RJ)

*

"Irã faz ataque maciço com mísseis contra Israel" (Mundo, 13/6). Quando a ONU foi criada, no final dos anos 1940, seu objetivo era evitar que algo similar à Segunda Guerra Mundial acontecesse. Atualmente, para que serve a ONU, se nenhum país respeita suas decisões?
Paulo Araujo (Salvador, BA)

Cazuza

"'Cazuza: Boas Novas' mostra tensão e catarse de sua última turnê" (Ilustrada, 13/6) Cazuza, Raul Seixas, Tim Maia... foram tantos que perdemos por causa de drogas!
Josias Avila (Campinas, SP)



Pesquisa Datafolha mostra que sentimento de orgulho de ser brasileiro diminuiu; pedestres em rua de São Paulo Allison Sales - 19.dez.2024/Folhapress

Orgulho de ser brasileiro

"Datafolha: Orgulho de ser brasileiro cai, e sentimento de pessimismo segue em alta" (Política, 13/6). Para os que não se orgulham deste belíssimo país, resta uma saída: o aeroporto!
Jane Medeiros (Rio de Janeiro, RJ)

*

O país não é construído pelos estrangeiros, mas sim pelos próprios brasileiros. Somos os resultados de nossas ações.
Anna Rodrigues (Vitória, ES)

Sinceramente, não tenho orgulho algum de ser brasileiro. Tenho muita vergonha.
Eduardo Freitas (São Paulo, SP)

ERRAMOS

erramos@grupofolha.com.br

ILUSTRADA (11, JUN, PÁG. B10) Diferentemente do publicado no texto "Artistas Mika Lins e Arthur Nestrovski dão curso sobre 'Hamlet' no edifício Copan", o curso terá início em 12 de julho, não 12 de junho.

Assunto Deve haver limites legais para o humor?

Humor é uma coisa, crime é outra. Quando fomenta o ódio não é humor. A condenação de Leo Lins não fere a liberdade de expressão. É um alerta para pessoas preconceituosas não fazerem este tipo de piadas.
Carlos Roberto Cabral de Moraes Júnior
(São Paulo, SP)

*

Não deve haver limites para o humor, pois é uma forma de arte, assim como livros, filmes, músicas etc. Para mim, a condenação de Leo Lins é censura. Condenaram a pessoa que interpreta o humorista.
Fernando Terziotti
(Londrina, PR)

*

Até para a arte existe limite. Ele está onde começa o desrespeito, o discurso de ódio e a incitação à violência sobre o outro, seja ele quem for.
Francine Taís de Almeida
(São José do Rio Preto, SP)

Não deve haver limites para o humor: sua ideia é justamente ultrapassá-los.
Elaine Souza
(São Paulo, SP)

*

Se for crime disfarçado de humor, sim, deve haver limites, porque usar algo tão genuíno como o humor para propagar crimes como racismo, por exemplo, ofendendo pessoas de forma discriminatória, não é legalmente correto. O caso de Leo Lins não foi censura.
Rafael Lozano Marzinkowski
(Osasco, SP)

*

Deve haver limite, especialmente quando existe alusão a crimes hediondos, como pedofilia. É uma maneira de banalizar o tema, tornando-o cotidiano e tolerável. Não é censura. Leo Lins é que fere o respeito às vítimas de abuso sexual, cuja violência sofrida vira motivo de risadas.
Cássia Lopes Dantas
(Campinas, SP)

A desculpa de que o humor é livre para explorar e ofender, utilizando esse argumento para ferir minorias, é desnecessária e demonstra falta de jogo de cintura do humorista que, antes de mais nada, deve ter boas sacadas, ser inteligente e rápido nas tiradas —mas sem ser forçado, obsceno e menos ainda preconceituoso! Os tempos mudaram e o que era engraçado ou tolerado antigamente já não se aplica.
Débora Cavallini (Atibaia, SP)

*

Condenar um humorista por causa de uma piada preconceituosa é comparável a punir um autor por ter publicado um livro em que um dos personagens professa ideias repudiáveis. É preciso separar o artista do ser humano.
Allan Caetano Zanetti
(Bento Gonçalves, RS)

*

Humor é uma provocação e atinge cada pessoa de maneira diferente.
Valeriano Lopes Braga
(Montes Claros, MG)

FOLHA DE S.PAULO UM JORNAL EM DEFESA DA ENERGIA LIMPA

EDIÇÃO DIGITAL ILIMITADA R$ 29,90 (plano mensal)
EDIÇÃO DIGITAL PREMIUM R$ 49,90 (plano mensal)

EDIÇÃO IMPRESSA	VENDA AVULSA seg. a sáb.	dom.	ASSINATURA MENSAL* Todos os dias
SP	R$ 7,90	R$ 9,90	R$ 204,90
MG, PR e RJ	R$ 7,90	R$ 9,90	R$ 209,90
DF e SC	R$ 8,90	R$ 11	R$ 266,90
ES, GO, MT, MS e RS	R$ 9,90	R$ 12	R$ 334,90
AL, BA, PE, SE e TO	R$ 14,90	R$ 15,50	R$ 361,90
Outros estados	R$ 15,90	R$ 16,50	R$ 448,90

* Com entrega domiciliar diária. Carga tributária 3,65%

REDAÇÃO SÃO PAULO
Al. Barão de Limeira, 425 | Campos Elíseos | 01202-900 | (11) 3224-3222

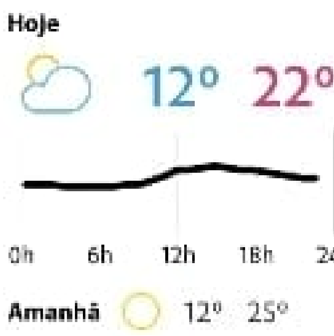
OMBUDSMAN
ombudsman@grupofolha.com.br
0800-015-9000 (das 14h às 18h)

ATENDIMENTO AO ASSINANTE
(11) 3224-3090 | 0800-775-8080

ATMOSFERA

São Paulo

Hoje



Amanhã 12° 25°

	Hoje	
Rio	12°	27°
Brasília	12°	25°
Ribeirão	13°	27°

	Amanhã	
Rio	14°	28°
Brasília	13°	25°
Ribeirão	14°	27°

Fonte: www.climatempo.com.br

CURSOS GRATUITOS

O QUÊ A plataforma Qualifica SP, da Secretaria de Desenvolvimento Econômico do Governo de São Paulo, abriu inscrições para cursos de tecnologia remotos e gratuitos. O prazo de inscrição termina hoje.

SOBRE OS CURSOS
Ao todo, são 1.120 vagas. A previsão é que as aulas comecem em 23 de junho. Elas acontecem ao vivo e são disponibilizadas em três turnos: manhã (8h30 às 11h50), tarde (13h30 às 16h50) e noite (19h às 22h20).

Cada curso conta com quatro turmas de 40 vagas (totalizando 160 vagas), sendo uma turma de manhã, uma de tarde e duas no período da noite. Veja os cursos disponíveis:
- Aplicação de banco de dados;
- Arquitetura de sistemas;
- Gestão de projetos de TI;
- Programação mobile;
- Programação orientada a objetos;
- Programação WEB;
- Sistemas operacionais.

REQUISITOS Podem se inscrever candidatos que tenham idade mínima de 16 anos, alfabetizados e domiciliados no estado de São Paulo.

SOBRE O PREENCHIMENTO DAS VAGAS Caso o número de inscritos supere o total de vagas, serão priorizadas pessoas menores de idade, com deficiência, desempregadas e de baixa renda.

INSCRIÇÕES Os interessados devem se inscrever pelo site qualificasp.sp.gov.br/.

ACERVO FOLHA

Leia mais em acervo.folha.com.br

HÁ 50 ANOS | 15.JUN.1975



FOLHA DE S. PAULO

No Norte, a natalidade sob controle

Eleições indicam hoje o futuro político da Itália

Tarifas de luz vão subir 14 por cento

Para a falta de médicos, lei militar

Egídio conta hoje por que vai a Minas

Nacionalizado o transporte em Portugal

Na Argentina CGT e governo intransigentes

Abre-se a hondosa caça aos mendigos

Sob muitas expectativas, Pelé estreia pelo Cosmos em NY

Pelé, que havia se despedido do futebol em 2 de outubro de 1974, volta a jogar profissionalmente uma partida neste domingo (15). Sua nova equipe, o Cosmos, recebe o Dallas Tornado, em Nova York, nos Estados Unidos. O craque afirmou que o seu gol de bicicleta feito em um treino foi muito comentado entre os jogadores. "Vários deles chegaram perto de mim e disseram nunca ter visto um gol como aquele e que esperam pela repetição." O brasileiro buscou diminuir as expectativas. "Tanto jogadores como torcedores precisam entender que gols bonitos, jogadas espetaculares surgem de um momento para outro."

PAINEL

Fábio Zanini
painel@grupofolha.com.br

Lacunas

Um relatório técnico da consultoria de orçamento do Senado apontou lacunas na MP que criou o programa Agora Tem Especialistas, principal aposta de Lula para emplacar uma marca forte na saúde. O parecer, concluído em 5 de junho, afirma que faltam metas, objetivos e estudos de impacto orçamentário no texto, após analisar sua compatibilidade com a Lei de Responsabilidade Fiscal e outras normas financeiras. A MP tem efeito imediato, mas ainda precisará ser aprovada pelo Congresso.

PLANILHA O programa encaminha pacientes a hospitais privados, que podem abater dívidas de impostos federais com os atendimentos. A consultoria do Senado diz que isso evita que o programa entre na conta do limite de gastos do governo, mas reduz a arrecadação e obrigaria a União a compensar a perda de receita, de R$ 2 bilhões ao ano. O programa também permite que planos de saúde ressarçam o SUS com serviços, com perda de mais R$ 750 milhões/ano.

OUTRO LADO O Ministério da Saúde diz que publicará portarias que regulamentam os critérios técnicos do programa. Acrescenta que a compensação de dívidas de hospitais privados foi definida com o Ministério da Fazenda e a Procuradoria-Geral da Fazenda Nacional, cumprindo a LRF.

VIDA QUE SEGUE Após o fracasso da fusão com o PSDB, o Podemos terá um alento na terça (17), com a diplomação dos deputados federais Tiago Dimas (TO) e Rafael Fera (RO), elevando a bancada na Câmara para 17. Eles ganharam a vaga com a mudança no entendimento do TSE sobre sobras eleitorais.

FUI Já no PSDB a avaliação é que o fim do processo de fusão deve ser o pretexto para a desfiliação do último governador da sigla, Eduardo Riedel (MS), que negocia com PP e PSD.

FRASE DO DIA
WAGNER LENHART

Temos uma administração pública construída para outro tempo, que não se encaixa no mundo que vivemos hoje e que precisa urgentemente ser modernizada

Do ex-secretário do Ministério da Economia e atual CEO do Instituto Millenium, sobre a reforma administrativa

REBRANDING 1 Empresa de tecnologia do município de SP, a Prodam planeja uma série de mudanças para este ano que incluem redefinição de marca, prioridades e até mesmo do nome. Um dos principais projetos é a criação de um marketplace, batizado de Prodam Store, para vender produtos para prefeituras de todo o país.

REBRANDING 2 "Queremos romper com a imagem de que a Prodam era um cabide de empregos, e fazer a transformação de uma empresa com postura reativa para uma de atuação propositiva", diz o presidente da empresa, Francisco Forbes. De perfil técnico e egresso do universo das startups, ele assumiu o cargo no segundo mandato de Ricardo Nunes.

TRÊS PODERES

VENCEDOR DA SEMANA
O presidente da Câmara, **Hugo Motta**, que liderou movimento da Casa contra o aumento de impostos como compensação para o fim da alta do IOF.

PERDEDOR DA SEMANA
O ex-ministro do Turismo **Gilson Machado**, preso e depois solto sob acusação de tentar obter um passaporte português para Mauro Cid.

FIQUE DE OLHO
Urgência para decreto que revoga **aumento do IOF** deve ser votada, aumentando a pressão sobre Haddad; Lula viaja ao Canadá, para **reunião do G7**.

Com Carlos Petrocilo e Júlia Barbon

Lula lidera cenários de 1º turno e fica empatado com Bolsonaro e Tarcísio no 2º, diz Datafolha

Presidente perde a vantagem que tinha sobre a direita no tira-teima em 2026, mas mantém intenção de voto melhor do que a avaliação

Igor Gielow

SÃO PAULO O presidente Lula (PT) mantém a liderança em primeiro turno sobre os rivais na simulação feita pelo Datafolha sobre a eleição do ano que vem, mas perdeu a vantagem que tinha sobre candidaturas à sua direita em uma segunda rodada do pleito, empatando com governador Tarcísio de Freitas (Republicanos-SP).

A evolução aferida pelo instituto ocorreu do início de abril, data da pesquisa anterior, ao levantamento feito na terça (10) e quarta (11) com 2.004 eleitores em 136 cidades. A margem de erro é de dois pontos percentuais para mais ou menos.

Contra todos os rivais em 5 de 6 cenários apresentados, o presidente mantém o mesmo patamar de intenção de voto, flutuando de 36% a 38%. É um dado algo descolado de sua avaliação, medida na mesma pesquisa, que mostrou 28% dos brasileiros o considerando ótimo ou bom.

Isso decorre da fragmentação do quadro de candidaturas, com apenas Lula pontificando no campo da esquerda.

O Datafolha simulou uma hipótese em que o presidente não concorre, colocando em seu lugar o ministro da Fazenda, Fernando Haddad (PT) —que marca 23% e perde para o inelegível Jair Bolsonaro (PL).

O ex-presidente, que só poderá voltar a se candidatar em 2030 por conspirar contra o sistema eleitoral em 2022, empata tecnicamente com Lula, ficando um ponto abaixo numericamente —36% a 35% para o petista.

Nesse cenário, governadores situados à direita no espectro político ficam bem abaixo: Ratinho Jr. (PSD-PR) tem 7%, Romeu Zema (Novo-MG) marca 5%, e Ronaldo Caiado (União Brasil-GO), também 5%.

O Datafolha manteve essa trinca em todas as simulações, dado que as eventuais candidaturas dependem menos da unção do ex-presidente. Já o nome mais forte entre governadores, Tarcísio de Freitas (Republicanos-SP), entra na cota direta do ex-chefe, que inclui também três sobrenomes Bolsonaro filiados ao PL potencialmente na pista.

No cenário com Tarcísio, Lula o bate por 37% a 21%. Já com a ex-primeira-dama Michelle, o petista vence por 37% a 26%. O presidente marca 38% contra o senador Flávio Bolsonaro (RJ), filho do ex-presidente, que tem os mesmos 20% do irmão deputado Eduardo (SP) —contra quem o petista tem 37%.

Continua na pág. A8

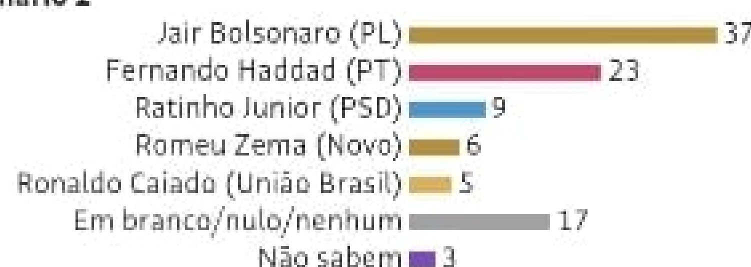
Pesquisa Datafolha de intenção de voto para presidente nas eleições de 2026

Cenários de intenção de voto para presidente em 2026
Resposta estimulada e única, em %

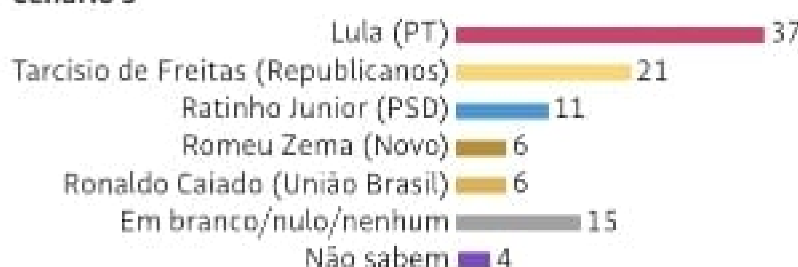
Cenário 1



Cenário 2



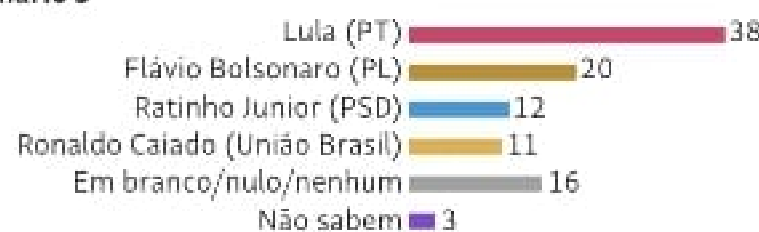
Cenário 3



Cenário 4



Cenário 5



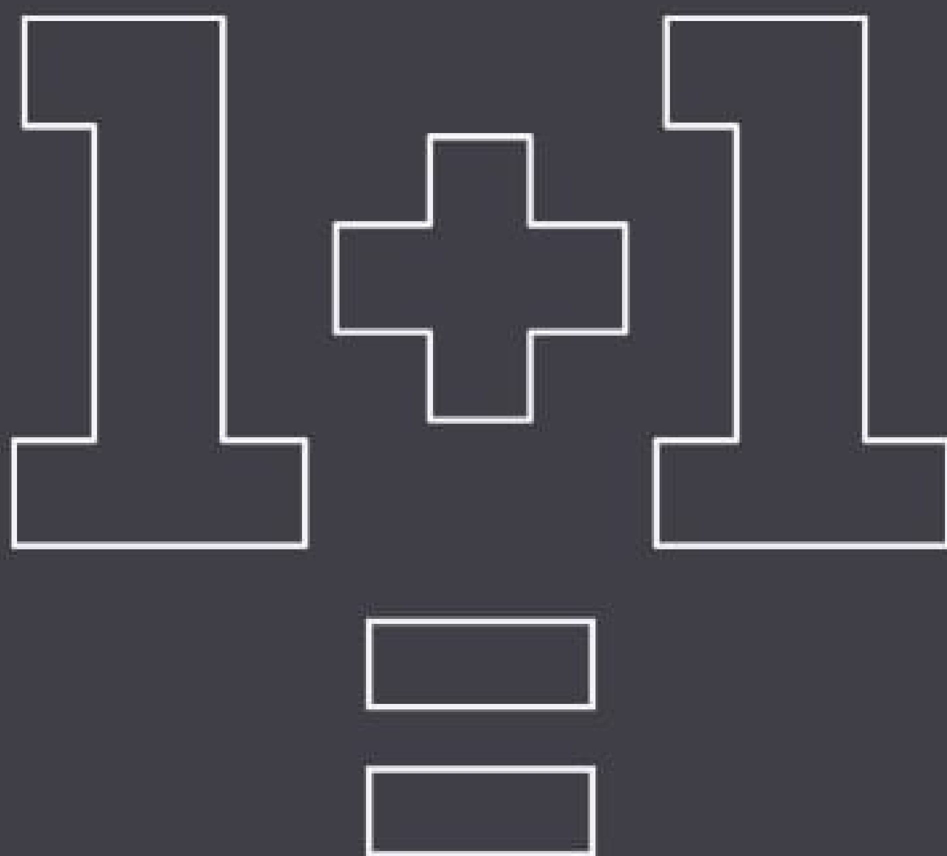
Cenário 6



Em intenção espontânea de voto, Lula é citado por 18% e Bolsonaro, por 16%
Total de menções em %, outros nominalmente mencionados não atingiram 1%



Fonte: Pesquisa Datafolha realizada presencialmente com 2.004 pessoas de 16 anos ou mais em 136 municípios pelo Brasil nos dias 10 e 11 jun.; a margem de erro é de 2 p.p., para mais ou para menos



MBRF

117 PAÍSES COM NOSSOS PRODUTOS

Quando duas forças como a Marfrig e a BRF se unem, nasce uma das maiores empresas de alimentos do mundo: a MBRF Global Foods Company. São mais de 425 mil clientes atendidos globalmente e 130 mil colaboradores atuando em operações na América do Sul, Estados Unidos, Oriente Médio e China. São 37 marcas fortes, como Sadia, Perdigão, Qualy, Sadia Bassi, National Beef, Banvit e Paty, presentes no dia a dia de milhões de pessoas pelo mundo.
Com um portfólio multiproteínas inovador e de alto valor agregado, nossos produtos estão presentes em 117 países, respeitando as tradições locais e necessidades das diferentes culturas e mercados.



Mais juntas, alimentando o futuro.

Sadia Sadia Bassi


Qualy

National Beef




Eufrázio

Lula lidera cenários de 1º turno e fica empatado com Bolsonaro e Tarcísio no 2º, diz Datafolha

Continuação da pág. A6

Na pesquisa espontânea, sem a ficha com os nomes, aparecem próximos presidente (16%) e antecessor (18%), reflexo da polarização e do "recall" do eleitorado.

Ainda no primeiro turno, pesa a rejeição. Não votariam de jeito nenhum em Lula 46%, ante 43% que dizem o mesmo de Bolsonaro. A família empata nesse quesito: 32% dizem não apoiar Eduardo, 31%, Flávio, e 30%, Michelle.

Haddad vem em seguida, com 29%, seguido por Ratinho Jr. (19%), Zema (18%), Caiado (15%) e Tarcísio (15%).

O cenário fica mais nebuloso para as pretensões de Lula quando o Datafolha questiona acerca do segundo turno.

Em abril, ele batia o elegível Tarcísio por 48% a 39%. Agora, marca um empate de 43% a 42%. Para fins de comparação, o inelegível Bolsonaro perdia por 49% a 40%, com agora o ex-presidente marcando 45% e o atual, 44%, outra igualdade..

Michelle também se aproximou: passou de 38% para 42%, enquanto Lula foi de 50% para 46%. Já contra os filhos de Bolsonaro, o petista tem vantagem maior: derrotaria Eduardo por 46% a 38%, e Flávio, por 47% a 38%.

Por fim, um embate Haddad-Bolsonaro, repetindo 2018, novamente seria vencido pelo nome do PL: 45% a 40%, invertendo o 45% a 41% em favor do ministro registrado em abril.

Os números cristalizam o cenário como percebido pelas forças políticas, no qual Lula segue reinando na esquerda, apesar da queda em sua aprovação. E o peso do nome de Bolsonaro, mesmo sem o ex-presidente poder ser candidato como insiste que será.

Isso mantém o dilema da direita, que teria em Tarcísio hoje a aposta mais competitiva. O governador, cioso do eleitorado bolsonarista, só sairia para o Planalto se tivesse o apoio explícito do padrinho.

Só que esse tem outros planos, como o de tentar manter-se relevante enquanto ruma a uma condenação certa no caso da trama golpista, e a ameaça de lançar seu sobrenome na forma de algum parente embola o jogo para o resto da direita.

Petista tem boa avaliação entre apoiadores usuais

A pesquisa Datafolha realizada nesta semana mostra que, embora com popularidade em baixa, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) mantém boa avaliação em segmentos da população que tradicionalmente o apoiam.

Brasileiros que ganham até dois salários mínimos, nordestinos e aqueles com escolaridade até o ensino fundamental tendem a julgar as políticas de Lula como melhores do que as de Bolsonaro em taxas maiores do que a média da população.

Entre as regiões do Brasil, o Nordeste se destaca no apoio às políticas do presidente em comparação com seu antecessor. Para 56% dos nordestinos, Lula é melhor do que Bolsonaro no combate à pobreza, contra 41% da população geral.

O presidente vai pior na região no combate à inflação, onde 38% o enxergam como melhor do que Bolsonaro e outros 38%, como pior. Apesar disso, Lula ainda vai melhor no Nordeste do que em outras regiões nesse quesito. No Sul, por exemplo, aqueles que o avaliam como pior nessa área são 61%.

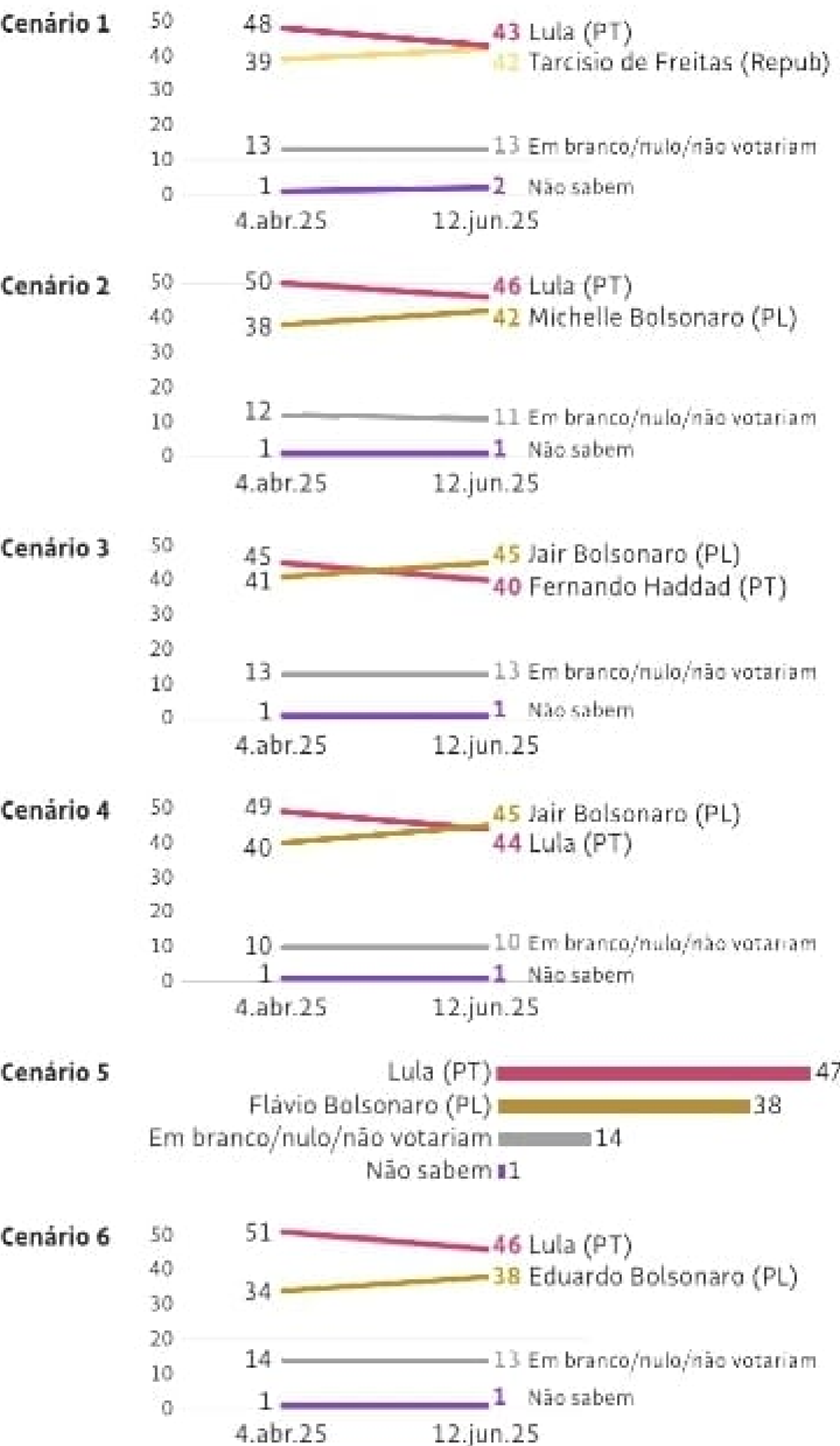
Homens e mulheres mantêm níveis iguais ou similares de aprovação das políticas do governo em comparação com a gestão anterior na maior parte dos temas: moradia e habitação, segurança pública, meio ambiente, saúde e geração de emprego.

Rejeição a Lula é de 46%, enquanto Bolsonaro é reprovado por 43%
Resposta estimulada e única, em %



Fonte: Pesquisa Datafolha realizada presencialmente com 2.004 pessoas de 16 anos ou mais em 136 municípios pelo Brasil nos dias 10 e 11 jun.; a margem de erro é de 2 p.p., para mais ou para menos

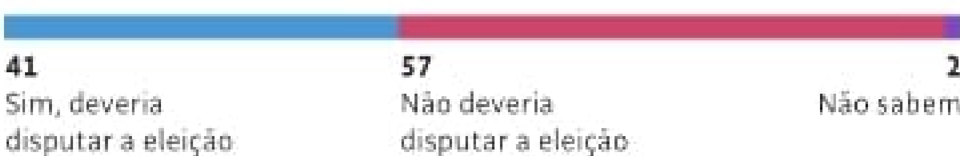
Pesquisa Datafolha de cenários de segundo turno para presidente em 2026
Resposta estimulada e única, em %



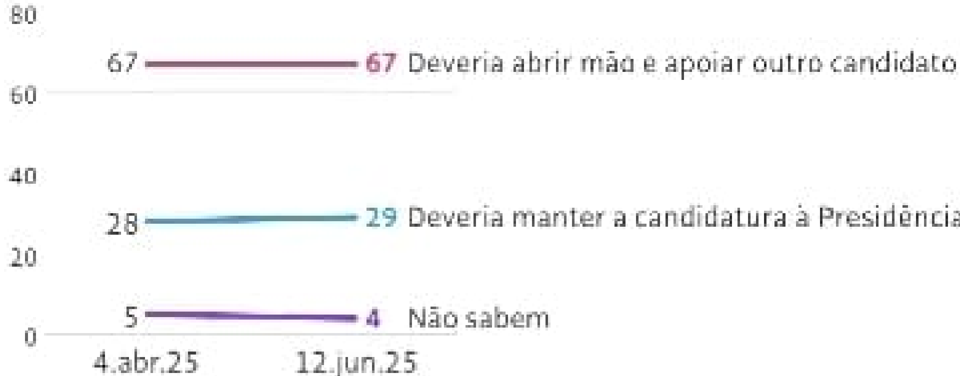
66% acreditam que Lula com certeza disputará ou talvez dispute a reeleição à Presidência
Resposta estimulada e única, em %



57% acreditam que Lula não deveria disputar a eleição de 2026
Resposta estimulada e única, em %



67% acreditam que Bolsonaro deveria abrir mão de candidatura à Presidência e apoiar alguém
Resposta estimulada e única, em %



Fonte: Pesquisa Datafolha realizada presencialmente com 2.004 pessoas de 16 anos ou mais em 136 municípios pelo Brasil nos dias 10 e 11 jun.; a margem de erro é de 2 p.p., para mais ou para menos

Para 66%, Lula será candidato em 2026, mas 57% acham que ele não deveria ser

SÃO PAULO O presidente Lula (PT) será candidato à reeleição no ano que vem. Essa é a percepção de 66% dos eleitores brasileiros, segundo a mais recente pesquisa do Datafolha. Dizem ter certeza disso 42% dos entrevistados —e 24% avaliam que talvez.

O índice total é quatro pontos percentuais superior ao aferido em abril. No levantamento atual, foram ouvidas 2.004 pessoas com mais de 16 anos em 136 cidades. A margem de erro é de dois pontos.

Já aqueles que não creem em mais uma candidatura de Lula ao Planalto, que ele disputou seis vezes, ganhando três, passaram de 34% para 28%.

O motivo da convicção está na postura do presidente, que tem se colocado mais claramente como o candidato da esquerda num momento de divisão nas hostes adversárias.

A direita que se organizou em torno de Jair Bolsonaro (PL) agora busca alternativas, dada a inelegibilidade dele.

Ao mesmo tempo em que a candidatura parece certa, ela é rejeitada por 57% dos entrevistados. Para eles, Lula não deveria buscar a reeleição, ante 41% que defendem a empreitada.

Igor Gielow

67% dizem que Bolsonaro deveria abrir mão de ser candidato em 2026

SÃO PAULO Em meio ao cerco judicial que Jair Bolsonaro (PL) enfrenta, 67% dizem que o ex-presidente, inelegível até 2030, deveria abrir mão de uma candidatura à Presidência em 2026, segundo o Datafolha.

Para 29%, ele deveria manter a campanha, e 4% dizem não saber ou não respondem.

O ex-mandatário segue insistindo em uma candidatura mesmo estando inelegível até 2030 em razão de condenações no TSE (Tribunal Superior Eleitoral) por abuso de poder político e uso indevido dos meios de comunicação.

Ele pode ficar fora das urnas por ainda mais tempo se for condenado no caso da trama golpista de 2022, no qual é réu.

Entre os grupos que mais apoiam uma candidatura do capitão reformado do Exército estão os na faixa de renda de 5 a 10 salários mínimos (42%), evangélicos (40%) e moradores do Sul (37%).

Entre que mais rejeitam estão os menos escolarizados e os nordestinos (73% cada), os mais pobres (72%), as mulheres e os mais jovens (ambos com 70%).

Matheus Tupina

Eufrázio

JHSF
SURPREENDENTE



FAZENDA SANTA HELENA

BRAGANÇA PAULISTA

A NOVA FAZENDA DA JHSF

COMING SOON

SAIBA MAIS



FOTO REAL DA FAZENDA SANTA HELENA

Eufrázio

Por que o Congresso briga com Haddad?

Parlamentares interpretam solicitação de Dino como ação orquestrada com Lula

Celso Rocha de Barros

Servidor federal, é doutor em sociologia pela Universidade de Oxford (Inglaterra) e autor de "PT, uma História"

O Congresso Nacional ameaça obrigar Haddad a fazer o ajuste fiscal no lombo dos pobres se o STF não autorizar que congressistas roubem dinheiro da saúde pública.

No fim de semana passado, todos tivemos a impressão de que o governo Lula e o Congresso tinham chegado a um bom acordo sobre como fazer o ajuste fiscal sem aquela confusão do IOF.

No meio da semana, tudo mudou: o Congresso avisou que não vai passar nada que seja do interesse do governo. O que aconteceu?

As propostas do governo continuaram as mesmas: ao invés de mexer tanto no IOF, taxar um pouco investimentos que não eram taxados em nada; e rever benefícios fiscais bilionários para empresas que muito raramente são obrigadas a oferecer qualquer contrapartida. Um bom dinheiro seria economizado, e o maior sacrifício viria de gente que está bem de vida, como eu, que sempre investi em LCAs (Letras de Crédito do Agronegócio, que agora pagarão 5% de imposto).

O Congresso já havia topado tudo isso, mais ou menos. Só que aí pegaram a rapaziada roubando dinheiro de remédio.

Três ONGs especializadas em combate à corrupção —Associação Contas Abertas, Transparência Brasil e Transparência Internacional Brasil— avisaram o STF que congressistas brasileiros podem estar usando suas emendas parlamentares para roubar bilhões de reais em um "orçamento secreto da saúde".

No último 10 de junho, o ministro Flávio Dino enviou um pedido de esclarecimentos ao Congresso.

O Congresso interpretou a solicitação de Dino como uma ação orquestrada com o governo Lula para intimidar os parlamentares. Por isso Hugo Motta e vários partidos de direita mudaram de opinião sobre o pacote de Haddad.

> **Lula e o Congresso tinham chegado a um bom acordo sobre como fazer o ajuste fiscal sem aquela confusão do IOF. No meio da semana, tudo mudou: o Congresso avisou que não vai passar nada**

Não, não é porque estão preocupados com o aumento da carga tributária: um dos motivos dos seus impostos serem altos, leitor, é o calote que a lei permite aos ricos. Se eles não pagam a parte deles na vaquinha, aumenta a parte de quem paga. O governo pode até ser obrigado a cortar grana dos pobres (acho que será), mas isso deveria ser a última opção.

Bolsonaristas como Nikolas Ferreira e Carlos Jordy correram para fazer parecer que a briga com Haddad era sobre déficit público. Desde o fracasso do último golpe, e enquanto esperam o próximo, os bolsonaristas no Congresso fazem bico como seguranças do Centrão.

A propósito, tenho sérias dúvidas se a ação de Dino foi mesmo coordenada com Lula.

Em primeiro lugar, porque as denúncias das ONGs são muito sérias, e o papel de Dino, neste caso, era mesmo pedir esclarecimentos. Afinal, a Constituição claramente estabelece que não pode ir no hospital roubar dinheiro, é errado isso, não pode, nem o Ives Gandra, que às vezes inventa uns negócios sobre Constituição, acha que pode.

Em segundo lugar, porque duvido que o governo Lula, a essa altura do campeonato, esteja querendo comprar briga com o Congresso. Se em algum momento de seu terceiro mandato o presidente teve a esperança de que conseguiria restaurar o poder da presidência sobre o orçamento, já deve ter desistido.

Teve orçamento secreto, teve bolsonarismo protegendo o Centrão, teve STF tentando manter alguma ordem, teve rico sem pagar imposto e pobre sem remédio. Foi uma semana em que o noticiário valeu por um curso de política brasileira contemporânea.

DOM. Elio Gaspari, Celso Rocha de Barros
SEG. Camila Rocha | **Lara Mesquita** TER. Joel Pinheiro da Fonseca
QUA. Elio Gaspari QUI. Conrado H. Mendes
SEX. Marcos Augusto Gonçalves SÁB. Demétrio Magnoli

Lula deve trabalhar para ter aliados de centro e direita neutros na eleição de 2026

Ideia é reduzir danos, já que é dado como certo que União Brasil, PSD, MDB, PP e Republicanos não irão apoiar a reeleição do petista

Ranier Bragon, Victoria Azevedo e Catia Seabra

BRASÍLIA Diante da manifestação de infidelidade dos partidos de centro e de direita no governo Lula (PT), aliados do presidente afirmam que vão trabalhar para que União Brasil, PP, Republicanos, PSD e MDB fiquem neutros nas eleições de 2026, ou seja, não apoiem formalmente a candidatura do campo bolsonarista.

A ideia é também investir no apoio regional de lideranças desses partidos, caso alguns deles coliguem, formalmente, com um candidato adversário de Lula. As cinco siglas controlam 11 ministérios e são cruciais para a manutenção da governabilidade de Lula no Congresso Nacional.

Pesquisa Datafolha divulgada na quinta-feira (12) mostrou que Lula tem 40% de reprovação, ante 28% de aprovação —mantendo, em relação ao índice de ruim ou péssimo, o pior patamar dos três mandatos do petista.



Davi Alcolumbre (União-AP) e Lula (PT) Pedro Ladeira - 10.mar.25/Folhapress

De acordo com o seu entorno, se não houver uma recuperação da popularidade, a neutralidade dos cinco partidos aliados, ou de parte deles, já será um bom resultado para o governo.

A ideia, nesse caso, é repetir o que ocorreu no segundo turno da campanha de 2022, quando Lula enfrentou o então titular do cargo, Jair Bolsonaro (PL). Na ocasião, nenhuma das cinco legendas apoiou formalmente o PT —PP e Republicanos estavam, inclusive, na chapa de Bolsonaro—, mas Lula contou com a ajuda de alas das siglas.

Uma das mais simbólicas foi a adesão da hoje ministra Simone Tebet (Planejamento), que disputou o primeiro turno pelo MDB e ficou em terceiro lugar, com 4,16% dos votos válidos.

Apesar de os cinco partidos manifestarem em muitos casos oposição ao governo, alas dessas siglas permanecem fieis ao PT e devem integrar o palanque de Lula seja qual for a decisão formal de suas respectivas legendas.

No MDB, há grupos políticos ligados a Tebet, ao governador Helder Barbalho (PA) e ao senador Renan Calheiros (AL) que tendem a ficar ao lado de Lula. O PT dá como certo que, no Republicanos, o atual ministro Silvio Costa Filho (Portos) também estará com o presidente.

O ministro Alexandre Silveira (Minas e Energia), do PSD, já declarou que estará na linha de frente da candidatura do petista à reeleição. Governistas também apostam no apoio de outros quadros do partido, como o ex-presidente do Senado Rodrigo Pacheco (MG), o prefeito do Rio de Janeiro, Eduardo Paes, o senador Otto Alencar (BA) e o líder do PSD na Câmara, Antonio Brito (BA).

No PP, além do ministro André Fufuca (MA), governistas falam no ex-presidente da Câmara Arthur Lira (AL), que, apesar de tecer duras críticas ao Executivo, é um dos membros que rechaçam romper com o Palácio do Planalto neste momento.

Até no partido mais infiel da base, o União Brasil, o governo espera angariar apoio. O principal deles é o do presidente do Senado, Davi Alcolumbre (AP), principal base da manutenção da sigla no governo.

O ministro Celso Sabino (Turismo) já declarou publicamente que trabalhará pelo apoio do União Brasil a Lula em 2026. O ex-ministro Juscelino Filho (MA) também é visto como um aliado dentro da sigla.

De acordo com relatos, Sabino busca aproximar a cúpula de seu partido de Lula. Nesta semana, ele se reuniu com o líder do governo na Câmara dos Deputados, José Guimarães (PT-CE), e discutiu a possibilidade de um encontro entre o petista e o presidente do União Brasil, Antonio Rueda. Se isso ocorrer, será o primeiro encontro de Rueda e Lula desde que o primeiro assumiu a presidência da sigla.

Eventuais reuniões entre Lula e presidentes de partidos da base aliada são discutidas pelo seu entorno há alguns meses. Antes aventada para tratar da reforma ministerial, a ideia, agora, é que as conversas tenham como pano de fundo o pleito de 2026.

O próprio presidente afirmou que ainda discutirá com os partidos que integram a Esplanada para fazer uma "decisão política" sobre 2026. A ministra Gleisi Hoffmann (Relações Institucionais) tem se reunido com representantes das siglas nas últimas semanas e deve levar a Lula a possibilidade de concretizar os encontros.

A aliança de conveniência firmada por Lula 3 tem resultado em diversos exemplos explícitos de rebelião. Nas principais votações ocorridas no plenário da Câmara em 2025, 55% dos parlamentares dessas cinco legendas não chegaram a apoiar nem metade dos projetos defendidos pelo Palácio do Planalto.

O União Brasil, que formou uma federação com o PP em clima de oposição, anunciou que iria "fechar questão" contra o pacote de aumento de impostos do governo mesmo antes de a proposta ter sido formalizada pelo Planalto.

Nos bastidores e, em alguns casos, abertamente, integrantes dessa base trabalham pela candidatura presidencial do governador de São Paulo, Tarcísio de Freitas (Republicanos).

O entrave continua sendo Bolsonaro, hoje o maior líder popular da direita. Inelegível e prestes a ser julgado pelo Supremo Tribunal Federal pela trama golpista, o ex-presidente não assegura ainda apoio a Tarcísio. Publicamente, diz se manter candidato, mas avalia nomes da própria família: a mulher, Michelle, e os filhos Eduardo e Flávio Bolsonaro.

Elio Gaspari

Excepcionalmente o colunista não escreve neste domingo



O ex-presidente Jair Bolsonaro acompanha, no Supremo, o depoimento de outros réus no inquérito do golpe Pedro Ladeira - 10.jun.25/Folhapress

Pena de Bolsonaro deve dividir ministros do STF em julgamento

Análise

Pelo ritmo da ação penal, julgamento do ex-presidente e de núcleo acusado de tentativa de golpe deve ocorrer ainda neste ano, assim como execução da pena

Eloísa Machado de Almeida
Advogada, é doutora em direito (USP) e professora da FGV Direito SP; coordenadora do grupo de pesquisa Supremo em Pauta, membro da Comissão Arns e do CADHu (Coletivo de Advocacia em Direitos Humanos)

Encerrada a fase de interrogatório, caminha para a reta final a ação penal 2.668, que apura a prática dos crimes de golpe e abolição violenta do Estado democrático de Direito, associação criminosa e dano pelos réus Alexandre Ramagem, Almir Garnier, Anderson Torres, Augusto Heleno, Jair Bolsonaro, Paulo Sérgio Nogueira e Walter Braga Netto.

De acordo com o Código de Processo Penal, uma vez feitos os interrogatórios, abre-se o momento para realização de eventuais diligências e, logo após, determinação de apresentação de alegações finais. A partir do que já foi apresentado, há pouca chance que essa reta final apresente alguma surpresa.

A ação foi instruída com um vasto e diverso acervo probatório, incluindo documentos, testemunhos, mensagens de aplicativos, emails e registros de reuniões. Ao longo de sua tramitação, foi reforçada por outras provas.

Os depoimentos mais valorizados costumam ser aqueles nos quais as testemunhas presenciaram os fatos. Isso se refere sobretudo às reuniões entre Bolsonaro, seus ministros e generais, para tratar de ações para se contrapor ao resultado das eleições de 2022.

O testemunho mais comprometedor talvez tenha sido o do brigadeiro Baptista Junior, ao afirmar ter participado de reuniões para debater "hipóteses de atentar contra o regime democrático, por meio de algum instituto previsto na Constituição".

A confirmação das reuniões e de seu assunto veio, inclusive, pelos próprios réus. Paulo Sérgio Nogueira e Bolsonaro confirmaram as reuniões mencionadas na denúncia e seu assunto: estudo de medidas que poderiam ser adotadas após a derrota nas eleições.

A controvérsia, aqui, está na leitura que Bolsonaro e seus generais têm do que seria constitucional: estado de sítio, de defesa e Garantia da Lei e da Ordem são medidas previstas na Constituição. Porém, seu uso para contestar resultados, intervir na Justiça Eleitoral e impedir diplomação de eleitos seria apenas buscar passar um verniz de legalidade no golpe, fazendo jus à tradição golpista brasileira.

Superadas as várias das fases da ação (o recebimento da denúncia, a oitiva de testemunhas e o interrogatório), é possível traçar pontos que podem ser objeto de atenção no julgamento que se aproxima. Alguns já foram suscitados em momento de defesa prévia dos réus, como a competência do STF (Supremo Tribunal Federal) e da Primeira Turma para julgar a ação penal e a regularidade da delação de Mauro Cid.

Ainda que esses dois pontos tenham sido superados pela Primeira Turma, podem voltar a ser debatidos, especialmente a avaliação da eficácia da delação para a ação penal, ou seja, saber se o colaborador falou a verdade e contribuiu para o deslinde da ação ou se a prejudicou com falsas informações, o que levaria ao cancelamento dos benefícios negociados.

Para a PGR (Procuradoria-Geral da República), os crimes de golpe de Estado e abolição violenta do Estado democrático de Direito começaram em meados de 2021, quando a associação criminosa teria se organizado para criar um discurso contra as urnas eletrônicas "a fim de deslegitimar possível resultado eleitoral que lhe fosse desfavorável e propiciar condições indutoras da deposição do governo eleito".

E a acusação passa por pareceres, encontros, mobilização de radicais, planos de assassinato e de desrespeito às eleições.

Para a defesa, tudo indica, restará a alegação de que não houve tentativa de golpe ou de abolição violenta do Estado democrático de Direito, mas apenas — e eventualmente — atos preparatórios, que não seriam puníveis.

Independentemente de posições de acusação e defesa, um bom debate técnico sobre esses crimes é uma contribuição para o aperfeiçoamento de nossas instituições e de seus mecanismos de defesa.

O STF já proferiu centenas de decisões interpretando esses crimes e, por essa jurisprudência, parece pouco provável que se convença de que Bolsonaro, seus ministros, generais e apoiadores cogitavam dar um golpe e que desistiram "por não haver clima", como disse general Heleno em seu interrogatório.

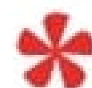
A maior divergência deve constar na dosimetria da pena. Será o grau de divergência entre os ministros que permitirá aos réus manejar recursos contra uma eventual condenação.

Pelo regimento interno do Supremo, a decisão não unânime da turma que julga uma ação penal procedente permite a interposição de embargos infringentes. Porém não há uma posição clara do tribunal sobre as condições nas quais esse recurso será aceito, isto é, se será cabível em qualquer divergência ou se será necessário um voto absolutório.

Por fim, pelo ritmo da ação penal, é provável que o julgamento ocorra ainda neste ano, assim como uma execução da pena, na hipótese de condenação. Juridicamente não parece haver empecilhos para que a ação penal 2.668 chegue ao seu fim. Se houver obstáculos, sua provável origem será externa ao tribunal.



Paulo Sérgio Nogueira e Bolsonaro confirmaram as reuniões mencionadas na denúncia e seu assunto: estudo de medidas que poderiam ser adotadas após a derrota nas eleições. A controvérsia, aqui, está na leitura que Bolsonaro e seus generais têm do que seria constitucional: estado de sítio, de defesa e Garantia da Lei e da Ordem são medidas previstas na Constituição. Porém, seu uso para contestar resultados, intervir na Justiça Eleitoral e impedir diplomação de eleitos seria apenas buscar passar um verniz de legalidade no golpe, fazendo jus à tradição golpista brasileira



Confira próximas etapas do processo contra Bolsonaro e 7 réus pela trama golpista

DILIGÊNCIAS
Após depoimentos dos réus, acusação e defesa podem pedir em até 5 dias novas diligências. Decisão cabe a Alexandre de Moraes

ALEGAÇÕES FINAIS
Partes têm 15 dias para apresentar alegações finais, a contar após interrogatórios ou diligências

NOVAS DILIGÊNCIAS
Moraes pode ordenar produção de mais provas para sanar dúvidas

JULGAMENTO
A partir do fim da instrução, Moraes deve formular um resumo do caso e preparar seu voto. Caberá então ao presidente da Primeira Turma do STF, Cristiano Zanin, marcar a data do julgamento

PREFEITURA DE SÃO PAULO
aqui o trabalho não para

EstúdioFOLHA

Prefeitura de SP entrega mais de 1.200 títulos de posse de imóveis na zona leste



Aponte a câmera de seu celular ou tablet e saiba mais

Flávio Bolsonaro Candidato de Bolsonaro em 2026 terá que brigar para que STF não derrube indulto

'É uma hipótese muito ruim, porque a gente está falando de possibilidade e de uso da força', diz senador; parlamentar defende anistia como 'caminho honroso', inclusive para Moraes, a quem acusa de abuso de autoridade

ENTREVISTA

Thaísa Oliveira, Marianna Holanda e Gabriela Biló

BRASÍLIA Filho mais velho de Jair Bolsonaro (PL), o senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ) diz que, para receber o apoio do pai, o candidato ao Palácio do Planalto deve não só conceder indulto ao ex-presidente, mas brigar com o STF (Supremo Tribunal Federal) por isso, se for preciso.

Ele insiste na candidatura do pai, que está inelegível até 2030, mas já fala com mais abertura sobre um cenário sem ele em 2026.

"Estou fazendo uma análise de cenário. Bolsonaro apoia alguém, esse candidato se elege, dá um indulto ou faz a composição com o Congresso para aprovar a anistia, em três meses isso está concretizado, aí vem o Supremo e fala: é inconstitucional, volta todo mundo para a cadeia. Isso não dá", diz em entrevista à **Folha**.

Flávio fala até em uso da força, mas diz não saber o que um presidente poderia fazer caso um indulto fosse derrubado na Justiça. O senador afirma que o único "remédio" contra mais confusão no país é uma anistia ampla, inclusive para o ministro Alexandre de Moraes, do STF.

*

A discussão de 'alternativas constitucionais' admitida por Bolsonaro não configura afronta ao resultado das eleições? Afronta não. Ele buscava, dentro da legalidade, o que dava para fazer. Até porque não é um decreto que ele assina e, no mesmo dia, estão tropas nas ruas, prende todo mundo, como naquela maluquice do plano [Punhal] Verde e Amarelo [que planejaria a morte de autoridades]. Se tivesse assinado, poderiam falar. Agora, você pensar sobre isso?

Discutir golpe não é crime? Não é discutir golpe. Dentro da Constituição, tem lá estado de sítio e estado de defesa. Quem fala hoje isso são os mesmos que dizem que a Dilma [Rousseff] sofreu um golpe. Foi dentro da Constituição. É forçar muito a barra.

O sr. concorda quando ele diz que a prisão seria o fim da vida dele? Ele tem que ser absolvido. Ele acha que vão fazer alguma coisa com ele na prisão. Um envenenamento, algum atentado. Ele já foi vítima de tentativa de assassinato.



Gabriela Biló/Folhapress

Flávio Bolsonaro, 44

É senador da República, advogado e empresário. Deputado estadual de 2003 a 2018, disputou a prefeitura do Rio de Janeiro em 2016, ficando em quarto. É o filho mais velho do ex-presidente Jair Bolsonaro (PL)

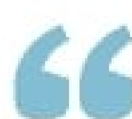
Morreu o debate sobre anistia? Não, está mais vivo do que nunca. A anistia é a saída honrosa para todos. Para o STF, para o Alexandre de Moraes e para o Congresso, que está muito humilhado por ter deixado de defender institucionalmente parlamentares.

A anistia seria uma saída honrosa para Bolsonaro? Para todo mundo, ele também. Uma pessoa que quer dar golpe de Estado nomeia o comandante de Força do Lula? Qual a lógica? E nessa anistia tem que entrar o Moraes, porque ele cometeu vários atos de abuso de autoridade. Se acontecer de o Bolsonaro ser condenado, a gente não sabe qual vai ser a reação do povo, a reação internacional. É muito ruim eles [ministros do STF] insistirem nesse caminho, porque aí a confusão vai se estender por mais tempo. A pauta de impeachment de ministro vai ser uma das principais da eleição.

Um indulto a Bolsonaro seria uma condição para o apoio dele ao candidato da direita? Muito além disso. Por isso digo que a anistia é o remédio. Vamos supor, aconteceu essa maluquice de condenar Bolsonaro. Ele está inelegível, vai ter que apoiar alguém. Não só vai querer apoiar alguém que banque a anistia ou o indulto, mas que seja cumprido. A gente tem que fazer uma análise de cenário de que, na hipótese de o presidente dar um indulto para Bolsonaro, o PT vai entrar com um habeas corpus no STF [Vão declarar que] É inconstitucional esse indulto. Então vai ter que ser alguém na Presidência que tenha o comprometimento, não sei de que forma, de que isso seja cumprido.

Mas como? É uma hipótese muito ruim, porque a gente está falando de possibilidade e de uso da força. A gente está falando da possibilidade de interferência direta entre os Poderes. Tudo que ninguém quer. Não estou falando aqui, pelo amor de Deus, no tom de ameaça, estou fazendo uma análise de cenário. É algo real que pode acontecer. Bolsonaro apoia alguém, esse candidato se elege, dá um indulto ou faz a composição com o Congresso para aprovar a anistia, em três meses isso está concretizado, aí vem o STF e fala: é inconstitucional, volta todo mundo para a cadeia. Isso não dá. Certamente o candidato que Bolsonaro apoiar vai ter que ter esse compromisso.

Qual seria a alternativa, supondo que isso aconteça? Aí não tem mais remédio para você fazer uma pessoa insana como o Moraes voltar à normalidade, não achar que é o dono do Brasil, que tem a própria Constituição. O presidente, quando escolher um candidato, vai levar em consideração isso. Agora, [o candidato] se compromete em fazer o quê? Não sei. Mas que tenha disposição de fazer com que o STF respeite os demais Poderes. Fazer com que o Moraes não continue sendo o dono dos votos de outros ministros, como parece.



Ele [Bolsonaro] está inelegível, vai ter que apoiar alguém. Não só vai querer apoiar alguém que banque a anistia ou o indulto, mas que seja cumprido



Pena de Zambelli é injusta, afirma senador

Flávio Bolsonaro disse que a deputada licenciada e foragida, Carla Zambelli (PL-RJ), cometeu crime, mas que sua pena é injusta.

"A gente tem que defender aqueles que nós achamos que são perseguidos injustamente. E eu acho que a Carla também está sendo vítima de uma perseguição política", disse à **Folha**.

"Cometeu um crime. Mas não é um crime para ser condenado a dez anos de cadeia."

O que o sr. está pedindo não é um candidato que possa afrontar o STF? É um candidato que possa resgatar a democracia. Depende do ponto de vista.

Um candidato que esteja disposto a brigar por isso. Acho que sim, porque não tem outro caminho. Se continuar nessa toada, o Brasil não vai ser uma democracia, porque é uma interferência direta de um Poder no outro. A competência exclusiva para dar um indulto é do presidente. Isso só mudou porque era o [ex-deputado bolsonarista preso por ordem do STF] Daniel Silveira, porque o presidente era o Bolsonaro. Aí inventam-se teses.

Quem teria esse perfil? Ninguém vai assumir "sou o candidato que vai fazer isso". Não adianta especular nomes. Vai ter que ter habilidade para evitar que isso aconteça e, ao mesmo tempo, fazer com que as coisas voltem à normalidade. Estou disposto a ser um canal aberto para pensar o que fazer e insisto que o caminho honroso é a anistia.

O sr. diz ser candidato à reeleição ao Senado; isso é imutável? O nome do sr. já surgiu como opção para presidente. Imutável. Eu fico lisonjeado. Acredito que o presidente vai poder registrar a candidatura porque as duas condições de inelegibilidade que ele tem são muito frágeis.

Esperar por uma decisão que reverta a inelegibilidade não prejudica a direita? Em uma eleição presidencial polarizada, não faz muita diferença. Vamos supor que Bolsonaro resolva que o candidato é fulano ou fulana de tal — tem mulher também. Para quem ele apontar o dedo vai estar eleito.

A família Bolsonaro apoiaria uma chapa sem um nome Bolsonaro? Aí você tem que perguntar para o dono da franquia, que é o Bolsonaro, né? Ele é o dono da marca [risos].

O que o sr. defende? Que ele me apoie ao Senado.

E Eduardo? Que seja candidato ao Senado.

E Michelle? Que seja candidata ao Senado.

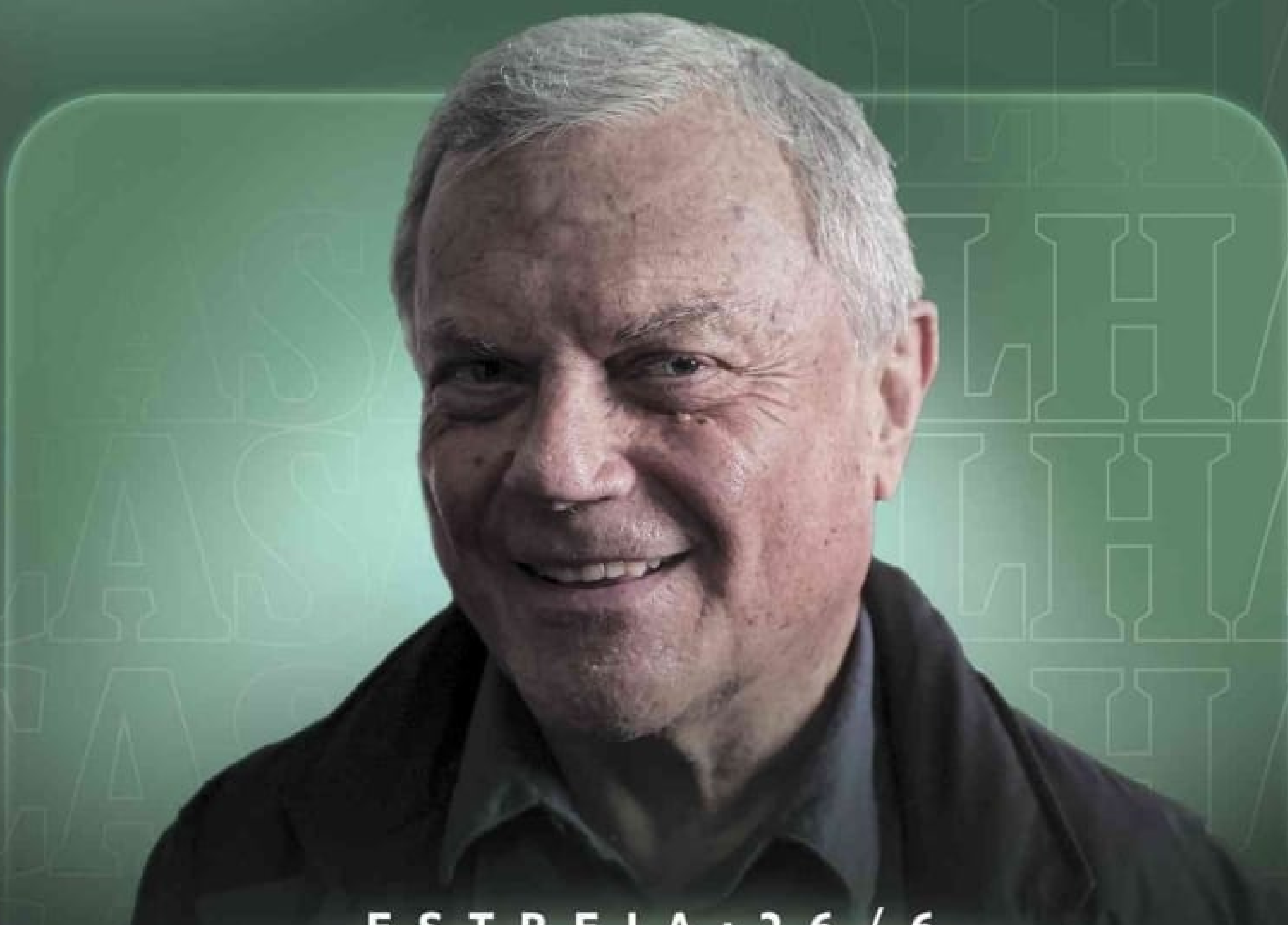
Bolsonaro cobrou apoio publicamente. Ele se sente abandonado? Tem muita gente que gosta de pedir apoio, mas não quer ter o ônus de ombrear com ele nessa batalha de deixá-lo elegível novamente. As pessoas têm que fazer o exame de consciência para merecerem o apoio do Bolsonaro.

Eufrázio

CASAFOLHA
CONHECIMENTO QUE TRANSFORMA

GRANDE LANÇAMENTO EM JUNHO

A CASAFOLHA RECEBE O CEO QUE CRIOU A MAIOR EMPRESA DE PUBLICIDADE NO MUNDO



ESTREIA: 26/6

SIR MARTIN SORRELL

comanda o curso:

A nova geopolítica, inteligência artificial e o futuro dos negócios

Martin Sorrell é um dos executivos mais importantes do planeta. Fundador de uma empresa de publicidade que se tornou a maior do mundo no setor e passou de 20 bilhões de libras em valor de mercado, ele recebeu a maior honraria da Harvard Business School e foi nomeado cavaleiro do Reino Unido.

Assine agora

e aproveite a oferta exclusiva.

DE ~~R$ 59,90*~~ POR APENAS

12x de R$ 19,90 /MÊS.

*PROMOÇÃO VÁLIDA PARA O PLANO ANUAL.



FOLHA DE S.PAULO ★★★

Já é assinante Folha? Acesse: casafolhasp.com.br/upgrade
e faça o upgrade de sua assinatura.

Eufrázio

OMBUDSMAN

folha.com/ombudsman
ombudsman@grupofolha.com.br

Ombudsman da Folha tem mandato de um ano, com possibilidade de renovação, para criticar o jornal, ouvir os leitores e comentar, aos domingos, o noticiário da mídia. Tel.: 0800-015-9000

O que os 'malucos' teriam a dizer de Bolsonaro

Personagens já usados como vítimas foram deixados de lado também no noticiário pós-interrogatório

Alexandra Moraes

Onde estão os "malucos"? Interrogado no STF, Jair Bolsonaro chamou apoiadores de "malucos". "Tem sempre uns malucos ali que ficam com aquela ideia, de AI-5, intervenção militar, que as Forças Armadas, os chefes militares jamais iam embarcar nessa."

A **Folha** corretamente mostrou que o ex-presidente "incentivou a criação e a manutenção dos acampamentos golpistas (...) de onde saíram os manifestantes dos ataques do 8 de Janeiro".

Mas faltou ir atrás dos pobres-diabos. Até outro dia, o bolsonarismo os tratava, em especial os que foram presos depois da "Festa da Selma", como vítimas.

A pena de 14 anos para a cabeleireira Débora Rodrigues dos Santos foi o estopim de uma outra revolta contra o que se considerava condenação desproporcional e perseguição. O que será que ela e as outras centenas de presos e investigados pensam da nova classificação que receberam de Bolsonaro? Silêncio.

O jornal mostrou que os "malucos" não eram do interesse da narrativa da direita. "A direita (...) não respondeu massivamente à menção do ex-presidente de que apoiadores em acampamentos após as eleições de 2022 seriam 'malucos', aponta levantamento da Palver sobre a movimentação do tema nas redes."

Foi o segundo escanteio dos "malucos", que recentemente já haviam sido rifados quando o bolsonarismo abandonou a pauta de anistia que não serviria aos cabeças da tentativa de golpe.

Mas os veículos de comunicação também deixaram esses personagens para lá: não se soube mais deles. É um erro, já que havia interesse em conhecer o que pensam "Débora do Batom" e tantos outros patriotas úteis ao golpismo em outros momentos.

O vaivém narrativo não tem nada de bobo. Se já foram tratados como "petistas infiltrados", os golpistas também tiveram seu momento de "velhinhas com Bíblia na mão", ideia rechaçada por Alexandre de Moraes. Agora, são "malucos". Sem rosto e sem nomes próprios, são tratados como gente se convém e viram paisagem quando se tornam inconvenientes. Caberia ao jornalismo mostrar que não é bem assim.


Carvall

Os veículos de comunicação também deixaram esses personagens para lá: não se soube mais deles. É um erro, já que havia interesse em conhecer o que pensam sobre o novo apelido 'Débora do Batom' e outros patriotas úteis ao golpismo

Belém x Palavrão

No início do mês, uma reportagem sobre saneamento em Belém deixou alguns moradores da cidade incomodados. A **Folha** mostrou que as obras de coleta de esgoto da COP30 beneficiariam só 3% da população de Belém, ou 40 mil pessoas, contra 500 mil nas propagandas oficiais.

A reportagem visitou obras de 13 canais e falou com moradores de comunidades pobres. Um deles disse: "A nossa hora aqui nunca chega". "O rio que corre entre as casas é um esgoto a céu aberto. O odor é sentido ao longo de quadras. Naquela região, o que chega da COP30 é terra retirada de outras obras", descrevia o texto.

Foi o vídeo da reportagem que gerou incômodo. A situação das comunidades no canal São Joaquim é descrita como de precariedade profunda. "As casas, as ruas, são empilhadas sobre áreas de várzeas. As pessoas vivem sobre os seus restos. Vivem, com o perdão do termo, literalmente sobre a merda", dizia a reportagem.

Um leitor considerou "um espetáculo de escárnio, onde o suposto cheiro da cidade vira pretexto para a velha retórica de nojo e superioridade colonial". "O que fede é o ranço de uma Redação que ainda enxerga o Brasil pelo buraco da fechadura de Higienópolis."

Um vídeo da jornalista Layse Santos, diretora da agência de comunicação EKO, circulou com críticas à **Folha**. "Não é um 'não' à reportagem, é um 'sim' à necessidade de olhar mais fundo, com mais cuidado e contexto para a nossa realidade. Belém não precisa e nem deve ser protegida da crítica. Mas, como jornalista há mais de 30 anos cobrindo região amazônica, entendo que a linha tênue entre o que é denúncia e o que é preconceito foi cruzada."

Para ela, faltam "contextualização histórica das desigualdades" e "um olhar contínuo, comprometido, e não apenas eventual, da 'grande imprensa' sobre a Amazônia". Layse vê na cobertura a tentativa de comprovar "tese de que Belém não foi uma boa escolha para ser a sede da COP30".

"[O palavrão] reforça a sensação de sermos, mais uma vez, 'exóticos' e 'objeto de espanto' e não sujeitos de mudança."

"Eu poderia usar eufemismo, mas não valeria a pena", afirma a repórter especial da **Folha** Alexa Salomão, autora do material. Para ela, nada se compara ao abandono das populações retratadas.

"Fiquei preocupada com os moradores, de eles terem se sentido ofendidos", afirma a repórter. "Peço desculpa aos moradores, mas só para eles. Porque não quero ser desrespeitosa como é o poder público. O estado tem obrigação de zelar pelo saneamento, mas eles estão abandonados."

Na semana seguinte a **Folha** dedicou dois textos a declarações do governador do Pará, Helder Barbalho. Uma delas ecoava as críticas: "Quando abro os jornais aqui em São Paulo, todo dia estão falando que Belém não tem saneamento. Eu pergunto, o bairro do Paraisópolis está 100% saneado? Ou tem problema também?".

Para registro, há menos de dois meses o jornal publicou levantamento sobre a falta de esgoto para quase 400 mil paulistanos. Mas, é verdade, sem palavrão.

Barroso defende regulação e diz que mentir precisa voltar a ser errado

Carolina Linhares

OXFORD (INGLATERRA) Enquanto o STF (Supremo Tribunal Federal) julga o Marco Civil da Internet, o presidente da corte, ministro Luís Roberto Barroso, defendeu a regulação de conteúdo das redes sociais e afirmou que "é muito importante fazer com que mentir volte a ser errado".

Barroso participou, neste sábado (14), do Brazil Forum UK 2025, evento de estudantes brasileiros no Reino Unido, do qual o ministro é patrono e que acontece na Universidade de Oxford.

Em seu discurso de abertura, o ministro listou problemas e desafios do Brasil, mas procurou ressaltar o que considerava avanços, mencionando o uso da urna eletrônica, atacada pelo ex-presidente Jair Bolsonaro (PL), que é julgado no STF sob acusação de participar de uma trama golpista.

Barroso falou sobre o projeto de voto impresso, que foi defendido por bolsonaristas, e disse que "a verdade não tem ideologia, mas a mentira deliberada é uma coisa muito ruim que passou a dominar o mundo como estratégia política".

Mais tarde, esteve em debate com o diretor jurídico do Google Brasil, Daniel Arbix, e a cientista de dados Kizzy Terra sobre regulação da inteligência artificial.

Ele afirmou que, ao regular as plataformas, "o STF não está legislando, mas resolvendo casos concretos". O julgamento do Marco Civil tem origem em dois processos que discutem responsabilizar redes sociais por não ter removido certos conteúdos. "Esperamos um bom tempo para ver se o Congresso legislava, não veio a legislação", emendou.

O STF retomará o julgamento do Marco Civil no próximo dia 25, e já há maioria de 7 entre os 11 ministros, incluindo Barroso, para responsabilizar as plataformas por conteúdo de terceiros.

Hoje, as big techs só podem ser punidas se o conteúdo lesivo não for removido após ordem judicial, com duas exceções: nudez não consentida e violação de propriedade intelectual.

Barroso, assim como outros três ministros, prevê em sua tese o chamado dever de cuidado, que é adotado na legislação europeia. As plataformas teriam a obrigação de, proativamente, remover algumas publicações e seriam responsabilizadas por danos decorrentes da não remoção após uma notificação extrajudicial, como uma denúncia de usuário.

Já os ministros Dias Toffoli e Luiz Fux defendem que as big techs possam ser punidas se não removerem rapidamente a postagem, mesmo sem que recebam ordem judicial ou denúncia de usuário.

No fórum, Barroso citou aspectos bons e ruins da revolução tecnológica. "Da mesma maneira que democratizou a comunicação, abriu as avenidas para desinformação, discursos de ódio, teorias conspiratórias. É preciso regular com muito cuidado, porque a liberdade de expressão é um valor essencial para a democracia, mas também precisamos impedir que o mundo desabe num abismo de incivilidade."



Da mesma maneira que [a revolução tecnológica] democratizou a comunicação, abriu as avenidas para desinformação, discursos de ódio, teorias conspiratórias. É preciso regular com muito cuidado, porque a liberdade de expressão é um valor essencial para a democracia

Luís Roberto Barroso
presidente do STF

Já ao lado de Arbix e Terra, o ministro disse que um problema das plataformas e da inteligência artificial é o modelo de negócio baseado em engajamento. "Há um incentivo perverso a potencializar o que é ruim."

Arbix afirmou que a regulação deve ser arrojada, mas não deve amarrar o desenvolvimento tecnológico e exige um aperfeiçoamento da política de dados no Brasil. Terra, por sua vez, disse que o marco regulatório "é urgente e já tem certo atraso" e citou o caso da China como exemplo de que "inovação pode conviver com regulação".

Ao comentar o contexto mundial, Barroso afirmou ainda que assiste a "essa decadência do multilateralismo, esse momento de arrogância, em que a força tem valido mais do que o direito em diferentes partes do mundo".

O ministro exaltou os 40 anos de estabilidade institucional no Brasil, após as últimas décadas terem sido marcadas por golpes e tentativas. "Há coisas que não vão bem, o que não significa que está tudo indo mal", emendou.

Empresas freiam ações de marketing para o mês do orgulho LGBTQIA+

Contratação de influenciadores da comunidade para campanhas despenca, e mercado vê efeito de polarização e receio de criar polêmicas nas redes sociais

Joana Cunha e
Felipe Machado Maia

SÃO PAULO A cantora Pepita, uma mulher trans, já chegou a fazer 17 campanhas em um mês do orgulho LGBTQIA+. Neste ano, fechou apenas um contrato. "O posicionamento que eu tenho, de ser muito militante, pode fazer com que eu não me encaixe mais nas marcas", diz ela ao ser questionada sobre os motivos para essa redução drástica.

No último ano, na esteira da volta de Donald Trump ao poder nos Estados Unidos, uma série de empresas globais anunciaram recuos em políticas de diversidade, equidade e inclusão, da Meta (dona do Instagram) ao McDonald's.

Mas o contexto brasileiro é diferente e pode ter começado a mudar antes do retorno trumpista à Casa Branca, apesar de também envolver questões políticas, segundo especialistas ouvidos pela **Folha**.

Fátima Pissarra, CEO da agência de marketing de influência Mynd, vê o disputado período eleitoral de 2022 como marco da mudança no país. Para ela, a questão da defesa de grupos como o LGBTQIA+ ficou mais polarizada e passou a provocar crises para empresas que se posicionam nesse sentido.

"A gente vê claramente esse receio das marcas de contratar [minorias como porta-vozes] e ficar parecendo para o público que é uma contratação para tender a um lado político", diz ela. "Aí a marca começa a ser atacada."

A empresária calcula que a contratação de influenciadores da comunidade LGBTQIA+ para campanhas específicas tenha caído 90% nos últimos três anos. "Todo mundo pisou no freio. A Pabllo Vittar fazia 15, 20 campanhas em junho. Agora é uma ou duas e olhe lá", diz ela sobre a cantora, uma das personalidades mais famosas de seu casting.

Há outros exemplos dessa redução. Ricardo Sales, CEO da consultoria Mais Diversidade, afirma ter captado, neste ano, metade do que arrecadou para realizar a Feira Diversa, evento de empregabilidade e cultura LGBTQIA+ que chegou à 11ª edição neste sábado (14). Isso apesar de ter obtido o dobro de inscritos.

Para Sales, muitas empresas fazem uma "leitura precária de contexto", importando questões internacionais para o Brasil sem a tradução adequada.

"A gente conquistou, nos últimos anos, uma visibilidade grande, nas famílias, na mídia, em todos os espaços", afirma ele.

Fátima, da Mynd, diz que a maior parte das campanhas do mês do orgulho fica restrita agora à Parada do Orgulho LGBT+ de São Paulo, que acontece no próximo domingo (22). Talvez por isso o evento não tenha sentido o baque. Nelson Matias Pereira, presidente da Parada, afirma que houve saídas naturais de patrocinadores, substituídos por outros.

O evento e a feira, que acontece na quinta (19), custam cerca de R$ 7 milhões para a associação organizadora, fora o dinheiro gasto pela prefeitura, e a expectativa é fechar as contas.

"A sensação é que a gente está sempre pedindo migalhas", afirma ele. "Você vê as empresas investindo muita grana em outros eventos, e, quando chega a Parada, é sempre uma verba que eu considero muito pequena pelo tamanho do evento."

As cotas de patrocínio variam de R$ 800 mil a R$ 3 milhões, mas a de valor mais alto quase nunca é alcançada. Em geral, os contratos costumam ficar próximos de R$ 1,5 milhão.



Revolta de Stonewall deu origem à comemoração

Junho foi escolhido como mês do orgulho em referência à revolta de Stonewall. Em 28 de junho de 1969, policiais fizeram uma batida no bar Stonewall Inn, em Nova York, frequentado pela comunidade LGBTQIA+. Um grupo resistiu e deu início a uma rebelião de cinco dias.

Algumas ações de marca que fizeram muito sucesso no mês do orgulho já não existem mais. É o caso do Doritos Rainbow, que embalava salgadinhos com cores do arco-íris em edição especial para a ocasião. A Doritos deixou de patrocinar a Parada e não produz o snack colorido desde 2022. Questionada se suspendeu as ações para evitar polêmicas com politização da pauta em ano eleitoral, a empresa nega.

Outro patrocinador tradicional, o Burger King, que tem um grande restaurante localizado no trajeto do desfile, na avenida Paulista, havia decidido não patrocinar o evento neste ano, pela primeira vez desde 2017.

Procurada pela **Folha** no início da semana, a empresa disse que estava fora do patrocínio à Parada de 2025, mas enviou um novo comunicado, na sexta (13), informando que fechou acordo de patrocínio à Corrida do Orgulho, que vai acontecer no dia 21, e apoio à associação da Parada.

Já a Uber, que também já chamou a atenção de seus passageiros com os caminhos coloridos no mapa do aplicativo nesta época do ano, afirma em nota que "até o momento não tem ações previstas para o mês do orgulho". A 99 está pintando com as cores do arco-íris os carrinhos que aparecem na tela para o usuário.

Eduardo Paiva, diretor de diversidade do grupo L'Oréal no Brasil, uma das patrocinadoras da Parada, reconhece que houve um enxugamento no compromisso do setor empresarial com o tema, mas afirma que a companhia de beleza decidiu ir na contramão dessa onda de recuo.

Paiva diz que o compromisso genuíno das marcas requer profundidade e consistência nas ações das empresas em relação ao tema. Se isso for bem-feito, afirma ele, o risco de ruídos ou polêmicas se dilui e, quando acontecem, são superficiais.

"O mês do orgulho é importante e o domingo é um dia emblemático, mas o compromisso precisa acontecer o ano todo", diz.



Cantora Pepita em apresentação na Parada do Orgulho LGBT+ de SP Felipe Iruatã - 11.jun.23/Divulgação

Nos EUA, pequenos negócios socorrem paradas após fuga dos grandes

Niko Gallogly

THE NEW YORK TIMES Em maio, Ryan Jones, proprietário de uma pequena empresa em San Francisco, se viu fazendo um apelo inesperado a outros comerciantes.

A Parada do Orgulho de San Francisco estava em apuros e precisava da ajuda deles.

A empresa de Jones, a padaria Hot Cookie, nunca havia doado dinheiro para o festival anual que celebra a vida LGBTQIA+. Mas, quando soube que grandes empresas como Comcast e Anheuser-Busch não renovaram seus patrocínios, deixando uma lacuna de financiamento de mais de US$ 1 milhão (R$ 5,5 milhões), ele se sentiu na obrigação de agir.

"Perguntei a mim mesmo o que posso fazer para apoiar", disse Jones. Ele e seu sócio decidiram doar 5% das vendas dos cookies mais populares da padaria para o evento deste ano, além de tentar que outros negócios locais fizessem algo semelhante.

Em todo o país, os eventos do Orgulho estão enfrentando dificuldades. Grandes empresas têm retirado o financiamento dos festivais, parte de um recuo das iniciativas de diversidade que aumentou durante a segunda administração do presidente Donald Trump. Em resposta, empresas locais estão ajudando a compensar parte do déficit.

A Hot Cookie, cujos produtos assados incluem biscoitos com design provocativo e "sexualmente positivo", viu suas vendas aumentarem 30% durante a Parada do ano passado. Jones espera que o apoio de empresas locais como a sua mantenha o evento "viável, saudável e vibrante".

A Parada do Orgulho Gay de Twin Cities, em Minneapolis e St. Paul, viu uma diminuição de US$ 690 mil (R$ 3,8 mi) em financiamento corporativo neste ano em comparação com 2024. A Deloitte, patrocinadora por quatro anos, não renovou, disse Andi Otto, diretora-executiva do evento. O festival cortou laços com a Target pelo recuo da empresa de suas iniciativas de diversidade.

"Acho que uma das maiores lições aprendidas é que as pequenas empresas definitivamente veem o valor e a necessidade de apoiar uma comunidade como a nossa", disse Otto.

Doações de pequenas empresas, indivíduos e organizações sem fins lucrativos quase compensaram essa queda de financiamento — o evento está agora US$ 25 mil (R$ 138,6 mil) abaixo de sua meta de US$ 1,4 milhão (cerca de R$ 7,7 bilhões).

R$ 2 bi
é a estimativa de impacto econômico da Parada de San Francisco para a cidade

R$ 3,8 mi
foi o valor perdido em patrocínios corporativos pela Parada do Orgulho Gay de Twin Cities, em Minneapolis e St. Paul

Os laços mais estreitos com empresas locais podem ser o lado positivo da crise de financiamento, disse Eve Keller, presidente da Associação de Orgulho dos EUA.

"Acho que é isto que estamos tentando construir: relacionamentos mais profundos com organizações que correspondem aos seus valores, que não abandonam quando as coisas ficam difíceis", disse. Segundo Keller, também é uma mudança bem-vinda para aqueles que veem o apoio corporativo ao orgulho mais como uma questão de lucro do que de igualdade para a comunidade.

PAINEL S.A.

Julio Wiziack
painelsa@grupofolha.com.br

JORGE BISCHOFF
Fundador e CEO da Bischoff

Não comprei um iate para ostentar, diz CEO

Fundador da Bischoff diz que dinheiro é 'desgraçado' e defende trabalho como receita para fortuna

O estilista Jorge Bischoff começou a vida como operário em uma fábrica de sapatos. Acabou construindo uma marca própria, que já conta mais de duas décadas, exporta para 60 países, e nem divulga faturamento. Ele afirma que seu negócio corre à margem da situação econômica devido ao alto poder aquisitivo de seus clientes. Disse que nunca perseguiu o dinheiro e que ele chegou em sua vida como consequência pela paixão e dedicação no trabalho. Apaixonado pelo mar, o fundador e CEO da Bischoff acaba de comprar um iate da marca Azimut, por R$ 15 milhões, seu novo brinquedo. "Se eu tivesse uma condição financeira melhor, comprava um jatinho", disse.

*

Jatinho, iate e helicópteros são objetos que, no Brasil, são vistos como ostentação. É o seu caso? Só não tenho um jato porque ainda não chegou a minha condição financeira. E, se comprar, não estarei pensando em ostentar. Uso o meu barco [o atual está à venda enquanto o novo não chega] para meu prazer. Tenho uma coleção de carros e lambretas antigos. Hoje, eu optei pelo barco. Talvez amanhã eu vá para um helicóptero. É uma questão de estilo de vida. Além disso, o barco é um bom investimento porque não desvaloriza.

É mais comum ver pessoas de classe média nos EUA e Europa com um barco de luxo. Por quê? Porque aqui se paga muito em imposto. Nos EUA, provavelmente, se eu fosse comprar um barco, custaria a metade do valor.

Quanto custou? R$ 15 milhões.

Pagou à vista? Nesse mercado, é comum dar um sinal de 10% e a diferença você paga depois. Existem financiamentos e leasing [arrendamento]. É como comprar um carro. Eu dei o sinal e, no dia que entregarem o barco, liquido.

Há um pessimismo no empresariado com a economias. O senhor está entre eles? Estou bem satisfeito. Tenho 140 lojas, abri mais uma em Manaus (AM) e outra em Lucas do Rio Verde (GO). Nossa produção entre sapatos, bolsas e acessórios chega a 2 milhões de itens no ano. Exporto para 60 países, cerca de 20% da nossa receita vem daí. A marca está consolidada e independente da situação econômica.



Jorge Bischoff
Igrejinha (RS), 1965 Começou como cortador de couro aos 11 anos em sua cidade natal, um conhecido polo calçadista. Em 1996, fundou sua grife. Hoje é dono de diversos negócios. Recentemente, criou a Loucos & Santos, uma linha com preços mais baixos para lojas multimarcas, e virou sócio de uma vinícola na Argentina

Como assim?! Nosso consumidor é de alto valor. Além disso, nosso produto é barato para essa consumidora que, antes, comprava nos EUA e na Europa quando o dólar estava viável. Hoje é totalmente inviável. Essas compras acabam sendo feitas no Brasil.

Qual seu faturamento? O número é fechado.

Mas os juros elevados não afetam seu negócio? Sim. Hoje não dá para financiar nada. O fornecedor diminui a quantidade de parcelas para fazer a venda e, se parcelar, aumenta juros e isso vai para o preço.
O encolhimento da economia me parece ter sido de propósito para segurar a inflação. Sou estilista, não sou economista, mas sei o quanto isso prejudica o consumo. Essa política não é correta.

Acha que esse governo busca reverter essa situação? Não vejo nenhuma possibilidade. Todo dia se fala em aumentar impostos. E quando isso ocorre, tudo fica mais caro. Existe a leitura de que quem paga imposto é empresário. Empresário repassa imposto. Quem paga é o consumidor seja na comida, na gasolina, no ônibus, na Uber.

Isso abre espaço para a volta da direita? Não quero dizer que seja de direita ou de esquerda. O próximo governo precisa ser sério e pensar no consumidor, no bem-estar da população.

Como fazer fortuna em um país assim? Nunca fui focado em dinheiro, que sempre foi uma consequência. Venho de uma família muito pobre e ele faltou lá no passado. Comecei como sapateiro, trabalhando em fábrica. O dinheiro veio como resultado de um trabalho bem feito, com prazer e alegria em fazer as coisas. O dinheiro é muito desgraçado. Se você corre atrás dele, ele corre mais de você, sempre. Se fizer tudo bem feito, me parece que ele acompanha nisso.

Supermercados reagem a consignado CLT por medo de perder mão de obra

Receio é que a dívida, descontada em folha, seja um estímulo para que os funcionários se endividem e peçam demissão

Maeli Prado

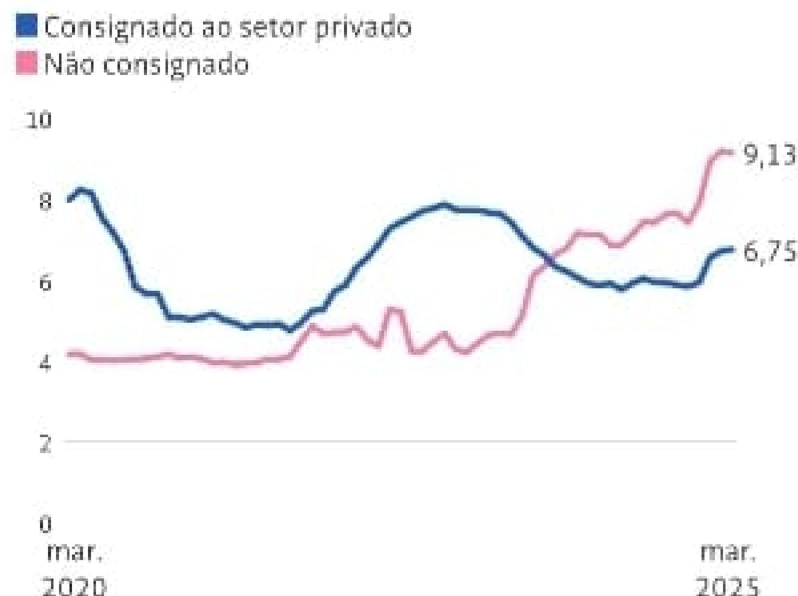
SÃO PAULO Maiores empregadores formais do país, os supermercados, que hoje possuem uma rotatividade de quase 60% da sua força de trabalho, fazem campanha junto ao MTE (Ministério do Trabalho e Emprego) contra o consignado CLT por temerem que o produto agrave o atual apagão de mão de obra vivido pelo setor.

O receio é que a dívida, descontada direto da folha e com limite de até 35% do salário do trabalhador, seja um estímulo a mais para que os funcionários peçam demissão de seus empregos e migrem para a informalidade para não arcar com as parcelas.

Dados do Caged (Cadastro Geral de Empregados e Desempregados) levantados pela equipe de dados DeltaFolha mostram que, entre janeiro e abril, 59% dos desligamentos em hipermercados foram a pedido do trabalhador.

É um percentual bem maior do que os 42% registrados no mesmo período há cinco anos — esse movimento de alta da rotatividade está relacionado à forte queda da taxa de desemprego, que está nas mínimas históricas, e no interesse cada vez maior dos jovens pelo empreendedorismo.

Inadimplência do consignado privado é de quase 10%
Percentual da carteira de crédito pessoal com atraso superior a 90 dias, em %



Fonte: Banco Central

Os supermercadistas temem que o consignado CLT agrave o problema nos próximos meses.

Lançado em 21 de março pelo MTE, o programa prevê o uso de 10% do FGTS (Fundo de Garantia do Tempo de Serviço) e das verbas rescisórias como garantia de pagamento. O objetivo é ampliar o acesso a crédito e reduzir juros a empregados no setor privado por meio da competição em leilão por esse crédito.

Mas os grandes bancos privados ainda não entraram em peso no consignado CLT, e as instituições financeiras menores oferecem taxas consideradas altas.

Mesmo antes de o consignado CLT ser lançado, o saldo do empréstimo com desconto em folha para o setor privado, que é a modalidade antiga, já vinha subindo, e chegou a alcançar quase 10% entre fevereiro e março.

Em reunião em maio com o ministro do Trabalho e Emprego, Luiz Marinho, a Abras (associação do setor) apresentou levantamento apontando que 20.734 funcionários de supermercados tomaram empréstimo consignado do CLT a juros médios de 6,98% ao mês, ou 124,7% ao ano.

Apesar da garantia do desconto em folha, diz a entidade, foram fechados contratos a taxas tão altas quanto 21,88% ao mês, ou 974,4% ao ano. Dados do Banco Central de abril, que mostram a média do mercado, apontam que os juros do consignado privado subiram a 59,1% ao ano no mês retrasado, acima do crédito pessoal, de 49,5% ao ano.

20,7 mil
Foi o total de funcionários de supermercados que tomou consignado CLT a juros de 6,98% ao mês

Para a Abras, os juros altos e a possibilidade de comprometimento de até 35% da renda acabam estrangulando o orçamento familiar dos trabalhadores.

"O produto Crédito do Trabalhador é bom, a ideia é boa. Nossa preocupação é que a taxa tem ficado muito alta, e isso pode gerar vários problemas", afirma Victor Pinelli, sócio da Ártico Capital, empresa de soluções financeiras, que atua como conselheiro da Abras. Na reunião, os supermercadistas sugeriram ao governo que o percentual de crédito que pode ser tomado pelos trabalhadores seja proporcional ao valor do salário.

O empréstimo consignado CLT preocupa também a Cebrasse (Central Brasileira do Setor de Serviços), que reúne mais de 80 entidades setoriais.

"Quando o trabalhador compromete uma parcela significativa da sua renda com dívidas de longo prazo, ele perde a capacidade de honrar despesas básicas, gerando estresse financeiro e até mesmo situações extremas, como a decisão de pedir demissão apenas para se livrar dos descontos automáticos", afirma João Diniz, presidente da central.

O ministério afirma que o programa permite crédito barato a quem nunca teve acesso a ele, como empregados domésticos, por exemplo, e aponta que as taxas de juros, apesar de ainda altas em abril, já reduziram em maio e a expectativa é que continuem em queda a partir de junho.

A pasta afirmou à reportagem que o trabalhador pode comprometer, no máximo, 35% da renda com o consignado e que não pode ter outro empréstimo.

"Portanto, [o ministério] não vê como o consignado pode endividar o trabalhador. O consignado é exatamente para o trabalhador sair de situações de endividamento, de estar pagando juros altos de cartão de crédito, ou fazer um empréstimo CDC [Crédito Direto ao Consumidor] que paga mais de 8% de juros ao mês."

Motta e Lira cobram emendas em reunião com Lula sobre pacote que aumenta impostos

Encontro no Alvorada neste sábado para tentar debelar rebelião de parlamentares contou com ministros, mas Haddad não foi chamado

Raphael Di Cunto e Mariana Brasil

BRASÍLIA O presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) recorreu neste sábado (14) ao presidente da Câmara dos Deputados, Hugo Motta (Republicanos-PB), e ao ex-presidente da Casa Arthur Lira (PP-AL) para tentar debelar a rebelião dos parlamentares contra o pacote de aumento de impostos apresentado pelo governo federal para reduzir o déficit nas contas públicas.

O recado dado a Lula foi de que as insatisfações no Congresso com o governo são enormes por causa de acordos não cumpridos, da insistência em elevar a carga tributária sem corte de despesas e, principalmente, pela demora na execução das emendas parlamentares ao Orçamento.

A reunião foi convocada por Lula após a cúpula da Câmara indicar ao governo que a MP (medida provisória) de alta de impostos não deve avançar no Congresso se não houver uma mudança de rota do Palácio do Planalto com a apresentação de outras medidas de corte de despesas.



Lula e Motta em cerimônia no Palácio do Planalto; recado dado na reunião é de que insatisfação no Congresso é enorme Pedro Ladeira - 23.abr.25/Folhapress

Motta pautou para esta segunda-feira (16) a votação do requerimento de urgência para acelerar o projeto que pode sustar a eficácia do decreto que elevou as alíquotas do IOF (Imposto sobre Operações Financeiras).

Participaram do encontro os ministros Rui Costa (Casa Civil) e Gleisi Hoffmann (Secretaria de Relações Institucionais), mas Fernando Haddad (Fazenda) não foi chamado, embora o assunto fosse o pacote fiscal. Procurada, a Fazenda não comentou.

Na conversa, Lula buscou entender os motivos pelos quais Motta classificou como "histórica" uma reunião com Haddad no domingo à noite para discutir medidas alternativas à alta do IOF e, no dia seguinte, criticou as propostas e cobrou que o governo cortasse gastos.

O presidente da Câmara respondeu que atendeu a um pedido da maioria dos partidos, que representam mais de 300 deputados, para incluir a urgência na pauta e que alertava desde o início de sua gestão sobre o esgotamento do clima no Congresso e na sociedade para novas medidas de aumento de impostos.

Também haveria desconforto com a inclusão na MP de propostas que não estavam discutidas, como uma trava ao uso de compensações tributárias, e da falta de iniciativas mais estruturantes para redução de despesas no médio e longo prazo. O que não seria viável, segundo o presidente da Câmara, é o Congresso enfrentar novo desgaste no ano pré-eleitoral para apenas tapar um buraco, sem atacar os problemas de crescimento das despesas. Ele lembrou da votação do pacote fiscal no fim do ano e destacou que "não dá para discutir um novo pacote a cada três meses".

O presidente da Câmara, no entanto, teria afirmado que o governo terá quatro meses para negociar o conteúdo da MP e que parte das iniciativas pode ser aprovada, como mudanças no Atestmed, de liberação automática do auxílio-doença do INSS, e no seguro defeso para combater fraudes na concessão de benefícios assistenciais.

Para essas medidas prosperarem, no entanto, Motta e Lira cobraram que o governo acelere a execução e o pagamento das emendas parlamentares ao Orçamento. Hoje, ressaltaram, os líderes dos partidos não têm condições de pedir apoio ao governo em suas bancadas porque o clima com o Executivo é péssimo.

Eles comentaram que estão na Câmara há 15 anos e que é a primeira vez que o governo chega ao meio do ano sem liberar praticamente nenhuma emenda parlamentar. Até agora, o Executivo só empenhou R$ 85 milhões de R$ 50,4 bilhões previstos para 2025 —0,1% do total.

Além disso, reclamam que os recursos das emendas de relator e de comissão continuam paralisados, mesmo após o Congresso aprovar atas com os nomes dos autores.

Outros pontos de desconforto do Congresso, contou a cúpula da Câmara ao presidente, são a demora para pagar as verbas extras prometidas para quem votasse a favor do pacote de ajuste fiscal em dezembro e a reclamação dos prefeitos com as obras paradas e cortes. Isso faz com que novas promessas sejam vistas com ceticismo.

Ao fim do encontro, Motta prometeu conversar com os líderes dos partidos nesta segunda para avaliar a situação e fazer um balanço das promessas do governo, mas não indicou que recuará de pautar a urgência ao projeto de decreto legislativo na segunda.

Já Gleisi se comprometeu a agilizar a liberação das emendas e empenhar pelo menos R$ 600 milhões neste fim de semana para melhorar o ambiente.

Procurados, Motta, Lira, Gleisi e o Planalto não comentaram. Lula seguiu para o lançamento de um sistema da Defesa Civil no Nordeste, mas não falou sobre a reunião ou as medidas de alta da arrecadação no discurso.

colunistas da semana

DOM. Samuel Pessôa, Vinicius Torres Freire, Ana Paula Vescovi / Marcos Lisboa / Candido Bracher SEG. Marcos de Vasconcellos, Ronaldo Lemos, Eduardo Cucolo, Michael Viriato TER. Michael França / Cecilia Machado, Mauro Zafalon QUA. Bernardo Guimarães / Lorena Hakak, Vinicius Torres Freire, Jerson Kelman QUI. Cida Bento / Solange Srour, Vinicius Torres Freire, Rômulo Saraiva SEX. Bráulio Borges, Vinicius Torres Freire SÁB. Marcos Mendes / Rodrigo Zeidan, Laura Muller Machado

Ricos, impostos e demagogia

Governo cria isenções, mal tenta cortar antigas e Congresso é cúmplice

Vinicius Torres Freire

Jornalista, foi secretário de Redação da Folha. É mestre em administração pública pela Universidade Harvard (EUA)

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva voltou a dizer que isenções de impostos vão para "ricos", em um palanque da quinta passada. Não é bem verdade, embora a maior parte vá para empresas e pessoas mais ricas (que se dizem de classe média). É assim a isenção do Mover (para montadoras de veículos), R$ 3,8 bilhões por ano, ou para companhias aéreas, ao menos R$ 567 milhões. São alguns dos incentivos criados por Lula neste mandato.

"Vocês sabem quantos bilhões a gente dá de isenção para os ricos deste país, que não pagam imposto? R$ 860 bilhões. É quatro vezes o Bolsa Família" (na verdade, é cinco vezes), disse Lula. Referia-se àquelas isenções federais de impostos que a Receita Federal classifica de "gasto tributário" (GT) —há outras isenções, além das estaduais e municipais. De modo informal, o Ministério da Fazenda diz que o GT seria de pelo menos R$ 800 bilhões. Na estimativa oficial da Receita para este ano, R$ 544 bilhões.

Por que a diferença? Sob Lula e Fernando Haddad, a Fazenda obrigou as empresas a declarar o valor de certas isenções tributárias que recebem. O que vai sendo declarado já supera a estimativa da Receita, que vai para as leis orçamentárias. A iniciativa é excelente, mas não há ainda dados públicos e revisados a respeito. Desde que contaram a Lula o tamanho da isenção do GT, em meados de 2024, o presidente e a esquerda dizem ter descoberto um pote de ouro capturado pelos ricos ou a panaceia fiscal. Mais uma vez, é preciso dizer que a destinação do dinheiro é variada, muitas vezes a favor de governos petistas, sob os quais mais do que dobrou o GT (como proporção do PIB).

No pacote de isenções, há livros, benefícios do trabalhador, plano de saúde, poupança, cesta básica, rendimento de ricos e times de futebol. Mentiras não ajudam a lidar com escândalos de distorção

Os maiores GTs vão para o Simples, redução de impostos para pequenas e médias empresas, no que entra muito profissional rico e/ou pejotizado (R$ 120 bilhões, 22% do total), para entidades filantrópicas ou sem fins lucrativos (R$ 45,5 bilhões: beneficiam quem?) e para a Zona Franca de Manaus (R$ 30 bilhões). Mas há uma barafunda de benefícios, muitos deles "sociais". Livros: R$ 2,5 bilhões. Benefícios do trabalhador: R$ 18,4 bilhões. Poupança: R$ 12,4 bilhões. Financiamento habitacional: R$ 6,5 bilhões. Não vão para o topo dos ricos, mas não vão para os mais pobres. Alimentos e insumos de produção dos itens da cesta básica: R$ 51 bilhões.

Deduções de educação e saúde privadas no IR (R$ 35 bilhões) e para empresas que subsidiam plano de saúde (R$ 10 bilhões) vão para o quinto ou quarto mais rico da população. Para aposentados de mais de 65 anos ou com doença grave: R$ 42 bilhões. Empresas de remédios e equipamentos médicos: R$ 20 bilhões (ficariam mais caros sem isenção?).

Há dinheiro para as SAF, as Sociedades Anônimas do Futebol: R$ 148 milhões. Por quê? Rendimentos isentos de pessoas físicas, das mais ricas: R$ 57 bilhões.

Outra vez, diga-se que a lista passa de duas centenas de rubricas. Pouco se sabe de sua justiça social ou eficiência econômica. Se tais impostos fossem cobrados, nem tudo apareceria no cofre do governo (não só por evasão); custos aumentariam. Não é viável ou razoável cobrar R$ 860 bilhões (a despesa federal anual é de R$ 2,4 trilhões): parte do cancelamento de isenções teria de se transformar em redução de impostos para outras pessoas e empresas.

O assunto é escandaloso e complicado. Mentiras demagógicas e distorções de dados favorecem os espertos e dificultam a revisão dessa enorme distorção econômica e social.

Eufrázio

mercado

Congonhas perde jatinhos, e outros aeroportos de SP ganham espaço

Terminal na capital paulista proibiu presença de aeronave executiva na pista principal e reduziu slots da aviação geral; Campo de Marte e Catarina aumentam participação

Paulo Ricardo Martins

SÃO PAULO A aviação de negócios de São Paulo observou uma reorganização nas movimentações de pouso e decolagem no último ano. Sob restrições em Congonhas, o segmento ganhou força em outros aeroportos, como o Catarina, em São Roque, e o Campo de Marte, na zona norte da capital paulista.

Um levantamento feito pela Abag (Associação Brasileira de Aviação Geral) a pedido da reportagem, com dados do Decea (Departamento de Controle do Espaço Aéreo), mostra que em janeiro deste ano as movimentações de pouso e decolagem da aviação geral (segmento que inclui jatos executivos) em Congonhas tiveram queda brusca e, desde então, se mantêm em patamar bem abaixo do ano passado.

Em abril deste ano, último dado disponível no levantamento, o aeroporto da capital paulista somou 1.917 pousos e decolagens da aviação geral —uma queda de quase 38% na comparação com o mesmo mês de 2024. Os números consideram somente aeronaves de asa fixa da aviação geral.

A partir de janeiro deste ano, Congonhas passou a limitar a quantidade de pousos e decolagens de jatos permitidos por hora no aeroporto. Os movimentos foram reduzidos pela metade, de oito para quatro, para minimizar o impacto das obras no aeroporto, segundo a Aena, concessionária do terminal. Esses outros quatro slots (jargão usado pelo setor para definir a movimentação na pista) ficam como reserva para eventuais ajustes das operações, afirma a Aena.

Anteriormente, em novembro de 2023, semanas após a Aena assumir a administração do terminal, uma outra restrição já havia limitado a operação de jatinhos no aeroporto: aviões de pequeno porte ficaram proibidos de usar a pista principal, que passou a ser exclusiva para aeronaves comerciais e jatos de grande porte. A medida foi solicitada pela concessionária e teve aval da Anac (Agência Nacional de Aviação Civil) e do Decea.

Em entrevista à **Folha** neste ano, o diretor-presidente da Aena Brasil, Santiago Yus, afirmou que as medidas de restrições da movimentação da aviação executiva impulsionarão a pontualidade e a receita do terminal.

"A aviação executiva faz um transporte de um, dois, três, oito, dez pessoas. Um avião comercial, no mínimo, são 120, 130 pessoas. É um uso mais intensivo", disse na ocasião.

Procurada pela **Folha**, a Aena disse que ajustes foram necessários para melhorar a eficiência operacional do aeródromo. "A Aena entende que há espaço tanto para a aviação comercial quanto para a aviação executiva em operação no Aeroporto de Congonhas", disse a companhia em nota à reportagem.

"A proposta apresentada por esta concessionária foi a de uma abordagem balanceada, que considere a priorização do atendimento ao maior número de usuários, ainda mantendo a possibilidade de operação da aviação geral", completou a Aena.

Flavio Pires, CEO da Abag, diz que Congonhas ainda tem espaço para novos entrantes, mas, segundo ele, as restrições impostas pelo aeroporto podem mudar o perfil do usuário do terminal.

"Aquele cara que precisa voar todo dia, toda hora, talvez tenha que procurar outro aeroporto", afirma Pires.

Rodrigo Pesoa, vice-presidente da Dassault para América Latina, afirma que as restrições no terminal paulistano não prejudicaram as vendas da fabricante francesa de jatos de luxo. No entanto, ele diz perceber uma movimentação na base de clientes.

"Os clientes começam a fugir de Congonhas pelas restrições de pouso e decolagem. Você vê o crescimento do Catarina", afirma.

Na semana passada, a Dassault participou pela primeira vez do Catarina Aviation Show, feira de jatinhos no aeroporto Catarina, em São Roque, no interior de São Paulo. A fabricante francesa inaugurou no ano passado um centro de manutenção no aeroporto.

Segundo Pesoa, a mudança da Labace (outra feira de jatinhos, na capital paulista) para o Campo de Marte, na zona norte de São Paulo, complicou a operação e foi um dos motivos que levou a fabricante a fazer sua estreia no Catarina Aviation Show.

Até 2024, a Labace era realizada em Congonhas, no espaço onde ficavam os hangares da Vasp, companhia aérea cuja falência foi decretada em 2008. A primeira edição no Campo de Marte acontece em agosto deste ano.

"[O Campo de Marte] é um aeroporto menor, não é tão centralizado. A operação é um pouco mais complicada", afirma.

Tanto o Campo de Marte quanto o Catarina registraram alta nas movimentações no último ano.

Apesar de um crescimento interanual tímido de 2,6%, o Campo de Marte foi o segundo maior em quantidade de pousos e decolagens em abril, com 2.879 movimentações, atrás de Jundiaí e à frente de Congonhas.

Segundo Rogério Prado, CEO da Pax Aeroportos, concessionária que administra o Campo de Marte, o aeroporto tem potencial para ser um substituto natural de Congonhas dentro da capital paulista. Ele afirma, no entanto, que o terminal na zona norte precisa passar por adequações.

A concessionária, que é controlada por um fundo do grupo XP, fará adaptações no aeroporto, incluindo a construção de uma nova pista paralela, para que o Campo de Marte passe da categoria visual para operação com instrumentos. Dessa forma, o terminal pode permanecer aberto mesmo em condições desfavoráveis de visibilidade.

"Isso também é um fator do porquê eu não consigo hoje assumir mais tráfico. Quando tem tempo ruim, você não consegue decolar. Hoje eu estou bastante afetado por questões meteorológicas. Isso [a adequação] dá uma confiabilidade para o aeroporto: você [o dono da aeronave] tem uma certeza de que vai chegar e vai sair", diz Prado.

Já o Catarina foi o terminal com maior crescimento interanual em abril, um salto de 78%, chegando a 1.790 movimentos no mês.

Segundo Augusto Martins, CEO da JHSF, dona do aeroporto, as restrições para jatinhos em Congonhas podem fazer o dono da aeronave repensar o terminal escolhido para o pouso ou para a decolagem. "O fato de o cliente aqui [no Catarina] não ter tempo de espera para pousar e decolar é um grande diferencial."

O Catarina está em processo de expansão. O número de hangares passará de 12 para 16, com entrega prevista para o segundo semestre, segundo Martins. À **Folha** ele afirma que posteriormente deve haver uma nova expansão, ainda a ser anunciada, para 20 hangares.

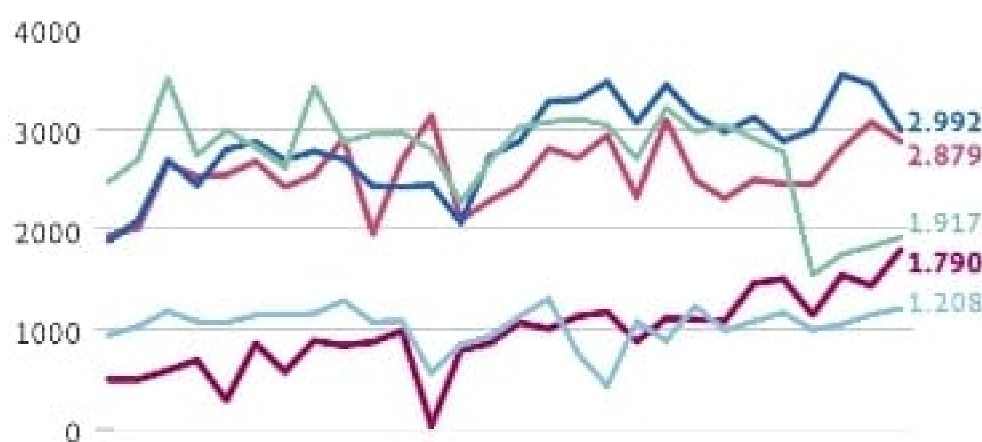


Jatinho na feira Labace no ano passado; evento migrou para o Campo de Marte Danilo Verpa - 05.ago.2024

Congonhas perde força na aviação executiva

Movimentos de pouso e decolagem de aeronaves da aviação geral de asa fixa, por mês

- Jundiaí
- Campo de Marte
- Congonhas
- Catarina
- Sorocaba



Catarina foi o aeroporto que mais ganhou movimentações em abril

Variação interanual da quantidade de pousos e decolagens em abril, por aeroporto, em %



Fonte: Abag, com dados do Decea



Terminal em Jundiaí é o líder no setor

Apesar do avanço de terminais como Campo de Marte e Catarina, o aeroporto de Jundiaí é o mais movimentado do segmento —foram 2.992 pousos e decolagens em abril. O número representa uma queda de 8,72% na comparação com o mesmo mês do ano passado, mas ainda está em patamar elevado.

Antes superado por Congonhas, o terminal se mantém no topo desde novembro.

Marcel Moure, CEO da Rede Voa, concessionária do aeroporto, diz que o terminal tem algumas vantagens: é próximo à capital paulista e opera com instrumentos. Segundo ele, o aeródromo também foi beneficiado pela migração do segmento para outros aeroportos após o começo das restrições em Congonhas.

Em Sorocaba, outro terminal administrado pela Rede Voa, Moure vê estabilização nos movimentos por ora. É que o aeroporto ainda opera em condições visuais, assim como o Campo de Marte, o que impede o aumento do fluxo, segundo Moure.



Leilão Judicial Eletrônico

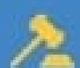
Imóveis com deságios de até 50% sobre o valor de avaliação. Aproveite!



Lances a partir de **R$ 2.878.162,71** | Avaliação R$ 5.756.325,42

Terreno Urbano

Gleba de terras com área de 106.790 m², composto por 56 lotes de terreno integrantes do loteamento Parque das Hortências, situado no bairro Caputera.

1º Leilão ~~21/05 - 14:00hs~~  2º Leilão 18/06 - 14:00hs

Juiz: Exmo. Dr. Adler Batista Oliveira Nobre
2ª Vara de Falências e Rec. Judiciais de São Paulo SP



Cotia/SP

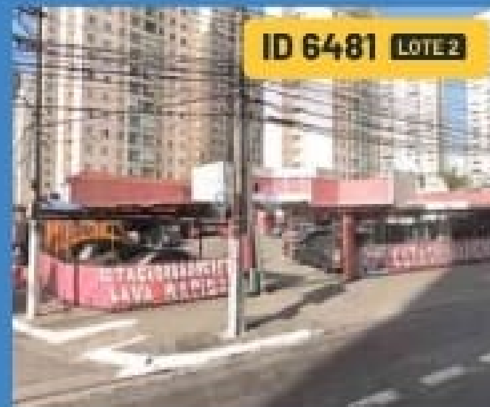
Lances a partir de **R$ 2.379.797,05** | Avaliação R$ 3.866.328,41

Imóvel Comercial

Imóvel com 255 m² de construção e terreno com área de 370 m². Composto por 2 coberturas para estacionamento de veículos e edificação para uso comercial.

1º Leilão ~~04/06 - 14:00hs~~  2º Leilão 25/06 - 14:00hs

Juíza: Exma. Dra. Samira de Castro Lorena
4ª Vara Cível do Foro Regional III - Jabaquara SP



Tatuapé/SP

ID 6873 LOTE 1
Lances a partir de **R$ 1.574.310,42**
Avaliação R$ 2.099.080,56
Imóvel Residencial – Guarujá SP
Imóvel com 390 m² de construção sobre terreno de 957 m². Localizado a 2 min. da Praia da Enseada e a 13 min. do centro da cidade.
Juiz: Exmo. Dr. Adler Batista Oliveira Nobre
2ª Vara de Falências e Rec. Judiciais de São Paulo SP
1º Leilão ~~21/05 - 14:00hs~~  2º Leilão 18/06 - 14:00hs

ID 7300 DESOCUPADO
Lances a partir de **R$ 2.051.405,09**
Avaliação R$ 2.413.417,75
Barracão – Bauru SP
Imóvel comercial de 2 pavimentos com 789 m² de construção e terreno com área de 468 m². Composto por estrutura que inclui espaços para escritório e banheiros.
Juiz: Exmo. Dr. Arthur de Paula Gonçalves
4ª Vara Cível de Bauru SP
1º Leilão ~~04/06 - 09:00hs~~  2º Leilão 25/06 - 09:00hs

ID 7310
Lances a partir de **R$ 4.667.575,82**
Avaliação R$ 6.667.965,46
Terreno – São Paulo SP
Terreno com área de 3.100 m² localizado a 19 min. de Parelheiros e a 29 min. de Interlagos.
Juiz: Exmo. Dr. [illegible]
1ª Vara Cível do Foro Regional XI - Pinheiros SP
1º Leilão 25/06 - 09:00hs  2º Leilão 15/07 - 09:00hs

ID 6605 LOTE 1
Lances a partir de **R$ 1.538.008,04**
Avaliação R$ 1.845.794,23
Imóvel Residencial – São Bernardo do Campo SP
Imóvel com 99 m² de construção e terreno com área de 250 m². Localizado a 5 min. do Golden Square Shopping e a 13 min. da Rodovia Anchieta.
Juiz: Exmo. Dr. Gustavo Dall'Olio
8ª Vara Cível de São Bernardo do Campo SP
1º Leilão ~~04/06 - 09:30hs~~  2º Leilão 25/06 - 09:30hs

ID 7307
Lances a partir de **R$ 465.599,79**
Avaliação R$ 775.999,66
Apartamento – São Paulo SP
Imóvel com 153 m² no Ed. Colossos da Cantareira. Composto por 2 salas, varanda, lavabo, suíte, 2 dorms, wc, cozinha, depósito, dorm. e wc de empregada, área de serviço e 3 vagas de garagem.
Juiz: Exmo. Dr. Rodrigo de Azevedo Costa
2ª Vara Cível do Foro Regional I - Santana SP
1º Leilão ~~04/06 - 09:30hs~~  2º Leilão 25/06 - 09:30hs

ID 7381
Lances a partir de **R$ 333.921,74**
Avaliação R$ 667.843,48
Terreno Urbano – Santana de Parnaíba SP
Lote de terreno com 602 m² no Residencial e Comercial Serra do Sol. Localizado a 12 min. da Estrada dos Romeiros.
Juíza: Exma. Dra. [illegible]
1ª Vara Cível de Santana de Parnaíba SP
1º Leilão ~~23/05 - 11:00hs~~  2º Leilão 25/06 - 11:00hs

ID 6481 LOTE 1
Lances a partir de **R$ 1.759.066,65**
Avaliação R$ 2.931.777,75
Imóvel Comercial – Tatuapé SP
Imóvel com área de 617 m², composto por terreno, loja e estrutura de posto de combustíveis. Localizado a poucos metros da Av. Radial Leste e do Metrô Vila Matilde.
Juíza: Exma. Dra. Samira de Castro Lorena
4ª Vara Cível do Foro Regional III - Jabaquara SP
1º Leilão ~~04/06 - 14:00hs~~  2º Leilão 25/06 - 14:00hs

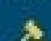
ID 7302
Lances a partir de **R$ 694.188,18**
Avaliação R$ 1.388.376,36
Salão Industrial – São Carlos SP
Imóvel com 330 m² de construção e área de terreno de 363 m². Localizado a 6 min. do centro da cidade e a 14 min. da Rod. Washington Luís.
Juiz: Exmo. Dr. Eduardo Cebrian Araujo Reis
4ª Vara Cível de São Carlos SP
1º Leilão ~~04/06 - 14:00hs~~  2º Leilão 25/06 - 14:00hs

ID 7323
Lances a partir de **R$ 421.377,34**
Avaliação R$ 702.295,58
Prédio Comercial – Saltinho SP
Imóvel comercial com 350 m² de construção e terreno com área de 216 m². Composto por 3 salas independentes e banheiros.
Juíza: Exma. Dra. Daniela Mie Murata
4ª Vara Cível de Piracicaba SP
1º Leilão ~~13/06 - 09:30hs~~  2º Leilão 03/07 - 09:30hs

ID 7325 LOTE 1
Lances a partir de **R$ 1.713.713,13**
Avaliação R$ 2.142.141,41
Terreno Urbano – Itapetininga SP
Terreno com área total de 3.613 m², localizado a 2 min. da Rod. Raposo Tavares e a 7 min. do centro da cidade.
Juiz: Exmo. Dr. [illegible]
1ª Vara Cível de Itapetininga SP
1º Leilão ~~13/06 - 09:30hs~~  2º Leilão 03/07 - 09:30hs

ID 6640
Lances a partir de **R$ 2.566.030,07**
Avaliação R$ 5.132.060,15
Terreno Urbano – Piracicaba SP
Terreno urbano com área total de 13.000 m², localizado a 5 min. da Rodovia do Açúcar e a 13 min. do centro da cidade.
Juíza: Exma. Dra. Daniela Mie Murata
4ª Vara Cível de Piracicaba SP
1º Leilão ~~13/06 - 10:00hs~~ 2º Leilão 03/07 - 10:00hs

ID 7343
Lances a partir de **R$ 424.845,54**
Avaliação R$ 499.818,28
Imóvel Residencial – Barueri SP
Imóvel com área de 215 m², composto por 3 residências. Localizado a 15 min. do Rodoanel Mário Covas e do Shopping Tamboré.
Juiz: Exmo. Dr. Bruno Paes Straforini
1ª Vara Cível de Barueri SP
1º Leilão ~~13/06 - 11:00hs~~  2º Leilão 03/07 - 11:00hs

ID 7245 DESOCUPADO
Lances a partir de **R$ 413.728,76**
Avaliação R$ 689.547,93
Imóvel Residencial – São Paulo SP
Imóvel com 72 m² de construção e área de terreno de 125 m². Localizado a 8 min. do Metrô Praça da Árvore e a 13 min. do Shopping Plaza Sul.
Juíza: Exma. Dra. [illegible]
2ª Vara Cível de Barueri SP
1º Leilão ~~13/06 - 11:00hs~~  2º Leilão 03/07 - 11:00hs

ID 6866
Lances a partir de **R$ 2.886.772,52**
Avaliação R$ 5.773.545,03
Sítio e Terreno – Bom Jesus dos Perdões SP
Terreno com área de 18,8308 hectares, composto por casa sede, 3 casas de caseiro, 2 curral, portal, viveiro, barracão, espaço de serviços, galinheiro, pocilga, capela e espaço de lazer.
Juíza: Exma. Dra. Patrícia Alcalde Varisco
Vara Única de Nazaré Paulista SP
1º Leilão ~~13/06 - 14:00hs~~ 2º Leilão 03/07 - 14:00hs

ID 7312
Lances a partir de **R$ 502.540,94**
Avaliação R$ 1.005.081,88
Gleba de Terras – Miracatu SP
Reserva legal desmembrada do Sítio Martins com área de 242 hectares. Situado na zona rural de Itariri bairro de Pedro Barros, município de Miracatu/SP.
Juiz: Exmo. Dr. Raul de Aguiar Ribeiro Filho
3ª Vara Cível de Barueri SP
1º Leilão 03/07 - 14:30hs  2º Leilão 24/07 - 14:30hs

Reservamo-nos o direito à correção de possíveis erros de digitação. As informações aqui contidas não substituem o edital.

11 3969 1200 | 0800 789 1200 — 11 95577 1200 — **leje.com.br** — @lejeoficial — Leilão Judicial Eletrônico

Agentes de IA prometem organizar a vida, mas resultados ainda frustram

Tecnologias capazes de entender contexto e tomar decisões pelo usuário começam a sair do papel para contratar serviços, planejar viagens e automatizar respostas

FOLHA TESTA

Pedro S. Teixeira



SÃO PAULO Uma das promessas mais repetidas das empresas de tecnologia nos últimos meses é a de que será possível se divertir e se cuidar melhor sem precisar planejar tanto. O trabalho de pesquisar atividades e colocá-las em um cronograma será responsabilidade dos chamados agentes de inteligência artificial.

De acordo com o CEO da empresa de tecnologia Scoras, Anderson Amaral, o agente, ao contrário do chatbot, entende contexto e tem iniciativa de tomar decisões em nome do usuário.

No entanto, a pessoa define o quanto de liberdade dará ao robô, afirma Amaral. Ele usa, por exemplo, uma IA para dar primeiras respostas a quem o procura, antes de assumir as rédeas da conversa. "Tempos atrás eu usava a minha própria voz clonada, mas eu comecei a achar um pouco antiético e parei", afirma.

A **Folha** testou ferramentas disponíveis na internet para organizar viagens, estudar idiomas, fazer exercícios e cuidar da agenda —quase todas são pagas e ainda engatinham. Em alguns casos, é melhor recorrer ao bom e velho ChatGPT, que tem versão gratuita, do que contratar um agente.

*

Secretária no WhatsApp

No Brasil, os agentes chegaram ao WhatsApp. A Zapia, conhecida por responder a dúvidas e transcrever áudios no WhatsApp, diz que agora será possível fazer pesquisa de preços e contratação de serviços com a ajuda de uma secretária inteligente no aplicativo.

O funcionamento é gratuito e simples: o usuário envia o pedido para a Zapia. Em teste, a **Folha** pediu indicações de barbearias no centro de São Paulo, com preço de até R$ 100. A IA voltou com duas sugestões de salão e deu a opção de entregar um contato conhecido.

A própria IA teria de contatar o barbeiro, se apresentar como assistente da pessoa e perguntar sobre horários e valores. Na simulação feita pela reportagem, a barbearia não respondeu em um prazo de três horas, durante horário comercial, e foi preciso chamar o salão pessoalmente.

O atendente, porém, afirmou que não recebeu a mensagem que o assistente de IA disse ter enviado. Mesmo se desse certo, a única vantagem clara do serviço foi a busca, que poderia ter sido feita no Google ou em um chatbot.

É possível usar a Zapia para agendar lembretes. A IA recorda o usuário do compromisso com mensagens no WhatsApp.

Planejar viagem

A ideia de que um robô poderia comprar bilhetes promocionais diretamente e dar dicas dos melhores lugares para visitar foi uma das primeiras propagandas da OpenAI, ainda em 2023.

Mas pouco das atividades envolvidas é viável por enquanto, devido à diversidade de links e compras que envolvem um passeio completo. É preciso pesquisar voos, acomodações, guias, restaurantes e fazer tudo caber no orçamento do consumidor.

A plataforma Layla tenta tirar a ideia do papel e cobra R$ 60 por mês pelo serviço. O usuário digita um destino e um tempo de viagem. A plataforma pergunta sobre preferências de passeio, acomodação e meio de transporte.

A assistente, então, devolve uma lista de cidades, passeios e preços. O aplicativo, porém, não consegue trabalhar dentro dos orçamentos indicados, e o usuário precisa alterar as sugestões para fazer o preço baixar. As dicas de pacotes estão sempre ligadas a grandes plataformas.

Por ora, é mais eficiente usar apps de viagens e acomodações como Booking e Skyscanner. Perguntar para o ChatGPT também dá ideias mais diversas de passeio. Juntando as informações, o viajante consegue montar um cronograma mais interessante.

Fazer exercício

Outra solução vendida pelo mercado é o treinador de IA. Aplicativos como o Zing conseguem analisar os dados de saúde, com mais detalhe se o usuário tiver relógio, acompanhar a dinâmica do movimento por meio das câmeras e dar instruções por voz, criada também por IA.

O aplicativo monta um plano de treino com base nas preferências do usuário, que podem variar entre saúde, melhora no preparo físico e ganho de massa muscular.

Para a reportagem da **Folha**, o app preparou uma rotina que envolvia aquecimento, além de fortalecimento muscular, em cinco dias da semana. Um dia ficou reservado para alongamento e recuperação. Na proposta de treino escolhida, sem uso de halteres, a IA entregou uma rotina com exercícios simples. O maior diferencial foi o uso da câmera para checar se a dinâmica dos exercícios está correta.

Profissionais de educação física, no entanto, contestam se o aplicativo consegue identificar erros de execução no detalhe e se há uma abordagem correta para incentivar o desenvolvimento de consciência corporal.

Estudar idiomas

O Duolingo começou a lançar opções de IA generativa no fim do ano passado, ao adicionar aulas com uma inteligência artificial que assume a aparência de um dos personagens do aplicativo.

Embora não trabalhe com contexto, o recurso tem um nível de autonomia ao propor o tema da conversa, perguntando sobre hobbies ou comidas favoritas no idioma indicado.

Não há, no entanto, um trabalho para corrigir os erros e ensinar particularidades da língua em estudo. As videochamadas com a Lily, como se chama o serviço, estão inclusas dentro do plano Duolingo Max, que custa R$ 399,90 por mês.

Conversar diretamente com chatbots, como o ChatGPT e o Claude, teve melhores resultados para a reportagem. Nenhuma das abordagens se comparou a uma aula de verdade ou propôs um cronograma pedagógico.

No trabalho

Google e Microsoft incrementaram versões com algum nível de autonomia de suas IAs aos seus aplicativos de trabalho, como documentos, planilhas, slides e videoconferências.

Foi destaque no último evento do Google, por exemplo, uma IA que verá arquivos e emails do usuário para escrever respostas no lugar dele. O usuário, no fim, decide se quer editar a proposta e confirma o envio da mensagem.

Outra ferramenta que chamou atenção foi um tradutor instantâneo de voz no Google Meet. A voz virtual que diz as frases traduzidas soa parecida com a original.

Esses recursos só estão disponíveis para quem assina o plano premium de R$ 81,80 mensais —o preço anual é de R$ 980.

A Microsoft também oferece assistentes que marcam compromissos, agilizam a resposta de emails e auxiliam na criação de fórmulas para planilhas. A assinatura sai por R$ 110 ao mês.

+ Veja preços e como acessar

Zapia
- Quanto custa: gratuito
- Como acessar: conversar com o número +55 11 3230-2407 no WhatsApp

Layla
- Quanto custa: R$ 60 por mês
- Como acessar: https://layla.ai/pt ou baixe o app na Apple Store ou no Google Play

Zing
- Quanto custa: US$ 9,99 (R$ 55,35) por mês ou US$ 99,99 (R$ 553,95) por ano, equivalente a US$ 8,33 (R$ 46,15) por mês
- Como acessar: https://www.zing.coach/ ou baixe o app na Apple Store ou no Google Play

Duolingo Max
- Quanto custa: R$ 399,90 por mês
- Como acessar: https://pt.duolingo.com/ ou baixe o app

Google Workspace
- Quanto custa: plano premium de R$ 81,80 mensais
- Como acessar: https://workspace.google.com/pricing?hl=pt ou baixe o app na loja oficial

Microsoft Copilot
- Quanto custa: R$ 110 por mês
- Como acessar: https://www.microsoft.com/pt-br/store/b/copilotpro ou baixe o app na loja oficial

Santander
LEILÃO DE IMÓVEIS COMERCIAIS
* SOMENTE ONLINE *
BIASI leilões
Dia 03 de Julho de 2025 às 11:00 horas.
08 Oportunidades em: SP, RJ, RS, PR e RN | Confira e Aproveite!!!
À vista, Parcelado ou Financiado conforme edital. Mais informações: (11) 4083-2575 / www.biasileiloes.com.br
Leiloeiro Oficial: Eduardo Consentino - JUCESP nº 816 | João Victor Barroca Galeazzi - Preposto em exercício.

BIASI leilões
Leilão de 09 Imóveis (Residenciais e Comerciais) e 02 Terrenos em: SC, RN, PB, SP, CE e TO.
Dia 24 de Junho de 2025 às 15:00 horas.
SOMENTE ONLINE | IMPERDÍVEL! CONFIRA E APROVEITE!!!
À vista ou Parcelado em até 12 vezes conforme edital. Mais informações: (11) 4083-2575 ou www.biasileiloes.com.br
Leiloeiro Oficial: Eduardo Consentino - JUCESP nº 816 | João Victor Barroca Galeazzi - Preposto em exercício.

Creditas
LEILÃO DE IMÓVEIS
SOMENTE ONLINE
BIASI leilões
dia 20 de Junho de 2025 às 11:30 horas.
01 Casa em Manaus/AM e 01 Sala Comercial em Brasília/DF | Confira e Aproveite!
À VISTA OU PARCELADO EM ATÉ 3 VEZES CONFORME EDITAL. Mais informações: (11) 4083-2575 ou www.biasileiloes.com.br
Leiloeiro Oficial: Eduardo Consentino - JUCESP nº 816 | João Victor Barroca Galeazzi - Preposto em exercício.

GUSTAVO REIS
EDITAL DE LEILÃO EXTRAJUDICIAL | ON-LINE
LEILÃO DE ALIENAÇÃO FIDUCIÁRIA
Remaza
APARTAMENTO CIDADE TIRADENTES/SP
Gustavo Cristiano Samuel Reis, Leiloeiro Público Oficial, matrícula JUCESP nº 790, devidamente autorizado pelo Credor Fiduciário **Remaza Administradora de Consórcio LTDA.**, com sede em São Paulo, Capital, à Rua Pedroso, nº 407 – Térreo, 1º, 2º e 3º andares, Bairro Liberdade, inscrita no CNPJ nº 62.354.055/0001-57, levará à **PÚBLICO LEILÃO**, sito à Rua Pais Leme, 347, 20º andar - Pinheiros, 05424-150 - São Paulo/SP – São Paulo/SP, Edifício Thera Faria Lima. On-line através do sítio eletrônico **www.gustavoreisleiloes.com.br**, o imóvel abaixo descrito. **IMÓVEL:** Apartamento nº32-A, localizado no 3º pavimento do CONDOMÍNIO PETRÓPOLIS, situado Rua 9-B nº 101, integrante do CONJUNTO HABITACIONAL SANTA ETELVINA 1/VI-A, no DISTRITO DE GUAIANAZES, com área útil de 34,62m2, área comum de 4,00m2, área total de 38,62m2, e fração ideal no terreno de 1,0067%, ou 23,25m2. Av 03 de 08/01/2014 – "...faço constar que a rua 9-B, **denomina-se atualmente rua Sotor de Araujo**, conforme Decreto Municipal nº 37.905/00". **MATRÍCULA:** 94.653 do 7º Cartório de Registro de Imóveis de São Paulo/SP. Insc. Municipal: 245.094.0070-3. **Primeiro Leilão:** Dia 23 de Julho de 2025 às 14h00. Valor Mínimo: R$ 132.000,00 (Cento e trinta e dois mil reais). **Segundo Leilão:** Dia 30 de Julho de 2025 às 14h00. Valor Mínimo: R$ 176.387,72 (Cento e setenta e seis mil, trezentos e oitenta e sete reais e setenta e dois centavos). A consolidação da propriedade para a Administradora se deu em 29/05/2025. Correrão por conta do comprador todas as despesas relativas à aquisição do imóvel no leilão, tais como: pagamento de 5% (cinco por cento) a título de comissão do Leiloeiro sobre o valor de arrematação e no ato da arrematação, Escritura Pública, Imposto de Transmissão, Foro, laudêmio, taxas, alvarás, certidões, emolumentos cartorários, registros, averbações, eventuais débitos condominiais etc. O proponente vencedor por meio de lance On-line terá prazo de até 24 (vinte e quatro) horas depois de comunicado expressamente, para efetuar o pagamento da totalidade do preço e da comissão do Leiloeiro Público Oficial. O lance uma vez ofertado pelo participante do leilão, é irretratável e uma vez sagrando-se vencedor no certame, obriga o proponente para todos os efeitos legais, inclusive e especialmente no que diz respeito à obrigação de pagar a comissão devida ao Sr. Leiloeiro Público, a qual poderá ser executada na forma do Dec. 21.981/1.932, independentemente de eventual desistência posterior. Correrão por conta do arrematante, todas as despesas relativas à emissão de certidões, averbação da incorporação societária e transferência do imóvel arrematado, tais como, taxas, alvarás, certidões, registros, ITBI, emolumentos, débitos condominiais, etc. As demais condições obedecerão ao que regula o Decreto nº 21.981 de 19 de outubro de 1.932, com as alterações introduzidas pelo Decreto nº 22.427 de 1º de fevereiro de 1.933, que regula a profissão de Leiloeiro Público Oficial. O imóvel será vendido no estado em que se encontra, não podendo o arrematante alegar desconhecimento das condições, características e estado de conservação. Ocorrerá por conta do comprador, porém a reintegração na posse poderá ser solicitada de acordo com o disposto no Artigo nº 30, da Lei nº 9.514/97, em 60 dias. Maiores informações no escritório do Leiloeiro Tel. (11) 5170-0707 ou através do e-mail atendimento@gustavoreisleiloes.com.br.
Informações: (11) 5170-0707 ou www.gustavoreisleiloes.com.br

Eufrázio

BIASI LEILÕES

LEILÃO DE ALIENAÇÃO FIDUCIÁRIA | PRESENCIAL ON-LINE

Alienação Fiduciária Itaú

1º Leilão: dia 24/06/2025 às 14h00 2º Leilão: dia 04/07/2025 às 14h00

EDUARDO CONSENTINO, [illegible] (**JOÃO VICTOR BARBOSA GALEAZZI** – preposto em exercício), com escritório à Av. Fagundes Filho, 145, Conjunto 22, Vila Monte Alegre, São Paulo/SP, devidamente autorizado pelo Credor Fiduciário **ITAÚ UNIBANCO S/A**, [illegible] **VENDEDOR**, [illegible] Financiamento com Garantia de Alienação Fiduciária de Imóvel e Outras Avenças [illegible], no qual figura como fiduciante, **CAMILA DE CARVALHO TEIXEIRA**, [illegible] de atendimento ao cliente, residente e domiciliada em São Paulo/SP, levará a **PÚBLICO LEILÃO** de modo **Presencial e On-line**, nos termos da Lei nº 9.514/97, artigo 27 e parágrafos, no dia **24 de junho de 2025, às 14:00 horas**, à Av. Fagundes Filho, 145, Conjunto 22, Vila Monte Alegre, São Paulo/SP, em **PRIMEIRO LEILÃO**, [illegible] **R$ 372.977,59 (Trezentos e setenta e dois mil, novecentos e setenta e sete reais e cinquenta e nove centavos)**, o imóvel a seguir descrito, com a propriedade consolidada em nome do credor Fiduciário, constituído pelo **O APARTAMENTO nº 12, localizado no 1º pavimento do BLOCO A, do "CONDOMÍNIO DOCE PENHA", situado na Rua Jaime Teixeira, esquina da Rua Vicente de Souza Barros, no 41º Subdistrito – Cangaíba, contendo a área privativa de 52,146 m², a área comum de 42,371 m², totalizando 94,517 m², correspondendo-lhe uma fração ideal no terreno de 0,002731, cabendo-lhe o direito ao uso de 01 vaga localizada em área comum de forma indeterminada.** O imóvel recebeu o nº 91 da Rua Jaime Teixeira. **Matrícula nº 83.812 do 17º Oficial de Registro de Imóveis de São Paulo/SP.** [illegible] nos termos do art. 30 da lei 9.514/97. Caso não haja licitante em primeiro leilão, fica desde já designado o **dia 04 de julho de 2025, às 14:00 horas**, no mesmo local, para realização do **SEGUNDO LEILÃO**, [illegible] **R$ 233.470,55 (Duzentos e trinta e três mil, quatrocentos e setenta reais e cinquenta e cinco centavos)**. [illegible] (www.biasileiloes.com.br), em catálogos ou em qualquer outro veículo de comunicação consideram o horário oficial de Brasília-DF. [illegible] dos datas, horários e locais da realização dos leilões fiduciários, mediante correspondência dirigida aos endereços constantes do contrato, inclusive ao endereço eletrônico ou por edital, se aplicável, [illegible] conforme estabelecido no parágrafo 2º-B do mesmo artigo, ainda que outros interessados já tenham efetuado lances, para o respectivo lote do leilão. [illegible] do leilão, com exceção do devedor fiduciante, que poderá adquirir o imóvel preferencialmente em 1º e 2º leilão. Os interessados em participar do leilão de modo on-line, deverão se cadastrar no site www.biasileiloes.com.br [illegible] opção HABILITE-SE, [illegible] prazo. A venda será efetuada em caráter "ad corpus" e no estado de conservação em que se encontra. [illegible] imóvel, condicionado ao não exercício do direito de preferência pelo devedor fiduciante, para efetuar o pagamento, por meio de transferência bancária, da totalidade do preço e da comissão do leiloeiro correspondente a 5% sobre o valor do arremate. **A transferência bancária deverá ser realizada por meio de conta bancária de titularidade do arrematante ou do devedor fiduciante, mantida em instituição financeira autorizada pelo BCB – Banco Central do Brasil.** As demais condições obedecerão ao que regula o Decreto nº 21.981 de 19 de outubro de 1.932, com as alterações introduzidas pelo Decreto nº 22.427 de 1º de fevereiro de 1.933, que regula a profissão de Leiloeiro Oficial.

Mais informações: (11) 4083-2575 | www.biasileiloes.com.br

COMERCIÁRIOS CAMPINAS

SEGUNDO (2º) EDITAL – ELEIÇÃO 2025 – CHAPA INSCRITA
SINDICATO DOS COMERCIÁRIOS DE CAMPINAS, PAULÍNIA E VALINHOS
(CNPJ nº 46.106.779/0001-25)

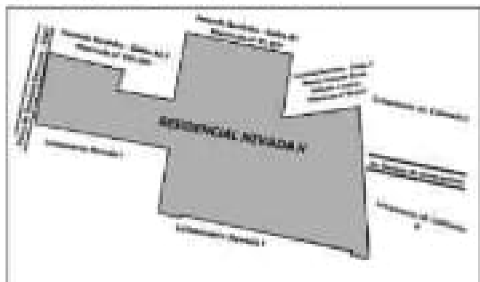
Sindicato dos Comerciários de Campinas, Paulínia e Valinhos, com sede a Rua Lusitana, 839, Centro, CEP 13015-121, Campinas/SP, com base territorial nos municípios de Campinas, Paulínia e Valinhos e seus respectivos distritos. Pelo presente edital faço saber que conforme previsto do Estatuto desta entidade, no dia 13/06/2025 as 17h30, encerrou-se o prazo para inscrição de chapas, referente a Assembleia Eleitoral para a composição da Diretoria Executiva, Conselho Fiscal, Delegados Federativos e Conselho Consultivo, e respectivos suplentes, conforme Edital publicado no dia 08/06/2025, no Jornal "O Estado de São Paulo", página B3, Caderno Economia e Negócios e no Jornal "Folha de São Paulo", página A23, comparecendo na Secretaria do Sindicato apenas uma chapa com interessados em participar do pleito composta da seguinte forma CHAPA Nº 01: DIRETORIA EXECUTIVA – **Aparecido Nunes da Silva** – Diretor Presidente; **Ana Cristina Luigi dos Anjos** – Diretor Vice-Presidente; **João Eduardo Neto Gemis** – Diretor Secretário; **William Pedro Luz** – Diretor Financeiro - **José Geraldo Stecca** – Diretor Aposentados; **Marcos José dos Santos** – Diretor de Patrimônio; **Flavia Louvison Dezordi** – Diretor Assuntos da Mulher; SUPLENTES DE DIRETORIA: **Carlos Antunes Vieira de Souza, Rafael Nunes da Silva, Cristiano Mandú, Maria Gesilene dos Santos Gonçalves, Suzi Luiz Ferreira, João Carlos de Almeida, André Henrique Bissoli**; DELEGADOS FEDERATIVOS: **Aparecido Nunes da Silva e Oziel Nunes da Silva**; DELEGADOS FEDERATIVOS SUPLENTES: **Olivina Teixeira Lemes Bertani e Wilson Andersen**; MEMBROS EFETIVOS DO CONSELHO FISCAL: **Cristiane Santos Camargo de Andrade Almeida, Creudemir Lazzari e Rubens Camargo**; MEMBROS SUPLENTES DO CONSELHO FISCAL: **Vilma Aparecida Scorsato Piva, José Araldi e Américo Evaristo**; MEMBROS DO CONSELHO CONSULTIVO: **Vera Salustiano da Silva, Vanderley Coradini, Ildes Tavares de Souza, Terezinha Piratello Rondini, Hilda Antonieta Missio da Silva**; MEMBROS SUPLENTES DO CONSELHO CONSULTIVO: **Elidia Bonaldo Mori, Dirce Bernardo da Silva, Rute Kinpeldes Maggi, Cassia Aparecida Ferracini, Jair de Melo Saraiva, Olga Vivaldi.**

Tendo em vista o registro de chapa única o processo de votação será por **aclamação**, conforme definido pela Diretoria Executiva. Confirmando que a eleição ocorrerá em **18/07/2025, em primeira convocação as 16 horas ou em segunda convocação as 16h30, na sede do sindicato.** Fica aberto o prazo de 03 (três) dias para o oferecimento de impugnação contra a candidatura de qualquer candidato, que deverá ser formulada conforme Estatuto e dirigida ao Presidente do Sindicato.

Campinas, 15 de junho de 2025.

Aparecido Nunes da Silva
Presidente

OFICIAL DE REGISTRO DE IMÓVEIS E ANEXOS: Avenida Antonio Paschoal nº 175 - CEP 14160-005 – Fone: (16) 3942-5618. **COMARCA DE SERTÃOZINHO – ESTADO DE SÃO PAULO.** Oficial: José Antonio Rodrigues Francisco. Substituta do Oficial: Andréia C. Corbo Mussin Storto. Loteamento Residencial e Comercial **"RESIDENCIAL NEVADA II"** Barrinha/SP. **EDITAL: JOSÉ ANTONIO RODRIGUES FRANCISCO**, Oficial do Registro de Imóveis e Anexos desta Comarca de Sertãozinho, Estado de São Paulo, na forma da Lei, **FAZ SABER**, a todos quantos o presente edital virem ou dele conhecimento tiverem que, por parte das proprietárias: **1) LOTEAMENTO SERGIO VELLUDO LIMITADA**, CNPJ nº 25.999.348/0001-76 e NIRE nº 35230035255, com sede na cidade de Ribeirão Preto/SP, na Rua Campos Sales nº 824, apartamento nº 201; **2) SEVEROS – EMPREENDIMENTOS IMOBILIÁRIOS SPE LTDA**, inscrita no CNPJ/MF sob nº 52.241.190/0001-32 e NIRE 35262226001, com sede na cidade de Ribeirão Preto/SP, na Rua Rui Barbosa nº 500, apto 133, Centro; **3) GRANADA EMPREENDIMENTOS IMOBILIÁRIOS SPE LTDA**, inscrita no CNPJ/MF sob nº 52.471.126/0001-48 e NIRE 35262365803, com sede na cidade de Ribeirão Preto/SP, na Avenida Presidente Vargas nº 1265, Jardim São Luiz; **4) G.R MEIRELLES - EMPREENDIMENTOS IMOBILIÁRIOS SPE LTDA**, inscrita no CNPJ/MF sob nº 52.918.639/0001-15 e NIRE 35262812941, com sede na cidade de Ribeirão Preto/SP, na Rua Carlos Chagas nº 179; **5) ELISA MEIRELLES EMPREENDIMENTOS IMOBILIÁRIOS SPE LTDA**, inscrita no CNPJ/MF sob nº 53.164.787/0001-93 e NIRE 35262753544, com sede na cidade de Guarujá/SP, na Avenida Puglisi nº 195, apto 84, bairro Pitangueiras; e, **6) A.F. MEIRELLES FAZENDA BARRINHA II SPE LTDA**, inscrita no CNPJ/MF sob nº 52.287.467/0001-68 e NIRE 35262261196, com sede na cidade de São Paulo/SP, na Avenida Princesa Leopoldina nº 595, apto. 22, bairro Alto da Lapa, foram apresentados e depositados neste Ofício Registral, situado na Avenida Antonio Paschoal nº 175, os documentos necessários e exigidos pelo artigo 18 da Lei Federal nº 6.766, de 19 de dezembro de 1979. **Lei do Parcelamento do Solo Urbano**, para o registro do loteamento denominado **"RESIDENCIAL NEVADA II"**, situado no perímetro urbano do município de Barrinha, desta comarca de Sertãozinho, composto por lotes residenciais/comerciais (mistos), tendo acesso principal pela Avenida Mariana de Souza Gomes, contendo 750 (setecentos e cinquenta) lotes, distribuídos em 21 (vinte e uma) quadras, designadas numericamente por quadras 01, 02, 03, 04, 05, 06, 07, 08, 09, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20 e 21, contendo ainda áreas públicas compostas por: Sistema Viário; 01 (uma) Área Verde; 03 (três) Áreas Institucionais; e, 01 (um) Sistema de Lazer. Os Lotes (área vendável) totalizam 160.895,99 metros quadrados, ou 50,21% da gleba; o Sistema Viário contém 88.673,84 metros quadrados ou 27,67% da gleba; a Área Verde contém 24.480,76 metros quadrados, ou 7,64% da gleba; as Áreas Institucionais contêm 38.057,18 metros quadrados, ou 11,87% da gleba; e, o Sistema de Lazer contém 8.374,23 metros quadrados, ou 2,61% da gleba, sendo de **trezentos e vinte mil, quatrocentos e oitenta e dois (320.482,00 m²) metros quadrados** a área global, adquirida conforme **Matrícula 95.430** de 28 de abril de 2023, e os registros nºs **R.3/95.430** de 20 de março de 2024, **R.4/95.430** de 20 de março de 2024, **R.6/95.430** de 26 de março de 2024, **R.7/95.430** de 08 de abril de 2024, e **R.8/95.430** de 26 de abril de 2024, todos do Livro 2 – Registro Geral, deste Ofício, cujo imóvel confronta no todo com a faixa de domínio de propriedade de RFFSA – Rede Ferroviária Federal S/A, com a Fazenda Barrinha - Gleba A2.1 (matrícula nº 100.680), com a Fazenda Barrinha – Gleba A1 (matrícula nº 95.429), com a Fazenda Barrinha – Gleba C (matrícula nº 90.641), com os loteamentos Jardim Colorado I, Jardim Califórnia II e Residencial Nevada I. O projeto foi aprovado pela Prefeitura Municipal de Barrinha/SP em 06 de dezembro de 2024, Decreto Municipal nº 044/2024 de 1º de dezembro de 2024; aprovado pelo Grupo de Análise e Aprovação de Projetos Habitacionais - GRAPROHAB em 19 de novembro de 2024, Certificado nº 383/2024. **RESTRIÇÕES URBANÍSTICAS**: São aquelas impostas no contrato padrão de venda de lotes e pela Prefeitura Municipal de Barrinha, em legislação própria aplicável a loteamentos urbanos, conforme zoneamento por ela determinado. Os lotes terão como uso urbanístico a destinação residencial/comercial (mista), e não poderão ter sua destinação alterada ou utilização modificada, a não ser em virtude da lei, conforme artigo 6º, inciso II, do Decreto Municipal nº 044/2024. Decorrido o prazo de quinze (15) dias contados da data da última publicação deste edital, em periódico diário em três (3) dias consecutivos, **não havendo qualquer impugnação e cumpridas as demais formalidades legais**, será feito o registro do loteamento. E para que chegue ao conhecimento de todos, foi expedido o presente edital, **ficando os documentos à disposição dos interessados para exame durante as horas regulamentares do expediente do Ofício.** Sertãozinho, aos onze dias do mês de junho do ano de dois mil e vinte e cinco (11/06/2025). Eu, Andréia Cristina Corbo Mussin Storto, Substituta do Oficial, conferi, subscrevi e assino. ANDREIA CRISTINA CORBO MUSSIN STORTO:07141188851. **Documento assinado eletronicamente nos padrões ICP-Brasil, nos termos da Medida Provisória nº 2.200-2, de 24/08/2001**, por: ANDREIA CRISTINA CORBO MUSSIN STORTO - Substituta do Oficial.



Bancos têm 1,9 milhão de tentativas de fraude no 1º trimestre

Júlia Galvão

SÃO PAULO O setor de bancos e cartões registrou 1,9 milhão de tentativas de fraude no primeiro trimestre de 2025, segundo a Serasa Experian. O total, de 1.871.979, representa alta de 21,5% em relação ao mesmo período do ano passado.

Caso fossem bem-sucedidas, essas ações poderiam gerar um prejuízo superior a R$ 15,7 bilhões. O Indicador de Tentativas de Fraude aponta ainda que o sistema financeiro concentrou 54% de todas as tentativas de fraude registradas entre janeiro e março deste ano.

Segundo o Relatório de Identidade e Fraude 2025, os golpes com cartão de crédito continuam sendo os mais frequentes: 53,8% dos brasileiros afirmam já ter sido vítimas ou conhecer alguém que foi. Essa também é a fraude que mais preocupa a população, com 27,5% dos entrevistados indicando-a como a mais temida.

Na sequência, aparecem os segmentos de serviços (31,9%), instituições financeiras (6,7%), telefonia (5,7%) e varejo (1,7%).

O diretor de autenticação e prevenção a fraudes da Serasa Experian, Caio Rocha, diz que o setor de bancos e cartões segue sendo o epicentro das fraudes digitais no Brasil, com volume e sofisticação cada vez maiores por parte dos golpistas. "Investir em tecnologias que detectam comportamentos suspeitos em tempo real é essencial para proteger milhões de transações financeiras, reduzindo perdas e fortalecendo a confiança no sistema bancário."

Neste ano, a Serasa Experian projeta evitar que mais de R$ 70 bilhões em fraudes sejam concretizados no país. Apenas neste semestre, foram registradas cerca de 2,8 milhões de tentativas de golpe em todo o território nacional. A empresa destaca ainda que, durante o tempo de uma partida de futebol ocorrem, em média, mais de 1.800 tentativas de fraude de identidade.

Para evitar golpes e fraudes na internet os consumidores podem seguir recomendações simples como pesquisar sobre a empresa em sites de avaliação, conferir a opinião de outros usuários, guardar comprovantes de compras e desconfiar de preços muito abaixo dos praticados no mercado.

Se notar compras que não reconhece no cartão de crédito ou a contratação de um empréstimo em seu nome, a primeira providência deve ser entrar em contato com a instituição financeira responsável. No caso de cartões de crédito ou débito, solicite imediatamente o cancelamento e informe a operadora sobre a possível fraude. Também é necessário registrar um boletim de ocorrência online ou em delegacia.

Medidas melhoram a política tributária

MP que compensa recuo no IOF tem princípio correto; incomoda o improviso

Samuel Pessôa

Pesquisador do BTG Pactual e do FGV Ibre e doutor em economia

O ministro da Fazenda, Fernando Haddad, enviou a medida provisória que revisa a tributação sobre diversos instrumentos financeiros (MP 1.303). As medidas compensam um recuo importante no decreto de 22 de maio que elevou o IOF.

Em relação a diversos investimentos, a MP troca alíquota cadente à medida que aumenta o prazo por uma alíquota única, de 17,5%. Antes, para aplicações de até 180 dias, a alíquota era de 22,5%, diminuindo gradativamente para 15% em prazos maiores.

Há diversos títulos de investimento em renda fixa que são incentivados. Para estes, passa a valer, para 2026 se a MP for aprovada, uma alíquota de 5% sobre o rendimento. Eles continuam sendo incentivados, uma vez que, para os demais, a alíquota será de 17,5%.

A contrapartida dessas medidas que elevam a carga tributária foi o recuo no IOF para operações de crédito. O IOF incidente sobre o crédito de empresas terá alíquota fixa de 0,38%, como já era antes do decreto que elevou o imposto, e a alíquota diária será de 0,0082%, como ocorre no crédito para as pessoas físicas. Para as aplicações de risco sacado, a redução foi maior, com a reversão para zero da alíquota fixa.

As medidas da MP 1.303 são inúmeras. Me parece correto o princípio básico da MP: reduzir muito o IOF sobre operações de crédito das empresas em troca de elevar a tributação sobre aplicações financeiras incentivadas e de retirar o incentivo tributário ao alongamento do prazo para investimentos em títulos de renda fixa. Comparado à situação em seguida ao primeiro decreto de IOF, de 22 de maio, aumentou a eficiência da estrutura tributária.

Falta plano fiscal consistente que sinalize uma consolidação fiscal e a capacidade de em tempo hábil estabilizar a trajetória da dívida pública; nessas questões, todos são sócios de nosso desequilíbrio fiscal

O incômodo é o improviso. A falta de plano fiscal consistente que sinalize uma consolidação fiscal e a capacidade de em tempo hábil conseguir estabilização da trajetória da dívida pública.

Nessas questões, todos são sócios de nosso desequilíbrio fiscal. Essa conta não é somente do Executivo. Meu colega Bráulio Borges, em sua coluna aqui de sexta-feira (13), detalhou a contribuição do Congresso Nacional ao desequilíbrio fiscal.

O que temos visto ao longo da semana é o debate eleitoral. Quando o Congresso Nacional diz que deseja medidas de corte de despesa pelo Executivo, ou demanda que o Executivo deixe de enfrentar o problema fiscal pela elevação da carga tributária, o subtexto é o seguinte: "Executivo, enfrente o problema do gasto estrutural. Reconheça publicamente que temos que mudar a regra de ajuste real do salário mínimo e o indexador da despesa mínima que a Constituição estipula que a União tem que gastar com saúde e educação".

A resposta do Executivo é: "O tema do crescimento automático do gasto obrigatório em razão das regras de reajuste do salário mínimo e dos mínimos constitucionais em saúde e educação ficará para 2027. Agora é hora de vocês ajudarem a política fiscal, mesmo porque, se houver contingenciamento, ele afetará as suas emendas também".

Minha avaliação é que essa disputa será vencida pelo Executivo. O Congresso dará os recursos necessários para fechar o Orçamento e empurraremos o ajuste fiscal estrutural para 2027. Com uma dívida pública 11 ou 12 pontos percentuais do PIB maior do que a legada pelo governo anterior e um déficit fiscal estrutural próximo a 2% do PIB, também maior do que o legado pelo governo anterior.

SP registra 1º caso de gripe aviária no ano em ave silvestre

São Paulo

O governo de São Paulo confirmou nesta sexta-feira (13) o primeiro caso de gripe aviária no estado em 2025.

O registro foi feito em uma ave silvestre migratória, que não estava em granja e não era comercializada ou utilizada para produção de alimentos. Segundo a Secretaria de Estado da Agricultura, a ave pertence à família Marreca-caneleira (Dendrocygna bicolor) e foi localizada no centro de Diadema (Grande SP).

"A coordenadoria de defesa agropecuária (CDA) da Secretaria de Agricultura e Abastecimento atuou rapidamente no isolamento da ave, sendo esta examinada com colheita de amostras. A ave foi encontrada sem reação à presença humana e apresentava sinais clínicos como dificuldade de voar, letargia e com alterações respiratórias e neurológicas", disse a secretaria em nota neste sábado (14).

Por se tratar de uma ave silvestre, não é necessário declarar embargos nas exportações de carnes e ovos na região. Dessa forma, os status sanitários de São Paulo e do Brasil não sofrem alteração perante a OMSA (Organização Mundial de Saúde Animal) e o governo afirma não existir risco à população nem impacto na produção agrícola.

De acordo com a Defesa Agropecuária, não existem estabelecimentos avícolas comerciais no raio de dez quilômetros do local onde a ave foi encontrada e serão realizadas ações de vigilância epidemiológica na área com o objetivo de mapear possíveis casos de mortalidade em aves ou a existência de sintomas semelhantes à gripe aviária nos animais da região. A orientação dos agentes de segurança é nunca tocar em aves que possam apresentar sinais clínicos de influenza aviária. O consumo de aves e ovos não transmite a doença, diferentemente do contato direto com o animal.

"A infecção humana ocorre principalmente por contato direto com aves infectadas, portanto aves doentes ou mortas não devem ser manipuladas sem a utilização de equipamento de proteção individual (EPI) e a Defesa Agropecuária deve ser acionada imediatamente caso ocorra alguma suspeita da doença ou identificação de aves mortas."

BIASI LEILÕES

LEILÃO DE ALIENAÇÃO FIDUCIÁRIA | PRESENCIAL ON-LINE

Alienação Fiduciária itaú

1º Leilão: dia 24/06/2025 às 14h00 2º Leilão: dia 04/07/2025 às 14h00

EDUARDO CONSENTINO leiloeiro oficial inscrito na JUCESP nº 616 **(JOÃO VICTOR BARROCA GALEAZZI – preposto em exercício)**, com escritório à Av. Fagundes Filho, 145, Conjunto 22, Vila Monte Alegre, São Paulo/SP, devidamente autorizado pelo Credor Fiduciário **ITAÚ UNIBANCO S/A**, doravante designado **VENDEDOR**, inscrito no CNPJ sob nº 60.701.190/0001-04, com sede na Praça Alfredo Egydio de Souza Aranha, nº 100, Torre Olavo Setubal, na Cidade de São Paulo/SP, nos termos do Instrumento Particular de Venda e Compra de Bem Imóvel, Financiamento com Garantia de Alienação Fiduciária de Imóvel e Outras Avenças nº [illegible], firmado em [illegible], no qual figura como Fiduciante, **MICHELLE REBECA DE SOUSA TORRES**, portadora da CNH nº [illegible]-DETRAN/DF, inscrita no CPF/MF sob o nº [illegible], [illegible], levará a **PÚBLICO LEILÃO** de modo **Presencial e On-line**, nos termos da Lei nº 9.514/97, artigo 27 e parágrafos, em **dia 24 de junho de 2025, às 14:00 horas**, à Av. Fagundes Filho, 145, Conjunto 22, Vila Monte Alegre, São Paulo/SP, em **PRIMEIRO LEILÃO**, com lance mínimo igual ou superior a **R$ 395.828,57 (Trezentos e noventa e cinco mil, oitocentos e vinte e oito reais e cinquenta e sete centavos)**, o imóvel a seguir descrito, com a propriedade consolidada em nome do credor Fiduciário, constituído por **LOTE 29, CONJUNTO 16, QUADRA 405, Samambaia/Distrito Federal, medindo 7,00m de frente, 7,00m de fundos, 18,00m pela lateral direita, 18,00m pela lateral esquerda, ou seja, 126,00 m², limitando-se pela frente com Via Pública, pelos fundos com o lote 12, pela lateral direita com o lote 30 e pela lateral esquerda com o lote 28, todos do mesmo conjunto e quadra. No terreno foi edificado UM PRÉDIO com área total construída de 108,86 m². Matrícula nº 163.482 do 3º Ofício do Registro Imobiliário do Distrito Federal.** Obs.: Ocupado. Desocupação por conta do adquirente, nos termos do art. 30 da lei 9.514/97. Caso não haja licitante em primeiro leilão, fica desde já designado o **dia 04 de julho de 2025, às 14:00 horas**, no mesmo local, para realização do **SEGUNDO LEILÃO**, com lance mínimo igual ou superior a **R$ 198.332,66 (Cento e noventa e oito mil, trezentos e trinta e dois reais e sessenta e seis centavos)**. [illegible] **A transferência bancária deverá ser realizada por meio de conta bancária de titularidade do arrematante ou do devedor fiduciante, mantida em instituição financeira autorizada pelo BCB – Banco Central do Brasil.** As demais condições obedecerão ao que regula o Decreto nº 21.981 de 19 de outubro de 1.932, com as alterações introduzidas pelo Decreto nº 22.427 de 1º de fevereiro de 1.933, que regula a profissão de Leiloeiro Oficial.

Mais informações: (11) 4083-2575 | www.biasileiloes.com.br

BIASI LEILÕES

LEILÃO DE ALIENAÇÃO FIDUCIÁRIA | PRESENCIAL ON-LINE

Alienação Fiduciária itaú

1º Leilão: dia 24/06/2025 às 14h00 2º Leilão: dia 04/07/2025 às 14h00

EDUARDO CONSENTINO leiloeiro oficial inscrito na JUCESP nº 616 **(JOÃO VICTOR BARROCA GALEAZZI – preposto em exercício)**, com escritório à Av. Fagundes Filho, 145, Conjunto 22, Vila Monte Alegre, São Paulo/SP, devidamente autorizado pelo Credor Fiduciário **ITAÚ UNIBANCO S/A**, doravante designado **VENDEDOR**, inscrito no CNPJ sob nº 60.701.190/0001-04, com sede na Praça Alfredo Egydio de Souza Aranha, nº 100, Torre Olavo Setubal, na Cidade de São Paulo/SP, nos termos do Instrumento Particular de Venda e Compra de Bem Imóvel, Financiamento com Garantia de Alienação Fiduciária [illegible] **SANDRA MARIA** [illegible] **PÚBLICO LEILÃO** de modo **Presencial e On-line** [illegible] **APARTAMENTO Nº 101** [illegible] **"EDIFÍCIO EXCELLENCE KLABIN"** [illegible] **A transferência bancária deverá ser realizada por meio de conta bancária de titularidade do arrematante ou do devedor fiduciante, mantida em instituição financeira autorizada pelo BCB – Banco Central do Brasil.** [illegible]

Mais informações: (11) 4083-2575 | www.biasileiloes.com.br

BIASI LEILÕES

LEILÃO DE ALIENAÇÃO FIDUCIÁRIA | PRESENCIAL ON-LINE

Alienação Fiduciária itaú

1º Leilão: dia 24/06/2025 às 14h00 2º Leilão: dia 04/07/2025 às 14h00

EDUARDO CONSENTINO leiloeiro oficial inscrito na JUCESP nº 616 **(JOÃO VICTOR BARROCA GALEAZZI – preposto em exercício)**, com escritório à Av. Fagundes Filho, 145, Conjunto 22, Vila Monte Alegre, São Paulo/SP, devidamente autorizado pelo Credor Fiduciário **ITAÚ UNIBANCO S/A**, doravante designado **VENDEDOR**, inscrito no CNPJ sob nº 60.701.190/0001-04 [illegible] **JOICE SAMPAIO RODRIGUES DA SILVA** [illegible] **PÚBLICO LEILÃO** de modo **Presencial e On-line** [illegible] **dia 24 de junho de 2025, às 14:00 horas** [illegible] **PRIMEIRO LEILÃO** [illegible] **CASA 01, na Rua Manuel da Borba Gato (antiga Rua 6), nº 50, Campo Grande, na Freguesia de Campo Grande** [illegible] **12º Ofício de Registro de Imóveis do Rio de Janeiro/RJ.** [illegible] **SEGUNDO LEILÃO** [illegible] **A transferência bancária deverá ser realizada por meio de conta bancária de titularidade do arrematante ou do devedor fiduciante, mantida em instituição financeira autorizada pelo BCB – Banco Central do Brasil.** [illegible]

Mais informações: (11) 4083-2575 | www.biasileiloes.com.br

BIASI LEILÕES

LEILÃO DE ALIENAÇÃO FIDUCIÁRIA | PRESENCIAL ON-LINE

Alienação Fiduciária itaú

1º Leilão: dia 24/06/2025 às 14h00 2º Leilão: dia 04/07/2025 às 14h00

EDUARDO CONSENTINO leiloeiro oficial inscrito na JUCESP nº 616 **(JOÃO VICTOR BARROCA GALEAZZI – preposto em exercício)**, com escritório à Av. Fagundes Filho, 145, Conjunto 22, Vila Monte Alegre, São Paulo/SP, devidamente autorizado pelo Credor Fiduciário **ITAÚ UNIBANCO S/A**, doravante designado **VENDEDOR**, inscrito no CNPJ sob nº 60.701.190/0001-04 [illegible] **ERNESTO BERNARDO MICHEL** e sua mulher **SUELI MARIA CASTELHANO MICHEL** [illegible] **PÚBLICO LEILÃO** de modo **Presencial e On-line** [illegible] **dia 24 de junho de 2025, às 14:00 horas** [illegible] **PRIMEIRO LEILÃO** [illegible] **APARTAMENTO Nº 95** [illegible] **"EDIFÍCIO NISIAMARA"** [illegible] **SEGUNDO LEILÃO** [illegible] **A transferência bancária deverá ser realizada por meio de conta bancária de titularidade do arrematante ou do devedor fiduciante, mantida em instituição financeira autorizada pelo BCB – Banco Central do Brasil.** [illegible]

Mais informações: (11) 4083-2575 | www.biasileiloes.com.br

CASA
FUNDAÇÃO CASA

CONVOCAÇÃO

GABRIEL BRUSCHI LIRA, portador do RG 331476885, Carteira Profissional nº 57688 - série: 292 - SP, registrado nesta Fundação sob o número RE: 412302, solicitamos seu comparecimento na sede da Fundação CASA, sita à Rua Florêncio de Abreu, 848 - 3º andar - Luz, Seção de Cadastro e Movimentação de Pessoal, no prazo de 24 horas para tratar de assunto de seu interesse. O não comparecimento implicará em Demissão por Justa Causa - Abandono de Emprego, conforme artigo 482 alíneas "i da CLT".

SINDICATO DOS TRABALHADORES NAS INDÚSTRIAS DE ARTEFATOS DE BORRACHA, LÁTEX, CÂMARA DE AR, BORRACHEIROS, BENEFICIAMENTO E ESTOCAGEM DE BORRACHA, MONTAGEM DE PNEUS, RECAUCHUTAGEM, REGENERAÇÃO E PNEUMÁTICOS DE AMERICANA E REGIÃO – Edital de Convocação – Eleição Sindical – O Presidente da entidade supra com CNPJ sob nº. 46.698.544/0001-70, convoca todos os associados quites com suas obrigações estatutárias, para a eleição da Diretoria Executiva e demais órgãos desta entidade, ficando aberto o prazo dos dias 16 à 18/06/2025 e 20/06/2025 para o registro de chapas, com o funcionamento da Secretaria das 09h às 15h na Sede do Sindicato na Rua São Gabriel, 141, Bairro São Manoel, CEP 13.472-000, Americana/SP. A votação será realizada das 23h00min do dia 23/07/2025 até às 15h30min do dia 25/07/2025. Em caso de concorrer chapa única, a eleição se fará por aclamação dos presentes na Sede do Sindicato (endereço acima), às 17h30min do dia 25/07/2025. O prazo para impugnação de chapas globalmente ou candidatos individualmente ou do processo eleitoral será de cinco dias, a contar da divulgação das chapas registradas afixada na Sede e Sub-Sedes desta entidade. Americana/SP, 13/06/2025 – Edinelson Azevedo de Souza – Presidente do Sindicato e do Pleito Eleitoral.

FUNDAÇÃO DE APOIO AO ENSINO, PESQUISA E ASSISTÊNCIA DO HCFMRPUSP - FAEPA

COMUNICADO Nº 117/2025

SELEÇÃO PARA CONTRATAÇÃO:

COZINHEIRO PARA RIBEIRÃO PRETO
(01 VAGA)

PERÍODO DE INSCRIÇÕES:

Data: 0h do dia 16/06/2025 às 14h do dia 18/06/2025

As inscrições serão efetuadas através da **internet** no site **www.faepa.br**

REQUISITOS PARA O EXERCÍCIO DA FUNÇÃO

a) Possuir idade mínima de 18 (dezoito) anos completos;
b) Possuir Certificado de Conclusão do **ENSINO FUNDAMENTAL**, expedido por escola oficial ou reconhecida, ou Declaração de Conclusão do curso fornecida pela escola;
c) Possuir experiência comprovada na função de **COZINHEIRO**;
• Serão considerados documentos comprobatórios de experiência: registro em Carteira de Trabalho e Previdência Social (CTPS) ou declaração em papel timbrado emitida há menos de 30 (trinta) dias, contendo o cargo/função e descrição da atividade que exerceu, período trabalhado, CNPJ e assinatura do empregador com certificado digital ou firma reconhecida.

Taxa: R$ 20,00 (vinte reais)
Jornada de trabalho: 40h/semanais.

Salário: **R$ 2.581,20 (dois mil quinhentos e oitenta e um reais e vinte centavos)**

Os atos decorrentes do procedimento desta Seleção serão disponibilizados na íntegra no site da FAEPA: www.faepa.br

HOSPITAL DAS CLÍNICAS DE RIBEIRÃO PRETO DA FMRP-USP

EDITAIS DE ABERTURA DE INSCRIÇÕES

MÉDICO I

JORNADA: 20H SEMANAIS

ÁREAS:

- **INFECTOLOGIA PEDIÁTRICA**
Ed. Nº 33/2025 - (1 VAGA)
- **ÁREA DE DOENÇAS INFECCIOSAS E TROPICAIS**
Ed. Nº 34/2025 - (1 VAGA)
- **REUMATOLOGIA**
Ed. Nº 37/2025 - (1 VAGA)

PERÍODO DE INSCRIÇÃO:

As inscrições serão efetuadas através da **Internet** no site **www.hcrp.usp.br** no período entre: 00:00h do dia **23/06/2025** às 14:00h do dia **11/07/2025**.

Valor da Taxa Inscrição: R$ 122,17

Os Editais na íntegra encontram-se no site www.hcrp.usp.br

CONVOCAÇÃO PARA AS PROVAS
(somente para os candidatos inscritos)

- OBJETIVA e DISSERTATIVA E AVALIAÇÃO DE TÍTULOS
DATA: 22/07/2025 – 18h00m
LOCAL: ANFITEATRO DO CEAPS -
2.º ANDAR do Hospital das Clínicas de Ribeirão Preto da FMRP-USP – Campus Universitário s/n – Monte Alegre – Ribeirão Preto – SP.
(Aguardar na Portaria Principal do Hospital).

HOSPITAL DAS CLÍNICAS DE RIBEIRÃO PRETO DA FMRP-USP

RETIFICAÇÃO DOS EDITAIS DE ABERTURA DE INSCRIÇÕES

MÉDICO I

JORNADA: 20H SEMANAIS

ÁREAS:

- **CIRURGIA PEDIÁTRICA**
Ed. Nº 30/2025 - (1 VAGA)
- **GINECOLOGIA E OBSTETRÍCIA – GESTAÇÃO DE ALTO RISCO**
Ed. Nº 31/2025 - (1 VAGA)

PERÍODO DE INSCRIÇÃO:

As inscrições serão efetuadas através da **Internet** no site **www.hcrp.usp.br** no período entre: 00:00h do dia **09/06/2025** às 14:00h do dia **27/06/2025**.

Valor da Taxa Inscrição: R$ 122,17

Os Editais na íntegra encontram-se no site www.hcrp.usp.br

NOVA DATA PARA APLICAÇÃO DAS PROVAS
(somente para os candidatos inscritos)

- OBJETIVA e DISSERTATIVA E AVALIAÇÃO DE TÍTULOS
DATA: 15/07/2025 – 18h00m
LOCAL: ANFITEATRO DO CEAPS -
2.º ANDAR do Hospital das Clínicas de Ribeirão Preto da FMRP-USP – Campus Universitário s/n – Monte Alegre – Ribeirão Preto – SP.
(Aguardar na Portaria Principal do Hospital).

GUARIGLIA
LEILOEIRO OFICIAL

LEILÃO QUARTA-FEIRA - 18/06/2025 - 09h00 - APROXIMADAMENTE 200 VEÍCULOS

PRESENCIAL E ONLINE **VEÍCULOS DE BANCOS E FINANCEIRAS**

VISITAÇÃO: 17/06/2025, das 12h às 17h e 18/06/2025, das 07h às 09h | ROD. PRES. DUTRA - KM 132 - SENTIDO SP/RJ - CAÇAPAVA/SP

•**MODELOS:** JEEP/RENEGADE LGTD T270 2022/2022 - FIAT/TORO FREEDOM AT 2016/2017 - HYUNDAI/CRETA ITA LIMITED 2021/2022 - CHERY/TIGGO 1.5 AT ACT 2021/2022 - RENAULT/KWID ZEN 10MT 2021/2022 - VOLKSWAGEN/GOL MPI 2022/2023 - FIAT/MOBI LIKE 2020/2021 - HYUNDAI/HB20S 10M COMFOR 2023/2024 - CITROEN/C4 CACTUS FEEL AT 2022/2022 - FIAT/CRONOS DRIVE 1.0 2022/2023 - CHEVROLET/ONIX 1.4AT LTZ 2017/2017 - VOLKSWAGEN/SAVEIRO RB MBVS 2018/2019 - FIAT/FIORINO HD WD E 2019/2020 - RENAULT/DUSTER ZEN16 CVT 2020/2021 - FORD/ECOSPORT FSL AT1.6B 2016/2016 - VOLKSWAGEN/AMAROK CD 4X4 HIGH 2015/2015 - HONDA/NXR 160 BROS ESDD 2024/2024 - YAMAHA/XTZ 250 LANDER 2024/2025 - HONDA/CB TWISTER ABS 300F 2023/2023 - HONDA/XRE 300 SAHARA RAL 2024/2025 - YAMAHA/FZ25 FAZER 2023/2024 - HONDA/BIZ 125 2024/2024 - VOLKSWAGEN/VOYAGE CL MBV 2017/2018 - CITROEN/JUMPY FURGAOPK 2021/2022 - MERCEDES-BENZ/ACTROS 2651S 6X4 2021/2022 - LIBRELATO/SEMI-REBOQUE 2021/2022 - FACCHINI/REBOQUE DOLLY 2023/2023. | **LOTES DE MÓDULOS FOTOVOLTAICOS / MATERIAIS / EQUIPAMENTOS.**

CONSULTE RELAÇÃO COMPLETA DE VEÍCULOS NO SITE. CONDIÇÕES DE VENDA E PAGAMENTO CONSTARÃO NO CATÁLOGO PRÓPRIO. VISITE NOSSO SITE: www.GUARIGLIALEILOES.com.br

Informações: (12) 3654-1000 /GUARIGLIALEILOES **ANTONIO LUIZ GUARIGLIA - LEILOEIRO OFICIAL - JUCESP 415**

Serviços Financeiros bradesco itaú Santander Banco PAN STELLANTIS Safra Sicredi SESI SENAI ITAPEVA

Americanas reduz R$ 500 mi em débitos em acordo com PGFN

SÃO PAULO | REUTERS A Americanas informou nesta sexta-feira (13) que, após acordo, obteve um desconto de mais de R$ 500 milhões em uma dívida total de R$ 865 milhões com a PGFN (Procuradoria-Geral da Fazenda Nacional), conforme fato relevante ao mercado.

Segundo a varejista, foi aplicado um desconto de 100% de juros e multas, limitado a 70% do valor consolidado do débito.

Após a concessão dos descontos, a Americanas pretende quitar o saldo remanescente dos débitos por meio de conversão de depósitos judiciais vinculados aos débitos transacionados, utilização de créditos decorrentes de prejuízos fiscais e caixa próprio, em parcela única.

"Todos os efeitos do acordo estarão devidamente refletidos nas demonstrações financeiras do segundo trimestre de 2025", afirmou a empresa no documento.

Em maio, a Americanas divulgou um prejuízo líquido de quase R$ 500 milhões, revertendo o lucro de R$ 453 milhões apurado nos primeiros três meses de 2024.

A varejista em recuperação judicial apresentou um prejuízo líquido de R$ 496 milhões entre janeiro e final de março, aponta seu relatório de resultados deste período.

De acordo com a Americanas, a comparação ano a ano foi comprometida, principalmente, pela contabilização de R$ 1,3 bilhão em outras receitas no mesmo período do ano anterior, decorrentes da execução do plano de recuperação judicial da companhia.

megaleilões EDITAL DE LEILÃO DE ALIENAÇÃO FIDUCIÁRIA

[illegible]

megaleilões EDITAL DE LEILÃO DE ALIENAÇÃO FIDUCIÁRIA

[illegible]

itaú GRANDE LEILÃO DE IMÓVEIS * SOMENTE ONLINE! Confira e Aproveite! * BIASI leilões

Dia 23 de Junho de 2025 às 15:00 horas.

128 Oportunidades em Diversos Estados do Brasil! IPTU 2025 Quitado pelo Banco

À vista com 10% de desconto ou Parcelado em até 78 vezes conforme edital. (11) 4083-2575 / www.biasileiloes.com.br

[illegible]

BIASI leilões LEILÃO DE ALIENAÇÃO FIDUCIÁRIA | PRESENCIAL ON-LINE itaú

1º Leilão: dia 24/06/2025 às 14h00 2º Leilão: dia 04/07/2025 às 14h00

EDUARDO CONSENTINO, leiloeiro oficial inscrito na JUCESP nº 616 (JOÃO VICTOR BARROCA GALEAZZI – preposto em exercício) [illegible] ITAÚ UNIBANCO S/A [illegible] VENDEDOR [illegible] IZA DIVINA GONÇALVES DA SILVA [illegible] PÚBLICO LEILÃO [illegible] dia 24 de junho de 2025, às 14:00 horas [illegible] PRIMEIRO LEILÃO [illegible] UM LOTE DE TERRENO [illegible] SEGUNDO LEILÃO [illegible] A transferência bancária deverá ser realizada por meio de conta bancária de titularidade do arrematante ou do devedor fiduciante, mantida em instituição financeira autorizada pelo BCB - Banco Central do Brasil. [illegible]

Mais informações: (11) 4083-2575 | www.biasileiloes.com.br

BIASI leilões LEILÃO DE ALIENAÇÃO FIDUCIÁRIA | PRESENCIAL ON-LINE itaú

1º Leilão: dia 24/06/2025 às 14h00 2º Leilão: dia 04/07/2025 às 14h00

EDUARDO CONSENTINO [illegible]

Mais informações: (11) 4083-2575 | www.biasileiloes.com.br

BIASI leilões LEILÃO DE ALIENAÇÃO FIDUCIÁRIA | PRESENCIAL ON-LINE itaú

1º Leilão: dia 24/06/2025 às 14h00 2º Leilão: dia 04/07/2025 às 14h00

EDUARDO CONSENTINO [illegible]

Mais informações: (11) 4083-2575 | www.biasileiloes.com.br

BIASI leilões LEILÃO DE ALIENAÇÃO FIDUCIÁRIA | PRESENCIAL ON-LINE itaú

1º Leilão: dia 24/06/2025 às 14h00 2º Leilão: dia 04/07/2025 às 14h00

EDUARDO CONSENTINO [illegible]

Mais informações: (11) 4083-2575 | www.biasileiloes.com.br

BIASI leilões LEILÃO DE ALIENAÇÃO FIDUCIÁRIA | PRESENCIAL ON-LINE itaú

1º Leilão: dia 24/06/2025 às 14h00 2º Leilão: dia 04/07/2025 às 14h00

EDUARDO CONSENTINO [illegible] de junho de 2025, às 14:00 horas [illegible] PRIMEIRO LEILÃO com lance mínimo igual ou superior a R$ 338.712,26 (Trezentos e trinta e oito mil, setecentos e doze reais e vinte e seis centavos) [illegible] A CASA nº 71 do CONDOMÍNIO MORADAS DO BOSQUE [illegible] Matrícula nº 116.117 do Ofício do Registro de Imóveis de Novo Hamburgo/RS. [illegible] dia 04 de julho de 2025, às 14:00 horas [illegible] SEGUNDO LEILÃO [illegible] A transferência bancária deverá ser realizada por meio de conta bancária de titularidade do arrematante ou do devedor fiduciante, mantida em instituição financeira autorizada pelo BCB - Banco Central do Brasil. [illegible]

Mais informações: (11) 4083-2575 | www.biasileiloes.com.br

BIASI leilões LEILÃO DE ALIENAÇÃO FIDUCIÁRIA | PRESENCIAL ON-LINE itaú

1º Leilão: dia 24/06/2025 às 14h00 2º Leilão: dia 04/07/2025 às 14h00

EDUARDO CONSENTINO [illegible]

Mais informações: (11) 4083-2575 | www.biasileiloes.com.br

FREITAS LEILOEIRO OFICIAL

CONSULTE NOSSA AGENDA DE LEILÕES NO SITE: WWW.FREITASLEILOEIRO.COM.BR

Central de informações: (11) 3117.1000

Acesse nossas mídias sociais: YOUTUBE.COM/FREITASLEILOEIRO INSTAGRAM.COM/FREITASLEILOEIRO FACEBOOK.COM/FREITASLEILOEIRO

ATENÇÃO: PARA COMPRA EM LEILÃO O ARREMATANTE PRECISA ESTAR EM REGULARIDADE FISCAL PERANTE A RECEITA FEDERAL

195 VEÍCULOS | PRESENCIAL E ON-LINE — Dia: 17.06.2025 - 3ª FEIRA - 10h00 — AV. DOS ESTADOS, 584 - PORTÃO 2 UTINGA - SANTO ANDRÉ/SP — VISITAÇÃO: 17.06.2025, a partir das 08h00 verificar informações no site — VEÍCULOS - CAMINHÕES - MOTOS SEMI NOVOS - SINISTRADOS - SUCATAS

300 VEÍCULOS | PRESENCIAL E ON-LINE — Dia: 18.06.2025 - 4ª FEIRA - 10h00 — AV. JUSCELINO KUBITSCHEK DE OLIVEIRA, 1360 SANTA BÁRBARA D'OESTE/SP — VISITAÇÃO: 18.06.2025, a partir das 08h00 verificar informações no site — VEÍCULOS - CAMINHÕES - MOTOS SEMI NOVOS - SINISTRADOS - SUCATAS

350 VEÍCULOS | PRESENCIAL E ON-LINE — Dia: 20.06.2025 - 6ª FEIRA - 10h00 — AV. DOS ESTADOS, 584 - PORTÃO 2 UTINGA - SANTO ANDRÉ/SP — VISITAÇÃO: 20.06.2025, a partir das 08h00 verificar informações no site — VEÍCULOS - CAMINHÕES - MOTOS SEMI NOVOS - SINISTRADOS - SUCATAS

Condições de venda e pagamento dos leilões: [illegible]

Porto Itaú bradesco Safra omni azul BV BANCO PAN Allianz BancoDaycoval creditas Votorantim ITAPEVA Santander MSIG Mitsui Sumitomo Seguros TOKIO MARINE SEGURADORA ALFA

Dia 23/06/2025 - 2ª feira | [illegible] | SOMENTE ON-LINE — IMPRESSORAS MULTIFUNCIONAIS "SAMSUNG - HP - DIV. MARCAS"

Dia 23/06/2025 - 2ª feira | 17h00 | SOMENTE ON-LINE — CADEIRAS "GAMER - EXECUTIVAS" - BANQUETAS - LIXEIRAS INOX

Dia 26/06/2025 - 5ª feira | [illegible] | SOMENTE ON-LINE — EQUIPS - "PLACAS SOLAR / COZINHA INDL / CORTE LASER / OUTROS"

VISITAÇÃO: VERIFICAR INFORMAÇÕES NO SITE

SERGIO VILLA NOVA DE FREITAS - Leiloeiro Oficial - JUCESP nº 316

DEMAIS INFORMAÇÕES CONSULTE NOSSA AGENDA DE LEILÕES: www.FREITASLEILOEIRO.com.br

Eufrázio

Além da queda, o coice

Entre retrocessos legislativos e inércia diplomática, litigância vira alternativa contra aquecimento

Candido Bracher

Administrador de Empresas formado pela FGV. Foi executivo do setor financeiro por 40 anos



Luciano Salles

Com apenas um dia de diferença, em maio último, os Congressos do Brasil e dos EUA aprovaram medidas que comprometem seriamente os esforços para a proteção do meio ambiente e a redução de emissões de gases de efeito estufa (GEE).

Ao ler as notícias, ocorreram-me as expressões "double whammy" (duplo golpe, na gíria americana) e a mais formal "to add insult over injury" (acrescer insulto à ferida). Talvez décadas convivendo com o idioma inglês no trabalho, em filmes e leituras tenham criado esse gatilho mental involuntário —não que isso abrandasse a constatação de um amigo poliglota: perdemos 10% do nosso QI ao nos expressarmos em outra língua.

Nos EUA, a Câmara dos Representantes aprovou por 215 a 214 votos o pacote orçamentário que encerra abruptamente os créditos fiscais para fontes de eletricidade de baixo carbono e reduz drasticamente os incentivos ao desenvolvimento de tecnologias verdes, fazendo despencar as ações das empresas do setor e alimentando receios de aumento nos preços de energia. O pacote, cujo nome oficial é —pasmem!— "One Big Beautiful Bill Act" (OBBBA, O Grande e Maravilhoso Projeto de Lei), ainda necessita do aval do Senado.

No Brasil, foi o Senado que aprovou o projeto de lei do licenciamento ambiental, que, com a correta justificativa de modernizar e flexibilizar o processo de aprovação de empreendimentos, incorporou dispositivos essencialmente políticos que terminam por fragilizá-lo a ponto de torná-lo ineficaz. Entre eles, a permissão para que projetos de porte médio se iniciem por autodeclaração e um "jabuti" de última hora —a Licença Especial Ambiental— que permite o uso de recurso "potencialmente causador de significativa degradação" em projetos considerados prioritários pelo Conselho de Governo.

Ambas as aprovações, ainda preliminares, foram estopins de virulentos confrontos públicos. No Brasil, a ministra do Meio Ambiente Marina Silva foi desrespeitada em audiência no Senado. Nos EUA, houve troca de ofensas e ameaças entre o presidente e seu ex-braço direito, que se referiu ao OBBBA como "aberração repugnante". O leitor mais atento poderá estranhar que eu não tenha incluído entre as notícias negativas a autorização concedida pelo Ibama para que a Petrobras simule o resgate de animais na área da Foz do Amazonas — etapa necessária para a licença de prospecção.

Acredito ser papel do Ibama proceder à análise técnica rigorosa dos riscos ambientais decorrentes do empreendimento. Não se trata de tarefa simples: basta lembrar as enormes dificuldades no golfo do México, em 2010, onde o vazamento durou cinco meses a 1,5 km de profundidade. No caso em análise, o poço ficará a 2,8 km, com correntes ainda mais complexas. Ainda assim, é fundamental respeitar a governança e confiar na capacidade técnica do Ibama.

As razões para a oposição ao projeto são de caráter estratégico —a perda de prestígio da nossa diplomacia nas negociações para o estabelecimento de uma ordem global no ciclo de baixo carbono, da qual se esperam ganhos muito superiores ao país— e econômico: o risco de um projeto cujo retorno se dará mais de dez anos à frente, em um cenário provável de demanda e preço do petróleo em queda. A responsabilidade por avaliar esses riscos cabe ao Executivo, não ao Ibama.

Há ainda a possibilidade de que toda essa discussão seja em vão e não haja petróleo naquela área. A Guiana que hoje prospera com a exploração é a antiga Guiana Inglesa, a mais distante da região. Na Guiana Francesa, vizinha à Foz do Amazonas, a Total Energies encerrou as atividades sem encontrar petróleo.

Mas retornemos ao duplo impacto com que iniciamos.

Ocorre-me que temos em português uma expressão muito mais pitoresca e adequada: "Além da queda, o coice". Pois bem, estatelado e escoiceado, resolvi ir à forra. Lembrei-me de outra expressão em inglês que contém a ideia de dualidade: "dual track" (abordagem paralela). É expressão comum no mercado financeiro, usada, por exemplo, quando uma empresa tenta levantar capital por dois caminhos alternativos e concomitantes: abertura de capital na Bolsa (IPO) e busca de investidor estratégico.

No combate ao aquecimento global, a abordagem paralela envolveria o caminho diplomático, que tem sido buscado com afinco, mas êxito apenas relativo desde a reunião Rio-92. Nessa via, busca-se o alinhamento de países ao compromisso de reduzir a zero as emissões de GEE. Um grande passo foi dado com o Acordo de Paris, há dez anos, mas desde então o progresso tem sido lento, com muitos países procrastinando a divulgação de suas NDCs (Contribuições Nacionalmente Definidas), além do revés sofrido com a decisão unilateral dos EUA —segundo maior emissor global— de se retirar do acordo.

Enquanto a diplomacia visa ao convencimento de nações, a litigância climática visaria às empresas emissoras. Dados de 2024 do Carbon Majors Database apontam serem apenas 57 as empresas responsáveis por 80% das emissões globais de gases de efeito estufa

O caminho paralelo a ser trilhado simultaneamente seria o da chamada "litigância climática". Enquanto a diplomacia visa ao convencimento de nações, a litigância climática visaria às empresas emissoras. Dados de 2024 do Carbon Majors Database apontam serem apenas 57 as empresas responsáveis por 80% das emissões globais de GEE.

O potencial alcance dessa estratégia pode ser inferido a partir da "ordem executiva" recentemente emitida pelo Executivo americano, que considera as ações penais contra as empresas de petróleo uma "ameaça à segurança nacional".

Em 2021, a Shell foi condenada na Holanda a reduzir em 45% suas emissões até 2030, em processo movido por organizações ambientais. A empresa recorreu, e a sentença foi anulada em novembro de 2024. São as razões para a anulação que alimentam minha esperança de que o caminho legal possa ser mais eficaz que o diplomático.

Essencialmente, o Tribunal de Apelações entendeu não haver base legal clara para definir um percentual exato de redução para uma empresa específica e, mais importante, julgou ser ineficaz a imposição de medidas restritivas nesse caso, pois outras empresas supririam o mercado, anulando o efeito global. Esses argumentos cairiam por terra se fosse possível mover uma ação contra todas as 57 empresas simultaneamente. Sendo tão grande o risco que nos ameaça e tantos os cérebros e recursos aplicados no combate ao aquecimento, certamente haverá talento e criatividade jurídica capazes de engendrar tal estratégia. A versão em nossa língua para o "dual track", nesse caso, poderia ser uma expressão que todos conhecemos: "Se não vai por bem, vai por mal".

Baterias ficam para depois de leilão, afirma secretário do MME

FOLHA EM DEFESA DA ENERGIA LIMPA

Maria Clara Machado

MEGAWHAT Em meio à expectativa de um leilão exclusivo para baterias, o secretário-executivo adjunto do MME (Ministério de Minas e Energia), Fernando Colli, declarou que um certame para baterias só deverá acontecer depois do LRCap (leilão de reserva de capacidade) e, por isso, não antes de 2026.

O secretário do MME avalia que, embora o edital possa dar os principais direcionamentos para os equipamentos, o caráter duplo de carga e consumo das baterias origina questões que devem passar primeiro por regulação da Aneel (Agência Nacional de Energia Elétrica).

Um desses pontos é quanto as baterias vão pagar pelo uso do sistema, já que em alguns momentos elas serão consumo (para recarregar as baterias) e, em outros momentos, serão carga (ao liberar a energia armazenada para o sistema).

"Esses dois pontos são importantes que a Aneel defina. Os outros a própria diretriz do leilão consegue endereçar", disse Colli a jornalistas na quarta-feira (11), durante evento no Rio.

SA Atlas Renewable Energy, que já tem dois sistemas de armazenamento por bateria no Chile, espera que a regulação seja abrangente e não fique atrelada apenas a um potencial leilão.

O general manager no Brasil da companhia, Fábio Bortoluzo, espera também que o governo proponha uma política tributária atraente, já que hoje os equipamentos precisam ser importados, com carga tributária na casa dos 70%.



O setor elétrico só vai ficar harmonizado com armazenamento, num primeiro momento com baterias e depois com hidrelétricas reversíveis

Nivalde de Castro
pesquisador da UFRJ

Também no painel, o professor e pesquisador do grupo de estudos do setor elétrico, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Nivalde de Castro, disse que o primeiro leilão para baterias deve atacar o principal problema do sistema elétrico atual –que, em sua visão, é o curtailment (cortes de geração de energia). "Se é para priorizar, as baterias devem atacar isso", afirma.



À esquerda, prédio após ataque de Israel em Teerã; edifício atingido por míssil iraniano em Ramat Gan, perto de Tel Aviv Majid Asgaripour/Wana via Reuters e Jack Guez/AFP

Ataque ao Irã não foi nada perto do que virá agora, diz premiê de Israel

Bombardeios de lado a lado continuaram no sábado e adentraram as primeiras horas deste domingo; Teerã promete atacar quaisquer potências que impeçam retaliação

Igor Gielow

BRASÍLIA A guerra aérea entre Israel e o Irã prosseguiu com violência neste sábado (14) e adentrou as primeiras horas deste domingo (15), com nova troca de ataque entre os rivais. "O que eles sentiram até aqui não é nada comparado com o que eles receberão nos próximos dias", disse o premiê do Estado judeu, Binyamin Netanyahu.

Antes, a retórica já estava inflamada. "Teerã vai queimar", ameaçou o ministro da Defesa do Estado judeu, Israel Katz, após uma ação na capital adversária ter matado 60 pessoas segundo o governo local.

O regime também confirmou neste sábado a morte de Ali Shamkhani, chefe de gabinete e principal conselheiro do aiatolá e líder supremo, Ali Khamenei. Ele estava internado após ter sido um dos alvos da primeira leva de bombas de Israel, na madrugada de sexta (13).

Houve forte bombardeio à capital iraniana mirando suas defesas aéreas, e um complexo habitacional foi atingido. Explosões atingiram bases militares em todo o país e dois relatos que podem adicionar uma nova dimensão ao conflito: um incêndio em uma refinaria em Tabriz (norte) e explosões num centro de extração de gás natural em Bushehr (sul).

Outro local atingido foi o depósito de petróleo Shahran, em Teerã. Segundo a agência de notícias Shana, do Ministério do Petróleo do Irã, o volume de combustível no tanque atingido não era alto.

Israel também afirmou ter finalizado a destruição dos sistemas de defesa entre o oeste do Irã e Teerã, abrindo um corredor seguro para suas aeronaves atacarem toda a região.

Locais do Irã e de Israel atingidos durante ataques



Dados cartográficos Google 2025©

Principais militares do Irã mortos

Mohammad Bagheri
Chefe do Estado Maior das Forças Armadas do Irã, comandante mais alto após o aiatolá Ali Khamenei

Hossein Salami
Comandante da Guarda Revolucionária Islâmica, a principal força militar do Irã

Gholamali Rashid
Comandante adjunto das Forças Armadas

Amir Ali Hajizadeh
Comandante da Força Aeroespacial da Guarda Revolucionária

Ali Shamkhani
Chefe de gabinete e principal conselheiro do aiatolá

Cientistas nucleares iranianos mortos

Fereydoun Abbasi

Mohammad Mahdi Tehranshi

- Akbar Motalebi Zadeh
- Saeed Barji
- Amir Hassan Fakhahi
- Abd al-Hamid Minoushehr
- Mansour Asgari
- Ahmad Reza Zolfaghari Daryani
- Ali Bakhouei Katirimi

Número de mortos*



*Até a noite deste sábado, 14.jun
Fontes: Haaretz, Al Jazeera, New York Times, The Guardian e BBC

Do lado iraniano, a retaliação contra a ação iniciada por Israel durou a noite toda. Ao todos, já foram ao menos cinco barragens de mísseis balísticos —as duas primeiras e maiores envolveram cerca de cem armamentos, enquanto as restantes empregaram mais 150. Também foram lançados dezenas de drones.

Já na madrugada deste domingo (15), Israel realizou novos ataques contra o Irã após disparos de mísseis iranianos no norte do território israelense. Teerã respondeu aos bombardeios com o lançamento de mais projéteis.

Os alvos de Tel Aviv foram o prédio do Ministério da Defesa do Irã e outras instalações militares.

O Magen David Adom, equivalente à Cruz Vermelha em Israel, confirmou em comunicado "a morte de uma mulher de cerca de 20 anos que foi resgatada dos escombros" de uma casa em Haifa, no norte do país. Com isso, subiu para 4 o número de israelenses mortos desde o início das agressões.

O regime iraniano prometeu atacar quaisquer potências externas que impeçam sua retaliação, nominalmente os Estados Unidos, o Reino Unido e a França, que por ora apoiam Tel Aviv sem entrar na briga.

A crise começou na madrugada da sexta (13), quando Tel Aviv lançou um mega-ataque aéreo a 150 alvos no Irã, visando desabilitar o programa nuclear do país.

Segundo o Exército de Israel, duas centrais nucleares principais, em Natanz e Isfahan, foram bastante afetadas e levarão semanas para voltar a operar. Nove cientistas do programa atômico rival foram mortos em ataques de precisão, segundo Tel Aviv.

A noite de terror nos dois países não parece ter fim à vista. Israel mudou sua diretriz da guerra que trava contra os rivais regionais desde que o grupo terrorista Hamas, apoiado por Teerã, o atacou em 7 de outubro de 2023.

O Irã passou a ser tratado como prioridade do conflito, que tem como frentes Gaza (contra o Hamas e outros grupos), a Cisjordânia (grupos palestinos), o sul do Líbano (Hezbollah, principal preposto do Irã) e o Iêmen (houthis, também apoiados por Teerã).



Em imagem de satélite, uma das bases da Guarda Revolucionária do Irã antes e depois de ataque de Israel; chefe aeroespacial e equipe que estavam reunidos no local morreram Maxar Technologies/AFP

Em erro de cálculo, Teerã não esperava ataque no meio de negociação nuclear

Comandantes militares iranianos ignoraram precauções e facilitaram trabalho de Israel de localizá-los e matá-los

Farnaz Fassihi

NOVA YORK | THE NEW YORK TIMES Líderes de alto escalão do Irã vinham se preparando, por mais de uma semana, para um ataque de Israel caso as negociações nucleares com os Estados Unidos falhassem. No entanto, cometeram um grande erro de cálculo.

Eles não esperaram que Israel atacasse antes de uma nova rodada de negociações, que estava marcada para este domingo (15) em Omã, disseram autoridades próximas à liderança iraniana na sexta-feira (13). Descartaram relatos de que um ataque era iminente ao considerarem propaganda israelense, destinada a pressionar o Irã a fazer concessões em seu programa nuclear nas negociações.

Talvez devido a essa complacência, precauções que haviam sido planejadas foram ignoradas, disseram as autoridades.

Este relato de como Teerã estava se preparando antes de Israel realizar ataques em larga escala em todo o país na sexta, e como reagiu após os ataques, é baseado em entrevistas com altos funcionários iranianos e dois membros da Guarda Revolucionária.

As autoridades disseram que, na noite do ataque de Israel, os comandantes militares do alto escalão não se abrigaram em locais seguros. Em vez disso, permaneceram em suas próprias casas, uma decisão que se provaria trágica. O general Amir Ali Hajizadeh, comandante da unidade aeroespacial da Guarda Revolucionária, e sua equipe sênior ignoraram uma diretiva contra se reunir em um único local. Eles realizaram uma reunião de emergência em uma base militar em Teerã e foram mortos quando Israel os atacou.

1.000

mísseis balísticos era a quantidade que o Irã planejava lançar contra Israel em resposta à primeira leva de bombas de Tel Aviv; no entanto, com sua estrutura danificada pelo rival, conseguiu disparar apenas cerca de cem

Israel detonou grande parte da capacidade de defesa do Irã, destruindo radares e defesas aéreas; comprometeu o acesso do país ao seu arsenal de mísseis balísticos; e eliminou figuras de alto escalão na cadeia de comando militar. Além disso, a parte na superfície da importante unidade de enriquecimento nuclear de Natanz foi gravemente danificada.

Em mensagens privadas compartilhadas com o jornal The New York Times, alguns funcionários perguntavam com raiva uns aos outros: "Onde está a nossa defesa aérea?" e "Como Israel pode vir e atacar qualquer coisa que queira, matar nossos principais comandantes, e nós somos incapazes de impedi-lo?" Eles também questionaram as grandes falhas de inteligência e defesa que levaram Teerã à incapacidade de prever os ataques e os danos resultantes.

O líder supremo do Irã, aiatolá Ali Khamenei, que foi transferido para um local seguro não divulgado, onde permaneceu em contato com os principais dirigentes militares restantes, disse em um discurso televisionado que Israel, com seus ataques, declarou guerra ao Irã. Enquanto falava, jurando vingança e punição, o Irã lançou várias ondas de ataques com mísseis em Tel Aviv e Jerusalém.

Divisões surgiram sobre quando e como o Irã deveria responder, e se poderia sustentar uma guerra prolongada com Israel, que poderia também envolver os EUA, dado o quão seriamente suas capacidades de defesa e mísseis foram danificadas. Um funcionário disse na reunião que, se Israel respondesse atacando a infraestrutura ou as usinas de água e energia do Irã, isso poderia levar a protestos ou distúrbios.

Um membro da Guarda Revolucionária informado sobre a reunião disse que as autoridades entenderam que Khamenei enfrentava um momento crucial em seus quase 40 anos no poder. Ele teria que decidir entre agir, arriscando uma guerra total que poderia acabar com seu regime, ou recuar, o que seria interpretado nacional e internacionalmente como uma derrota.

Por fim, Khamenei ordenou um ataque. Inicialmente, o plano era lançar até mil mísseis balísticos para sobrecarregar a defesa aérea do inimigo e garantir o máximo de danos.

Mas os bombardeios de Israel às bases de mísseis impediram o deslocamento rápido dos projéteis do armazenamento para as plataformas de lançamento

No final, o Irã só conseguiu lançar cerca de cem mísseis em suas primeiras ondas de ataques.

Muitas famílias de Teerã se reuniram em parques até altas horas da noite, estendendo cobertores e fazendo piqueniques na grama. Disseram temer permanecer em casa após Israel ter atingido edifícios residenciais em vários bairros, visando cientistas e militares.

Mahsa, uma engenheira de computação de 42 anos que mora no norte da capital e não quis divulgar seu sobrenome, disse que ela e sua família não conseguiram dormir. "Estamos no meio de uma guerra, e não sabemos onde isso vai dar."

Trump chega ao G7 envolvido em disputas com aliados dos EUA

Victor Lacombe

SÃO PAULO O presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, vai comparecer à reunião do G7 que começa neste domingo (15) envolvido em disputas com quase todos os países do bloco, que reúne Washington e mais seis das economias mais desenvolvidas do mundo — todas consideradas aliadas tradicionais dos EUA.

A cúpula do G7 acontece na cidade de Kananaskis, no Canadá, um país que Trump quer ver anexado ao seu — uma ameaça que repetiu durante visita do premiê Mark Carney à Casa Branca. Os outros membros do grupo, além da União Europeia, são o Reino Unido, a França, a Alemanha, a Itália e o Japão. Todos são países contra os quais Trump conduz sua guerra tarifária e negocia novos acordos comerciais.

Além de ser a primeira reunião do grupo desde o início do segundo mandato de Trump, esta também deve ser a primeira cúpula do G7 na qual a presença dos Estados Unidos é motivo de dor de cabeça para outros líderes.

Desde que voltou à Casa Branca, o republicano tem se ocupado de dinamitar as relações tradicionais entre Washington e as capitais europeias — intensificando uma corrida armamentista no continente, à medida que países como a Alemanha buscam uma arquitetura de segurança independente da Otan, a aliança militar ocidental criticada por Trump.

O republicano deve ter uma série de reuniões bilaterais durante a cúpula, e ainda não se sabe se a dinâmica vista no Salão Oval da Casa Branca, onde Trump transformou encurralar líderes estrangeiros em esporte, se repetirá.

Desde que o presidente americano e seu vice, J. D. Vance, constrangeram Volodimir Zelenski em audiência transmitida ao vivo, no fim de fevereiro, outros líderes se viram pressionados e humilhados por Trump em seu alçapão no Salão Oval. A última vítima foi o presidente sul-africano, Cyril Ramaphosa, em maio, quando foi grosseiramente inquirido sobre um fantasioso genocídio branco em seu país.

O G7 também deve discutir novas sanções contra a Rússia pela invasão da Ucrânia — outro ponto no qual o apoio dos EUA já não é mais garantia.

Também estarão, como convidados, a Índia, o México e o Brasil. O presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) comparecerá, assim como a mexicana Claudia Sheinbaum. Em sua breve fala, Lula deve evitar embate direto com Trump, apesar de aliados desejarem que ele direcione recados ao americano.

Eufrázio

Atirador mata deputada e fere senador democratas de Minnesota, nos EUA

Empregado de empresa de segurança, agressor foi à residência de cada um dos legisladores estaduais; governador, também democrata, vê motivação política

BRASÍLIA Dois parlamentares democratas de Minnesota, nos EUA, foram alvo de um ataque a tiros na madrugada deste sábado (14), cometido por um homem que se passou por policial. Ele fugiu.

A deputada Melissa Hortman, 55, ex-presidente da Câmara estadual, e seu marido, Mark, foram mortos, disse o governador Tim Walz, também democrata, em declaração. Já o senador estadual John Hoffman, 60, e sua esposa foram feridos e passaram por cirurgia.

Candidato a vice de Kamala Harris na campanha presidencial do ano passado, Walz disse que o assassinato aparenta ter motivações políticas. Ele afirmou que uma "tragédia indizível aconteceu em Minnesota" e que perdeu "uma grande amiga".

Ao New York Times um funcionário do governo de Minnesota disse ter razões para acreditar que o homem que atirou nos políticos planejava atacar os protestos contra Donald Trump programados para acontecer no local neste sábado. A polícia estadual orientou manifestantes que pretendiam participar dos atos, batizados de No Kings (Sem Reis), a não sair às ruas.

A polícia identificou o suspeito como Vance Boelter, 57, que trabalhava em uma companhia de segurança. De acordo com a CBS, ele teria mais de 50 possíveis alvos em seu veículo, inclusive autoridades de Minnesota e de outros estados, além de ativistas pelo direito ao aborto.

Eles não descartam, porém, a possibilidade de que o suspeito tivesse cúmplices no atentado. "Ainda não sabemos se há outras pessoas envolvidas", disse Drew Evans, diretor do Departamento Estadual de Investigação Criminal, a jornalistas.

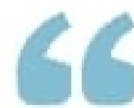
O senador Hoffman e sua esposa, Yvette, foram baleados diversas vezes. O governador Walz disse estar "cautelosamente otimista" quanto à sobrevivência após a tentativa de assassinato.

A polícia procura o suspeito, que estava vestido com uniforme policial e dirigia o que parecia ser uma viatura equipada com sirenes quando foi visto por agentes.



A deputada Melissa Hortman e o senador John Hoffman, do estado de Minnesota Paul Battaglia/Legislatura de Minnesota/AFP

Os parlamentares foram baleados em suas residências. A polícia foi inicialmente à casa de Hoffman após uma ligação relatando um tiroteio por volta das 2h (4h de Brasília). Outra ligação foi recebida às 3h35 (5h35 de Brasília) sobre a residência de Hortman, onde os policiais encontraram o suspeito vestido com uniforme da polícia.



> **Uma tragédia indizível ocorreu. (...) Perdi uma grande amiga**
>
> **Tim Walz**
> governador de Minnesota

Os policiais chegaram a trocar tiros com o agressor na casa de Hortman, mas ele escapou.

Melissa Hortman ajudou a aprovar leis que ampliaram o direito ao aborto e legalizaram a maconha para uso recreativo.

No entanto, ela ganhou destaque na última semana por ter sido a única democrata da Casa a votar a favor da revogação da cobertura de saúde financiada por contribuintes para imigrantes adultos em situação irregular —um posicionamento que vai ao encontro dos interesses de parlamentares pró-Trump. A justificativa dela foi que esse voto era necessário para aprovar o Orçamento.

Ainda neste sábado, o Capitólio do Texas, sede do Legislativo estadual, foi esvaziado devido a uma "ameaça crível contra parlamentares estaduais que planejavam participar" da manifestação contra Trump, segundo um porta-voz do Departamento de Segurança Pública local.

Em um comunicado divulgado nas redes sociais pela secretária de Imprensa dos EUA, Karoline Leavitt, o presidente Donald Trump disse que foi informado sobre "o terrível tiroteio que ocorreu em Minnesota", que "aparenta ser um ataque direcionado contra parlamentares estaduais". "Nossa secretária de Justiça, Pam Bondi, e o FBI estão investigando e irão processar todos os envolvidos com o máximo rigor da lei."

Desfile militar do aniversariante Trump ocorre sob protestos e clima tenso

Julia Chaib

WASHINGTON Em um dia de protestos com milhares nas ruas dos EUA e de um assassinato de uma deputada estadual, o aguardado desfile militar com dezenas de blindados e 6.700 soldados dos EUA começou na noite deste sábado (14), em Washington, para satisfação do presidente Donald Trump, aniversariante do dia (79 anos). Mais cedo, ele fez questão de convocar a população a comparecer à parada militar.

Em um breve discurso, Trump exaltou o Exército e disse que havia chegado a hora de os EUA celebrarem suas vitórias. "Se vocês ameaçarem nossas pessoas, nossos soldados irão até você, e sua derrota será certa. Porque nossos soldados não desistem, não se entregam. Eles lutam e ganham", declarou o presidente.



Diante de tanques, soldados passam por Trump e autoridades em desfile militar em Washington, neste sábado Andrew Harnik/Getty Images/AFP

A cerimônia começou por volta de 18h (19h no Brasil), um pouco mais cedo que o previsto para evitar a chuva forte que ameaçava cair. Trump ficou em um palco com painel blindado ao lado de diversas autoridades do seu gabinete. De lá, passou em revista as tropas que se exibiam.

Este é o primeiro desfile militar na capital em 34 anos. O motivo oficial foram os 250 anos do Exército dos Estados Unidos, formado para lutar a guerra que deu a independência ao país em 1776, mas não à toa o evento foi marcado no aniversário de Trump.

O gasto do evento foi estimado em até US$ 45 milhões (R$ 250 milhões). O custo foi um dos motivos de crítica, além de seu aspecto autoritário. Paradas militares costumam ser associadas no exterior a países sob ditadura ou com líderes autocráticos.

Desde o tempo da União Soviética, por exemplo, Moscou é palco de tais manifestações. Todo ano, o Dia da Vitória sobre os nazistas na Segunda Guerra Mundial é celebrado com pompa, que foi turbinada desde que Vladimir Putin, por quem Trump já declarou simpatia diversas vezes, chegou ao poder.

O dia começou com um episódio de violência que chocou os EUA. Na madrugada deste sábado (14), dois parlamentares do partido Democrata de Minnesota foram baleados por um atirador que se passou por policial. A deputada estadual Melissa Hortman e seu marido, Mark, foram mortos, e o senador estadual John Hoffman e sua esposa foram feridos. As autoridades locais disseram ter razões para acreditar que o atirador também mirava as manifestações anti-Trump que ocorreriam no estado.

As manifestações chamadas de "No Kings" (Sem reis) reuniram milhares de pessoas, com previsão de atos em mais de 2.000 cidades. Segundo organizadores, a ideia é que fossem pacíficas e apenas fizessem contraponto ao desfile militar de Trump e à decisão do republicano de mandar forças federais a Los Angeles, palco de atos contra o cerco a imigrantes desde o último fim de semana.

> **6.700**
> soldados estavam preparados para desfilar na parada militar do Exército, além de dezenas de blindados e aviões de guerra
>
> **US$ 45 milhões**
> foi o gasto estimado para organizar o desfile; custo foi motivo de críticas contra Trump

Em Washington, havia alguns atos, mas com poucas pessoas. Peter Sallinger, 22, trabalha na área de finanças e resolveu ir ao desfile com uma placa com o mote "No Kings". "Acho antiamericano colocar tanques custando milhões de dólares desfilando pela cidade, sobretudo diante do clima e da repressão aos protestos."

Kirchnerismo chega ao fim; o peronismo, não

Movimento político já provou conseguir se reinventar em crises anteriores

Sylvia Colombo
Historiadora e jornalista especializada em América Latina, foi correspondente da Folha em Londres e em Buenos Aires

Com a confirmação da condenação de Cristina Kirchner, o kirchnerismo parece ter chegado ao fim. No entanto, decretar a morte do peronismo como um todo, pelo menos até aqui, tem sido um erro recorrente na interpretação da história da Argentina. Toda vez que o movimento parece à beira da extinção, ressurge devido a sua ampla base social.

Desde a queda de Juan Domingo Perón (1895-1974) em 1955 —deposto por um golpe militar— até seu retorno triunfante em 1973, o peronismo demonstrou notável capacidade de sobrevivência.

Nos anos 1990, o colapso do modelo neoliberal do peronista Carlos Menem (1930-2021) levou a um desgaste profundo do movimento. Ainda assim, após a crise de 2001, quem tomou as rédeas para a recuperação do país foi o próprio peronismo, primeiro com Eduardo Duhalde, depois com Néstor Kirchner (1950-2010).

Em 2019, mesmo com a alta rejeição à Cristina, o movimento venceu a eleição no primeiro turno, jogando para escanteio o então presidente Mauricio Macri, tão festejado pelos mercados no início do mandato como alguém que enterraria o peronismo e levaria a Argentina ao paraíso liberal. Pois foi o mesmo peronismo que tirou Macri do tabuleiro com uma lavada nas urnas, mesmo com um candidato frágil, Alberto Fernández.

Essa resistência se explica por sua presença capilar nas zonas mais vulneráveis do país. O peronismo é a única força com uma estrutura real de acolhimento e assistência nos bairros populares.

O partido de Milei é favorito nas legislativas de outubro, mas há muito chão até a votação para a sucessão presidencial, em 2027; peronistas hoje parecem derrotados, mas nunca se pode descartá-los

Durante os oito anos de Presidência de Cristina Kirchner (2007-2015), a gestão se sustentou graças a uma combinação de políticas clientelistas, ampla utilização de subsídios em serviços e uma retórica nacionalista que galvanizou o apoio popular. No entanto, esse modelo também foi marcado pelo enriquecimento ilícito e desvio de verba em obras públicas.

Mesmo que o kirchnerismo tenha sido agora empurrado para o abismo, o peronismo tem grandes chances de sobrevida com outros atores. É o caso do governador da província de Buenos Aires, Axel Kicillof, cuja real força será medida nas eleições legislativas locais, em setembro.

A rejeição crescente às políticas de ajuste de Javier Milei, os efeitos sociais da inflação —que cai, mas persiste— e a falta de alternativas sólidas de oposição podem abrir espaço para uma nova versão do peronismo ganhar força. O movimento tem experiência em ocupar esse vácuo. Inicia-se agora um processo de reorganização com foco em 2027.

O fator Cristina continuará a ser relevante. A ex-presidente pode atuar na política por meio das redes sociais, como faz seu amigo Rafael Correa no Equador, mesmo condenado e exilado.

O peronismo deve jogar com a imagem da perseguição política, narrativa que pode ganhar força se o custo de vida seguir elevado e a política de ajustes continuar.

Por ora, o partido de Milei é o favorito para as eleições legislativas no resto do país, em outubro. Mas, até a votação para a sucessão presidencial há muito chão, e o ultradireitista terá de lutar contra a crescente insatisfação que vai tomando, aos poucos, as ruas. Como já aconteceu em outras ocasiões, o peronismo pode parecer derrotado hoje, mas é sempre cedo para descartá-lo.

DOM. Sylvia Colombo **SEG.** Bianca Santana TER. Mundo Leu QUA. Rui Tavares QUI. Lúcia Guimarães SAB. Igor Patrick



Então presidente da Nicarágua, Violeta Chamorro gesticula durante entrevista coletiva em 1990; seu mandato foi marcado por reformas liberais após o período revolucionário do sandinismo Pancho Bernasconi - 27.set.90/AFP

Morre, aos 95 anos, Violeta Chamorro, primeira mulher a governar a Nicarágua

Pioneira nas Américas a ser eleita democraticamente, ex-presidente deixa legado ao país por se opor à atual ditadura de Daniel Ortega

Sylvia Colombo

SÃO PAULO Morreu neste sábado (14), aos 95 anos, a ex-presidente da Nicarágua Violeta Barrios de Chamorro, que governou de 1990 a 1997 e deixa um legado democrático num país sob a violenta ditadura de Daniel Ortega.

Chamorro estava em San José, na Costa Rica, e morreu devido a complicações do Alzheimer e de uma embolia cerebral que sofreu em dezembro de 2018. Foi a primeira mulher eleita democraticamente a governar um país das Américas —Lidia Gueiler comandou a Bolívia de 1979 a 1980, mas colocada no poder por militares.

"Dona Violeta faleceu em paz, rodeada pelo carinho e amor de seus filhos e das pessoas que lhe ofereceram um cuidado extraordinário", afirma comunicado assinado pelos quatro filhos. "Seus restos mortais repousarão temporariamente em San José, Costa Rica, até que a Nicarágua volte a ser uma República e seu legado patriótico possa ser honrado em um país livre e democrático."

Distante da vida pública há duas décadas, a ex-presidente mudou-se de Manágua para San José em outubro de 2023 para ficar perto de seus filhos, três dos quais foram exilados da Nicarágua por se oporem a Ortega.

O regime nicaraguense afirmou que a ex-presidente "representou uma contribuição para a necessária paz em nosso país". A declaração foi feita por Ortega e sua mulher, a copresidente Rosario Murillo, em comunicado.

Chamorro participou de uma coalizão de forças de diversos setores da sociedade, da Igreja e de partidos políticos que deram força para que a Frente Sandinista de Libertação Nacional derrubasse a dinastia Somoza do poder, em 1979. Depois disso, Chamorro integrou a junta que governou o país enquanto este se reorganizava politicamente.

Logo, porém, mostrou ter diferenças com aquele que viria a ser o principal líder do sandinismo, Daniel Ortega. Nas eleições de 1990, Chamorro se candidatou e o derrotou nas urnas.

Nos anos em que esteve no poder, mudou a orientação socialista que os sandinistas estavam dando ao governo, e seu período é lembrado como o de um respiro democrático.

Implementou ajustes e reformas mais liberais, com abertura econômica, tentando recuperar o país de sua frágil situação após anos de conflito. Também foram tempos de tolerância com relação à liberdade de imprensa e de inclusão, na pauta legislativa, de questões relacionadas a liberdades civis.

> **Seus restos mortais repousarão na Costa Rica até que a Nicarágua volte a ser uma república e seu legado patriótico possa ser honrado em um país livre e democrático**
>
> Nota dos filhos de Violeta Chamorro

Isso tudo teria um forte retrocesso depois, com o retorno de Ortega —vale lembrar que a Nicarágua é dos poucos países no mundo em que o aborto é proibido em qualquer situação.

Houve, porém, fortes críticas à sua gestão devido à aproximação com os EUA, que queriam os sandinistas longe do poder, e com a CIA, que passou a atuar no país buscando rotas de narcotráfico.

"Na época da Revolução Sandinista (1979), eu era um fiel seguidor do movimento, dirigia o jornal oficial, era leal a Ortega e fui contra a candidatura da minha mãe, que era vista como uma burguesa por jovens revolucionários como eu. Agora reconheço que seu legado é imenso e, se tivéssemos seguido o caminho que ela apontou, talvez a Nicarágua não estivesse nessa situação", diz à **Folha** o filho mais novo, Carlos Fernando Chamorro, hoje diretor de um jornal opositor a Ortega, o "El Confidencial".

Chamorro teve uma trajetória peculiar. Havia sido casada com Pedro Joaquín Chamorro Cardenal (1924-1978), diretor do jornal "La Prensa", um feroz crítico da ditadura de Anastasio Somoza Debayle (1925-1980) e que terminou assassinado.

"A partir daí, ela se tornou ainda mais envolvida nas questões políticas, assumiu a direção do jornal e deixou a mim e a meus irmãos a lição de que a liberdade de expressão era uma coisa sagrada", diz Carlos Fernando. Além dele, o casal teve outros três filhos, Pedro Joaquín, Claudia Lucía e Cristiana.


O biomédico Ged Novais, 55, teve o celular roubado pela gangue da bicicleta durante a Virada Cultural Danilo Verpa/Folhapress

Vítimas da gangue da bicicleta relatam traumas em usar o celular nas ruas

Ladrões focam em aglomerações e atuam em bando para evitar flagrantes; capital paulista teve mais de 30 mil furtos de celulares de janeiro a abril de 2025

VÍTIMAS DA VIOLÊNCIA

Mariana Zylberkan e Lucas Lacerda

SÃO PAULO Era uma manhã atípica quando a analista financeira Amanda Ribeiro, 24, tirou o celular da mochila para encontrar uma rota de ônibus durante uma pane na linha 1-Azul do Metrô, que a leva todos os dias para o trabalho no bairro da Saúde, na zona sul de São Paulo. Ela saiu da estação Ana Rosa e, em segundos, teve o aparelho arrancado de suas mãos por um ladrão em cima de uma bicicleta.

A mulher conta que correu três quarteirões para tentar alcançá-lo, mas desistiu ao vê-lo sumir entre os carros. Era por volta das 8h da manhã de uma quinta-feira. "Tinha bastante gente na rua, mas ninguém fez nada. Parei no meio da rua e comece a chorar e, só então, tive ajuda", afirma ela, que é moradora de Perus, na zona norte da capital paulista.

Presente inicialmente na avenida Paulista no fim da pandemia, a chamada gangue da bicicleta atua em locais onde há aglomerações, como saídas de estações, ruas com grande movimento de pedestres e pontos de concentração de bares e restaurantes.

Foi na frente de um bar no centro, durante a Virada Cultural, que o biomédico Ged Novais, 55, também viu o celular sumir das mãos enquanto chamava um carro de aplicativo. Morador de Pinheiros, na zona oeste, bairro onde a gangue da bicicleta é bastante atuante, ele conta que está acostumado a ficar atento ao usar o celular na rua, mas não foi suficiente. "Foi uma coisa muito rápida, eu simplesmente senti o celular sumir da minha mão."

Ele conta que contratou um seguro para o novo aparelho. "Já me sentia bastante inseguro e, agora, estou em pânico. Fico com a sensação que serei assaltado novamente. A sensação de impotência é terrível, tenho vontade de sumir do meu próprio país".

Ele diz acreditar que seu celular roubado foi levado para o comércio ilegal de peças, já que a última localização consta em uma rua no centro onde funcionam lojas de conserto de aparelhos.

Felizmente, o biomédico conseguiu bloquear as contas a tempo e impediu mais prejuízo, diferente da analista financeira que teve a conta invadida minutos após o roubo. "Em 12 minutos, conseguiram a senha do meu celular e tiraram R$ 1.400 da conta", diz Amanda. Os ladrões tentaram comprar quatro celulares em seu cadastro em uma loja online, mas ela conseguiu cancelar a tempo.

A gangue também ligou para seu noivo e exigiu R$ 5.000 para devolverem o celular, além de debocharem do que consideraram pouco dinheiro encontrado na conta. Sua mãe também foi contatada pelos bandidos. "Fiquei com bastante medo. Nos primeiros dias, não conseguia mexer no celular. Voltei sem ouvir música no metrô porque qualquer pessoa que chegava perto, eu ficava com medo", diz Amanda. Ela conta ter perdido três quilos em duas semanas e aumentado a frequência das sessões de terapia.

A cidade registrou 31.874 furtos de celulares de janeiro a abril deste ano. As estatísticas apontam para uma estabilidade deste indicador criminal, já que o número de ocorrências é semelhante ao mesmo período no ano passado, quando foram 30.190 casos. Não há detalhamento sobre em quantos casos o ladrão estava em uma bicicleta.

Mesmo assim, a sensação de insegurança impera. Na praça Olavo Bilac, em Campos Elísios, na região central, os comerciantes conseguem detalhar o modus operandi dos criminosos de tanto presenciarem furtos. O local é visado pela gangue de bicicleta pela concentração de bares e calçadas lotadas durante os finais de semana.

Nos primeiros quatro meses do ano foram registrados 23 boletins de ocorrência de furtos de celular na praça, número próximo aos 31 registros do mesmo crime no local ao longo de todo ano passado. Os roubos no local aumentaram quatro vezes no de janeiro a abril deste ano em comparação com o mesmo período no ano anterior, quando houve 3 ocorrências do tipo. Em 2025, subiu para 13.

Na delegacia da região, o 77º DP (Santa Cecília), houve aumento de 40,5% nos furtos de celulares nos quatro primeiros meses deste ano em relação a 2024. Foram 961 ocorrências antes 684.

Segundo relato de comerciantes, primeiro um integrante da gangue passa pela calçada em busca de uma vítima em potencial — de preferência, donos de celulares considerados caros, como os modelos com mais de duas câmeras — e usam fones de ouvido para se comunicarem.

Quando o alvo se distrai, seja para pedir um carro de aplicativo, mandar uma mensagem ou tirar uma foto, o ladrão passa de bicicleta, pega o aparelho e foge. Para evitar o flagrante, o celular é passado de mão em mão a outros integrantes da quadrilha.

Um desses comerciantes disse já ter presenciado integrantes da gangue da bicicleta levarem os aparelhos até um carro estacionado nas proximidades, onde havia uma pessoa com um computador, provavelmente, para invadir as contas das vítimas. Ele pediu para não ter seu nome divulgado por temer represálias contra seu estabelecimento.

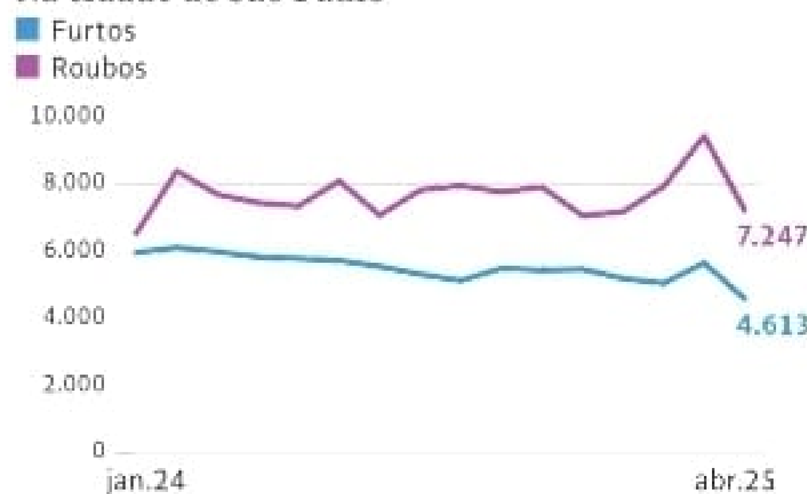
Moradora da praça, Marta Regina Garro Tidei, 63, teve o celular arrancado de sua mão quando embarcava em um carro de aplicativo, na calçada em frente de casa, no ano passado. Ela se mudou para o interior, mas o medo persiste. "A insegurança aumenta. Mesmo no interior, quando via uma bicicleta, eu ficava tensa."

Em nota, a Secretaria de Segurança Pública informou que os casos do biomédico e da analista financeira foram registrados como furto e que "as equipes das unidades responsáveis estão empenhadas na apuração dos fatos".

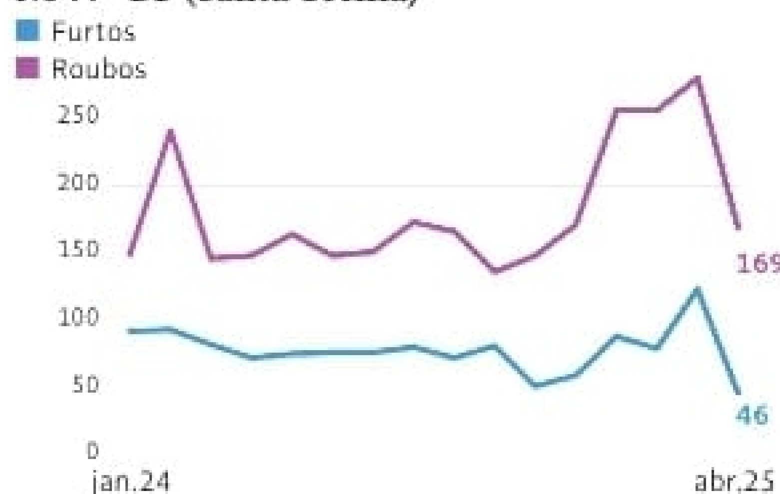
A pasta disse que 3.970 infratores foram presos e apreendidos nos primeiros quatro meses de 2025 na região do 77º DP, 3,3% a mais do que o mesmo período de 2024.

Ocorrências de roubos e furtos de celulares

Na cidade de São Paulo



No 77º DP (Santa Cecília)



Fonte: Secretaria de Segurança Pública

Série mostra como a violência afeta a população

Em meio a um aumento da sensação de insegurança, a nova série de reportagens Vítimas da Violência traz relatos de quem sofreu com a criminalidade para mostrar os impactos que a violência causa no cotidiano da população, da perda de entes queridos a traumas após roubos e sequestros.

Eufrázio

MORTES

coluna.obituario@grupofolha.com.br

JOHANNES PETER FELDENHEIMER (1960 - 2025)

Agrônomo, atuou para um desenvolvimento sustentável

Johannes foi ponte para produtores rurais, incentivando aprimoramento profissional

Mauren Luc

CURITIBA Caçula entre cinco irmãos e filho de dois imigrantes do Leste Europeu, Johannes Peter Feldenheimer decidiu que queria seguir carreira na agronomia durante as muitas visitas ao sítio da família, em Itu, no interior de São Paulo.

"Lá havia plantio de limão-taiti e eucalipto, e muitas oportunidades de aprender sobre agricultura, incluindo a cultura e comercialização de café na propriedade de amigos da família", conta sua mulher, Laurecy Feldenheimer. "Também pesquisou e acompanhou a criação de gado pinzgauer em viagem a Salzburgo, na Áustria, onde nasceu sua mãe."

Nascido em São Paulo, Johannes foi engenheiro agrônomo e mestre em irrigação. Iniciou sua carreira pública na Prefeitura de Reginópolis (SP) em 1988 e em 1991 ingressou na Secretaria de Agricultura de São Paulo. Trabalhou ainda em Bauru, antes de retornar a Reginópolis.

"Johannes era muito simples, fazia questão de almoçar conosco e tinha prazer em compartilhar tanto o alimento quanto a amizade. Mesmo quando ocupou o cargo de diretor-técnico não deixou de ser quem ele era", diz a amiga Renata Ventura, contando que em todas as datas festivas ele trazia lembrança para cada amigo de trabalho. "Fazia com que todos se sentissem valorizados."

Renata destaca seu legado e envolvimento nos projetos da secretaria, como microbacias e fruticultura. "Deixava muito claro seu orgulho em ser um extensionista, assim como seu carinho e dedicação pela instituição, produtores rurais e por todos com quem convivia."

Laurecy reforça sua dedicação ao trabalho, sendo muito estimado pelos colegas e produtores. "Estava sempre pesquisando e organizando-os para a excelência e para o cooperativismo na produção agropecuária". Ele foi homenageado com agrônomo do ano pela Associação do Engenheiros Agrônomos do Estado de São Paulo, em 2013.

> **Era muito simples e tinha prazer em compartilhar tanto o alimento quanto a amizade**
> Renata Ventura

Johannes adorava fotografia, viagens, boa comida, doces, cerveja e vinho. "Gostava de cozinhar e seus pratos mais icônicos são a brasileiríssima feijoada e a zehetner goulash, uma famosa receita austríaca feita com carne de porco e chucrute, com toque especial do zimbro", recorda a filha, Karen.

"Gostava de plantar, de comer comidas diferentes e viajar para lugares novos. E fazia piada em qualquer ocasião", lembra a filha Kamila. Ele adorava Fórmula 1 e futebol, sendo fã do São Paulo e de Ayrton Senna.

Johannes foi escoteiro e ministro da eucaristia. Com seu característico bigode, bom humor e sorriso fácil, encorajava todos ao progresso pessoal. Ele morreu em 1º de abril, de problemas cardiorrespiratórios. Deixa a mulher, as duas filhas e uma neta.

O QUE FAZER EM CASO DE MORTE
Serviço Funerário Municipal de São Paulo Central 156
Tel. (11) 3396-3800; prefeitura.sp gov.br/servicofunerario
Anúncio pago na Folha Tel. (11) 3224-4000.
WhatsApp (11) 99646-9069. Seg. a sex.: 10h às 19h.



Gretta Starr, 69, em seu apartamento no centro de São Paulo - Karime Xavier/Folhapress

Para LGBTs 60+, Parada do Orgulho ficou menos política e lutas devem ser relembradas

Com envelhecimento como tema, 29ª edição do desfile acontece no próximo domingo (22), na avenida Paulista, em São Paulo

Bruno Lucca e Karime Xavier

SÃO PAULO Gretta Starr, 69, é um cometa. Deixou seu rastro luminoso de Santos a Tóquio. Experimentou ser hostess, vedete, concubina, atriz, maquiadora e até tesoureira. Encarou o preconceito, a marginalidade e o HIV.

"Mas você acha que uma bicha nova quer ouvir isso?", questiona a mulher trans em sua casas no edifício Viadutos, marco arquitetônico no centro de São Paulo. "Não mesmo. Para essa turma, a vida é pura festa. Hoje pode até ser, mas alguém pavimentou."

A 29ª Parada do Orgulho, marcada para o domingo (22), pode ser oportunidade para Gretta falar e receber a atenção merecida. O evento traz o tema "Envelhecer LGBT: Memória, Resistência e Futuro" e promete celebrar o passado e o presente da comunidade.

"Os jovens precisam entender uma coisa: se hoje eles podem beijar e andar de mãos dadas, muita gente apanhou", diz ela.

Gretta nasceu em 10 de setembro de 1955 em Santos, no litoral paulista. Na adolescência, começou a perceber-se mulher. Aos 18 anos, fugiu de casa para não preocupar os pais. Anos depois, voltou loira, bronzeada e com peitos.

De 1985 a 1989, viveu no Japão e se apresentou em diversos países do leste asiático.

Voltando ao Brasil, se fixou em São Paulo. Virou estrela das célebres casas noturnas Nostro Mondo, Homo Sapiens, Corintho, Sky, Freedom e Blue Space. Começou também a trabalhar como maquiadora profissional.

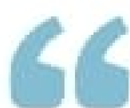
Na década de 1990, descobriu viver com HIV. Em uma apresentação, revelou publicamente a sua sorologia. "Eu vivi, nossa! Aproveitei muito e fiz muitos amigos". Faltou, porém, fazer uma poupança, mas as companhias são mais valiosas que qualquer montante, afirma.

Para sustento, Gretta segue arrastando fãs para apresentações, além de fazer maquiagens. Na noite, ainda encontra e louva colegas das antigas, como as transformistas Márcia Pantera, 55, e Silvetty Montilla, 57.

O trio deve estar reunido na Parada. Gretta esteve em todas. Ama a data, mas faz uma crítica. "As pessoas esqueceram do lado político e focam apenas na festa", diz ela, saudosa da primeira edição, em 1997, quando um carro de som era todo o evento.

Jeff Celophane, 62, embarca na mesma lamentação. O cenógrafo sempre enxergou a parada como um espaço de ativismo. Isso, porém, tem sido apagado, opina.

A comunidade LGBT+, pensa ele, se esqueceu de quando Nelson Matias, atual presidente da Parada, decidiu celebrar o dia oficial do orgulho gay ocupando a av. Paulista com seu namorado, um bandeirão arco-íris e cerca de 2.000 pessoas gritando por cidadania e respeito. "É muito fácil ignorar o que todos já passamos. Hoje, a galera tem uma liberdade inimaginável", diz Jeff, que sexagenário resolveu mudar radicalmente seu estilo de vida.



> **Os jovens precisam entender uma coisa: se hoje eles podem beijar e andar de mãos dadas, muita gente apanhou**
> Gretta Starr
> Atriz

Um apartamento enorme deu lugar a um estúdio. Relacionamentos conturbados à solitude. Uma carreira consolidada a novos desafios. Tudo após um AVC (Acidente Vascular Cerebral).

Falar do fim, agora, não é nada triste para ele. É libertador e tão natural quanto falar do HIV, nunca revelado à mãe, mas motivo de sua entrada e permanência na militância. "Se você pode curtir sua vida hoje, é porque muita gente morreu. É bom lembrar."

O tema escolhido para a Parada este ano acontece em meio a um envelhecimento da população brasileira, que acelerou para níveis recordes nas últimas décadas. Pessoas de 65 anos ou mais já representam 10,9% do total de habitantes no país — dos 203,1 milhões de brasileiros, 22,2 milhões estão nesta faixa etária.

É o que apontam dados do Censo Demográfico 2022 divulgados em 2023 pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). O percentual de idosos é o maior desde o primeiro recenseamento realizado no Brasil, em 1872, disse o instituto. Não há recortes por orientação sexual na pesquisa.

Em termos absolutos, a população nessa faixa etária (22,2 milhões) superou o total de habitantes de MG (20,5 milhões), segundo estado mais populoso do país.

Estudar fora do Brasil requer portfólio e planejamento além do Enem

Além das notas, instituições estrangeiras avaliam outros requisitos na admissão

★★★ **FOLHA ESTUDANTES**

Lucas Leite

SÃO PAULO O desejo de estudar e viver no exterior faz parte dos planos de muitos adolescentes brasileiros. No entanto, transformar esse sonho em realidade vai muito além de conquistar uma boa nota em exames como o Enem. A preparação precisa começar cedo e envolve uma série de etapas, desde o planejamento financeiro até a criação de um portfólio acadêmico.

Além da formação acadêmica, a vivência internacional tem impacto direto na vida dos estudantes. Para Alexandre Sayão, coordenador de escolas internacionais da Inspira Rede de Educadores, estudar fora do país é uma oportunidade de crescimento que vai além da sala de aula.

Ao sair da zona de conforto e se abrir para novas culturas, o adolescente amplia seu repertório e fortalece a autoconfiança. "É uma experiência de vida acadêmica que reflete também na vida pessoal e na carreira, abrindo muitas portas de modo geral."

Além de facilitar o acesso a universidades em Portugal, o Enem também passou a ser considerado por instituições de ensino em países como Canadá, Estados Unidos, França e Reino Unido.

Nestes casos, a nota do exame do ensino médio brasileiro pode ser utilizada como parte dos critérios de seleção —ainda que de forma complementar, ao lado de outros requisitos obrigatórios.

Roberta Mayumi, coordenadora da escola FourC Bilingual Academy de Bauru, no interior de São Paulo, ressalta que cada universidade tem autonomia para definir seus critérios de admissão, mas, de forma geral, o processo vai além das notas. "As instituições querem saber quem é o aluno que está entrando lá."

"Não analisam só o desempenho em uma prova, mas o histórico escolar, as disciplinas em que se saiu melhor, além da proficiência no idioma. [...] Muitas faculdades pedem o resultado do Enem, não focando na nota que o estudante tirou, mas como se fosse um fechamento de ciclo do aluno", explica Mayumi.

Segundo Edmilson Motta, coordenador de internacionalização do Colégio Etapa, países como Irlanda, Escócia e Inglaterra costumam exigir uma etapa extra no processo seletivo, já que não reconhecem a educação básica brasileira como completa.

"Para estudar lá, é preciso fazer o chamado 'Foundation Year', que é um ano de adaptação que complementa a formação do estudante e o prepara para o ensino superior", afirma Motta.

Segundo Mayumi, estudantes que pretendem estudar nos EUA, por exemplo, devem iniciar a preparação já no 9º ano do ensino fundamental. Além de um bom histórico escolar, o processo seletivo exige um portfólio consistente de atividades extracurriculares, que tem um peso significativo na avaliação.

"O portfólio com trabalho voluntário, participação em competições e olimpíadas de matemática, por exemplo, é importante. Se o aluno estuda em período parcial, como só de manhã, precisa aproveitar a tarde para se dedicar a outras atividades que ajudem a rechear essa compilação", explica.

Outro ponto importante é o alinhamento entre o perfil do estudante e o tipo de universidade. Segundo a coordenadora, é fundamental refletir sobre preferências pessoais e acadêmicas.

A New York University (NYU) é uma das universidades americanas que aceitam a nota do Enem como parte do processo seletivo de estudantes internacionais.

Em entrevista à Folha, a porta-voz da instituição, Carol Ourivio, afirma que a NYU considera diversos testes padronizados, incluindo os tradicionais SAT e ACT —exames de admissão amplamente usados nos EUA.

"Fazemos isso porque entendemos que alguns estudantes internacionais podem sentir que outros testes representam melhor sua capacidade acadêmica, já que toda a sua escolaridade foi em um currículo diferente", explica Ourivio.



E como fica no caso dos EUA?

Recentemente, os Estados Unidos apertaram as regras para a entrada de estudantes internacionais. Com a política migratória mais rígida sob Donald Trump, muitos jovens que sonhavam com uma vaga em universidades passaram a encarar o processo com insegurança e incerteza. "As universidades americanas continuam a emitir os documentos, seguindo o processo regular de matrículas, enquanto os estudantes aguardam a liberação de novas datas de agendamento para o visto de estudante", explica José Carlos Hauer, CEO da consultoria STB.

Apoio SESI



APRESENTA

EstúdioFOLHA

Prefeitura de SP entrega mais de 1.200 títulos de posse de imóveis na zona leste

Maior programa de regularização fundiária da história da cidade já atendeu a mais de 53 mil famílias desde 2021, sendo 5.086 somente neste ano; meta é entregar mais 95 mil regularizações até 2028

A Prefeitura de São Paulo promoveu a entrega de mais 1.224 títulos de regularização fundiária a moradores da região de São Mateus (zona leste). Após mais de 30 anos de espera, famílias de Chácara Chalé, Jardim Imperador, São Francisco (Núcleo B e Núcleo C), Dias Moreira e Jardim Limoeiro conquistaram gratuitamente a documentação de seus imóveis, o que garante a posse legal do patrimônio. A entrega foi realizada no dia 11 de junho.

O Programa de Regularização Fundiária é o maior da história da cidade de São Paulo. Desde 2021, mais de 53 mil famílias de todas as regiões da cidade já receberam título de propriedade, sendo 5.086 somente neste ano. A iniciativa prevê a entrega de mais 95 mil regularizações até 2028.

A entrega dos títulos representa mais um avanço na política de regularização fundiária do município, garantindo dignidade, cidadania e segurança jurídica para milhares de famílias paulistanas.

O programa tem por finalidade fomentar ações sociais, urbanísticas, jurídicas e ambientais relativas à Regularização Fundiária Urbana (Reurb). Ao passar pelo processo de reurbanização, as áreas recebem infraestrutura básica como redes de água, de esgoto e de energia elétrica, condições essenciais para a regularização. O Reurb envolve diversas etapas, como levantamentos topográficos, estudos técnicos e ambientais, cadastramento das famílias e análise jurídica da documentação.

Essa última entrega do título de propriedade gratuito, realizada na zona leste, integra a programação da Semana Solo Seguro Favela 2025, iniciativa promovida pela Corregedoria Nacional de Justiça, em conjunto com as corregedorias estaduais e os municípios.

JF Diorio/SECOM



Moradora da região de São Mateus exibe título de propriedade gratuito

BENEFÍCIO

A vendedora Márcia Aquino dos Santos, 45, do Jardim São Francisco, disse que está feliz por ter conquistado tudo o que sempre sonhou, que é o documento de regularização da sua casa. "Esse benefício é maravilhoso, porque a gente não teria condições de pagar. Moro nessa casa há 25 anos e agora vou poder deixar algo para os meus filhos, de papel passado, tudo bonitinho", afirmou Márcia, ao falar das filhas Rebeca, 14, e Tami, 19.

Outro beneficiado, o encarregado de serviços gerais Ademir Cândido, 65, declarou que é muito gratificante ter sua moradia documentada. "Agora posso chamar de minha casa. É um passo muito grande da Prefeitura pensar na gente, todos estão de parabéns, só tenho a agradecer por realizar o nosso sonho de ter a casa própria."

EstúdioFOLHA Conteúdo patrocinado produzido pelo Estúdio Folha

O patriarcado de chuteiras

Por fugir da bola no recreio e me esconder na biblioteca que, talvez, tenha me tornado escritor

Antonio Prata
Escritor e roteirista, autor de "Por Quem as Panelas Batem"

Longe de mim querer disputar com as mulheres o lugar de vítima do patriarcado. É o sexo feminino, evidentemente, quem mais se envenena com a masculinidade tóxica. Isso não significa que os homens não possam, vez por outra, se contaminar com o próprio cianureto.


Adams Carvalho

Peguemos o futebol, por exemplo. Durante a infância e o início da adolescência o ludopédio pairava sobre mim como uma espada de Dâmocles. Quando eu menos esperava, num recreio, numa festa de aniversário, num acampamento de férias, uma bola surgia quicando, dois meninos escolhiam os times e pronto, lá estava eu tomando dribles por baixo das pernas, levando boladas na barriga e ouvindo "oléééé!". Costumo dizer que, em relação às pernas, sou ambicanhoto: (não) bato com as duas.

Penso, agora, que deveria era agradecer ao esporte bretão. Deveria, todo dia, acender uma vela para Charles Miller, o inglês que, muito antes de virar praça, dizem, trouxe o futebol para o Brasil. Afinal, como escreveu Nietzsche (ou teria sido minha tia Corália?), "tudo o que não me mata me fortalece". Foi por fugir da bola no recreio e me esconder na biblioteca que, talvez, tenha me tornado escritor. (Protegido por um grosso volume de "Os Trabalhos de Hércules", de Monteiro Lobato, na última mesa do canto, atrás da pilastra, ninguém ia me encontrar, dizer "falta um, Antonio, entra aqui, a gente é sem camisa!").

Só lá pelo fim da adolescência, começo da idade adulta, quando os neurônios passam a ser mais valorizados do que os hormônios, é que entendi que não precisava mais jogar futebol para tentar encontrar um lugar ao sol. Jamais faria um gol de placa, mas quem sabe poderia fazer um de letra?

A vida, contudo, é uma caixinha de surpresas e só acaba quando termina —Nietzsche? Tia Corália? Eis que, no ano da graça de 2013, fui escalado para a seleção brasileira de escritores, que iria a Frankfurt enfrentar a seleção alemã de escribas. Os brasileiros só se envergonham do 7 a 1 de 2014 pois não presenciaram o 9 a 1 que, numa noite gélida do velho continente, engolimos do escrete teutão. (Este que vos escreve, caro amigo, cara amiga, jogava na (sic) defesa.)

Só lá pelo fim da adolescência, começo da idade adulta, quando os neurônios passam a ser mais valorizados do que os hormônios, é que entendi que não precisava mais jogar futebol para tentar encontrar um lugar ao sol

Jurei, então —a alma tão enrugada pela infâmia quanto os dedos dos pés pela inclemente garoa germânica— que para o bem do povo e felicidade geral da nação, nunca mais me arriscaria entre as quatro linhas.

A vida, contudo, é uma caixinha de fósforos, você nunca sabe o que tem dentro —Bezerra da Silva? Marcelo D2? Schopenhauer? Beckenbauer? Eis que, no ano da graça de 2025 a literatura mais uma vez me arranca do teclado e me atira no gramado. Domingo, dia 22, participarei de uma partida no Pacaembu. A pelada, provavelmente uma das mais tétricas já presenciadas pelo histórico estádio, encerrará a Feira do Livro 2025, que acontece durante toda a semana na praça Charles Miller —sim, aquele.

Apegado à promessa de 2013, ao receber o convite pro jogo, citei Alexandre de Moraes: "declino". Informado, contudo, que os times seriam mistos, escritores e escritoras juntos, decidi dar minha contribuição à nobre causa do feminismo e vestir as chuteiras. Creio que, ao ser driblado por entre as pernas pela Giovana Madalosso, ao tomar na barriga boladas da Bianca Santana, ao ouvir "oléééé" da Tatiana Vasconcellos, contribuirei, ao menos um pouco, com o "empoderamento" feminino. Garanto a vocês: se depender dos meus dotes futebolísticos, o patriarcado cai antes de segunda-feira.

DOM. Antonio Prata SEG. Becky S. Korich / Giovana Madalosso TER. Vera Iaconelli QUA. Ilona Szabó de Carvalho / Jairo Marques QUI. Sérgio Rodrigues SEX. Tati Bernardi SÁB. Oscar Vilhena Vieira / Luís Francisco Carvalho Filho

Marcha da Maconha trata também de criminalização do funk e violência

Manifestantes percorreram av. Paulista pela legalização do uso da cannabis

Jorge Abreu

SÃO PAULO Às 16h20 deste sábado (14), a Marcha da Maconha esverdeou a avenida Paulista com seus manifestantes vestindo a cor em alusão à cannabis. Artistas, influenciadores digitais e políticos também participaram do manifesto, que iniciou o percurso em frente ao MASP, ao som de marchinhas de carnaval.

O evento debateu temas além da legalização do consumo da maconha, como a violência policial nas periferias e a criminalização da cultura negra, como o funk e o rap —o caso da prisão do MC Poze do Rodo foi apontado como exemplo.

Em meio aos muitos temas debatidos na marcha, a fumaça dos cigarros de maconha subia aos céus. O consumo da cannabis também poderia ser feita por meio de doces vendido pelos ambulantes e bebidas, como chás.

Floriano Costa, 26, relata que seu filho, de 3 anos, sofre com crises de epilepsia e precisa de tratamento à base de cannabidiol. Para ele, o acesso gratuito é negligenciado no SUS, o que impossibilita para famílias mais pobres.



Manifestante segura balão inflável com formato de cigarro de maconha Bruno Santos/Folhapress

"Para você fazer um tratamento canábico no Brasil você precisa ter dinheiro para pagar um médico especialista. Vai precisar de um diagnóstico caro, sendo que tudo isso, diagnóstico de epilepsia já poderia ser o suficiente pra ser tratado com cannabis aqui no Brasil, mas não é", declarou.

Luciano Carvalho, diretor estadual do MTST (Movimento dos Trabalhadores Sem Terra), afirma que as pautas de discriminação e criminalização caminham juntas. Segundo ele, as populações mais vulneráveis sofrem mais perseguição na sociedade.

"O MTST entende que estas pautas caminham juntos no sentido de romper preconceitos e a discriminação. Nos solidarizamos à pauta da Marcha da Maconha", disse.

Carvalho destacou ainda a perseguição contra as populações mais vulneráveis, como os moradores em situações de ruas e os de favelas. Ele citou, como exemplo, a violência policial nas periferias e os debates em torno do funk.

"Podemos entender, por exemplo, que o funk é uma expressão cultural periférica, de juventude, e acaba-se então por criminalizar, atacar e cercear nos seus direitos", acrescentou.

Eufrázio

Presidente de órgão do MEC faz 86 viagens, foca no CE e gasta R$ 542 mil

Aliada de Camilo Santana, Fernanda Pacobahyba se deslocou mais e com custo maior que antecessores; FNDE afirma que as viagens refletem o fortalecimento do órgão

João Gabriel e Paulo Saldaña

BRASÍLIA A presidente do FNDE (Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação), Fernanda Pacobahyba, já fez 86 viagens desde o início do governo Lula (PT) e acumula gastos de mais de meio milhão de reais em passagens e diárias, inclusive internacionais. A executiva tem privilegiado cidades do Ceará, seu estado natal.

Pacobahyba diz a pessoas próximas que tem pretensões eleitorais no Ceará, e mantém perfil ativo nas redes sociais: registra compromissos e divulga fotos com figuras públicas, políticos e personalidades. O ritmo de viagens tem causado queixas veladas de servidores do órgão.

Indicada ao cargo pelo ministro da Educação, Camilo Santana (PT), que foi governador do estado, ela viajou mais e com custo maior do que qualquer um de seus antecessores no cargo nos últimos dez anos, considerando os três governos anteriores. Também foi quem mais fez agendas fora do país.

O FNDE, ligado ao MEC (Ministério da Educação), opera um orçamento de R$ 107,6 bilhões em 2025 e tem atuação espalhada pelo país, uma vez que centraliza dinheiro para ações como obras de educação. Por isso, o cargo é disputado por integrantes de partidos do centrão.

Pacobahyba fez, na média, uma viagem a cada dez dias em pouco mais de dois anos e cinco meses no cargo. Foram 23 agendas para alguma cidade do Ceará (21 para a capital, Fortaleza) —nenhum outro estado foi visitado tantas vezes.

Os gastos com passagens e diárias somam, até agora, R$ 542,5 mil. Quase metade disso (R$ 226 mil) foram despesas em seis viagens para o exterior, incluindo a ida, em 2023, ao Fórum de Direito organizado em Lisboa pelo ministro do STF (Supremo Tribunal Federal) Gilmar Mendes.

Só para o Gilmarpalooza, como o evento em Portugal é conhecido, o FNDE desembolsou R$ 32,4 mil, para uma viagem de quatro dias.

Procurado, o FNDE afirmou que parte fundamental de sua atuação "envolve o acompanhamento in loco de ações" e que "o número de viagens e diárias reflete o fortalecimento da presença institucional do FNDE em todas as regiões do país".

"No Ceará, a presidente e equipe estiveram em diversas agendas da educação", diz o fundo, citando a implementação de campus do ITA (Instituto Tecnológico de Aeronáutica). As viagens internacionais, por sua vez, se justificam porque o Brasil é "referência mundial no que diz respeito aos programas de alimentação escolar". Procurado, o MEC não respondeu.


Presidente do FNDE, Fernanda Pacobahyba, durante evento do MEC no Ceará Luís Fortes/MEC

Presidente do FNDE já gastou mais de meio milhão em viagens desde 2023
Fernanda Pacobahyba viajou mais que antecessores, e privilegiou estado natal

Governo	Nome	Dias no cargo	Total de viagens	Média de viagens/dia	Cidades visitadas	Gasto Em R$
Lula (PT)	Fernanda Pacobahyba (2023 - atual)	889	86	10,34	47	542.468,12
Bolsonaro (PL)	Marcelo Lopes da Ponte 2020 - 2022)	943	71	13,28	71	178.209,23
Temer (MDB)	Silvio Pinheiro (2016 - 2018)	729	57	12,79	57	151.296,38
Dilma (PT)	Idilvan Alencar (2015 - 2016)	427	60	7,12	60	141.264,85

Fonte: Portal da Transparência

> **No Ceará, a presidente e equipe estiveram em diversas agendas da educação**
>
> **FNDE**
> em nota

Nenhum outro presidente do FNDE desde 2015 gastou mais do que R$ 200 mil em viagens, ou fez mais de 80 agendas fora de Brasília, nem mais de quatro fora do país.

Seus principais antecessores foram Marcelo Lopes da Ponte, na gestão de Jair Bolsonaro (PL); Silvio Pinheiro, com Michel Temer (MDB); e Antonio Idilvan, no segundo governo de Dilma Rousseff (PT). A comparação entre eles levou em conta o período de permanência aproximado no cargo.

Ponte —indicação do hoje senador do centrão Ciro Nogueira (PP-PI)— é quem mais se aproximou dos patamares de Pacobahyba. Ele ficou um pouco mais de tempo no cargo (dois anos e sete meses) e fez menos viagens (71, uma a cada 13 dias). Gastou menos também: R$ 178,2 mil. Ponte ainda visitou mais cidades do que a atual presidente do órgão: foram 71, contra 47 de Pacobahyba.

Pinheiro é o único entre eles que também concentrou deslocamentos: dos 57 que realizou no cargo, 28 foram para a Bahia, seu estado de origem.

Só Idilvan supera a média de viagens da atual presidente, com uma a cada sete dias. No entanto, visitou mais cidades (60).

A indicação de Pacobahyba ao comando do FNDE representou a chegada de um quadro técnico ao órgão que, sob Bolsonaro, havia sido entregue ao centrão. O fundo permaneceu no foco de escândalos de corrupção no governo passado.

Na atual gestão, critérios técnicos abandonados sob Bolsonaro foram restabelecidos no FNDE, mas o órgão enfrenta dificuldades para entregar obras de educação. Além disso, após sucessivos atrasos, não garantiu verba suficiente para aquisição de todos os livros didáticos previstos no PNLD (Programa Nacional do Livro Didático) deste ano.

Pacobahyba é uma das pessoas de maior confiança de Camilo Santana. Ambos são de Crato, no interior Ceará. Ela foi secretária da Fazenda durante o período que ele governou o estado.

A maioria das viagens de Pacobahyba tem como objetivo eventos relacionados à educação, muitos acompanhando o ministro —como mostram dados do Portal da Transparência e também publicações em suas redes sociais.

Uma série de agendas também é para participar em palestras, seminários e inaugurações, e algumas fogem ao tema do seu órgão ou pelo menos não são diretamente ligados a ele. "Participações em eventos e palestras relacionadas à sua trajetória acadêmica e profissional, quando realizadas, não são custeadas pelo FNDE", disse o órgão, em nota.

No total, foram sete viagens para fora do país —apenas uma, ao Peru, sem custos.

Ela teve pelo menos dez compromissos relacionados ao ITA, ligado à Força Aérea Brasileira, onde cursou graduação. Destes, ao menos oito foram sobre o novo campus da entidade em Fortaleza, cujo projeto foi lançada pelo atual governo, com previsão para ficar pronto em 2027 —ela coordenou os estudos de viabilidade de execução e implementação da unidade.

Em duas viagens a São Paulo, Pacobahyba participou de agendas na TV Bandeirantes, entre outras pontos para promover o reality show Merendeiras —iniciativa do FNDE. O órgão ressalta que ele é "mais uma das ações de valorização dos profissionais da alimentação escolar".

Cabe ao FNDE a operação dos recursos federais de alimentação escolar.

O reality foi tema de um dos eventos para o qual ela foi em Roma, na Itália, em 2023. A viagem também incluiu uma passagem por Paris, na França.

NICOM
LUGAR DE GENTE MUITO, MUITO FELIZ!
Incefra-Piso 74x74 Phd70430 Ret Cx2,19m2 De: 38,90 Por: 29,90
Areia Média M³ (A Granel) De: 249,90 Por: 199,90
Docol-Torneira Cozinha Parede Nova Pertutti Cromada De: 209,90 Por: 159,90
Tigre-Conduíte Flexível Amarelo 25mmx50m De: 115,90 Por: 89,90
Quartzolit-Cimentcola Porcelanato Piso/Piso Ext Cinza 20kg De: 37,90 Por: 29,90
Coral-Esmalte Acetinado 3,6l Branco De: 199,90 Por: 159,90
Blukit-Kit Completo Universal P/Caixa Acop Duplo Acion 340527 De: 169,90 Por: 129,90
TEL.:(11) 5033-2000
(11) 98200-1400
AMPLO ESTACIONAMENTO: 200 VAGAS / R. ÁTICA, 47 - BROOKLIN SÃO PAULO/SP
VISA
SAC (11) 5033-2020
VISITE NOSSO SITE: www.NICOM.com.br

Alice Cooper, em dia morno do Best of Blues, em SP, arrebata a plateia



Alice Cooper em apresentação no auditório Ibirapuera, em São Paulo, no penúltimo dia do festival Best of Blues
Rubens Cavallari/Folhapress

Opinião

Artista quebrou hiato de meio século desde a sua última apresentação no Brasil e se destacou entre a programação, com pastiche de Charlie Brown Jr.

Thales de Menezes
Jornalista e crítico musical

Na noite de sábado, Alice Cooper estabeleceu um novo recorde no Brasil. Seu show na área externa do auditório Ibirapuera, encerrando a programação do penúltimo dia do Best of Blues and Rock Festival, foi apresentado 51 anos depois de sua primeira vinda ao Brasil. Em 1974, ele fez shows no Anhembi, em São Paulo, e no Maracanãzinho, no Rio de Janeiro. É o maior intervalo entre apresentações de um mesmo artista pop no país.

O curioso é que o Alice Cooper de 2025 não é muito diferente da versão que ele exibiu há meio século, com os mesmos recursos cênicos um tanto toscos de seu teatrinho de horror, como maquiagem pesada, sangue falso, bonecos, uma guilhotina e muitos atores que entraram no palco para morrerem das formas mais bizarras. . Essa repetição visual só faz sentido porque as músicas também se repetem. O melhor do show poderoso que Alice Cooper mostrou agora em São Paulo está nas canções de seus álbuns na primeira metade da década de 1970.

A única diferença é a relevância de sua figura no cenário roqueiro. Em 1974, ele trazia na bagagem dois álbuns recentes que conquistaram o mundo, "School's Out" e "Billion Dollar Babies", frequentadores do topo da parada de sucessos. Sua encenação pretensamente macabra era algo novo, praticamente um eco estilo Halloween do glitter que David Bowie tinha disparado na Inglaterra.

Seus hits dessa fase inicial dominam o setlist da turnê atual. O público recebe com mais entusiasmo "I'm Eighteen", "No More Mr. Nice Guy", "Scool's Out", "Under My Wheels" e "Billion Dollar Babies", todas lançadas antes de 1974 e exemplos bem-acabados de um rock pesado e de bateria marcial. Nessa fase na qual Alice Cooper era o nome da banda e o cantor assumia seu verdadeiro nome, Vince Furnier, a influência maior é seu padrinho na música, Frank Zappa.

Depois de 1975, Vince desfez a banda e assumiu, no cartório, o nome Alice Cooper. Sua carreira solo é vasta, mas ele cedeu demais a um som ainda pesado, mas um pouco mais comercial, acessível a rádios. Tanto é que dessa fase sozinho ele apresenta poucas canções e concentra as eleitas em seus dois álbuns mais bem-sucedidos, "Trash" e "Hey Stoopid". Do primeiro, ele recorre a "Poison" e "Bed of Nails". Do seguinte, "Hey Stoopid", "Snakebite" e "Feed My Frankestein".

O artista faz um bom trabalho nessa escolha de repertório e deixa o show sem buracos de intensidade. Mostra esperteza ao trazer para a banda a figura magnética de Nita Strauss. Com 38 anos e uma carreira iniciada em uma banda feminina cover do Iron Maiden, ela é uma guitarrista bem acima da média e uma mulher muito bonita. O cantor sabe como dar holofotes na direção de sua guitarrista musa.

Toda a força dos hits antigos cumpriu a missão de esquentar uma plateia que enfrentou uma noite gelada para assistir ao veterano. E todos ali mereciam um bom show antes de voltar para casa, porque o resto do line-up do sábado no festival deixou bastante a desejar.

O dia abriu com os guitarristas Marcão Britto e Thiago Castanho apresentando hits de seu antigo grupo, Charlie Brown Jr., mas não faz sentido um show da lendária banda sem Chorão e Champignon, os falecidos motores criativos da coisa toda. Pura necrofilia do rock.

Depois veio um show cover de verdade, muito deslocado para um grande festival. Larissa Liveir é uma entre muitas instrumentistas que reúne seus fãs no TikTok ou no YouTube. Ela sabe tocar guitarra e faz vídeos com versões instrumentais de clássicos do hard rock e do heavy metal, como "Stairway to Heaven" ou "Smoking on the Water". No festival, fez sua primeira apresentação com banda e mostrou que toca muito, uma barbaridade.

Mas é preciso admitir: é como ver a melhor aluna da escola de guitarra tocar. E tome "Whole Lotta Love" e outros hits que tocaram bastante em FM. Show de covers num festival dessa relevância não cai bem. Mas vale esperar um trabalho original de Larissa.

classificados

classificados@grupofolha.com.br

Para anunciar ou ver mais ofertas acesse folha.com/classificados ou ligue 11 3224-4000

NEGÓCIOS

IMÓVEIS

EMPREGOS

EMPRESAS COMPRA/VENDA

INTERIOR, LITORAL OUTROS ESTADOS

EMPREGADOS PROCURADOS

VENDO APARTAMENTO
LITORAL - SANTOS\SP
Três Quartos - 87,80m2
Marapé - Rua Alfredo Shammas
Uma Quadra do VLT - 700 metros da PRAIA
ACEITA FINANCIAMENTO $ 395.000,00
Fone 13 99706-8572
Direto c/ proprietário

LOTÉRICAS IMPERDÍVEIS
Rentabilidade: 2% a 3%

Atibaia, Lucro $ 27 mil, $ 950 mil	Pres. Epitácio, Oport. R$ 650 mil
Penápolis, Lucro $ 28 mil, Ac. Permuta	Sorocaba, Nobre, Pço. $ 180 mil
Campinas, Nobre, 18 mil, 650 mil	Sorocaba, Superm $ 19 mil $ 960 mil
Campinas, Superm. 8 mil, $ 320 mil	Votorantim, Lucro 6 mil, $ 230 mil
Campinas, Lucro 11 mil, $ 350 mil	ZN-SP, Lucro, $ 14 mil, $ 550 mil
Ibitinga, Grande, Lucro $ 24 mil	ZS-SP, Lucro, $ 7 mil, 300 mil
Itatiba, Lucro $ 24 mil, $ 1.060 mil	Joinville SC, Top, Lucro 17 mil
Jundiaí, Lucro, 24 mil, R$ 700 mil	Maracaju MS, Lucro R$ 14 mil
Jundiaí, Lucro $ 66 mil $ 2.300mil	Três Lagos MS, Top, R$ 550 mil

MPUGA Negócios WhatsApp
(19) 9 9653-2020

I

PORTEIRO

P

PCD - ÁREAS DIVERSAS

#siga a folha

LEILÕES

192° LEILÃO DE ARTE - BEL GALERIA
Rua Dr. Sampaio Ferraz, 57

LEILÃO DE VINHO

LEILÃO RESIDENCIAL

ACOMPANHANTES

AMANDA

IMPACTO
Para as regiões Sul, Oeste, Centro e Leste.
Pessoas com Deficiência
Contrata-se para as áreas operacionais e administrativas.
Enviar currículo para o e-mail:
vagas@grupoimpacto.com.br

AUXILIAR DE LIMPEZA
LOCAL DE TRABALHO: Todas as regiões de São Paulo.
Ensino fundamental, regime de contratação CLT. Não é necessário experiência na função.
Oferecemos: Vale transporte, vale alimentação e vale refeição.
Enviar currículo para o e-mail:
vagas@grupoimpacto.com.br
IMPACTO

Empresa de ônibus, localizada na Zona Sul de SP, contrata:
PESSOAS COM DEFICIÊNCIA
Vagas Para:
Motorista
Manobrista
Fiscal
Ajudante Geral
Desejável experiência e disponibilidade de horário.
Enviar currículo para o e-mail:
treinamento2@wolffsp.com

IMPACTO
Estamos contratando:
jovem APRENDIZ
Atuação em áreas diversas da empresa, visando o desenvolvimento e qualificação profissional em seu primeiro contato com o mercado de trabalho.
Enviar currículo para o e-mail:
vagas@grupoimpacto.com.br

ASSINE A FOLHA
folha.com/assine

A Fundação Faculdade de Medicina, entidade sem fins lucrativos, seleciona Pesquisadores Bolsistas e Estatístico (autônomo) para Projeto Ministério da Saúde – "Estudo e Estratégia de Prevenção da Ideação e Tentativas de Suicídios em Adolescentes", às seguintes posições por prazos determinados:

Pesquisador Bolsista – Código v2740495
5 vagas (Vigência até 27 meses)
Formação Acadêmica: Graduação completa. Mestrado em Medicina, Psicologia ou em Educação Concluído ou Cursando. Possuir conhecimentos em metodologias de pesquisa quantitativa e qualitativa [illegible] **Atribuições:** Organizar e realizar os grupos operativos com adolescentes profissionais da Educação; [illegible]

Pesquisador Bolsista – Código v2740639
1 vaga - (Vigência até 09 meses)
Formação Acadêmica: Graduação completa. Mestrado em Psicometria Concluído ou Cursando. [illegible] **Atribuições:** [illegible]

Pesquisador Bolsista – Código v2740648
2 vagas - (Vigência até 24 meses)
Formação: Graduação Completa. Doutorado completo ou cursando ou Pós-Doutorado concluído nas áreas de Psicologia, Medicina ou Educação. Publicação acadêmica na área da Saúde Mental, Educação ou Suicídio. [illegible] **Atribuições:** [illegible]

Pesquisador Bolsista – Código v2740666
2 vagas - (Vigência até 24 meses)
Formação: Graduação completa ou cursando o último ano de Psicologia ou áreas da Saúde/Educação. [illegible] **Atribuições:** [illegible]

Estatístico (autônomo) – Código v2740680
1 vagas - (Vigência até 06 meses)
Formação: [illegible] **Atribuições:** [illegible]

Os candidatos interessados deverão enviar currículo e certificados da formações citados na divulgação da vaga, de 15/06/2025 a 30/06/2025, para o e-mail selecao@ffm.br, mencionando no assunto o código completo do anúncio.

Leilão de petróleo na Foz do Amazonas pode criar fila de licenciamento no Ibama

Órgão alerta para 'multiplicação desordenada' de pedidos de licença por ausência de avaliação mais completa da área a ser explorada

João Gabriel



Produção de açaí no arquipélago do Bailique, no Amapá, que fica na região da foz do rio Amazonas Adriano Vizoni/Folhapress

BRASÍLIA O Ibama (Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis) alerta que, sem um estudo mais amplo dos impactos socioambientais da exploração da Foz do Amazonas, o próximo leilão de petróleo pode criar uma fila de licenciamentos no órgão.

Em ofício ao qual a **Folha** teve acesso, o presidente do órgão, Rodrigo Agostinho, cita especificamente a falta de uma análise chamada de AAAS (avaliação ambiental de área sedimentar).

Esse tipo de estudo (que avalia não só um empreendimento específico, mas toda uma região) jamais foi feito para a margem equatorial. Sua ausência é uma reclamação constante no Ibama, que atualmente analisa a licença para a Petrobras perfurar o bloco 59 da bacia Foz do Amazonas, foco da tensão que envolve a exploração de petróleo na região, atividade que opõe a ministra do Meio Ambiente, Marina Silva, ao titular de Minas e Energia, Alexandre Silveira.

O próximo leilão da ANP (Agência Nacional de Petróleo e Gás) está marcado para esta terça-feira (17), e ofertará 47 blocos da bacia Foz do Amazonas e mais 17 na Potiguar —ambas compõe a margem equatorial—, entre outros.

A pressão pela ampliação da exploração na região é grande, uma vez que o governo Lula (PT) aposta na atividade como uma das fontes de arrecadação para equilibrar as contas públicas, em um contexto de crise com o Congresso Nacional.

No documento do Ibama, Agostinho cita que, além dos 47 blocos na bacia Foz do Amazonas em oferta, há outros 8 blocos da região já arrematados por empresas anteriormente. Este cenário, diz ele no documento, "poderá acarretar na multiplicação desordenada de futuras solicitações de licenças ambientais".

"Alerta-se para a dificuldade de concessão fragmentada e sucessiva de licenças de exploração, sem a devida avaliação ambiental de área sedimentar (AAAS)", diz.

Procurado, o Ministério de Minas e Energia afirmou que "a morosidade na análise desses pedidos não se deve à inexistência da AAAS, mas sim aos fluxos internos do órgão licenciador".

Em nota, o Ibama reiterou que a avaliação possibilitaria uma análise estratégica da região, anteciparia riscos e daria segurança ao empreendimento. "A ausência de AAAS torna mais complexo o processo de licenciamento ambiental, uma vez que diversos fatores críticos, que deveriam ser tratados como política pública e não como aspectos de projeto, não são adequadamente tratados nas instâncias adequadas", afirma o órgão.

O aviso de Agostinho foi dado no mesmo ofício em que ele liberou os testes da Petrobras para o bloco 59, driblando os técnicos do Ibama que recomendavam barrar a operação.

O licenciamento ambiental traz entre suas obrigações, via de regra, o EIA (estudo de impacto ambiental). Essa análise é pontual: considera apenas os efeitos de um empreendimento sobre a natureza no seu entorno.

A AAAS, por outro lado, é bem mais ampla. Ela deve ser feita pelo Ministério de Minas e Energia, em conjunto com o do Meio Ambiente, e avalia a estrutura social e ambiental da região. Sua produção demora cerca de dois anos, mas não substitui o estudo de impacto ambiental —os dois são complementares.

Em 2023, quando o órgão rejeitou a licença ambiental para a Petrobras explorar o bloco 59, uma das razões elencadas foi a falta da AAAS —além de problemas na proteção à biodiversidade, no enfrentamento às emergências e da não consideração de impactos a povos indígenas. Depois disso, a AGU (Advocacia-Geral da União) decidiu que não havia previsão legal para que a falta da AAAS fosse motivo para negar licenças ambientais de petróleo.

A Petrobras entrou com um recurso contra a rejeição do Ibama, que desde então mudou o tom. Apesar de não vincular a ausência da avaliação à emissão da autorização, vem reiteradamente enfatizando sua importância —ainda não há decisão final sobre o futuro do empreendimento.

Segundo integrantes do órgão ambiental, a região da bacia Foz do Amazonas é ainda pouco conhecida, e a AAAS serviria para dar maior subsídio às análises.

Para Suely Araújo, ex-presidente do Ibama e coordenadora de políticas públicas do Observatório do Clima, a avaliação possibilita que as licenças ambientais sejam dadas sob um olhar sistêmico, não pontual. "Não adianta conceder a licença do bloco 59 e alertar para os problemas advindos da explosão de futuras licenças. A resposta a esta licença, sem AAAS da região, deveria ser a negativa. O Ibama pode rejeitar essa licença e deveria fazê-lo", diz.

Roberto Ardenghy, presidente do IBP (Instituto Brasileiro de Petróleo e Gás), ressalta, porém, que a exigência de tal documento não pode retroagir para empreendimentos já arrematados ou em processo de licitação. "A AAAS tem que ser feita e deve ser prévia à licitação. Se no futuro o governo decidir só colocar em licitação áreas que tenham AAAS, isso aumenta a segurança jurídica para a empresa que vai adquirir a área. O que não pode é criar um requisito que não existia."

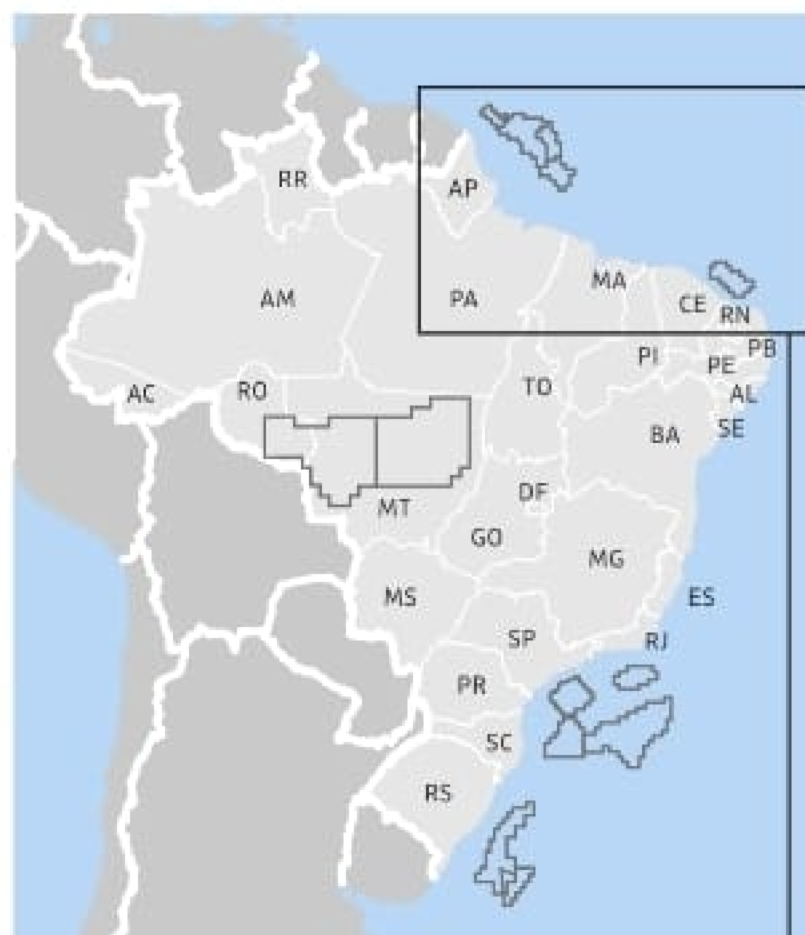
47
blocos da bacia Foz do Amazonas serão ofertados no próximo leilão da ANP

17
blocos da bacia Potiguar

8
blocos da bacia Foz do Amazonas já foram arrematados por empresas anteriormente

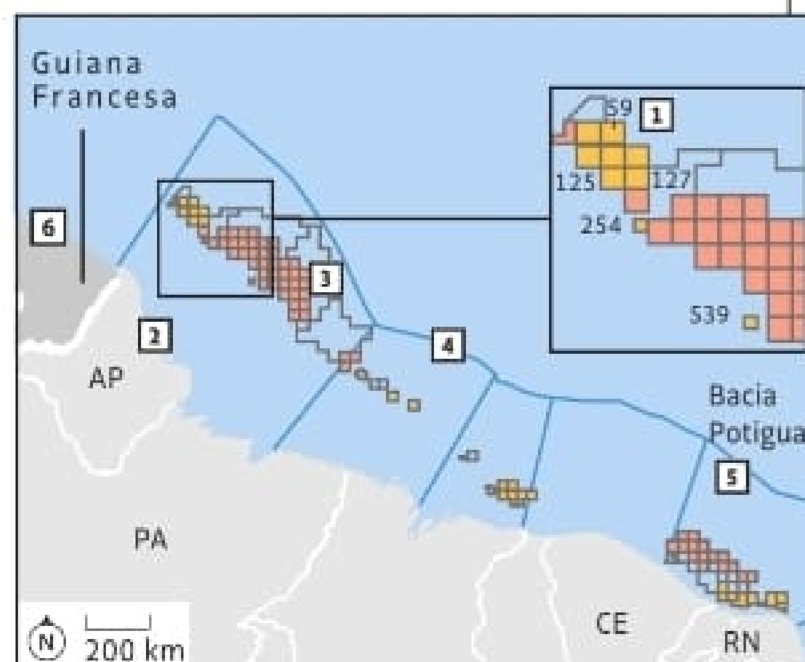
O petróleo na margem equatorial

Setores de petróleo em oferta



Margem equatorial

- Blocos em oferta no próximo leilão
- Blocos em concessão
- Blocos em oferta permanente



160 km
é aproximadamente a distância do bloco 59 até a costa do Amapá

1. Bloco 59 de Foz do Amazonas: Alvo de disputa dentro do governo, é o local onde a Petrobras quer perfurar para explorar petróleo e Ibama, até aqui, não concedeu a licença ambiental

2. Costa do Amapá: Região avaliada por ambientalistas como de características únicas: costa tem área de preservação e terras indígenas, e oceano tem recifes de corais essenciais para o equilíbrio da biodiversidade oceânica

3. Blocos em leilão: ANP agendou pregão para dia 17 de 64 novos blocos da margem equatorial, na véspera do fim do prazo de permissão já aprovada por área ambiental. Governo espera usar arrecadação para equilibrar contas públicas

4. Margem equatorial: Região compreende cinco bacias no Norte e Nordeste do país, e tem diversos campos de petróleo. São elas Foz do Amazonas, Pará-Maranhão, Barreirinhas, Ceará e Potiguar

5. Bacia Potiguar: Nas costas de Rio Grande do Norte e Ceará, é outro ponto de tensão entre as alas de energia e ambientalista do governo Lula. Próximo a Fernando de Noronha, área tem rica biodiversidade marinha

6. Guiana Francesa: Território pertence à França, faz fronteira com Amapá. Divisa com Brasil é fator de risco em caso de vazamento de óleo em alto-mar

Eufrázio

saúde



A médica Mayara Floss (de azul) em atividade do EJA com pacientes na horta do centro de saúde, em Florianópolis Anderson Coelho/Folhapress

Médicos prescrevem volta aos estudos como tratamento de pacientes em Florianópolis

Iniciativa pioneira integra a chamada saúde social, conceito que tem crescido no mundo e cujo objetivo é melhorar a qualidade de vida

SAÚDE PÚBLICA

Cláudia Collucci

SÃO PAULO A faxineira Silvana de Fátima Vieira, 47, procurou um posto de saúde em Florianópolis com queixas de ansiedade e de insônia, que foram agravadas após a morte do marido, no ano passado. Entre as recomendações médicas que recebeu, uma foi inusitada: voltar a estudar.

Assim como quase 47% da população brasileira acima de 25 anos, Silvana não possui educação básica. Parou os estudos no segundo ano do fundamental. "É muito ruim. Não entendo direito os papéis, os documentos, as bulas, as receitas dos remédios."

Em uma iniciativa pioneira, médicas e médicos de família e comunidade da capital catarinense estão prescrevendo a volta aos estudos como parte do tratamento a pacientes com objetivo de melhoria da qualidade de vida.

O projeto é desenvolvido dentro da Estratégia Saúde da Família, modelo da atenção básica do SUS que se fundamenta no trabalho de equipes multiprofissionais em um território, com ações de saúde a partir do conhecimento da realidade local e das necessidades daquela população.

Em Florianópolis, a iniciativa teve início em 2021 por meio de uma parceria entre as secretarias municipais da Saúde e da Educação, dentro do programa EJA (Educação de Jovens e Adultos). Neste mês, a iniciativa foi estendida para todo o município.

"A gente encaminha para o EJA como se encaminha para um cardiologista, um psiquiatra", diz Mayara Floss, médica de família e comunidade do centro de saúde Itacorubi e uma das idealizadoras do projeto e que o apresentou em congresso da especialidade que ocorreu em Manaus, na semana passada.

Ela conta que a ideia surgiu ao observar que muitos dos seus pacientes eram analfabetos ou não tinham o ensino básico. Hoje, a unidade de saúde em que atua passou a sediar um polo do EJA.

Na mesa da médica, os prontuários estão ao lado das fichas de matrícula. "Eu já matriculo e, depois da consulta, a pessoa vai para a sala de aula. Às vezes, a gente tem dúvida se é educador ou se é médico", afirma.

Segundo Floss, ao voltar a estudar e a ter novas interações sociais, muitos pacientes relatam melhoria de sintomas de ansiedade e depressão. Também aprendem a ler receitas de remédios que, antes, recebiam com instruções desenhadas. "Se tem um solzinho, o remédio tem que ser tomado pela manhã; se tem uma panela, é na hora do almoço", explica a médica. "Isso é muito paternalista. Minha intenção sempre foi que as pessoas tenham conhecimento para compreender."

Mas nem sempre é tarefa fácil convencer os pacientes. "Tenho uma paciente que demorou um ano e meio para voltar a estudar. Não se sentia capaz. Geralmente, são mulheres idosas, que não tiveram oportunidade e que têm medo de não conseguir."

A médica conta que, além dos retornos positivos dos pacientes, tem recebido agradecimentos dos familiares. "Uma neta me disse: 'ainda bem que a minha avó voltou a estudar. Pelo menos agora eu tenho assunto para conversar com ela'. Acaba sendo um lugar de cura, uma cura social."

Estudos mostram que o nível educacional desempenha um papel importante na saúde, com impacto na expectativa de vida, nas taxas de incidência de doenças (morbidade) e comportamentos. Também molda oportunidades, emprego e renda.

Para Floss, o acesso à educação é um dos determinantes em saúde (condições em que as pessoas nascem, crescem, vivem e envelhecem) mais facilmente modificáveis. "Eu não consigo colocar um telhado melhor na casa do paciente, mas a educação, sim."

Daniel Berger, professor articulador do EJA, afirma que os alunos encaminhados por médicos são mais compromissados no retorno ao estudo. "Eles têm essa percepção de que estão cuidando da saúde também."

> **Eu já matriculo e, depois da consulta, a pessoa vai para a sala de aula. Às vezes, a gente tem dúvida se é educador ou se é médico**
>
> **Uma neta [de paciente] me disse: 'ainda bem que a minha avó voltou a estudar. Pelo menos agora eu tenho assunto para conversar com ela'. Acaba sendo um lugar de cura, uma cura social**
>
> **Ao se apropriarem dos direitos à saúde e à educação, começam a acessar outros direitos**
>
> **Mayara Floss**
> médica de família e comunidade do centro de saúde Itacorubi, em Florianópolis, e uma das idealizadoras do projeto

Berger lembra de um paciente que sofria de alcoolismo e que tinha parado de estudar no oitavo ano do ensino fundamental. "Ele chegou para mim e disse: 'Voltei a estudar porque minha médica disse que vai ser bom para mim.' E ele teve um empenho surpreendente, terminou o ensino médio, parou de beber."

As motivações para voltar a estudar são as mais variadas, segundo o professor. Uma idosa analfabeta de 76 anos parou de tomar ansiolíticos após se tornar aluna do EJA. "Ela é evangélica e queria aprender a ler a Bíblia."

Outra idosa de 83 anos relatou ao professor que, após voltar a estudar, se sente menos sozinha e se reconectou com a família. "Antes, ela quase não conversava, não tinha assunto. Agora, disse que os filhos e netos perguntam sobre a aula, sobre o que ela está aprendendo."

O professor Berger conta que trabalha com a pesquisa como princípio educativo. "Não tem horário da aula de matemática, de geografia. A gente tem problemáticas e pesquisa. Agora, por exemplo, eles estão pesquisando sobre as plantas medicinais que tem na horta [do centro de saúde]."

O conceito de saúde social foi um dos destaques de um dos maiores festivais de inovação e tecnologia, o SXSW 2025, realizado em março em Austin (EUA), e tem crescido no mundo. Uma das palestrantes, Kasley Killam, autora do livro "The Art and Science of Connection" (A Arte e a Ciência da Conexão), propôs que médicos prescrevam interações sociais, como grupos de conversa e atividades comunitárias, como parte do tratamento da solidão.

Nesse contexto, a médica Mayara Floss tem ainda outro sonho: transformar o posto de saúde em um centro cultural. "Levar artistas para dentro do posto. Muitos dos pacientes nunca foram a um cinema, a uma peça de teatro. Ao se apropriarem dos direitos à saúde e à educação, começam a acessar outros direitos."

Segundo o médico Fabiano Guimarães, presidente da Sociedade Brasileira de Medicina de Família e Comunidade, há outras iniciativas desenvolvidas por médicos de família em curso no Brasil.

Em Belo Horizonte, por exemplo, há um projeto de apoio a mulheres vítimas de violência doméstica idealizado também por uma médica de família. "Ela passou a reunir mulheres no posto de saúde para que pudessem falar e se apoiarem. O principal problema para se livrarem do ciclo de agressões era a falta de recurso financeiro. Fundaram uma associação de artesanato, passaram a ter renda e mudaram o destino."

No Rio de Janeiro, uma equipe de saúde da família que atua em uma favela desenvolveu um projeto com mães de crianças autistas que ficavam muito agitadas durante os tiroteios na área. "A médica distribuiu fones de ouvido e treinou as mães sobre o que fazer para acalmar as crianças naquele momento."

O projeto Saúde Pública tem apoio da Umane, associação civil que tem como objetivo auxiliar iniciativas voltadas à promoção da saúde



Canal Neumayer, no arquipélago Palmer, na península Antártica Juan Barreto 20.jan.24/AFP

Cientistas registram pela 1ª vez danos causados por navios no fundo do mar da Antártida

Com o uso de câmeras, pesquisadores identificam rastros deixados por âncoras, como esponjas esmagadas, a 70 metros de profundidade

Ramana Rech

SÃO PAULO Pela primeira vez, pesquisadores conseguiram captar imagens de danos provocados por âncoras no fundo do oceano da Antártida. O número de embarcações de turismo com destino ao continente gelado tem crescido ao longo dos anos, o que pode intensificar o problema identificado pelos cientistas.

Os cientistas da ONG Kolossal (EUA), da Universidade Memorial de Newfoundland (Canadá) e do Instituto Nacional de Pesquisa de Água e Atmosfera da Nova Zelândia utilizaram câmeras no mar profundo entre 2022 e 2023, o que resultou em 62 horas de gravação debaixo d'água.

Eles identificaram danos no assoalho da península Antártica, região mais acessível da Antártida, onde está a maior parte das estações de pesquisa e que vive o aquecimento mais acelerado do continente. Os resultados saíram no último dia 8 na revista Frontiers in Conservation Science.

Com as imagens, eles identificaram sulcos a 70 metros de profundidade. Nesses pontos, os pesquisadores encontraram colônias de esponjas esmagadas e uma falta de organismos. Isso se contrastou com a abundância de vida marinha nos arredores, o que inclui peixes, vermes, colônias de esponja e estrelas-do-mar.

A maior parte dos estudos que analisam os impactos deixados pela ancoragem teve como objeto águas rasas e temperadas, onde pesquisadores registraram a destruição de recifes e corais.

Para o diretor do Instituto Oceanográfico da Universidade de São Paulo (IO/USP), Paulo Sumida, que não fez parte do estudo, a tendência é que esse problema seja maior na Antártida do que em zonas tropicais e temperadas.

Há mais de 4.000 espécies que vivem no fundo do oceano antártico, chamadas de bentos, muitas delas ainda não identificadas pela ciência. "No ambiente na Antártida, os organismos têm metabolismo mais lento, então demora mais para a fauna crescer de novo naquela área", explica Sumida. Os bentos da Antártida têm papel fundamental na filtragem da água e no sequestro de carbono, além de fornecerem abrigo e alimento para outras espécies.

Um estudo publicado em 2022 analisou a restauração do ecossistema do fundo do Pacífico após um navio afundar na região há 77 anos e verificou que o local ainda não se recuperou. Com isso, os pesquisadores do estudo recém-publicado supõem que o fundo do mar antártico levaria mais de um século para se recuperar.



Flechas indicam onde a passagem de âncora gerou marcas no sedimento marinho Reprodução

77 embarcações
de membros da Associação Internacional de Operadoras de Turismo na Antártida chegaram à região antártica de out. de 2023 a abr. de 2024

Uma das preocupações levantadas pelos autores é o aumento de embarcações na região, o que tende a se intensificar à medida que o continente perde gelo. Em março de 2023, eles identificaram oito navios de passageiros atracando no porto Yankee, na península Antártica.

Um relatório da Associação Internacional de Operadoras de Turismo na Antártida (IAATO) estima que, na estação de turismo (que ocorre de outubro a abril) entre 2023 e 2024, 77 embarcações de operadores da IAATO (que são membros da associação, mas organizam seus próprios programas de viagem) chegaram à Antártida, a maior parte na península; para comparação, na estação de 2013-2014, foram 51.

Na avaliação de Sumida, está claro que há um impacto do uso de âncoras no fundo do mar. Mas ainda é preciso calcular o tamanho disso, o que envolve estudos para entender a extensão espacial e temporal do problema.

O pesquisador da USP acrescenta que, nas águas rasas e entremarés da Antártida, o ecossistema já se acostumou com o distúrbio frequente do assoalho oceânico, em razão das raspagens frequentes de icebergs. Nessas áreas, o ecossistema está constantemente se recompondo. Mas o estudo observou o dano a 77 metros, onde o ecossistema não está acostumado a essas perturbações, o que pode fazer com que leve mais tempo para se recuperar.

No estudo, os pesquisadores sugeriram como forma de mitigação identificar locais de ambientes marinhos vulneráveis fora da costa e torná-los uma área proibida para ancoragem, além de substituir as âncoras por outros métodos.

Salvando a cultura dos primos da humanidade

Transmissão de tradições entre outros primatas também deve ser considerada

Reinaldo José Lopes
Jornalista especializado em biologia e arqueologia, autor de "1499: O Brasil Antes de Cabral"

Se o desaparecimento de qualquer espécie pode ser comparado à destruição da biblioteca de Alexandria, com a perda de uma quantidade incalculável de informações sobre aquele ser vivo e suas interações com outras criaturas e seu ambiente, em alguns casos há outra biblioteca sendo incendiada. Ainda que não seja do tipo que contém livros escritos, trata-se, mesmo assim, de um repositório imaterial. Refiro-me às tradições culturais produzidas por espécies não humanas.

Pode parecer estranho pensar nesses termos, mas as barreiras imaginadas entre o *Homo sapiens* e outras espécies ficam bem mais relativas após a leitura de um intrigante artigo assinado por um trio de pesquisadoras especializadas em comportamento animal. O grupo, que inclui a brasileira Patricia Izar, da USP, analisou os atuais dilemas de conservação dos primatas (o grupo de mamíferos ao qual pertence o ser humano) e propôs estratégias que levem em conta a diversidade cultural deles.

A análise de Izar e suas colegas Erica van de Waal e Martha Robbins, publicada recentemente no periódico Philosophical Transactions of the Royal Society B, destaca, em primeiro lugar, que ainda sabemos relativamente muito pouco sobre as culturas primatas.

Espécies já bem estudadas e acompanhadas por anos são um pedacinho muito pequeno da diversidade do grupo: das mais de 500 espécies de primatas já descritas, só 21 já tiveram algum tipo de diversidade cultural mapeada

Que elas existem e podem ser muito diversificadas está fora de dúvida já faz um bom tempo: há muitas dezenas de comportamentos aprendidos e transmitidos socialmente, envolvendo ou não o uso de instrumentos variados, já devidamente documentados. E podemos identificá-los não apenas entre os grandes símios, primos de primeiro grau da humanidade (chimpanzés, gorilas e orangotangos), como também em espécies de porte modesto e parentesco mais distante conosco na Ásia tropical e mesmo entre os brasileiríssimos macacos-pregos (dos gêneros *Sapajus* e *Cebus*).

Um dos problemas, porém, é que essas espécies já bem estudadas e acompanhadas por anos a fio na natureza, em diferentes projetos de longo prazo, são um pedacinho muito pequeno da diversidade do grupo: das mais de 500 espécies de primatas já descritas, só 21 já tiveram algum tipo de diversidade cultural mapeada. Considerando o que sabemos sobre a complexidade social e a cognição desses bichos, é muito improvável que essas centenas de espécies não contem com suas próprias tradições culturais também —só não foi possível enxergá-las ainda, em geral por falta de recursos para estudá-las direito.

Além dessa falta de conhecimento, já se sabe que, mesmo nos locais que têm sido objeto de estudo, algumas dessas tradições primatas estão mudando por causa do impacto humano nos habitats dos bichos, e que o repertório cultural dos animais tende a ficar empobrecido quando a presença do *Homo sapiens* os encurrala.

É claro que não é nada simples enfrentar esse cenário. As pesquisadoras, porém, defendem que não é possível pensar nas estratégias de preservação da diversidade biológica dos primatas sem levar em conta também a sua diversidade cultural, de preferência mapeando melhor também as espécies cujas tradições mal conhecemos ainda e que podem ser bem diferentes do que foi visto até agora. Ignorar isso é aceitar a perda de um tesouro que nos conecta da maneira mais clara possível com o resto da biosfera.

DOM. Reinaldo José Lopes SEG. Marcelo Leite, Mensageiro Sideral
TER. Álvaro Machado Dias QUA. Marcelo Viana
SEX. Suzana Herculano-Houzel SÁB. Marcia Castro

Inter Miami empata na Copa de Clubes com Messi apagado

Mesmo mais técnico e mais organizado que o time americano, egípcio Al Ahly, campeão africano, não foi bem-sucedido ao tentar finalizar

Bárbara Blum

SÃO PAULO A Copa do Mundo de Clubes da Fifa começou no caos com na noite deste sábado (14) com um jogo estrelado: o Inter de Miami do argentino Lionel Messi entrou em campo -com os jogadores sendo anunciados um a um pelo microfone- contra o egípcio Al Ahly, campeão africano do ano passado. A partida foi disputada no Hard Rock Stadium, em Miami.

A partida abriu o campeonato, uma versão repaginada e expandida do Mundial de Clubes. As diferenças são várias, a começar pelos 32 times participantes jogando numa fase de grupos. A cerimônia de abertura pirotécnica, à la Olimpíadas, também diferenciou os campeonatos.

No primeiro tempo, o Al Ahly dominou a partida. O ataque do time egípcio foi mais rápido e mais organizado que o rival americano, mas falhou na finalização das jogadas. A única finalização ao gol foi impedida. Mesmo as oportunidades de bater falta e pênalti acabaram sem gol.

O Inter voltou ao campo mais agressivo no segundo tempo, com jogadas perigosas e tentativas certeiras ao gol. Os jogadores do time americano foram também mais duros nas faltas em cima da equipe egípcia. Ao final da partida, o Al Ahly ensaiou uma reação, mas não foi suficiente para mudar o resultado.

O time egípcio se classificou para o campeonato com o título do regional da África de 2024 -o time é o maior campeão do continente, com 12 títulos.

Al Ahly e Inter Miami estão na mesma chave do Palmeiras, que joga neste domingo (15) com o Porto. Competem também Botafogo, Fluminense e Flamengo. O Botafogo enfrenta o Seattle Sounders também no domingo. Fluminense estreia na terça-feira (17), contra o Borussia Dortmund e Flamengo, na segunda-feira (16) contra o Esperánce, da Tunísia.



O jogador argentino Lionel Messi, 37, fez uma partida apagada pelo Inter Miami na abertura da Copa Mundial de Clubes Megan Briggs/Getty Images via AFP



Palmeiras põe alto investimento à prova por sonho mundial

O Palmeiras iniciará neste domingo (15) uma dura jornada nos Estados Unidos. Após fracassos em edições anteriores do Mundial de Clubes, tentará a sorte na nova versão do torneio global da Fifa. A estreia será contra o Porto, às 19h (de Brasília), em Nova Jersey, um bom teste para um elenco no qual foram injetados quase R$ 500 milhões em contratações para 2025. O jogo terá transmissão da Globo, do Sportv, da CazéTV e do Dazn.

Competição representa guerra por territórios

Análise

Paulo Vinicius Coelho (PVC)
Jornalista e autor de "Escola Brasileira de Futebol" (ed. Objetiva), foi colunista da Folha; cobriu sete Copas do Mundo

Matinas Suzuki Jr. escreveu na Folha, na abertura da Copa do Mundo de 1994: "A Copa tenta conquistar a América". O pontapé inicial desta nova Copa do Mundo, a de clubes, é de outra natureza.

A um ano do segundo Mundial nos EUA, o que a Fifa deseja é não perder o controle sobre toda a indústria do futebol, há décadas ameaçado pela tentativa de criação da SuperLiga dos Clubes.

Equivoca-se quem pensa que a Fifa promova a Copa de Clubes por dinheiro. A venda de direitos rendeu US$ 1 bilhão (R$ 5,5 bilhões), exatamente o valor repassado em premiações.

O xis da questão é não permitir que alguém se apodere dos clubes, que atraem o maior público.

O movimento é explícito. O presidente Gianni Infantino grava vídeos há dois anos dando boas-vindas aos classificados, e a Fifa faz questão de frisar que o nome é Copa do Mundo de Clubes.

A questão é como será nos EUA.

Os primeiros sinais são de absoluta ignorância dos norte-americanos sobre o que vai acontecer nos próximos 31 dias. Entrevistados dos situados abaixo de cartazes indicativos da Copa afirmam não ter conhecimento do torneio.

Não era muito diferente em 1994. Os painéis da Copa estavam espalhados pelas cidades, há 31 anos. Estavam por toda a cidade de Palo Alto, onde o Brasil disputou seus dois primeiros jogos.

A Copa de 1994 começou em Chicago, com Alemanha x Bolívia, em 17 de junho. Na mesma noite, cheguei a Los Angeles para cobrir a estreia da Colômbia contra a Romênia. Não havia sinal de Copa do Mundo na cidade.

Na manhã seguinte, ao sair do hotel, espantei-me com a quantidade de latino-americanos por todos os cantos. Um susto!

A Copa do Mundo não estava nas ruas nem nos jornais. Fincou terreno nos estádios. Até hoje, a Copa do Mundo de 1994 é recordista de público dos torneios da Fifa. E era um custo encontrar uma notinha de pé de página no USA Today, menos ainda no The New York Times ou no The Daily News, em San Francisco.

Não dá para saber se a Copa de Clubes repetirá o sucesso. O que já se percebe é a estrondosa presença latina como força motriz do torneio. Palmeirenses e rubro-negros tomaram conta da Times Square, em Nova York, vestindo camisas de seus clubes.

Os aeroportos recebem camisetas de Boca Juniors e River Plate. Torcedores de Monterrey e Pachuca estão silenciosos, mas prontos para invadirem as arquibancadas. Dos 12 estádios, oito têm mais de 60 mil lugares.

Os ingressos micaram até o início da semana, e a Fifa se incomodou com a divulgação dessa informação. Até porque mais de 30 mil pessoas compraram bilhetes para Palmeiras x Porto, na região de Nova York.

Em 1994, Matinas Suzuki Jr. escreveu que desde Galileu Galilei o mundo não era uma bola de modo tão flagrante. Hoje, mesmo Donald Trump se rendeu ao torneio e reforçou sua aliança com Infantino. Mas há uma contradição: sua adorada Copa só dará certo graças à enorme colaboração dos imigrantes latinos.

Mais um Mundial de Clubes

Agora tem nome de Copa do Mundo pela primeira vez; assim a vida segue

Juca Kfouri
Jornalista e autor de "Confesso que Perdi". É formado em ciências sociais pela USP

No começo era Copa Intercontinental, e os europeus a tratavam pelo nome oficial quando venciam o torneio promovido pela Uefa e pela Conmebol.

Nós, sul-americanos, sempre chamamos de campeão mundial o vencedor, fosse no início, em dois jogos, lá e cá, fosse em apenas um, no Japão, porque a violência argentina fez os europeus desistirem de vir.

Era mesmo arrogância chamar de mundial uma taça que excluía os demais continentes, como arrogante é chamar de campeão mundial o vencedor da NBA, ainda mais depois que seleções de outros países tomaram o ouro olímpico dos Estados Unidos.

Arrogância como a dos ingleses, que não disputaram a Copa do Mundo em 1930, 1934 e 1938 porque, inventores do futebol, imaginavam ser superiores —até virem à Copa de 1950 e serem eliminados pelos EUA.

Arrogantes também eram cariocas e paulistas, certos de ser insuperáveis no Brasil, até que, na década de 1970, o Atlético Mineiro venceu o primeiro Campeonato Brasileiro e o gaúcho Internacional foi tricampeão em 1975, 1976 e 1979.

Quando, em 2000, a Fifa resolveu organizar o que se chamou de primeiro Campeonato Mundial de Clubes, com representantes das seis confederações do Planeta Bola, estabeleceu-se a polêmica em torno da validade da Copa Intercontinental, afinal reconhecida pela Fifa, até porque o segundo Mundial acabou sendo disputado apenas em 2005.

Palmeiras e Fluminense se julgam campeões mundiais porque venceram a Copas Rio, bobagem que só serve para tornar chacota a grande conquista alviverde que resgatou o amor-próprio de nosso futebol

E, quando, a partir de 2010, africanos e asiáticos chegaram às finais ao derrotar os sul-americanos, rompeu-se definitivamente a hegemonia consagrada na Intercontinental.

Agora temos a primeira Copa do Mundo de Clubes, disputada nos mesmos moldes da de seleções, embora pelo menos dois dos melhores times da Terra, como Liverpool e Barcelona, campeões das duas principais ligas internacionais, estejam fora do torneio.

É assim que as coisas funcionam, e o dinheiro se impõe como sói acontecer no capitalismo.

Sempre haverá quem conteste um aspecto ou outro de cada competição, ao sabor de suas preferências e conveniências.

Os uruguaios, por exemplo, consideram-se tetracampeões mundiais, porque somam, além das Copas do Mundo vencidas em 1930 e 1950, as duas medalhas de ouro olímpicas vencidas em 1924 e 1928, quando ainda não havia a Copa do Mundo.

Palmeiras e Fluminense se julgam campeões mundiais porque venceram as Copas Rio de 1951 e 1952, respectivamente, bobagem que só serve para tornar chacota a grande conquista alviverde que resgatou o amor-próprio de nosso futebol após o Maracanazo.

Título que teve até mais valor que o bicampeonato do Santos na Taça Intercontinental (Mundial!) pela simples razão de o Brasil, quando Pelé&cia conquistaram as taças, em 1962 e 1963, já ter superado o complexo de vira-latas com a conquista do bicampeonato em 1958 e 1962, ou seja, não pairar mais nenhuma dúvida sobre a capacidade do futebol brasileiro.

Revisionismos históricos à parte, como se fez, por politicagem, dos campeões da Taça Brasil o equivalente aos campeões dos Campeonatos Brasileiros, tratemos de curtir o torneio nos Estados Unidos com quatro clubes do Patropi tidos e havidos como figurantes, coadjuvantes de Manchester City, PSG e Real Madrid.

Provavelmente serão mesmo. Mas...

DOM. Tostão, Juca Kfouri **SEG. Juca Kfouri**
TER. Sandro Macedo QUA. Tostão QUI. Juca Kfouri
SEX. No Corre/O Mundo é uma Bola SÁB. Marina Izidro

ESPORTE AO VIVO Copa do Mundo de Clubes
16h PSG x Atlético de Madrid, Globo, CazéTV, SporTV, Dazn



Pelé em sua estreia no NY Cosmos Barton Silverman - 15.jun.75/The New York Times

EUA conheceram futebol há 50 anos, por meio de um missionário: Pelé

Palco maior do esporte até 2026, país teve primeiro contato com seu mais alto nível em 15 de junho de 1975, na cidade de Nova York

Marcos Guedes

SÃO PAULO "Em outros séculos, a maioria dos missionários na América usava colarinhos clericais. Eram os Batinas Negras, como os indígenas os chamavam", escreveu Dave Anderson, na edição de 16 de junho de 1975 do jornal The New York Times. "Mas, ontem, o missionário do futebol estava usando uma jaqueta vermelha de couro macio sobre uma camisa de gola alta branca, calças marrons de boca larga e sapatos marrons e brancos."

O jornalista se referia à chegada de Pelé ao Downing Stadium, em Nova York, para sua primeira partida no futebol dos Estados Unidos. Era mesmo com ares de missão evangelizadora que se tratava a presença do brasileiro em terras norte-americanas, que serão deste fim de semana até julho de 2026 uma espécie de centro do esporte mais popular do planeta.

Começou no sábado (14), em Miami Gardens, a primeira edição da competição mundial de clubes no formato da Copa do Mundo. A tradicional Copa de seleções, marcada para o meio do próximo ano, será também na América do Norte, com a decisão em East Rutherford.

Meio século antes, Pelé deixava a aposentadoria, aos 34 anos, para apresentar a modalidade aos norte-americanos. Não que o futebol não existisse nos Estados Unidos, mas a liga local era insípida, de baixa qualidade e de público diminuto, quando surgiu a possibilidade de atrair o maior jogador do planeta.

Em um esforço que envolveu Henry Kissinger, secretário de Estado dos Estados Unidos, o brasileiro ouviu argumentos para recusar ofertas europeias. "Eu disse: 'Se você for para o Real Madrid ou para a Juventus, tudo o que poderá ganhar será outro campeonato. Se vier para o Cosmos, poderemos ganhar um país'", contou Clive Toye, dirigente do New York Cosmos em 1975.

Assim, e com um polpudo cheque da Warner Communications, dona do Cosmos, Pelé foi convencido. O acerto futebolístico foi de US$ 6 milhões por três anos, mas havia também um contrato de relações públicas e outro sobre o uso da marca Pelé.

O mineiro de Três Corações viria a receber o que, em valores atuais, certamente ultrapassa os R$ 100 milhões. Em 10 de junho, ele se apresentou no badalado 21 Club, em concorrida cerimônia na qual simulou mais de 60 vezes a assinatura do compromisso — que já havia sido firmado no caminho para os Estados Unidos, no paraíso fiscal das Bermudas.

"Finalmente, o futebol chegou aos Estados Unidos", afirmou.

Àquela altura, o craque já havia ganhado um elogioso editorial a seu respeito no The New York Times. O jornal se sentiu na obrigação de explicar aos leitores o que era o futebol, "o vovô dos jogos, remontando à época em que a bola era o crânio de um antigo rival chutado entre postes de caverna".

Faltava mostrá-lo na prática.

Pelé, em seu primeiro treino, deleitou os presentes com um gol de bicicleta, o que só fez crescer a expectativa em torno de sua estreia, marcada para 15 de junho. A rede CBS comprou por US$ 50 mil os direitos do amistoso do Cosmos contra o Dallas Tornado e os distribuiu a 13 países. As cotas de patrocínio se esgotaram.

Então, com sua jaqueta vermelha de couro macio, o missionário brasileiro chegou ao Downing Stadium, que tinha capacidade para pouco mais de 20 mil espectadores. Enfeitado com bandeiras do Brasil e com faixas com dizeres como "Viva Pelé", o estádio recebeu um público oficial de 21.278 pessoas, uma delas o prefeito Abraham Beame.

Pelé prometera jogar apenas 45 minutos, mas, com seu time em desvantagem de dois gols, voltou para a etapa final e foi decisivo no empate por 2 a 2. Primeiro, deu um passe para o israelense Mordecai Shpigler, com quem formou boa parceria. Depois, recebeu cruzamento de Shpigler e marcou de cabeça.

Festejado, usou um megafone para dizer que estava surpreso por ter jogado 90 minutos. Um brasileiro, na arquibancada, gritou: "Que é isso, negrão? Você está em forma, é melhor do que todos os outros juntos".

O futebol, dentro do possível, pegou nos Estados Unidos. Pelé passou três temporadas no Cosmos, que se mudou na última delas, em 1977, para o Giants Stadium. Foi diante de 77.691 pessoas que o craque disputou seu último jogo e deixou a mensagem: "Love, love, love".

A média de público da liga norte-americana saltou de 7.597 pessoas por jogo em 1975 para 13.584 em 1977, ano em que o Cosmos foi campeão. Mas os Estados Unidos não estavam prontos para o futebol profissional, no entanto, e a liga deixou de existir ao fim da temporada 1984, embora sementes tenham sido plantadas.

O país foi a sede da Copa do Mundo de 1994 e voltou a ter em 1996 uma liga nacional, que tem atraído craques veteranos, como Lionel Messi, 37, do Inter Miami.

O Inter Miami é um dos times em ação na Copa do Mundo de Clubes, de que participam também o Seattle Sounders e o Los Angeles FC. Essas equipes não têm a qualidade das potências europeias, e o jogo não tem no país o apelo popular do futebol americano, mas, 50 anos após a chegada do missionário de jaqueta vermelha, há futebol de bom nível nos Estados Unidos.

Melhorou, mas nem tanto

Seleção jogou bem contra o Paraguai, porém os elogios foram exagerados

Tostão
Cronista esportivo, participou como jogador das Copas de 1966 e 1970. É formado em medicina

A contratação de Carlo Ancelotti, um treinador de grande prestígio mundial e respeitado pela sua postura séria, educada, serena, criou um otimismo nos torcedores, nos jogadores e na imprensa. A seleção jogou bem contra o Paraguai, mas os elogios foram exagerados. As duas primeiras partidas de Dorival Júnior na equipe, vitória sobre a Inglaterra e empate com a Espanha, dois fortes adversários, tiveram muito mais valor técnico do que o empate com o Equador e a vitória por sobre o Paraguai.

Algumas mudanças estratégicas contra o Paraguai aumentaram as esperanças, como a maior intensidade, a compactação e a marcação mais de perto para recuperar a bola. Isso não ocorria antes. Por outro lado, é preciso ter mais domínio da bola no meio-campo, mais troca de passes e menos pressa para chegar ao gol. A seleção e o futebol brasileiro não podem depender tanto de estocadas individuais e de belos lances isolados dos meias ofensivos e atacantes.

Gostei também do posicionamento de Matheus Cunha, que voltava para receber a bola e abria espaços na frente para os outros atacantes. Contra o Paraguai, o Brasil não teve um clássico centroavante, camisa 9, nem um clássico meia de ligação centralizado, camisa 10, único responsável pela armação das jogadas. Houve muita movimentação dos jogadores do meio-campo para a frente.

Algumas mudanças estratégicas aumentaram as esperanças, como a maior intensidade, a compactação e a marcação mais de perto. Por outro lado, é preciso ter mais domínio da bola

Continua a dúvida se a formação com dois jogadores no meio-campo e quatro mais adiantados é a melhor opção contra seleções mais fortes, que colocam muitos jogadores no setor do meio para trocar passes e ter o domínio da bola e do jogo, como fez a Argentina na goleada por 4 a 1. Ancelotti já disse que seu time não terá filosofia nem identidade. Vai jogar de acordo com o momento e o adversário.

Ontem, começou a primeira Copa do Mundo de Clubes com 32 equipes. Os europeus são favoritos, mas pode haver surpresas, ainda mais que eles estão em final de temporada, em uma época em que deveriam estar de férias. Além disso, faltam alguns grandes times europeus, como Liverpool, Arsenal e Barcelona.

É uma contradição as Copas do Mundo de clubes e de seleções serem disputadas nos EUA, um país que vive no momento uma grande repressão contra os imigrantes, que adoram futebol e que gostariam de estar presentes nos estádios. Não há nenhuma ação do governo americano de facilitar os vistos, que normalmente são bastante demorados. O governo está alerta contra os torcedores que vão chegar com vistos, mas que podem tentar prolongar as suas permanências no país.

Lembranças

Depois que operei de catarata e passei a enxergar de maneira muito melhor, voltei a ler livros com mais prazer. Terminei de ler o delicioso "Bambino a Roma", de Chico Buarque, que conta a história da sua infância e da sua adolescência na Itália. Comecei a ler "1960", escrito pelo cronista e memorialista José Trajano, que conta a sua infância e a sua adolescência no Rio de Janeiro, perto do Maracanã, onde viu seu America ser campeão carioca. Descobri um ótimo programa esportivo no canal UOL com as presenças, entre outros, de José Trajano e Juca Kfouri, companheiros e mestres da crônica esportiva.

A vida e o futebol não começaram nos anos 80 nem a partir da internet. É preciso conhecer o passado para compreender o presente e sonhar com o futuro.



Bolsonaro admite estudo para interferir em eleição, mas nega a trama golpista

IMAGEM DA SEMANA Jair Bolsonaro (PL) diante do ministro Alexandre de Moraes, do STF (Supremo Tribunal Federal), durante depoimento sobre a trama golpista; o ex-presidente afirmou ter discutido 'possibilidades' dentro da Constituição com comandantes militares André Borges/EFE

DICAS DO EDITOR | **Sérgio Dávila** Diretor de Redação

Semana é marcada por depoimento de Bolsonaro ao STF

Ex-presidente negou ter liderado planos para um golpe de Estado; pelo mundo, avião com 242 a bordo cai na Índia, e Israel bombardeia Irã após negociação entre Teerã e EUA fracassar



Acesse o QR Code para se inscrever e ler as reportagens

2ª

Haddad anuncia acordo para reduzir alíquotas do decreto que elevou o IOF

Fernando Haddad anunciou um acordo com o Congresso para reduzir as alíquotas do decreto que elevou o IOF. O governo vai diminuir o alcance do decreto e adotar novas medidas para compensar a perda de arrecadação, revelam as repórteres Adriana Fernandes e Raquel Lopes.

Destaco também infográfico feito pela **Folha** que mostra como será julgamento de Bolsonaro e de seus aliados no STF. A Primeira Turma convocou sessões de segunda-feira (9) a sexta (13) para ouvir os oito réus.

3ª

Ao STF, Bolsonaro fala em estudo de 'possibilidades' para interferir em pleito

O ex-presidente Jair Bolsonaro (PL) prestou depoimento ao STF nesta terça (10). Ele negou ter liderado planos para um golpe de Estado e disse ter discutido com chefes das Forças Armadas alternativas dentro da Constituição.

Recomendo também especial do Datafolha sobre os melhores hospitais do Brasil. O complexo de saúde Einstein, em São Paulo, foi considerado o melhor do país, seguido do Hospital Sírio-Libanês, também na capital paulista.

4ª

Partidos com pastas no governo fecham posição contra medidas de Haddad

De Brasília, o repórter Raphael Di Cunto relata que partidos com ministérios no governo Lula fecham posição contra medidas de Fernando Haddad para elevar impostos. As siglas União Brasil e PP vão declarar voto para derrubar a medida provisória que prevê aumento de arrecadação.

Destaco também reportagem sobre ONG alemã que opera no Brasil e faz transações milionárias com ararinhas-azuis, uma das aves mais raras do mundo.

5ª

Queda de avião mata ao menos 246 na Índia; há um sobrevivente

Recomendo a cobertura da **Folha** sobre acidente de avião em Ahmedabad, nesta quinta (12). Uma aeronave da Air India com 242 pessoas caiu em uma área residencial minutos após decolar. O acidente é o primeiro envolvendo um modelo da família 787, a mais moderna linha de aeronaves da Boeing.

Destaco também reportagem que mostra o que muda com a medida provisória publicada pelo governo, que eleva impostos para bets e fintechs e tributa títulos que antes eram isentos.

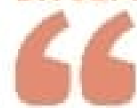
6ª

Israel lança ataques aéreos contra o Irã; preço do petróleo salta mais de 10%

As forças de Israel lançaram ao longo desta sexta (13) uma nova onda de ataques aéreos contra o Irã. Teerã, por sua vez, disparou uma primeira leva de drones contra o Estado judeu. Os preços do petróleo dispararam após a ação de Israel.

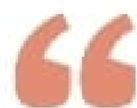
Destaco também mapa que mostra como autores clássicos viam o Rio de Janeiro por seus livros. Um levantamento feito pela **Folha** indica locais da capital fluminense, que recebe agora a Bienal, citados na literatura brasileira do século 19 ao início do 20.

FRASES DA SEMANA



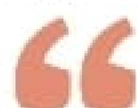
Tínhamos de entubar o resultado das eleições e pode até Vossa Excelência perguntar: 'por que que não passou a faixa?' Eu não ia me submeter à maior vaia da história do Brasil

Jair Bolsonaro (PL)
ex-presidente, na terça (10), em depoimento ao ministro Alexandre de Moraes, do STF



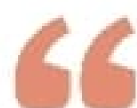
Contas públicas não é só criar impostos, é cortar desperdícios urgentemente. Taxar, taxar, taxar, não pode e não será nunca a saída

Antonio Rueda
presidente do União Brasil, na quarta (11), sobre medidas do governo para elevar impostos



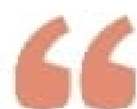
Não é bom para o clima. Acho que seria bom que ele [Lula] fizesse isso [suspender o projeto], mas não cabe a mim dar lições a ele

Emmanuel Macron
presidente da França, na terça (10), sobre projeto de exploração de petróleo na Foz do Amazonas



A gente não tem vergonha de produzir petróleo. Pelo contrário, nos orgulhamos de produzir petróleo

Magda Chambriard
presidente da Petrobras, na terça (10), em evento da federação das indústrias do RJ



O Irã deve fazer um acordo, antes que não reste nada. Já houve muita morte e destruição, mas ainda há tempo para acabar com este massacre

Donald Trump
presidente dos EUA, na sexta (13), após o ataque de Israel contra o Irã

Eufrázio

FOLHA DE S.PAULO
DOMINGO, 15 DE JUNHO DE 2025 B1

ilustrada ilustríssima

a tv do futuro

Quem rir por último apaga a luz

Condenação de Leo Lins reflete o apagão que o humor enfrenta na televisão brasileira desde que a polarização entre direita e esquerda se acirrou no Brasil B4

No centenário de Dalton Trevisan, biógrafo comenta a formação do escritor B8

MÔNICA BERGAMO

monica.bergamo@grupofolha.com.br

Letícia Colin

Tenho um amor platônico por uma vida totalmente diferente daquela que eu levo

Atriz que interpreta Zélia, de 'Garota do Momento', um hit da Globo no horário mais improvável, o das 18h, que entrou em sua reta final, afirma que seu enorme sucesso pessoal não a deixa esquecer o fato de que sua profissão passa por um momento difícil, com menos trabalho e a grande ameaça da inteligência artificial, hoje cada vez mais sofisticada

Por **Teté Ribeiro**

"Tenho muitos colegas desistindo da profissão e arrumando outros trabalhos. É assustador. O mercado de audiovisual já foi muito mais aquecido", me diz Letícia Colin, em uma entrevista por vídeo depois de um longo dia de gravação dos capítulos finais da novela "Garota do Momento".

*

"E essa nem é a pauta do momento, o assunto agora é a inteligência artificial, a gente precisa saber como esses programas, cada vez mais sofisticados, vão ser regulamentados, como esse material vai ser produzido. Hoje em dia, a partir da imagem de uma pessoa, é possível produzir um longa-metragem inteiro, realista, com a voz dela sendo reproduzida", afirma a atriz.

*

"Antigamente você conseguia gerar um pequeno curta-metragem, com cenário, figurino, iluminação, detalhes do rosto do personagem, do corpo, caracterização etc, só que sem som. Agora já tem som, ou seja, você pode colocar a voz da pessoa e determinar o que ela vai falar. São muitas questões que vão surgindo junto com os avanços da tecnologia", acrescenta.

*

A personagem de Letícia, a ultra materialista Zélia, era ex-secretária da vilã do folhetim, a empresária Maristela, vivida por Lilia Cabral. Logo no início da trama, ela dá um golpe e passa a agir agir como se fosse muito rica, com roupas, joias e cabelos inspirados no maior sex-symbol que jamais existiu, Marilyn Monroe. O final de Zélia, no entanto, não era o que Letícia Colin esperava.

*

"Eu nunca poderia imaginar que o destino da Zélia fosse esse. É totalmente diferente do que eu queria. Mas faz parte do jogo. A gente vai criando um afeto pela personagem, tendo vontades por ela, não dá para controlar. Tenho que aceitar esse final", disse a atriz.

*

Continua na pág. B3



A atriz Letícia Colin

Asafe Ghalib/Divulgação

"A gente tem esse foco constante em relacionamento, no afeto ou no desejo. Acho um pouco superestimado isso na nossa cultura. Eu também sou vítima dessa dramaturgia, dessa ideia de que haveria algo ideal, um pote de ouro nos esperando lá no fim, acho isso muito danoso."

Continuação da pág. B2

Que final? Bom, está prestes a ir ao ar, no fim de junho, mas os tempos mudaram, agora muita gente assiste aos episódios das novelas quando quer, pelo streaming, então os spoilers meio que não têm data de validade, e não sou eu que vou estragar a surpresa de ninguém (mas só por hoje).

☆

"Garota do Momento" foi criada por Alessandra Poggi com roteiro feito por uma equipe de cinco escritores, dirigida por Natália Grimberg. A trama se passa nos anos 1940 e 1950, no Rio de Janeiro, e era toda apoiada em uma mentira arquitetada pela vilã, Maristela, que aproveita a amnésia pós-acidente da personagem de Carol Castro e cria um passado totalmente diferente para ela.

☆

Aí mil dramas, romances, intrigas e questões sociais, como a maioria das novelas. Mas, neste caso, com personagens bem escritos, complexos, que se encontram e se desencontram numa enorme busca por amor, poder e redenção. E o público adorou. E seguiu a novela tanto pela TV aberta quanto pelo streaming e pelas redes sociais.

☆

Na última semana, numa iniciativa inédita da Globo, a emissora criou pequenas cenas, chamadas de 'microdramas', disponibilizadas exclusivamente nas redes sociais, com sequências inéditas e histórias paralelas que não foram exibidas na TV aberta, aproveitando o sucesso dos últimos capítulos. Nos melhores dias, "Garota do Momento" deu mais audiência que as novelas das 19h e das 21h, e até do que o Jornal Nacional. Coisa rara para uma trama das 18h.

☆

Letícia Colin trabalha desde muito cedo, fazia comerciais para a TV e fotos como modelo infantil desde os oito anos de idade. Seu primeiro contrato como atriz aconteceu quando ela tinha apenas dez anos, no seriado "Sandy e Junior", da Globo, em que interpretava a personagem Glorinha. Em seguida, fez parte do elenco de "Malhação" e foi apresentadora do infantil TV Globinho, entre 2003 e 2005.

☆

"Nunca fui uma estrela infantil, eu não tinha esse destaque", esclarece. "Eu estava meio que orbitando ao redor de trabalhos importantes e de pessoas que tinham uma carreira consistente, que eu tive a oportunidade de observar de perto."

☆

Ela começou a ser notada um pouco mais tarde, quando justamente deixou a Globo e foi para a Band, em 2005, para gravar o folhetim "Floribella", em que também cantou umas das músicas que fizeram parte da trilha sonora. A telenovela virou um musical, o primeiro de muitos na carreira desta atriz talentosa, linda, versátil, inteligente e que agora, aos 35 anos, já é uma das grandes estrelas do Brasil.

☆

E essa é a segunda vez que eu e ela nos encontramos, neste mesmo espaço. Em fevereiro de 2011, ela foi o destaque de uma reportagem com "a nova safra de jovens atrizes do cinema brasileiro". Juntamos cinco meninas que despontavam na profissão em um casarão tombado no bairro do Ipiranga, em São Paulo, onde foram fotografadas por Márcio Simnch e entrevistadas por mim, para falar sobre seus sonhos, projetos, medos, dramas, fama e ídolos.

☆

Quando reencontro Letícia 14 anos depois, e relembro essa história, ela imediatamente se recorda da foto, ela sentada no janelão da casa, com as pernas para o lado de fora e olhando o horizonte. Me pergunta quem são as outras quatro jovens atrizes na matéria. Leio seus nomes: Olivia Torres, Juliana Schalch, Thais Muller e Branca Messina. Ela sabe o que todas estão fazendo, nenhuma desistiu da profissão.

☆

Na época, Letícia estava em cartaz no musical "Hair", tinha dois filmes prontos esperando estrear e ia começar a gravar uma novela na TV Record. "Acho ótimo estar na Record. Muita gente tem preconceito, mas é legal estar em um lugar que está mudando a lógica do mercado", me disse naquela reportagem. Contou também que adorava ter obrigação. "Sou capricorniana", justificava.

☆

Os anos que separaram as duas entrevistas foram muito intensos na vida de Letícia. Ela voltou para a Globo em 2013, e foi lá que fez alguns dos papéis mais marcantes de sua carreira até agora. No mesmo ano, foi lançado no cinema "Bonitinha, mas Ordinária", de Moacyr Góes, uma adaptação contemporânea de uma das peças teatrais mais importantes de Nelson Rodrigues, escrita em 1962, e que revelou a atriz para o público, para os colegas de profissão e para a crítica.

☆

A produção atualizava os principais temas do texto original —erotismo, moral burguesa, amor versus poder— para o público do século 21. Letícia era a "bonitinha" do título, uma menina rica chamada Maria Cecília, cujo pai, um empresário poderoso e mau-caráter, a oferece em casamento para o protagonista, Edgard, um funcionário da fábrica, em troca de muito dinheiro. Mas ele é apaixonado por Ritinha, personagem de Leandra Leal, e o conflito o consome.

☆

E desde então ninguém mais conseguiu parar de prestar atenção nesta atriz de rosto forte, voz potente e capacidade de moldar seu visual completamente para cada personagem a que se entrega de corpo e alma.

☆

Foi assim com a prostituta Rosa, da novela "Segundo Sol", de 2018; Amanda, a médica viciada em crack da minissérie "Onde Está Meu Coração", de 2021, que rendeu uma indicação ao Emmy Internacional de Melhor Atriz; Manuela, a estilista em depressão pós-parto na série "Sessão de Terapia", do mesmo ano, e Vanessa, sua primeira vilã de novela, em "Todas as Flores", de 2022. "É muito bom para mim poder desovar a hipersensibilidade que eu tenho, que trato há anos na terapia. Sou muito intensa, em tudo, acho que até por isso consigo acessar emoções dos meus personagens mesmo não tendo passado por nada parecido", diz ela.

☆

"Sempre senti que tinha algo que sobrava em mim, que transbordava. Eu sempre chorei em missa, até hoje me emociono muito vendo filmes, acho que tenho uma conexão com algo que não sei nem o nome."

☆

E não é que ela não tenha buscado. Letícia é budista e praticante do candomblé. "A vida vai ficando cada vez mais complexa, né? A gente tem que ir buscando meios para dar um contorno para o lado emocional, que vai ficando cheio de nós. O meu jeito foi esse", explica.

☆

Letícia viveu um grande amor, um romance de quase uma década com o ator, poeta, apresentador e diretor Michel Melamed, hoje com 49 anos. Os dois são os pais de Uri, um menininho de cinco anos que vive em guarda compartilhada desde que o casal se separou, oficialmente, no ano passado.

☆

"A gente já estava separado há bem mais tempo, mas conseguimos manter isso quietinho, sem alarde, uma coisa de que eu tenho muito orgulho de ter feito. E nos damos muito bem, conseguimos ficar amigos, nos falamos todo dia. E eu amo o Michel até hoje, muito, muito mesmo", afirma.


Letícia como Zélia em 'Garota do Momento' Beatriz Damy/Divulgação

☆

Desde que ficou solteira, Letícia decidiu cuidar mais de si, do corpo e da mente, assim como de sua família, de seu filho e de seus pais.

☆

"A gente tem esse foco constante em relacionamento, no afeto ou no desejo, acho um pouco superestimado isso na nossa cultura. Eu também sou vítima dessa dramaturgia, dessa ideia de que haveria algo ideal, um pote de ouro nos esperando lá no fim e acho isso muito danoso", afirma.

☆

Enquanto tira férias do amor, a agenda profissional da atriz não dá trégua. Letícia praticamente emenda o fim das gravações da novela com a volta das gravações da série da Globoplay "Os Outros", que volta para uma terceira temporada, ainda sem data prevista de lançamento.

☆

Em seguida, Letícia volta ao teatro, em um novo musical. Vai ser uma adaptação de um dos livros infantis escritos por Rita Lee, que assinava esses textos como "vovó Ritinha", com músicas dela na trilha.

☆

"Queremos fazer um espetáculo lindo para todo mundo, porque a gente tem que cantar essas músicas, as novas gerações têm que conhecer essas músicas. Vai ser um espetáculo de alto nível."

☆

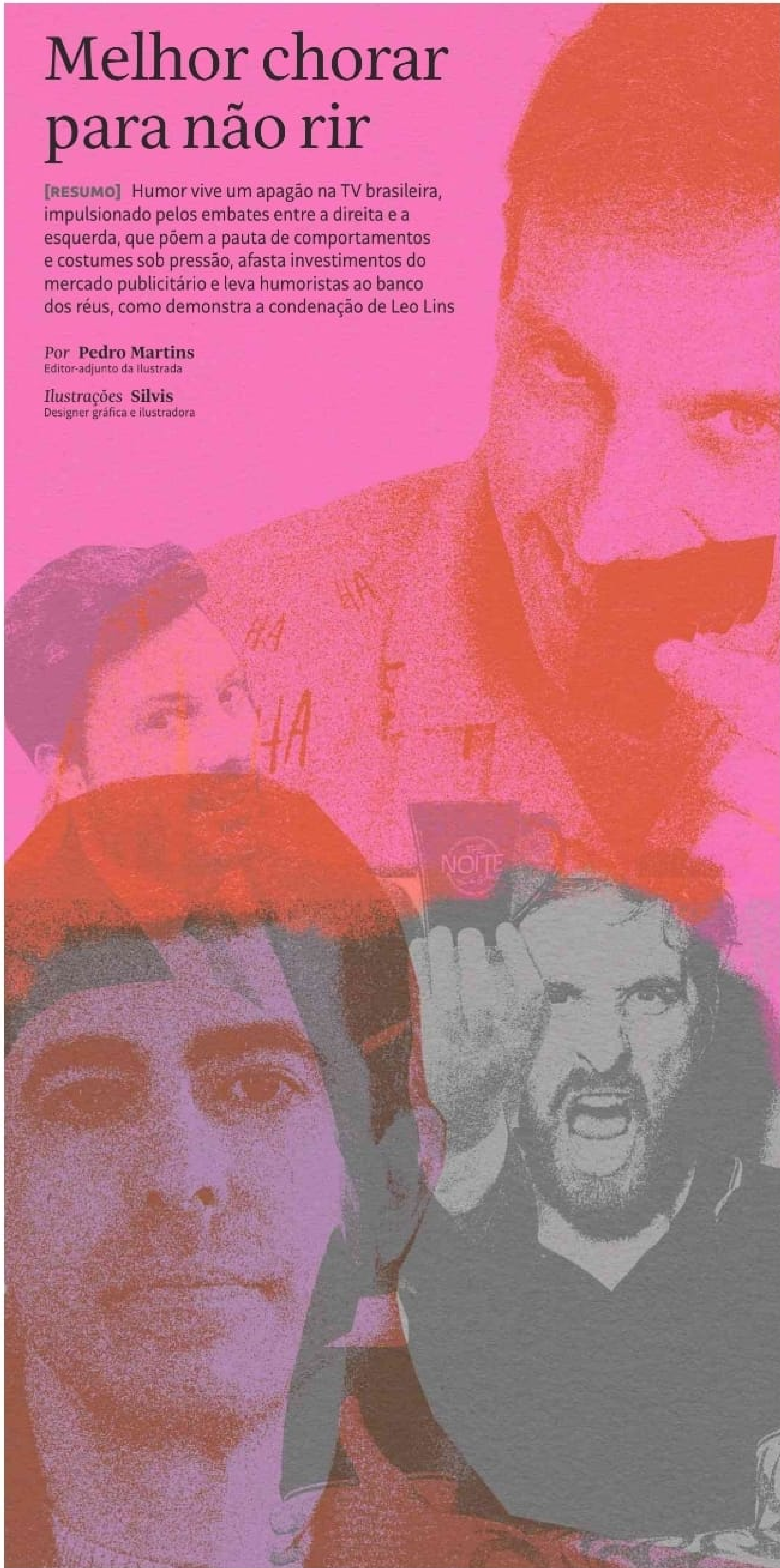
A estreia não tem data exata, mas será em São Paulo, no segundo semestre deste ano. Vai ser a estreia de Letícia como produtora de um espetáculo grande, uma novidade na carreira da atriz que, no mínimo, significa uma quantidade muito maior de trabalho e preocupações.

☆

Pergunto, no final da conversa, como ela se vê no futuro, só para saber se ela dá uma pista de por que caminhos ainda pretende se aventurar, se sonha com mais um casamento, outros filhos, essas coisas que dá um pouco de vergonha de perguntar para todas as mulheres na casa dos 30 anos, mas que, na verdade, todo mundo quer saber. Mas Letícia não é uma mulher como as outras, nem de 30 anos, nem de idade nenhuma.

☆

"Eu tenho um amor platônico por uma vida totalmente diferente da que eu levo. Queria uma casa na serra, num lugar muito tranquilo em que eu pudesse acompanhar meu filho se desenvolver. Nesse sonho eu cozinho e tenho tempo de escolher cada ingrediente. Eu sou muito sagaz na cozinha, aquela alquimia toda faz sentido para mim. Flerto com isso há muitos anos, mas tenho consciência de que é uma ficção. Uma ficção saudável."



Melhor chorar para não rir

[RESUMO] Humor vive um apagão na TV brasileira, impulsionado pelos embates entre a direita e a esquerda, que põem a pauta de comportamentos e costumes sob pressão, afasta investimentos do mercado publicitário e leva humoristas ao banco dos réus, como demonstra a condenação de Leo Lins

Por **Pedro Martins**
Editor-adjunto da Ilustrada

Ilustrações **Silvis**
Designer gráfica e ilustradora

Era 2018. Aos sábados à noite, Lady Kate, Janete, Valéria e sua trupe do "Zorra Total" faziam do riso o maior protagonista da Globo. Aos domingos à tarde, era a vez da "Escolinha do Professor Raimundo", um remake do programa criado por Chico Anysio, seguido por "Choque de Cultura" e pela série "Pais de Primeira", sobre um casal às voltas com seu primeiro filho. Seis anos e meio se passaram, e o que restou é uma reprise da "Escolinha" aos sábados à tarde, faixa que as afiliadas regionais da emissora ocupam com seus próprios shows de variedades.

O esvaziamento do humor na grade de programação do maior canal do país expõe o apagão que esse gênero enfrenta no Brasil, principalmente na televisão aberta. A virada, segundo humoristas e executivos, teria ocorrido no momento em que os debates entre a direita e a esquerda, especialmente em temas comportamentais, culturais e religiosos, se acirraram no Brasil —desde a crise que levou ao impeachment de Dilma Rousseff, alvo frequente do "Zorra Total", retratada como condutora de um metrô desgovernado, mas sobretudo a partir da eleição de Jair Bolsonaro, que fez da classe artística e da própria Globo um de seus maiores alvos.

O apagão, que ainda teve influência da paralisação de produções na pandemia e da saída conturbada do humorista Marcius Melhem e de parte de sua equipe da Globo, vai além da emissora e atinge os comediantes em projetos independentes.

Um reflexo disso é a condenação de Leo Lins à prisão, no início do mês, por exibir no YouTube um show com piadas consideradas preconceituosas pela Justiça. Embora a sentença possa ser um caso isolado, nos bastidores ela é vista como um precedente raro sobre o limite da liberdade de expressão na arte.

O esvaziamento ainda atinge o SBT, de onde Leo Lins foi demitido há três anos, depois de fazer uma piada com uma criança com hidrocefalia, mas aparece pontualmente, em quadros do The Noite. No humor, a segunda maior emissora do país sobrevive do talk show de Danilo Gentili, de reprises de "Chaves" e "Chapolin", da bancada do Programa do Ratinho e da longeva atração de Carlos Alberto de Nóbrega, "A Praça É Nossa".

Mas o programa de Carlos Alberto, exibido às quintas num horário inalcançável para grande parte do público, quase à meia-noite, perdeu as figuras mais fortes responsáveis por sua renovação, no início da última década, como Matheus Ceará, que hoje se dedica à internet.

A polarização, que se manteve depois do retorno de Lula ao Palácio da Alvorada, segue afastando investimentos para esse tipo de produção. É o que afirmam especialistas ouvidos pela reportagem, quase todos sob a condição de anonimato imposta por cláusulas de confidencialidade nos contratos de trabalho.

De um lado, artistas que se manifestam contra a pauta conservadora, popularizada por Bolsonaro, ainda são vistos como inimigos da nação por aquela parte do público mais alinhada à direita. De outro, qualquer riso à custa de grupos que fazem parte das chamadas minorias sociais —como pretos, pardos, indígenas e a comunidade LGBTQIA+—, mais alinhadas a Lula, é condenado pela esquerda. O resultado, em ambos os casos, é o cancelamento.

Mas o temor não se limita à reação do público. No momento em que fechou as cortinas para o riso, a Globo, por exemplo, buscava evitar desgastes com Bolsonaro além daquele que seria inevitável —no jornalismo—, com medo de afastar o público que se posicionava a favor do governo.

Continua na pág. B5

Continuação da pág. B4

Com receio de serem prejudicadas por terem sua imagem colada a piadas controversas, as marcas também passaram a ver o humor com desconfiança.

É um investimento que a Globo tenta retomar, a exemplo de uma brincadeira que promoveu com Tata Werneck e Eduardo Sterblitch para empresários e marqueteiros em outubro passado. Durante o evento em que apresenta as produções do canal previstas para o ano seguinte, a dupla distribuiu brigadeiros aos convidados para mostrar, em suas palavras, que os comediantes não vão pôr os negócios em risco e são "do bem".

A Globo recriou um núcleo de humor —"do bem"— há dois anos. Seu maior sucesso é a série "Pablo e Luisão", de Paulo Vieira, que mostra episódios marcantes da vida do pai de seu criador ao lado do melhor amigo, entre a comédia e a tragédia impostas pela pobreza. É a obra mais vista da plataforma de streaming Globoplay já há quase um mês.

Vieira não quis dar entrevista, mas seu sucesso é interpretado por pessoas envolvidas na produção como o resultado de um humor capaz de manter a graça sem ofender ninguém ao tratar de temas delicados como a pobreza. Outro exemplo é o episódio em que o pai e o amigo decidem criar uma dupla sertaneja. A empresária deles carrega muitos dos estereótipos associados a uma mulher lésbica, mas essas características não são alvo de chacota.

A diretora do núcleo de humor na Globo, Patricia Pedrosa, também não quis conversar com a reportagem, mas a emissora afirma que, na mesma esteira de "Pablo e Luisão", há cerca de 40 projetos em desenvolvimento para suas plataformas —o próximo é "Aberto ao Público", um show de stand-up em quatro episódios previsto para julho.

Pedrosa já promoveu ao menos três encontros com mais de uma centena de novos talentos, à procura de ampliar sua produção. Mas o que se vê nas telas é embrionário ante a programação robusta que existia antes.

Até meados da década passada, quase todos os dias havia um humorístico no ar, dos esquetes de "TV Pirata", "Casseta & Planeta" e "Zorra Total" —herdeiros de um estilo de humor radiofônico, cheio de bordões, cultivado no imaginário nacional com Jô Soares, Chico Anysio e Os Trapalhões— até as séries cômicas como "A Grande Família", "Os Normais" e "Tapas & Beijos", além dos shows gravados em teatros, como "Toma Lá Dá Cá", sucessor de "Sai de Baixo".

Uma evidência disso é que, entre os humoristas contratados da emissora, quase nenhum produz humor. Welder Rodrigues, que estreou no "Zorra Total" —no qual fez sucesso como Jajá, do bordão "tô doido, tô doido"—, passa a maior parte do ano fazendo novelas, como "Mar do Sertão" e "No Rancho Fundo". Sterblitch, importado pela Globo depois de anos no politicamente incorreto Pânico na TV, também é mais visto nos folhetins desde 2019. Participou de "Salve-se Quem Puder" e está no ar em "Garota do Momento".

Fábio Porchat, talento descoberto no teatro e que deslanchou no "Zorra Total", só faz humor fora da televisão. Na Globo, o talk show Que História É Essa, Porchat? pode ter momentos engraçados, mas é um programa de entrevistas, que inclusive tem trechos mais dramáticos. A exceção é o Lady Night, outro talk show, mas que ao menos tem os convidados como escada constante para as piadas feitas por Tata Werneck.

Além disso, esses são programas feitos para os canais pagos da Globo e chegam à televisão aberta só meses depois.

Continua na pág. B6





Melhor chorar para não rir

Continuação da pág. B5

O Lady Night, de Tata Werneck, vai ao ar na televisão aberta depois de uma revisão cuidadosa, que envolve a própria apresentadora numa série de cortes.

"Pablo e Luisão", assim como a série "Encantado's", também tem a TV Globo como segunda janela de exibição. Para os milhões de espectadores que nem acesso à internet têm, o seriado de Paulo Vieira, visto nos bastidores como uma luz em meio a esse apagão do humor, nem sequer tem previsão de estreia no canal aberto. Tampouco há sinal verde da emissora para a produção de uma segunda temporada.

Sem um espaço próprio no principal canal aberto, o humor está relegado a participações noutros programas, principalmente os de auditório, como o Domingão com Huck, que hoje tem um elenco improvável de comediantes. Déa Lúcia —mãe de Paulo Gustavo—, Rafael Portugal, Ed Gama e Lívia Andrade são, em tese, comentaristas e participantes dos quadros. Mas na prática o time anima a atração a partir de seus arquétipos —a idosa desbocada, o malandro mané, o imitador e a mulher que, aos olhos do público, tem a beleza como seu principal atributo.

Nos bastidores, essa limitação constante às plataformas de menor audiência da Globo é vista como um sinal de que a emissora não superou o medo de fazer humor. Um dos poucos profissionais consultados que aceitou dar entrevista sem anonimato, José Bonifácio de Oliveira Sobrinho, o Boni, diz acreditar que o cenário não deve mudar, e a condenação recente de Leo Lins pode impor ainda mais receio.

"Eu achava que esse era um medo infundado das emissoras brasileiras, porque nos Estados Unidos o humor continua forte. O 'Saturday Night Live' segue no ar martelando o Donald Trump. Mas estou mudando a minha opinião", afirma. "Agora está de fato muito difícil, por causa do lamentável politicamente correto. Nunca vi o espetáculo de Leo Lins, mas não importa o que seja. Ninguém pode ser preso por fazer rir. Os canais brasileiros têm medo de ser processados, pagar multas e, agora, até de ter seus contratados presos."

Diretor da Globo por 30 anos, de 1967 a 1997, Boni se lembra dos tempos em que perdia horas de trabalho para negociar com os censores e afirma que o cenário atual não parece diferente.

"A censura militar talvez tenha sido mais branda do que aquilo que acontece hoje, porque existia o foco no jornalismo, mas Chico Anysio, Jô Soares e Renato Aragão brilharam nessa época. Antes disso, no Estado Novo de Getúlio Vargas, havia programas no rádio, como o Lauro Borges & Castro Barbosa. Lauro ia trabalhar com uma malinha, porque já sabia que seria preso, mas ele dormia uma noite na cadeia e era solto no dia seguinte, porque não havia fundamento para manter a prisão —como não há hoje. Mas regredimos."

A avaliação de Boni sobre a diferença entre a liberdade de expressão em cada país encontra amparo em pesquisas. Nos Estados Unidos, a professora de direito Laura Little, da Universidade Temple, na Filadélfia, revisou centenas de decisões judiciais e chegou à conclusão de que, nas últimas décadas, os tribunais têm sido favoráveis ao humor, principalmente às sátiras e paródias.

Já no Brasil um estudo do InternetLab, um centro de pesquisas de direito e tecnologia, mostrou que os juízes têm se posicionado contra o riso. Às vésperas das eleições de 2018, a pesquisa mostrou que, na primeira instância, oito em cada dez ações tiveram sentenças contra publicações humorísticas, número que tem uma queda de 10% na segunda instância. Os políticos encontraram menos proteção no Judiciário, mas ainda garantiram indenizações em metade dos casos analisados.

Ainda que o politicamente correto esteja no centro do debate por causa da condenação de Leo Lins, há casos recentes em que conservadores levaram comediantes à Justiça. O maior exemplo é o especial de Natal do Porta dos Fundos feito com a Netflix em 2019, "A Primeira Tentação de Cristo". A história, que mostrava uma versão gay de Jesus, levou a um ataque com bombas à sede do grupo de humoristas no Rio de Janeiro e a uma série de processos.

O resultado disso é que, hoje, enquanto nos Estados Unidos o serviço de streaming produz obras como um show de stand-up em que Dave Chappelle zomba de transexuais, pessoas com deficiência e crianças com câncer, no Brasil os lançamentos de humor são filmes de comédia inofensivos, muitas vezes voltados a crianças e famílias, protagonizados por Luccas Neto e Leandro Hassum.

Hassum é o mais bem-sucedido entre os humoristas que recorreram à internet depois que a TV fechou as portas. Ele faz parte de uma longa lista, composta sobretudo por profissionais alinhados à direita. O maior exemplo é o elenco principal do Pânico, encerrado em 2017.

Continua na pág. B7



Continuação da pag. B6

Vindos do Pânico, Márvio Lúcio e Marcos Chiesa, o Carioca e o Bola, por exemplo, hoje têm maior projeção como anfitriões do podcast Ticaracaticast.

As redes sociais se mostraram frutíferas para esses humoristas. Embora o cenário de total liberdade encontrado online possa mudar depois que o Supremo Tribunal Federal concluir a votação agora em curso sobre o Marco Civil da Internet, hoje as plataformas digitais não se responsabilizam pelo conteúdo dos usuários e, portanto, são menos vulneráveis a processos, algo que assusta canais tradicionais como a Globo. Os algoritmos dessas plataformas também agem em prol da formação de bolhas. Dessa forma, o humor politicamente incorreto tende a ser visto apenas por pessoas que concordam com essa abordagem e vice-versa.

Raony Phillips, um humorista surgido das redes sociais, sabe bem disso. Há cerca de uma década, ele vinha atingindo o público queer com a série "Girls in the House", feita para o YouTube, usando os bonecos e os cenários do jogo "The Sims". Com episódios de até 40 minutos, ela mostra três amigas que vivem numa pensão entre situações absurdas. Agora, Raony vê seu trabalho se espalhar para além desse público com a personagem Marisa Maiô.

São vídeos de um minuto, com esquetes roteirizados por Raony e animações hiper-realistas feitas a partir de inteligência artificial, que simulam um programa de auditório de uma apresentadora que veste apenas um maiô e tem interações improváveis com entrevistados, plateia e repórteres, em geral sátiras à grade matinal e vespertina da TV.

"Amo minha melhor amiga", diz uma convidada. "É mesmo? Nós trouxemos você aqui para mostrar as mensagens que você tem mandado para o marido dela", responde Marisa. Próxima piada.

O programa, criado há poucas semanas, já atingiu milhões de visualizações e conquistou anúncios de empresas como o Magazine Luiza. É engraçado, mas nenhuma piada carrega qualquer tipo de ofensa. "Eu sou da ideia de que precisamos rir juntos, desde que a gente não esteja rindo do outro. É uma responsabilidade que você precisa ter quando fala com muitas pessoas", diz Raony.

Seu projeto lembra o humor de Paulo Gustavo, morto na pandemia. A franquia "Minha Mãe É uma Peça" explodiu nos cinemas se esquivando de ofensas, agradando tanto à esquerda quanto à direita, mesmo quando mostrava dramas como o de um casal gay que tem seu casamento no clímax do último filme da trilogia, que é o segundo filme brasileiro de maior bilheteria da história.

Esse tipo de vídeo curto tem seu ápice no Kwai, um aplicativo parecido com o TikTok, que diz já ter investido R$ 7 bilhões no país, um de seus principais mercados, recheado de perfis que encenam pequenos dramas e piadas sem grandes retoques ou preocupação com cenários e roteiros. Um terço do que os usuários dessa rede consome por dia são conteúdos humorísticos, segundo Claudine Bayma, diretora-geral do Kwai.

Outro destaque na internet é a trupe Embrulha pra Viagem, que ainda roda o país em shows de stand-up e conseguiu se sair bem no filão dos vídeos curtos com historinhas de humor com desenlaces não raro moralizantes.

Mas o humor feito na internet também enfrenta dificuldades. Se em seu auge, em 2013, o Porta dos Fundos tinha 60 milhões de visualizações por mês no YouTube, segundo o Google, hoje esse número caiu para 38 milhões, de acordo com o Social Blade, plataforma de monitoramento de redes sociais.

Mas uma das razões para essa crise vai além da esfera política, diz Cláudio Torres Gonzaga, roteirista que trabalhou na Globo nos anos 2000, em programas como o "Zorra Total", e criou aquele que é considerado o primeiro grupo de stand-up do Brasil, o Comédia em Pé

"Acabaram com o humor popular na TV, com os bordões, sem consultar o público. Queriam fazer algo mais sofisticado. Eram bons produtos, mas descolados do público", diz Torres, lembrando a renovação de programas como o "Zorra", que substituiu os chavões por esquetes cotidianos, sem muito sucesso. "O brasileiro gosta de ser o engraçado da turma, e o bordão ajudava, porque era só repetir o que via na TV."

O desgaste nos formatos também é apontado como um problema por executivos da Netflix que preferem não ser identificados. Depois de contratar todos os maiores humoristas em atividade no Brasil para fazerem shows de stand-up para sua plataforma, eles dizem ter dificuldade para encontrar conteúdos relevantes de comédia.

A maioria das sitcoms e dos filmes de comédia brasileiros, acrescentam esses profissionais, não tem uma dramaturgia consistente —personagens e conflitos com início, meio e fim— e são colagens de piadas, uma estrutura que não costuma funcionar para o streaming, que tem por objetivo estimular os assinantes a fazerem longas maratonas. Quando o humor é forçado, dizem, o público logo perde o fôlego —as luzes se apagam e, por último, ninguém ri. ←

Viagens de um leitor (quase) místico

[RESUMO] Biógrafo relata, a partir de acesso inédito a documentos pessoais de Dalton Trevisan, os autores e os fatos pessoais que moldaram a formação do escritor curitibano, que completaria cem anos neste sábado. Mestre do conto brasileiro, Dalton tinha devoção por Tchékhov, Machado de Assis, Manuel Bandeira e Pedro Nava, por exemplo, mas pouca paciência com Guimarães Rosa e Eça de Queiroz

Por **Christian Schwartz**
Mestre em estudos literários pela Universidade Federal do Paraná (UFPR) e doutor em história social pela USP. É autor da primeira biografia de Dalton Trevisan, a ser publicada pela Todavia

Em "Desgracida", livro publicado em 2010 que a editora Todavia relança agora em uma versão definitiva, Dalton Trevisan decidiu causar escândalo ao trazer a público, entre outros destaques de sua correspondência particular com nomes como Pedro Nava e Rubem Braga, trechos de cartas trocadas com Otto Lara Resende, de longe seu principal correspondente, entre o final de 1967 e o início de 1968.

Na seleção ali apresentada, Dalton — consciente do que o vislumbre de opiniões literárias expressas intimamente a um amigo causaria na sequência mesmo das "ministórias" de alcova da primeira parte do volume— editou o que escreveu ao cronista mineiro de modo a potencializar o efeito da maledicência sobre um dos maiores ícones da literatura brasileira: João Guimarães Rosa.

O contista curitibano concluiu uma das missivas, datada de dezembro de 1967 (curiosamente mais de dez anos passados do lançamento da obra máxima de Rosa), com a provocação: "Andei passando os olhos no 'Grande Sertão', vamos falar mal? Grande abraço do seu velho amigo". (Um hábito curioso do Dalton missivista era quase nunca assinar as cartas —o que, incidentalmente, empresta a esse tipo de comentário certo sabor de peraltice apócrifa.)

Quando escreveu essas linhas ao amigo mineiro, o contista estava a poucos meses de se mudar definitivamente para a icônica casa da rua Ubaldino do Amaral, no Alto da XV, em Curitiba, e ali se recolher, enfim, à "cabana" ao lado, construída como refúgio de trabalho onde, quase como uma condenação —conforme expressa a Otto em outra carta—, só lhe restaria escrever, escrever e escrever. Mas Dalton era então, com pouco mais de 40 anos, também um leitor crítico no auge de seus poderes.

Se a década de 1940 lhe dera os clássicos franceses e russos (sem prejuízo dos norte-americanos, com uma precoce incursão a Faulkner e muita coisa do gênero policial que apreciaria vida afora), mas também alguns então consagrados contemporâneos brasileiros, como Erico Verissimo, e estrangeiros, como Graham Greene, e ainda a ocasional visita a verdadeiros desconstrutores de linguagem, como Joyce; se a de 1950 lhe acrescentara ao repertório o texto teatral —e outro nome revolucionário: Ionesco—, mais a literatura ágil e inspiradora dos cronistas e amigos Otto, Rubem, Carlinhos Oliveira, Fernando Sabino; os anos 1960, por fim, estabeleceriam um cânone daltoniano todo particular como lente através da qual o contista via o mundo.

Muitos desses autores prediletos seguiam entre os quase 2.400 volumes da biblioteca que deixou em doação ao Instituto Moreira Salles, na maioria vastamente sublinhados e anotados nas margens, inclusive com as datas de término de cada leitura e/ou releitura.

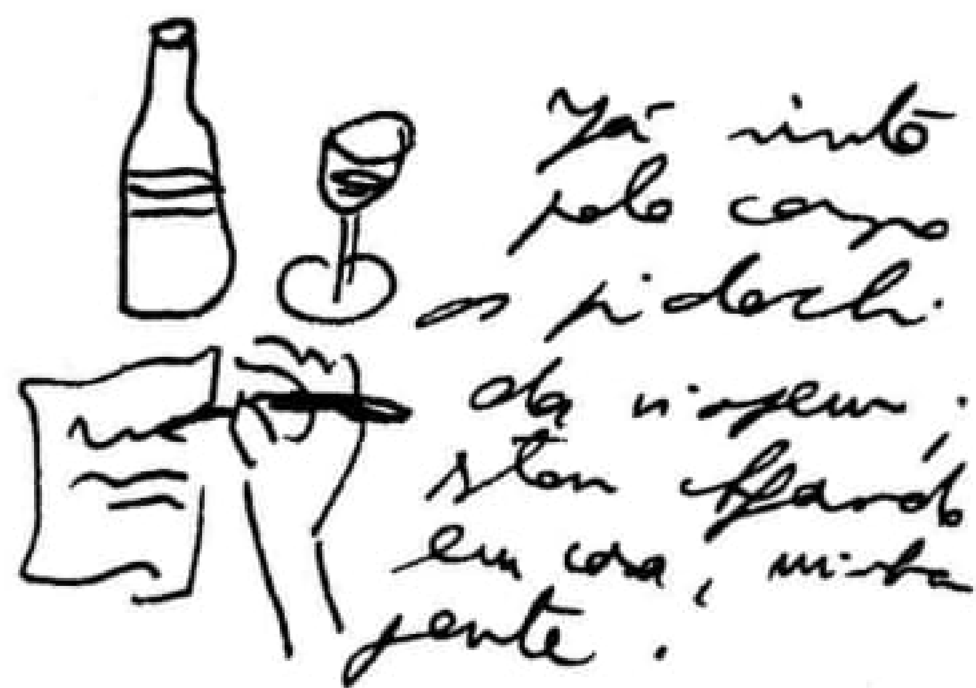
É ainda a década de 1960 que familiariza Dalton com outros tantos clássicos dos quais passara ao largo até aquele momento: nomes como Gustave Flaubert ou Italo Svevo e, entre os brasileiros, Graciliano Ramos (só foi ler "Memórias do Cárcere", de 1953, nessa época) e o próprio Guimarães Rosa —além do "Grande Sertão: Veredas" (1956), sua leitura de "Sagarana" (1946) também foi tardia, como se o curitibano resistisse a Rosa desde sempre.

Mas os 1960 são, sobretudo, os anos cruciais que o transformam num leitor dedicado de Tchékhov. Mais do que isso: num verdadeiro devoto do autor russo, do qual fez inúmeras releituras, mesmo de muita coisa que não encontrava disponível em português.

Continua na pág. B9



O escritor Dalton Trevisan na juventude
Fotos Acervo Dalton Trevisan



O Dalton leitor bíblico, ainda que ateu declarado, é um capítulo à parte. Durante décadas, ele manteve à cabeceira seu exemplar bastante anotado da Bíblia

A Otto Lara Resende, Dalton acrescentou, não menos jocoso —e de novo fazendo pilhéria daquela mesma vaca sagrada de Cordisburgo: 'Desiludido do Eça, me fui ao Camilo e, como diria o Rosa, não é que os dois são piores?'





Desenhos produzidos pelo contista e preservados em seu acervo

Continuação da pág. B8

Ele então lia os contos em francês, na clássica edição da Plêiade, ou numa tradução espanhola da editora Aguilar que considerava de excelente qualidade.

Tanto leu e releu que terminou por estabelecer para seu mestre absoluto um cânone particular, selecionado décadas afora, e que sobreviveu como uma prosaica listinha entre os últimos arquivos no computador do curitibano (a lista completa, anotada como sugestão a editores e tradutores para uma possível nova antologia "Tchékhov par DT", conforme ele próprio nomeou o arquivo de computador, aparece na biografia de Dalton Trevisan que publico em breve pela Todavia, assim como a íntegra das demais histórias esboçadas neste pequeno ensaio).

Na segunda metade da década, Dalton também se dedicou a alguns clássicos portugueses esquecidos na estante desde sua primeira juventude, no início dos anos 1940, e dessas leituras obteve resultados desiguais.

Se, por um lado, precisou rematar quase uma dezena de títulos de Camilo Castelo Branco para chegar a um veredito sobre um dos mais destacados contemporâneos lusos de Machadinho (como chamava seu ídolo quase inconteste Machado de Assis), voltou a outro, maior ainda, Eça de Queiroz —décadas depois da leitura já perdida no tempo de "Os Maias" (em 1943)—, para rapidamente se decepcionar.

A anotação a respeito, no mesmo dia em que concluía também o "Eusébio Macário", de Camilo, tem, como de costume nos diários, a sua graça: "Na cama, Eça, sem entusiasmo. Nariz entupido, uma Coristina ao dia". A Otto, por sua vez, ele acrescentou, não menos jocoso —e de novo fazendo pilhéria daquela mesma vaca sagrada de Cordisburgo: "Desiludido do Eça, me fui ao Camilo e, como diria o Rosa, não é que os dois são piores?".

Naqueles mesmos anos, o contista iniciaria ainda uma história longeva e apaixonada com o volume de sua biblioteca pessoal que mais manuseou e anotou ao longo da vida —nisso somente equiparável ao exemplar da Bíblia que leu e releu por quase três décadas regularmente.

Dalton absorverá a cosmovisão muito particular do padre Manuel Bernardes (1644-1710) em nada menos que dez leituras, a última em abril de 2013, de "Nova Floresta", recolha originalmente publicada em 1706.

Série de apólogos morais, cada um deles constituído de duas partes (na primeira, narra-se um "caso", uma história de fundo exemplar; na segunda, ela é comentada aforisticamente), não seria demais intuir que constituíram, para Dalton, uma espécie de modelo formal —particularmente para suas "ministórias".

Leituras, por assim dizer, místicas não lhe eram atípicas —outra fonte de inspiração para o estilo epigramático que Dalton Trevisan, desde logo um obsessivo pela concisão, adotaria foi a literatura zen, origem de imagens às quais o contista retornava obsessivamente ("o som de uma só mão/ que bate palmas", por exemplo, dístico que, além disso, aparece como epígrafe das "Nove Histórias", de J.D. Salinger, outro de seus autores de cabeceira, como se sabe).

Já o Dalton leitor bíblico, ainda que ateu declarado, é um capítulo à parte. Entre o final dos anos 1980 e o início dos 1990, uma entrada típica dos diários —mais tarde aproveitada na série de esquetes finais do livro "Dinorá" (1994), à qual daria o título de "Noites de Insônia" —dizia: "Na cama [com] o grande São Lucas, [...] enfrento a noite escura da alma, às três da manhã da minha calamidade, a chaga viva do meu coração".

"Você não esquece, dar o nó da gravata, andar de bicicleta —sem as mãos, olhe eu, nadar de costas— e de dormir, como desaprendi, como fui me esquecer?", lamenta-se o contista. "Tento uma e outra posição, nem uma das 64 variações do Kama Sutra, e agora, cara?", desola-se e debocha. "Alerta a cada movimento da terra no silêncio eterno desses espaços infinitos. Só não me desespero graças à prece do peregrino, sincronizada com a respiração."

Durante décadas, Dalton manteve à cabeceira seu exemplar bastante anotado da Bíblia na tradução do missionário protestante português João Ferreira d'Almeida, datada do século 17 —foram leituras e releituras profícuas de vários dos livros e Evangelhos (voltava sempre ao Novo Testamento, sobretudo).

E, entre aquelas páginas, uma singela tira de papel branco guardou em letra de forma —ainda que em versão ligeiramente alterada ao longo dos anos— a oração que era seu último recurso contra a insônia: "JESUS MEU PAI TEM DÓ DE MIM PEQUEI SENHOR PERDÃO MEU PAI DO MAL DA DOR ME LIVRA AMÉM", eis a versão definitiva anotada pelo insone pecador nos diários.

O tormento só tinha fim à primeira luz da manhã: "O primeiro canto do sabiá, clarão na janela, abandono entre os lençóis a noturna barata leprosa, de novo sou um homem".

Dos quatro Evangelhos, o de são Lucas foi aquele que, com o de são João, Dalton descobriu mais tardiamente, em torno de 1970, mas ao qual dedicaria oito leituras integrais nos 20 anos seguintes.

No período iniciado pouco antes, em meados dos anos 1960, e que se estenderia por três décadas, até meados dos 1990, ele voltaria a cada evangelista mais ou menos o mesmo número de vezes —só as Lamentações, com dez leituras entre 1970 e 1996, foram páreo nessa contabilidade do Dalton leitor bíblico.

É também em Lucas que figura a parábola do filho pródigo, interesse antigo do contista a ponto de seu primeiro texto levado ao teatro —e o único que, escrito deliberadamente para o palco, chegou a ver encenado, ainda em fins da década de 1950— ter bebido precisamente nessa fonte.

Em seu exemplar de cabeceira da Bíblia, Dalton marcou com destaque Lucas, 12:53: "O pai estará dividido contra o filho, e o filho contra o pai; a mãe contra a filha, e a filha contra a mãe; a sogra contra sua nora, e a nora contra sua sogra". A família em batalha campal, para muito além da guerra conjugal.

E houve, por fim, Paul Léautaud, jornalista e crítico francês, além de afiado autor de diários e cartas, que Dalton adotou como espécie de guru.

Continua na pág. B10



CINEMA

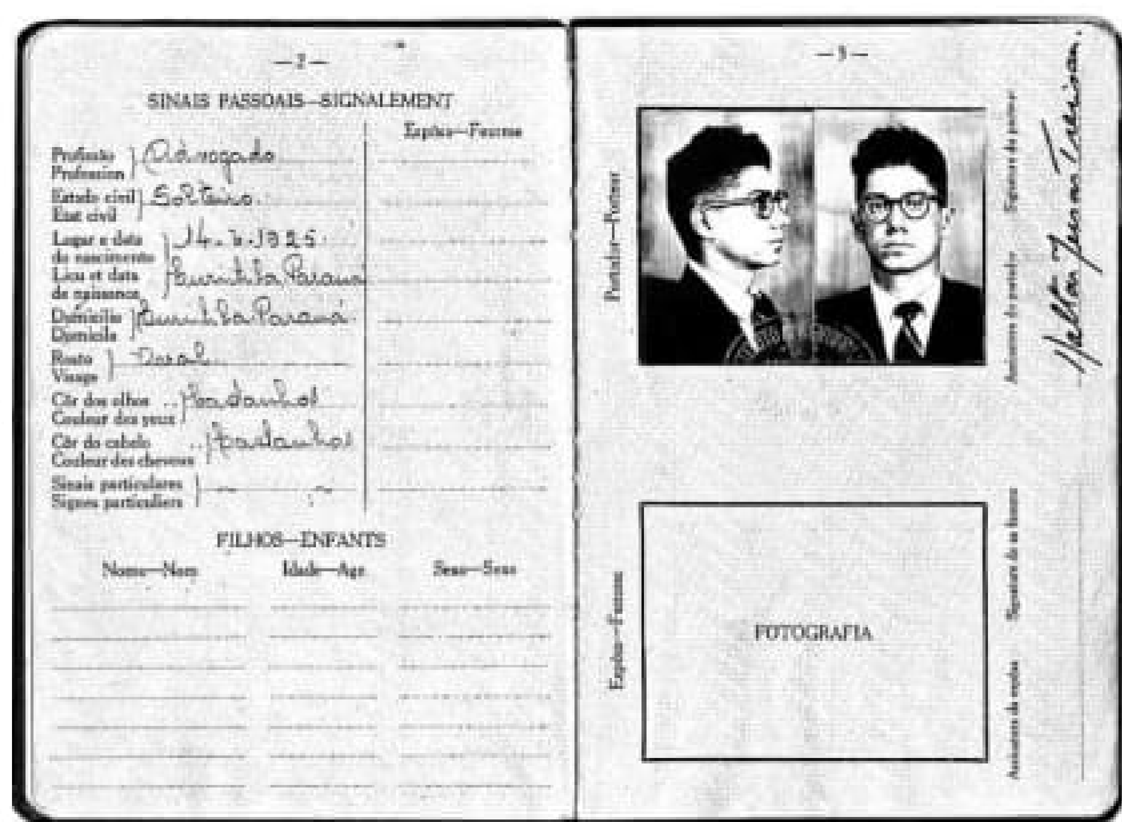
21/10/53

"O INVENTOR DA MOCIDADE"

E' mais uma filme notavel de Howard Hawks, o criador de «Scarface» e «Rio Vermelho», entre outros. E' uma fabula moderna sobre o elixir da juventude, mas que juventude! A tentação faustica de reaver a adolescencia que só é uma bela idade para quem se livrou dela... Howard Hawks exibe sem piedade a infancia e juventude com estados selvagens (Gary Grant dansa como um indio antes de escalpelar sua vitima) de que só a educação e o tempo nos libertam. O sabio, no fim, descobre que o filtro da juventude não vale o preço da dignidade dum velho qualquer.

Com seu gosto amargo de verdade, é uma comedia fabulosa, que tem Gary Grant, Ginger Rogers e até Marilyn Monroe, sem falar dum macaco que simboliza, quem sabe, o estado puro da juventude, mas que juventude!

D.



— 2 —

SINAIS PASSOAIS—SIGNALEMENT

Esposa—Femme

Profissão / Profession: Advogado
Estado civil / État civil: Solteiro
Lugar e data de nascimento / Lieu et date de naissance: 14.6.1925, Curitiba Paraná
Domicílio / Domicile: Curitiba Paraná
Rosto / Visage: Oval
Côr dos olhos / Couleur des yeux: Castanhos
Côr do cabelo / Couleur des cheveux: Castanhos
Sinais particulares / Signes particuliers

FILHOS—ENFANTS

Nome—Nom	Idade—Age	Sexo—Sexe

— 3 —

FOTOGRAFIA



À esq., no alto, crítica de cinema que Dalton Trevisan publicou na Gazeta do Povo, em 1953; abaixo, passaporte do autor quando jovem; desenho feito pelo contista; na página ao lado, Dalton em foto sem data

Acervo Dalton Trevisan

Viagens de um leitor (quase) místico

Continuação da pág. B9

Se a Bíblia, a literatura zen e os apólogos morais de Manuel Bernardes respondiam pela inspiração transcendental, Léautaud será essa mesma voz de consciência só que em dicção absolutamente mundana.

Nisso, talvez só encontre dois ou três rivais à altura, considerado o arco mais longo da formação do contista: a poesia de um Manuel Bandeira e a prosa poética do Murilo Mendes de "A idade do Serrote", lido integralmente oito vezes entre 1968 e 2007.

Ou ainda os sete volumes de memórias de Pedro Nava, que, à medida que eram lançados nos anos 1970 e início dos 1980, Dalton ia lendo devotadamente, um a um, sem jamais deixar de expressar tal devoção ao autor nas cartas que trocavam.

"Com perdão da palavra, meu caro Nava, você é uma força da natureza, uma pororoca de gênio indomável", escreve ao já então médico particular e amigo, em carta de agosto de 1976 também presente em "Desgracida", depois de equipará-lo a Dumas, Machado, Tolstói, daí para mais. "Para o meu gosto, ainda melhor que o Euclides, o Nabuco, o Rosa, o Graciliano etc. Você é todos eles e mais você mesmo."

Com o tempo, o Dalton leitor, de uma regularidade e voracidade impressionantes, consolidou preferências, descancou outros nomes sagrados do cânone com diatribes que iam parar nas cartas (sobretudo, e sempre, a Otto Lara Resende) e aprofundou obsessões.

Uma delas, antiga, era com a decadência física e a morte de personagens literários ou mesmo históricos. "Do Guevara somos todos viúvas — ele foi o guerrilheiro que o meu e o teu pai não nos deixou [sic] ser", comenta com Otto em missiva de novembro de 1967, numa rara manifestação "política" —embora não pública, evidentemente— posterior aos anos de juventude e imprensa estudantil.

"Após o martírio era o próprio retrato de Jesus", comenta, sobre a célebre foto do cadáver do Che depois da captura nas selvas da Bolívia por aqueles dias da carta a Otto.

O final da vida de grandes escritores o atraía mais, no entanto: obcecava-o, sim, a morte de Ivan Ilitch (o livro que queria ter escrito, disse a Sabino em conversa de 1972), mas igualmente a decadência do próprio Tolstói, profusamente anotada numa biografia dos anos 1940 que guardou e releu.

Sobre Carson McCullers, outra paixão literária, na mesma carta em que menciona Che Guevara, Dalton diz a Otto: "Ainda uma que se foi: minha querida Carson McCullers, que não foi chorada por ninguém; não faz mal, eu e você nos lembramos dela".

Proust o fascinava tanto pelo talento literário (embora o curitibano tenha sido um leitor errático de "Em Busca do Tempo Perdido" porque, comparado ao amigo Nava, o francês seria um memorialista dos mais "chatos") quanto pela figura enfermiça, espécie de espectro meio fantasmagórico que o bom Marcel encarnou ao longo da vida toda e dele se apossou de vez perto da morte precoce.

Se o moribundo tivesse o hábito dos diários —talvez o gênero que, ao lado de coletâneas de correspondência literária, Dalton mais leu na vida, fazendo frente até a leituras de ficção—, tanto melhor.

Vinha da juventude essa outra obsessão literária: os volumes, que leu e muitas vezes releu, do "Journal" de André Gide, por exemplo; pouco depois, deliciado, passaria aos "Carnets" de viagem do Prêmio Nobel francês.

Pois —talvez tentando emular o estilo, outro tanto por ver naquilo um laboratório para sua própria produção (o que de fato foi: ao longo de décadas, Dalton preencheu, com observações cotidianas e rascunhos de contos, um total de 31 cadernos e cadernetas, além de outras cerca de 3.000 páginas datilografadas)— o contista deixou, ele próprio, um fascinante registro da única ocasião em que ficou longe de sua Curitiba natal por mais tempo, em viagem à Europa que durou seis meses, de junho a dezembro de 1950.

Um caderno e uma pequena caderneta guardaram raro testemunho do que ia pela mente do jovem escritor em formação —uma intimidade criativa que ele só voltaria a registrar com regularidade quase uma década depois, quando retomou as anotações que manteria até a velhice.

Na aventura europeia, iniciada por Gênova, onde aportou a bordo do Andrea C, um cargueiro que sobrevivera aos bombardeios da Grande Guerra e havia pouco se transformara em transatlântico de passageiros, Dalton dedicou o primeiro mês e meio a uma busca de suas raízes familiares, sobretudo no entorno de Veneza, que adotou como cidade-base de seu giro italiano.

Seguiu para Nápoles e para a ilha de Capri, à qual dedicou, assim como a outras das paradas que mais o marcaram por toda a Europa, uma pequena série de instantâneos poéticos primeiro ensaiados nos diários, depois selecionados para seu último livro de catálogo, "O Beijo na Nuca", título originalmente de 2014 e agora também reeditado em versão definitiva pela Todavia. Visitou Pompeia, Florença, Pisa, Bolonha, Pádua e, claro, Roma, por onde passou três vezes, uma delas para estadia mais prolongada.

Da Itália, seguiria para a França —fez uma primeira escala na capital francesa, de cerca de três semanas, a caminho do norte da Europa: Bélgica, Holanda, sul da Alemanha (onde ficou por dez dias, encantado sobretudo com Munique), Áustria e Suíça, antes de voltar para uma segunda parada em Paris.

E foi aí que, achando que poderia estar precocemente se despedindo, viveu o momento talvez mais místico da vida —este jamais publicado em livro.

Continua na pág. B11





Homenagens ao centenário do escritor curitibano

Exposição Dalton Trevisan — Espião de Almas
Quando: até 10 de agosto, de segunda a sexta-feira, das 8h30 às 18h30
Onde: Saguão e Sala Multiuso da Biblioteca Brasiliana Mindlin (r. da Biblioteca, 21 – USP, São Paulo)
Quanto: grátis

Debate
Lançamento da antologia "Educação Sentimental do Vampiro", com conversa com os organizadores Caetano W. Galindo e Felipe Hirsch. Mediação de Andréa Del Fuego
Quando: 24 de junho, às 19h
Onde: Livraria Travessa de Pinheiros (r. dos Pinheiros, 513, São Paulo)



Relançamentos de Dalton pela editora Todavia

O Vampiro de Curitiba (1965)
Quanto: R$ 64,90 (112 págs.)

Ah, É? (1994)
Quanto: R$ 59,90 (104 págs.)

O Beijo na Nuca (2014)
Quanto: R$ 69,90 (144 págs.)

Chorinho Brejeiro (1981)
Quanto: R$ 64,90 (120 págs.)

Desgracida (2010)
Quanto: R$ 79,90 (248 págs.)

Pão e Sangue (1988)
Quanto: R$ 64,90 (120 págs.)

Educação Sentimental do Vampiro (2025)
Quanto: R$ 74,90 (232 págs.)

Continuação da pág. B10

Ainda ao passar pela Treviso dos Trevisan, um par de meses antes da experiência marcante de Paris, ele havia anotado: "Almoço, bebo à saúde. Um homem bêbado é [só] um homem perto de Deus —mesmo que não acredite em Deus. (Eu só poderia ser cristão com a condição de ser mártir.)".

Uma década mais tarde, porém, a confissão a Otto, em carta de 1961: "Não preciso lhe contar que não acredito em Deus —puxa, não pensei que fosse frase tão solene! Jamais senti inquietação mística, isto é, senti-a por dois meses na Europa, sozinho, doente e sem dinheiro...".

Na caderneta de viagem, no calor da hora, a anotação de um presumido moribundo —ainda assim tentando curtir, carteirinha do Ciné-Club du Quartier Latin recém-adquirida em punho, a paixão cinéfila que manteria vida afora (o filme era o mais recente do italiano Luciano Emmer, estrelado por Vera Carmi e Marcello Mastroianni): "As noites e dias de desespero. A tontura, no cinema ('Domenica de Agosto'). A busca, a corrida, entre desmaios, pela rua".

Consultaria por aqueles dias uma médica cujo nome não revela, mas, depreende-se da documentação pessoal relativa à viagem, terá sido uma descendente e sucessora à frente do consultório de um célebre emigrado brasileiro então já falecido, o doutor Paul de Rio Branco (simplesmente o médico que, muito ligado às lutas de seu tempo, esteve presente à hora derradeira e atestou a morte da lenda política francesa JeanJaurès, em atentado a tiros em 1914).

"Na cara da doutora, a angústia. Como num navio, um carro de pneus furados. À espera da pancada na nuca", anota, no início de outubro de 1950, o contista —ali apenas um desesperado jovempaciente da doutora De Rio Branco.

Nos dias seguintes, porém, ele volta mais otimista —e até bem-humorado— à caderneta de viagem: "Me recobro, aos poucos. Já sorrio pras moças do boulevard (ainda que não sorriam pra mim)". Em 28 daquele mesmo outubro, aparentemente recuperado, registra: "Parto de Paris às 9h30 [da noite] —de charuto havana nos queixos (150 francos)".

Quando, distraindo-se na cabine do navio Anna C com a leitura de seu primeiro Joyce na íntegra ("Stephen "Hero, em espanhol!), retornasse ao Brasil da aventura que seria também o último marco de sua formação —e, conforme atestaram muitos dos que o conheceram antes e depois dela, transformou o contista curitibano—, estaria imbuído do espírito que, naquela mesma pequena caderneta, e agora sem misticismos, expressou assim: "Só me apercebo das verdades ao escrevê-las —e no instante preciso de escrever; para depois tudo esquecer".

Salvo de uma imaginada morte precoce em Paris, Dalton Trevisan não podia saber que tinha ainda pela frente quase três quartos de século na labuta diária de, escrevendo como um condenado, escapar ao esquecimento. ←

Ensinando a voar

Romance de Percival Everett é elogio da ficção contra atoleiro de preconceitos

Bernardo Carvalho
Romancista, autor de 'Nove Noites' e 'Os Substitutos'

Numa entrevista à revista Bomb, em 2004, Percival Everett, autor de "James" (vencedor do prêmio Pulitzer de 2025 na categoria ficção, publicado no Brasil pela Todavia), dizia sobre o humor: "Se você consegue fazer alguém rir, também pode fazê-lo se sentir uma merda com muito mais facilidade". E um pouco mais adiante, na mesma entrevista: "Se alguém estiver pensando em mim ao ler os meus livros, é porque falhei como escritor. [...] Estou te ensinando a voar".

As duas declarações ressoam no dispositivo político exposto com maestria em "James" —dispositivo especialmente bem-vindo no atual ambiente de leitura forjado na chamada autoficção, e que chega a ser tóxico de tão crédulo.

A dissimulação é a linha mestra do humor em "James". A menos que você fosse tão presunçoso e idiota quanto os brancos escravocratas que povoam a história das Américas, não teria por que tomar a literatura ao pé da letra, pelo valor nominal do que é narrado. O mundo é sempre mais complexo do que o que se tem a dizer. É a medida da inteligência. E é nessa brecha que funciona a melhor literatura, tanto na ficção como na poesia.

A metáfora de "James" é genial e hilariante. Os negros escravizados só reproduzem o "patuá de negros" quando estão na frente dos brancos, para agradá-los, para não contradizê-los, para corresponder à sua visão de mundo. E para sobreviver, claro. Basta os brancos saírem de cena para os negros descartarem os estereótipos e voltarem a falar inglês escorreito entre si, discutindo e enfrentando, como no caso de James, filósofos do calibre de Voltaire e Locke.

A metáfora de 'James' é genial. Os negros escravizados só reproduzem o 'patuá de negros' quando estão na frente dos brancos

O romance leva esse dispositivo às últimas consequências e às gargalhadas. Isso não quer dizer que esteja desconectado dos horrores da história. Ao contrário. A parábola diz respeito a como funcionam as relações de poder. Ninguém suporta contradição.

"James" é uma releitura de "As Aventuras de Huckleberry Finn", de Mark Twain, pelo ponto de vista do negro escravizado que acompanhava o protagonista. É o que dá a dimensão do inferno onde um rapaz negro pode ser enforcado por roubar um cotoco de lápis —que dirá ler ou escrever um livro.

O protagonista e narrador negro permite ao leitor (independentemente de identidade, raça ou cor) se reconhecer no lugar do fugitivo e compartilhar com ele, alvo ambulante simplesmente por existir, o horror de um mundo no qual ser já é sua sentença de morte. "Se uma pessoa reconhece o inferno como seu lar, voltar para o inferno seria considerado voltar para casa?"

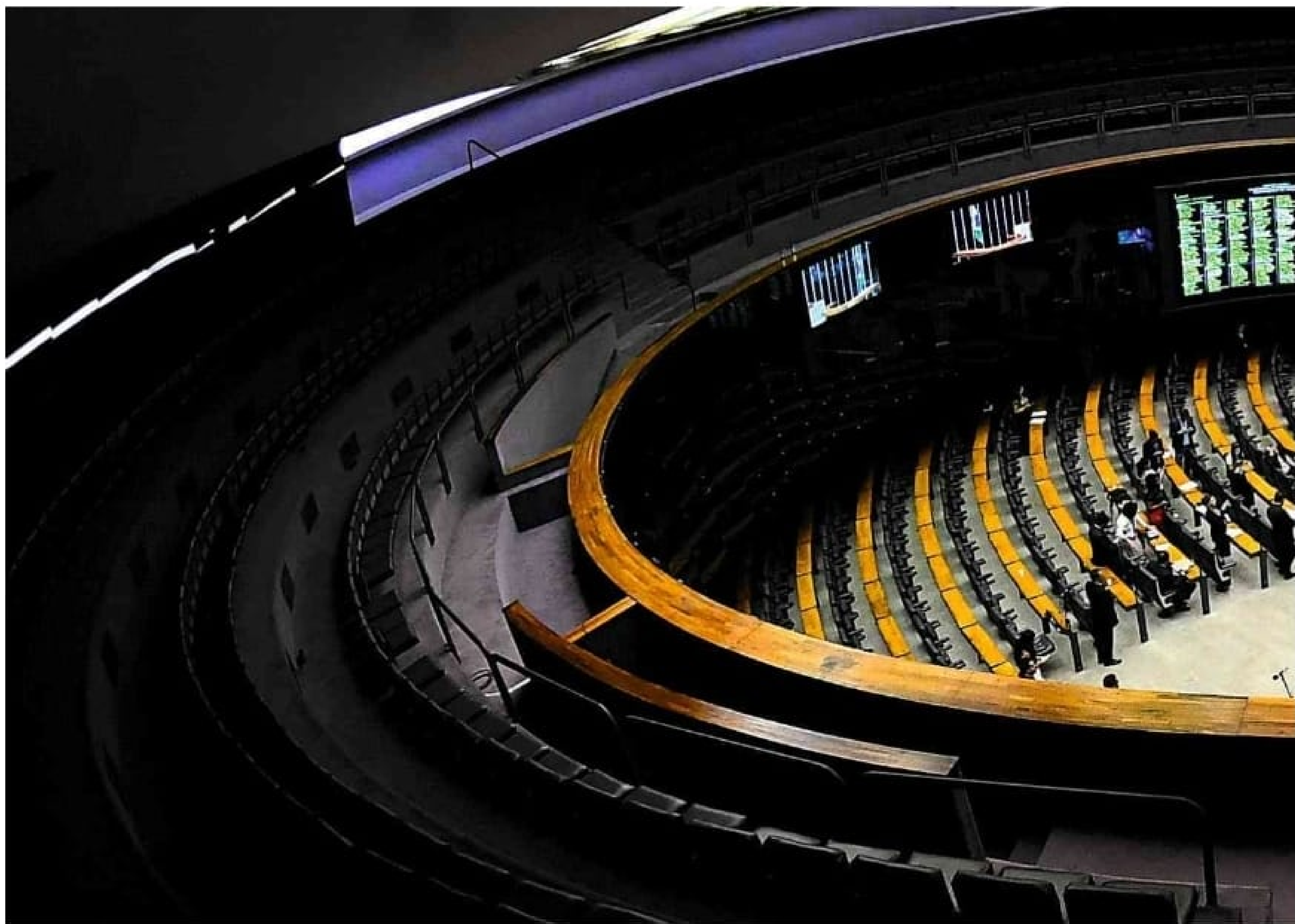
Contra esse mundo claustrofóbico, paisagem pantanosa, lodaçal circular e aparentemente sem saída, o romance expõe o absurdo do homem condenado por nascimento a correr ou morrer. É seu repúdio mais veemente e radical ao racismo. As identidades nada têm de absolutas; são estratégias performativas dentro da história, instrumentos de poder, de sobrevivência e de opressão.

James é obrigado a pintar o rosto de preto ao ser incorporado como cantor a um grupo de menestréis brancos que se apresentam com os rostos pintados de preto ao longo do rio Mississipi. Pintar o rosto de preto, gozando da cara dos negros, é a garantia de ser visto como branco pelos brancos, mesmo sendo preto.

E da mesma maneira que o negro encarna o estereótipo da negritude ignorante e submissa que o branco quer ver, para enganá-lo, nada impede que um branco tenha um filho negro (ou um negro, um filho branco) por quem vai pôr a vida à prova, contrariando todas as expectativas de uma sociedade organizada pela lógica absurda das raças.

James não crê em nenhum deus. Nenhum. Nem teria por quê. A saída da loucura claustrofóbica do racismo está antes em fazer dessa vida a celebração do impossível e do inimaginável, o que desemboca num riso exultante e por vezes faz lembrar o "Corra!", de Jordan Peele.

"James" é o elogio da ficção contra o lugar sem saída, atoleiro de preconceitos, reprodução que nos encurrala, cativeiro onde insistimos em aprisionar uns aos outros.



Terremoto partidário

[RESUMO] Desde 2017, com a aprovação de sucessivas mudanças nas legislações eleitorais, um turbilhão vem varrendo o sistema partidário brasileiro. Novas regras, como a cláusula de desempenho e o fim de coligações, afetaram duramente os partidos pequenos, levando a uma onda de fusões, federações ou mesmo desaparecimento de siglas. Em consequência, menos partidos têm conquistado representação na Câmara e no Senado, diminuindo a fragmentação do Legislativo no Brasil, que já foi a maior do mundo

Por **Jairo Nicolau**

Cientista político, é professor e pesquisador da FGV (Fundação Getulio Vargas)

Acompanhar o turbilhão de transformações do quadro partidário brasileiro na última década não é uma tarefa fácil. Poucos jornalistas ou cientistas políticos conseguiram descrever, com segurança, as mudanças recentes, tamanha a velocidade que apresentaram.

A partir de 2017, 13 partidos mudaram de nome, cinco desapareceram por terem sido incorporados por outros, e duas novas legendas (União e PRD) foram criadas a partir de fusões. De forma geral, o Brasil, que chegou a 35 legendas distintas em 2015, deve passar agora a 24.

O PTB, que já abrigou Getúlio Vargas, João Goulart e Leonel Brizola, foi um desses partidos com fim melancólico, ao se fundir com o Patriota para formar o PRD (Partido da Renovação Democrática), em 2023.

Estão em curso uma atribulada e ainda incerta fusão de PSDB e Podemos e uma federação entre União e PP.

O PSDB talvez seja o caso mais impressionante de declínio de um partido na história do Brasil. Durante três décadas, foi um protagonista das eleições presidenciais (com duas vitórias de Fernando Henrique Cardoso, em 1994 e 1998, e a disputa do segundo turno nas quatro eleições seguintes).

Além disso, elegeu bancadas significativas no Congresso e conquistou um número expressivo de prefeituras e governos de estado. O símbolo disso era São Paulo, onde o partido elegeu o governador sete vezes seguidas entre 1994 e 2018.

O governador do Rio Grande do Sul, Eduardo Leite, uma das principais lideranças tucanas, deixou o partido em maio deste ano para se filiar ao PSD. A governadora de Pernambuco, Raquel Lyra, fez o mesmo movimento em fevereiro.

O PSDB, que chegou a eleger 99 deputados federais em 1998, tem atualmente apenas 13, uma bancada menor que a do Podemos (15 deputados).

A fusão poderia garantir que a nova legenda, batizada com o nome pouco original de PSDB-Podemos, ultrapasse nas eleições de 2026 a votação mínima para garantir acesso ao fundo partidário e a tempo de propaganda eleitoral. Se pensarmos no lugar central que os tucanos ocuparam até meados da década de 2010, essas metas soam muito pouco ambiciosas.

A outra grande mudança atual, a junção de dois partidos de direita, União e PP, em uma federação foi uma surpresa no meio político. As duas legendas têm importantes lideranças e obtiveram bom desempenho nas eleições municipais do ano passado. Possuíam, portanto, alta probabilidade de de ultrapassarem, sozinhas, as regras de desempenho estipuladas para a próxima eleição, que determinam o acesso a recursos públicos.

O que teria levado, portanto, a optarem pela federação? O mecanismo permite que os partidos se aliem na disputa eleitoral, de forma similar como ocorria com as antigas coligações, somando tempo de TV e também os votos na hora do cálculo do quociente eleitoral. Na federação, contudo, os partidos ficarão juntos pelos próximos quatro anos, não apenas durante as eleições.

Sabemos pouco sobre as principais motivações dos dirigentes nacionais. O fato é que a nova organização, por conta de seu tamanho, se tornará uma peça fundamental na disputa presidencial de 2026. Outro benefício é a concentração de recursos de campanha; a federação será o grupo com mais verbas do fundo eleitoral.

União e PP, juntos, têm a maior bancada da Câmara Federal (109 deputados). É um número expressivo, no cenário de alta dispersão partidária que caracteriza a democracia brasileira. Para se ter uma ideia, desde o fim da ditadura, apenas dois partidos ultrapassaram essa marca nas urnas, ambos em 1986; o PMDB com 250 deputados e o PFL com 119.

De forma geral, constatam-se, desde 2019, a redução do número de partidos com assento no Legislativo e o aumento de representantes eleitos de algumas legendas. Esse processo está acontecendo mais rápido do que eu imaginava poucos anos atrás.

Para entender a compactação do sistema partidário, contudo, temos que recordar o processo inverso, de expansão paulatina da fragmentação por três décadas.

Nas eleições de 2018, os brasileiros elegeram a Câmara mais fragmentada não apenas da história do país, mas da de qualquer democracia. Trinta partidos conquistaram vagas —o PT, o maior deles, teve apenas 56 deputados eleitos.

Um exercício simples pode dar uma ideia do tamanho da dispersão de poder na legislatura iniciada em 2019.

Continua na pág. B13


Plenário da Câmara dos Deputados em março de 2025
Marcos Oliveira/Agência Senado

Continuação da pág. B12

Imagine uma situação em que dois deputados se encontrem aleatoriamente no corredor da Câmara. A probabilidade de que pertençam a partidos diferentes é de 95%.

Por que a fragmentação partidária chegou a níveis tão altos no Brasil? Sabemos que humanos em geral, e políticos em particular, reagem a incentivos. E, grosso modo, desde a redemocratização até 2018, as regras do sistema eleitoral ofereceram alguns incentivos para que muitos políticos preferissem atuar em partidos menores.

No Brasil, os políticos fazem suas carreiras orientados para os estados e as cidades onde foram eleitos. Em um cenário de mais de 30 partidos registrados, o incentivo para se filiar a um de pequeno porte era significativo.

Em uma legenda menor, havia a possibilidade de ser um dirigente no âmbito estadual ou municipal, participar da seleção das listas de candidatos, ter influência na distribuição de recursos do fundo partidário e do acesso à campanha no rádio e na televisão, barganhar com siglas maiores a participação nas coligações eleitorais e nos governos. Sem contar que o artifício da coligação nas eleições proporcionais permitia a vitória de deputados com votação reduzida.

Mudanças na legislação partidária e eleitoral, aprovadas na segunda metade dos anos 2010, têm afetado os pequenos partidos. Os incentivos que existiam para eles acabaram. Atualmente, um parlamentar que optar por permanecer em um deles pode ter grandes dificuldades em se eleger.

A primeira mudança na legislação eleitoral que impactou os pequenos partidos foi a cláusula de desempenho. Desde 2018, as siglas necessitam obter uma votação mínima nas eleições para a Câmara dos Deputados para terem acesso a dois preciosos recursos políticos: o fundo partidário e o acesso a tempo de rádio e televisão.

O percentual começou em 1,5% em 2018, passou para 2% em 2022, será 2,5% em 2026 e chegará a um patamar definitivo de 3% em 2030. O não cumprimento dessas metas não leva à perda de registro, mas implica passar quatro anos a pão e água.

Em 2018, 14 partidos não conseguiram ultrapassar a cláusula de desempenho. Em 2022, o número chegou a 15. Alguns deles foram incorporados por partidos maiores (HS e PSC ao Podemos; o PROS ao Solidariedade), outros decidiram participar de federações (Rede, PCdoB, Cidadania e PV). Há também os que sobrevivem sem os recursos do fundo partidário, casos, por exemplo, do Novo, DC, PCB, PCO, PSTU e UP.

O fim das coligações nas eleições proporcionais teve um forte impacto nas chances de as siglas menores elegerem representantes. A medida entrou em vigor nos pleitos de 2020 e reduziu significativamente o total de partidos representados nas Câmaras Municipais, especialmente nas cidades pequenas, que elegem até nove vereadores. Em 2022, o número de legendas que elegeu deputados caiu em todos os estados.

Nesse cenário, os legisladores brasileiros inventaram o instituto da federação partidária, mecanismo intermediário entre a coligação (uma aliança estritamente eleitoral) e a fusão (a extinção dos partidos originais e a criação de uma nova legenda).

Os partidos federados são obrigados a ficar juntos por quatro anos (na alegria e na tristeza). Devem se manter como uma entidade única nos legislativos e concorrer juntos em todos os estados nas eleições gerais e nas municipais subsequentes.

A federação foi criada para garantir um respiro aos pequenos partidos. Vale lembrar que a votação das legendas federadas é somada nos cálculos da cláusula de desempenho. Por essa razão, a surpresa de dois partidos de direita (União e PP, que não são pequenos) terem optado por utilizá-la.

Tudo somado, os impactos foram profundos, como já ressaltado. O número de partidos registrados caiu, minguaram os pedidos de criação de novos e a dispersão partidária voltou ao padrão da década de 1990. A representação partidária na Câmara caiu quase à metade, de 30 siglas com assentos em 2019 para 16 agora. Vale destacar que a compactação tem acontecido com mais intensidade à direita do espectro partidário.

Hoje três bancadas de partidos de direita chegam a quase metade da Câmara dos Deputados. São 109 da federação União-PP, 90 do PL e 40 do Republicanos, somando 47% (de um total de 513 vagas). As pequenas legendas, que já tiveram um número expressivo de cadeiras, foram paulatinamente incorporadas pelas maiores.

Não temos ideia de como será a composição do Congresso eleito em 2026. De todo modo, é alta a probabilidade de que a Câmara e o Senado tenham menos legendas, e o poder partidário esteja mais concentrado

No ano que vem, durante a janela partidária de março, quando os parlamentares poderão mudar de sigla sem risco de perder o mandato, as migrações individuais devem ser na direção das maiores legendas, que já possuem mais recursos do fundo eleitoral e tempo de propaganda no rádio e na televisão.

Não temos ideia de como será a composição do Congresso eleito em 2026. De todo modo, é alta a probabilidade de que a Câmara e o Senado tenham menos legendas, e o poder partidário esteja mais concentrado.

Ao escrever este texto, percebi que todo esse movimento de reconfiguração partidária está ocorrendo exclusivamente na elite política. Trocas de nomes de legendas, incorporações, fusões e federações são frutos de escolhas feitas pelos dirigentes em busca de sobrevivência.

O efeito é um "mercado partidário" reconfigurado, mais concentrado, com menos oferta e com algumas legendas que passaram por uma tentativa de reposicionamento da marca.

Atualmente, os cidadãos que não vivem da política têm pouco interesse pelos partidos. Embora cheias de recursos do fundo partidário, as legendas encontram dificuldade de atrair militantes e pessoas dispostas a concorrer em eleições. Desafio que também atinge o PT, o melhor exemplo na história brasileira de um partido que surgiu fora da esfera parlamentar.

Resta saber se essa nova oferta do sistema partidário —mais enxuto, com produtos renomeados— será suficiente para despertar o interesse dos eleitores. ←

QUADRÃO

João Montanaro

7AM – VOCÊ ACORDA COM O VÍDEO DE UM SENHOR CAMINHANDO ENTRE DESTROÇOS CARREGANDO OS RESTOS MORTAIS DE CRIANÇAS EM SACOLAS DE MERCADO



8AM – VOCÊ PEDE AO CHATGPT QUE ELE REDIJA UMA MENSAGEM RECUSANDO O CARINHO DA HONROSA FILHA DE ALGUÉM



10AM – VOCÊ LÊ A NOTÍCIA DO GAROTO QUE SE CHURRASCOU POR INCENTIVO DA NAMORADA VIRTUAL, BASEADA EM UMA PERSONAGEM DE ANIME. VOCÊ PEDE AO CHATGPT O SIGNIFICADO DE "CHURRASCAR"



12h – VOCÊ VÊ SUA EX NO BUMBLE E NÃO RECONHECE A MOBÍLIA DAS FOTOS



14h – VOCÊ ASSISTE AOS MELHORES MOMENTOS DO JULGAMENTO E NÃO ENTENDE QUANDO O EX-PRESIDENTE BEIJA O JUIZ NA BOCA.



15h – VOCÊ NÃO CONSEGUE ACERTAR TODAS AS FRUTAS NO TESTE DO CAPTCHA.



17h – VOCÊ RECEBE UMA MENSAGEM DA SUA EX POR UM NÚMERO NOVO. ELA PRECISA DE DINHEIRO NUMA EMERGÊNCIA. QUANDO ELA FINALMENTE PEDE PERDÃO VOCÊ FAZ O DEPÓSITO.



19h – VOCÊ VÊ O MESMO VÍDEO DAS CRIANÇAS NA SACOLA, MAS AGORA É UM ANIME E VOCÊ ENFIM CONSEGUE CHORAR



21h – VOCÊ PEDE AO CHATGPT OPÇÕES DO QUE FAZER CONTRA A SENSAÇÃO DE ESTAR VIVENDO E MORRENDO ENTRE FANTASMAS. ELE DIZ QUE NEM TUDO É SOBRE VOCÊ.



23h – VOCÊ VAI DORMIR ENQUANTO A CHUVA CAI E PERCEBE QUE JÁ NÃO LEMBRA O NOME DE CADA PINGO LÁ FORA.



DOM. Jan Limpens, João Montanaro, Ricardo Coimbra, **Angeli**, Laerte

SUDOKU texto.art.br/fsp

DIFÍCIL

			1			8		
		4		2	6			
		6			3	9		5
	5						4	9
		7				5		
6	9						7	
7		8	3			6		
			6	4		7		
		3			8			

O Sudoku é um tipo de desafio lógico com origem europeia e aprimorado pelos EUA e pelo Japão. As regras são simples: o jogador deve preencher o quadrado maior, que está dividido em nove grids, com nove lacunas cada um, de forma que todos os espaços em branco contenham números de 1 a 9. Os algarismos não podem se repetir na mesma coluna, linha ou grid

SOLUÇÃO

3	2	9	1	5	7	8	6	4
5	8	4	9	2	6	1	3	7
1	7	6	4	8	3	9	2	5
8	5	2	7	6	1	3	4	9
4	3	7	8	9	2	5	1	6
6	9	1	5	3	4	2	7	8
7	4	8	3	1	5	6	9	2
2	1	5	6	4	9	7	8	3
9	6	3	2	7	8	4	5	1

CRUZADAS

HORIZONTAIS

1. Medo grande e repentino **2.** Matéria-prima para requeijão / Até que enfim! **3.** Casamento, matrimônio / Roraima **4.** O cantora e apresentadora de TV Preta / Cosmético para colorir cílios e supercílios **5.** Feito com grande cuidado e diligência **6.** Manter em prisão **7.** Cada um dos buracos do jogo de bolinha de gude **8.** Diz-se do sistema métrico adotado pela maior parte dos países **9.** Ansioso / (Sigla) Um popular reality show **10.** Medida da massa de um corpo / Placa muito comum nas ruas da cidade **11.** Causar assombro, surpresa **12.** Expulsar o feto do útero / Leon Trótski (1879-1940), revolucionário russo **13.** Meninão.

VERTICAIS

1. Escolher entre vários / Cigarro eletrônico, produto altamente prejudicial ao organismo **2.** Muito velho, decrépito / Uma moto **3.** A atriz Patrícia, de "Zuzu Angel" / Estar longe **4.** Em uma reunião, relatório dos acontecimentos / O tanque em que o animal mata a sede **5.** Gangrenoso / (Stop) Nas corridas, parada nos boxes para manutenção **6.** Empresa Individual de Responsabilidade Limitada / (Ponta) Importante cidade do MS **7.** Uma conjunção alternativa / (Fig.) Vadiar no trabalho **8.** (Flintstone) Personagem de desenhos animados / O Pedro Álvares navegador (1467-1520) **9.** (de Nóbrega) O humorista fluminense de "A Praça é Nossa".

	1	2	3	4	5	6	7	8	9
1								■	
2						■			
3							■		
4				■					
5									
6		■						■	
7	■	■	■						
8		■							
9						■			
10					■				
11									
12	■						■		
13								■	

HORIZONTAIS: 1. Espanto, **2.** Leite, Ufa, **3.** Enlace, RR, **4.** Gil, Rímel, **5.** Elaborado, **6.** Reter, **7.** Biloca, **8.** Decimal, **9.** Ávido, BBB, **10.** Peso, Pare, **11.** Estuporar, **12.** Parir, LT, **13.** Garotão. **VERTICAIS: 1.** Eleger, Vape, **2.** Senil, Vespa, **3.** Pillar, Distar, **4.** Ata, Bebedouro, **5.** Necrótico, Pit, **6.** Eireli, Porã, **7.** Ou, Marombar, **8.** Fred, Cabral, **9.** Carlos Alberto.

Bienal do Rio lota, mas tem mais conforto

Evento literário carioca ocupa 40 mil metros quadrados a mais no Riocentro, mas mantém organização e atrai jovens em parceira com o TikTok e presença do fenômeno Elayne Baeta



Roda-gigante instalada pela Bienal do Livro no Riocentro, na zona oeste da capital fluminense Eduardo Anizelli/Folhapress

Walter Porto

RIO DE JANEIRO A Bienal do Livro do Rio de Janeiro lotou bem rápido no primeiro sábado de sua programação — em torno de 13h, a organização anunciou que pararia de vender ingressos para o dia—, mas parecia menos lotada que em anos anteriores. O que parece um contrassenso é compreensível pelo aumento do espaço promovido pelos organizadores do evento, que ampliaram a área tomada no Riocentro de 90 mil para 130 mil metros quadrados.

A GL Events, responsável pelo complexo, não informa a quantidade de visitantes por dia e afirma que só divulgará números no balanço final, no dia 22. As atividades do evento ainda acontecem em quatro pavilhões, como em 2023, mas o espaço extra serviu para abrigar infraestrutura que antes ficava apinhada com os estandes de editoras.



Destaques da Bienal no domingo

- **10h30, na Praça Além da Página Shell**
A loja de conveniência e o consultório literário, com Kim Ho-yeon, Cristiana Seixas, Suu Gagliano, Livrosdaro e Pakkun

- **13h, no Palco Apoteose Shell**
Reflexões que inspiram, com Junior Rostirola e Silvana Ramiro

- **17h, no Palco Apoteose Shell**
Encontros & leituras ao redor da obra de Lázaro Ramos

Mesmo as atrações que foram grandes novidades desta Bienal, como a roda-gigante e o Labirinto de Histórias, tinham fluxo bom. Para a primeira, você pagava R$ 20 e aguardava 15 minutos na fila para dar três voltas em cabines inspiradas por livros. No segundo, quatro labirintos com temática de séries de suspense e fantasia eram disputados, mas a fila durava menos de meia hora mesmo com sua entrada gratuita.

A boa organização não deu conta de resolver, porém, um nó górdio de toda Bienal —os corredores apertadíssimos de gente entre os estandes das principais editoras, que tinham variadas filas roçando ombro a ombro a passo de tartaruga. "Quem colocou a Rocco do lado da Harlequin?", reclamou uma adolescente sobre a ideia de deixar a casa do eterno fenômeno "Harry Potter" ao lado do selo jovem da HarperCollins.

Isso porque, mais uma vez, a Bienal do Livro é dos jovens. Quem duvida pode ver imagens da mesa com Elayne Baeta —pronunciada Eláine—, autora baiana que foi catapultada à fama repentina nos últimos anos e lotou o palco principal de adolescentes fissuradas em seus romances sáficos, ou seja, que retratam o amor entre mulheres.

Elayne chorou ao subir ao tablado, em meio a gritos incendiários de centenas de meninas, e começou a mesa sob forte emoção. Ela vendeu mais de 100 mil exemplares de seus romances impulsionada por outro protagonista desta Bienal —o TikTok, aplicativo cujos influenciadores e algoritmos viraram os maiores vendedores de livros da praça.

Dessa vez a rede social é patrocinadora oficial do maior evento literário do país, ocupando espaço de quatro estandes em um dos pavilhões centrais e abrindo passagem a escritores independentes que se notabilizaram ali.

Bem na entrada do Riocentro, uma cabine do TikTok convida visitantes a tirar fotos em uma mesa com microfones —como explica a atendente, é "como se você estivesse sendo entrevistado em um podcast". Em outro canto, duas funcionárias estavam a postos em outro cenário com o logo da rede social para ajudar os visitantes a fazerem poses glamorosas para registrar e postar seus próprios vídeos no TikTok.

Para as gerações mais velhas, é como se fossem as cabines de fotos instantâneas, com polaroides. Mas os tempos —e os leitores— agora são outros.

O jornalista viajou a convite da Bienal do Livro

Feira do Livro começa com debates sociais em São Paulo

Carolina Faria

SÃO PAULO A 4ª edição da Feira do Livro de São Paulo teve início neste sábado, na praça Charles Miller, em frente ao estádio do Pacaembu. A manhã de abertura foi marcada por temperaturas baixas e céu limpo, com visitantes circulando pelas tendas de editoras já antes das 10h, horário do início do evento.

O maior destaque do dia foi a mesa com Marilena Chauí, professora emérita da USP que revisitou o clássico "O que É Ideologia?", publicado em 1980.

"À primeira vista, meu livro sobre ideologia foi abominado", disse ela, acrescentando que o fato de ser mulher e, na época, não ter um doutorado, influenciou a rejeição. No entanto, a obra virou um sucesso e vendeu mais de 100 mil cópias desde sua primeira edição.

Para Chauí, o momento em que a obra foi lançada era muito propício ao desenvolvimento de uma discussão sobre ideologia. O movimento sindical no ABC paulista e a briga pela redemocratização urgiam entendimento da ideologia como consequência da luta de classes.

Para ela, o conceito de ideologia é fundamental para que muitos avanços sociais possam surgir. "Sem ideologia, não haveria salário justo", ela afirmou.



Destaques da Feira do Livro previstos para este domingo

- **12h, no palco Petrobras**
'Diante da Lembrança', com Lídia Jorge

- **14h, no Tablado Literário Mário de Andrade**
Lançamento do livro infantil 'Quem Limpa?', de Bianca Santana

- **15h, no espaço Rebentos**
Lançamento com Ruth Rocha e Anna Flora

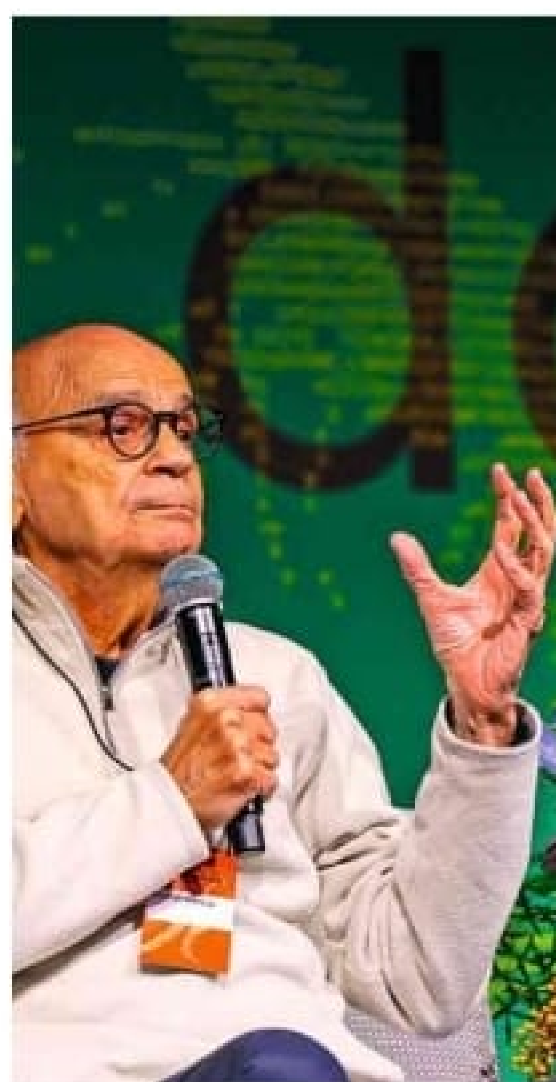
- **15h30, no palco Petrobras**
'Entre Nós', com Aline Bei e Bruna Dantas Lobato

- **17h15, no palco Petrobras**
Encontro com Ruth Wilson Gilmore

- **19h, no palco Petrobras**
'A Boba da Corte', com Tati Bernardi

A Feira do Livro

ONDE Pça. Charles Miller, São Paulo. **QUANDO** Dias 14, 15, 19, 20 e 21 de junho, das 10h às 21h; dias 16, 17 e 18 de junho, das 12h às 21h; dia 22 de junho, das 10h às 19h. **PREÇO** Entrada gratuita



Drauzio Varella na Feira do Livro, na praça Charles Miller, em São Paulo Allison Sales/Folhapress

Depois de Chauí, houve a participação de Drauzio Varella, colunista deste jornal, que debateu seu novo livro, "O Sentido das Águas: Histórias do Rio Negro", em que narra viagens à Amazônia. Ele visitou mais de cem vezes a região, onde mantém pesquisa em busca de atividade farmacológica em plantas nativas da Amazônia. "Fui ficando cada vez mais encantado pelo rio e pelas pessoas que vivem próximas a ele", afirmou.

O filósofo Luiz Felipe Pondé, outro colunista da Folha, também falou à plateia e uniu reflexões existenciais e crítica social. Ele contou que o desejo de participar do debate público acompanha sua trajetória desde a universidade, quando já percebia a tensão em dinâmicas de seu trabalho. "A academia pode ser um lugar violento", disse, ao comentar como o ambiente intelectual nem sempre acolhe vozes dissonantes.

Segundo Pondé, vivemos em uma época marcada por um mal-estar muito semelhante àquele anunciado por Sigmund Freud —um estado de inquietação generalizada alimentado pela imposição constante de uma felicidade performática. "Existe uma cultura produzida o tempo todo a partir de um movimento falso de felicidade, daí o mal-estar que vivemos", ele afirmou.



Luiza Pannunzio

Immanuel Ancelotti

Esse novo técnico da seleção será capaz de harmonizar a criatividade e a ordem

Ricardo Araújo Pereira

Humorista, membro do coletivo português Gato Fedorento. É autor de 'Boca do Inferno'

Se no dia 22 de junho de 1970 alguém tivesse sugerido que o treinador brasileiro deveria ser um italiano, julgo que teria havido uma desgraça. Na véspera, o Brasil tinha vencido a Copa do Mundo, batendo a Itália por quatro a um. Não tinha sido apenas um mero jogo. Tinha sido um verdadeiro debate filosófico.

Frente a frente, estavam presentes duas ideologias antagônicas. De um lado, o apreço pela liberdade individual; do outro, a submissão do indivíduo ao coletivo.

Para uns, o mais importante era a beleza, a ideia de enganar o adversário, o ataque; para outros, era a eficácia, a frieza dos números, a defesa. Bem sei, bem sei.

Especialistas profissionais e amadores virão dizer que se trata de um exagero, que também havia uma noção de coletivo no Brasil e uma valorização da criatividade na Itália. Está bem.

Mas creio não estar longe da verdade se disser que, ao longo da história do futebol, há duas grandes escolas filosóficas: a da criatividade deslumbrante vocacionada sobretudo para atacar; e a do rigor e da disciplina tática dedicada primeiramente a defender.

Na história do futebol, há duas grandes escolas filosóficas, a da criatividade deslumbrante vocacionada para atacar; e a do rigor e da disciplina fria, uma tática voltada à defesa

E as seleções que mais claramente incorporaram essas filosofias foram a brasileira e a italiana.

"Joga bonito" é uma expressão produzida pelo português brasileiro e que é conhecida ao redor de todo o mundo; "catenaccio" é uma palavra italiana que gente de todas as nacionalidades usa para se referir a determinada forma de jogar.

Por causa disso, quando o italiano Carlo Ancelotti foi escolhido para estar no comando da seleção brasileira, receei que houvesse algum tumulto.

Como assim, contratar um italiano para orientar brasileiros? O que é que isso quer dizer? É uma capitulação? Uma renúncia? Não seria o equivalente a um partido democrático reconhecer que o melhor seria se fosse dirigido por um líder com tendências autoritárias?

No entanto, a nomeação parece ter sido bem recebida. O que só pode significar que o povo brasileiro espera que Ancelotti seja o Immanuel Kant do futebol.

Assim como Kant conciliou o empirismo e o racionalismo, Ancelotti será capaz de harmonizar a criatividade e a ordem. O escrete vai dançar.

DOM. Ricardo Araújo Pereira **QUA.** Bia Braune
QUI. Flavia Boggio **SEX.** Renato Terra **SÁB.** José Simão

MULTITELA

Jacqueline Cantore
cantorejac@gmail.com

Filme baseado na memória da Marinha americana está disponível no sob demanda

Tempo de Guerra
Prime Video, 16 anos
Baseado nas memórias de uma equipe de elite da Marinha americana em uma missão de vigilância no Iraque que deu errado, o longa-metragem é um retrato visceral da guerra no século 21. O filme foi escrito por Alex Garland e Ray Mendoza, que é veterano de guerra e ex-agente Seal da Marinha, e mostra o caos, o terror e a fraternidade do grupo, além do espírito de resiliência humano diante da devastação.

St. Denis Medical
Universal+, a partir de terça, 17
A sitcom no estilo falso documentário lembra "The Office", mas ambientada em um hospital afetado por cortes no orçamento e pela falta de pagamento de seus funcionários. Apesar das dificuldades, a equipe trata os pacientes com empatia e humor.

Os Bucaneiros
Apple TV+, a partir de quarta-feira, 18
Mais romance, drama e intriga na segunda temporada da série inspirada no romance homônimo e inacabado de Edith Wharton, em que um grupo de jovens americanas animadas agita Londres na década de 1870. Leighton Meester se junta ao elenco encabeçado por Christina Hendricks.

Nelson Freire
Netflix, livre
O documentário sobre a vida do pianista brasileiro foi filmado no Brasil, na França, na Bélgica e na Rússia em 2000 e 2001 e tem direção de João Moreira Salles. Conta a sua história do músico desde o primeiro contato com o piano até a recepção dos fãs no camarim. Tem cenas de apresentações pelo mundo, além da documentação da rotina do artista.





Vitória
Globoplay, a partir de quinta-feira, 19
Depois de levar mais de 700 mil pessoas às salas de cinema, o filme chega ao streaming no Dia do Cinema Brasileiro. O projeto foi originalmente desenvolvido pelo diretor Breno Silveira e sua mulher, Paula Fiuza, para Fernanda Montenegro. Durante as filmagens, Silveira morreu, e seu amigo Andrucha Waddington assumiu a direção até a conclusão do longa. A história é baseada em fatos ocorridos no Rio de Janeiro há 20 anos. A protagonista, Vitória, uma idosa solitária de 80 anos, decide filmar da janela de seu apartamento no bairro de Copacabana o tráfico de drogas em uma comunidade próxima. Ela grava a movimentação dos traficantes, o que acaba levando à prisão de muitos deles e à sua inclusão no programa de proteção a testemunhas do país

Mostra Argentina
Max, 12 e 14 anos
A plataforma estreou uma vasta seleção de filmes argentinos, entre clássicos e produções recentes — quase todos com o ator Ricardo Darín. Entre os lançamentos, estão títulos renomados como "Nove Rainhas", "O Filho da Noiva" e "Um Conto Chinês", além de obras como "Abutres" e "Um Amor Inesperado".

Branca de Neve
Disney+, 10 anos
Com direção de Marc Webb, o longa-metragem em live-action, com atores reais, é uma adaptação contemporânea da clássica animação de 1937. É protagonizado por Rachel Zegler e Gal Gadot e tem músicas inéditas de Benj Pasek e Justin Paul, vencedores do Oscar por "La La Land".

O Amor Prejudica Seriamente a Saúde
Belas Artes à la Carte, 12 anos
Comédia romântica espanhola dirigida por Manuel Gómez Pereira sobre o amor de dois jovens durante 30 anos, unidos pela devoção a John Lennon desde os anos 1960. O filme apresenta pequenas participações — entre elas, a de Lennon — por meio de efeitos visuais.

A Indústria da Felicidade
Curta! 22h, 12 anos
A felicidade é uma obsessão contemporânea que, segundo os 70 mil "coaches" que podem ser encontrados online, pode ser alcançada com a ajuda de um deles. O documentário examina a indústria por trás desses gurus da atualidade e a história do bem-estar.

Canal Livre
Band, 0h, livre
O governador do Espírito Santo, Renato Casagrande, do PSB, está em seu terceiro mandato. No programa, ele fala sobre o combate à pobreza, a queda do desemprego e os avanços em segurança pública de seu estado, apontado como fiscalmente equilibrado e com uma das melhores infraestruturas do Brasil.

Taste destaca cozinha periférica e preta na programação de domingo

SÃO PAULO Dois grandes representantes gastronomia preta e periférica da capital paulista encerram neste domingo a programação do primeiro final de semana do Taste, festival gastronômico presente em mais 11 países e que tem na capital paulista sua maior edição.

Os portões do festival abrem às 11h, e a programação começa logo em seguida, às 12h, com a apresentação da banda Cavalo e Panda no palco Claro Música.

Às 13h, chama a atenção no Fire Pit by BB Estilo a conversa com o fundador Arri Coser e o CEO Gilson Belusso sobre os 35 anos da churrascaria NB Steak. Mais tarde, às 16h, no mesmo palco, o chef Edson Leite, da Gastronomia Periférica, ensina como aproveitar a banana integralmente, da raiz à folha. E às 18h30, Rodrigo Freire, do Preto Cozinha, apresenta uma receita de carne de sol com pirão de leite e farofa de cuscuz.

Todas as aulas e atividades são gratuitas, mas é preciso reservar as vagas presencialmente, por meio de inscrição antecipada, já dentro do festival. Já os ingressos para o evento custam a partir de R$ 65, com opção de meia entrada. Todo consumo é pago à parte, mas quem opta pelo ingresso VIP, a partir de R$225, tem R$ 80 de consumação, além de degustações e mimos exclusivos.



Rodrigo Freire, do Preto Cozinha Danilo Verpa - 20.nov.2023/Folhapress

Além das aulas e atividades, o Taste reúne 28 dos melhores restaurantes e bares da cidade, selecionados pelo curador Luiz Américo Camargo. Todos servem pratos tradicionais de seus cardápios, além de uma receita exclusiva para o festival, em porções que custam de R$ 25 a R$ 55, para que o comensal consiga provar diferentes opções numa mesma visita. Participam, por exemplo, o japonês Aizomê, o Bicol, que traz pratos da cozinha familiar sul-coreana, e o Guarita, com seus drinques criados pelo bartender Jean Ponce.

Desde o ano passado, o Taste acontece em três fins de semana consecutivos, mas a edição 2025 será a maior, por incluir também o feriado de Corpus Christi, na próxima semana.

Os assinantes da **Folha** têm 15% de desconto na compra do ingresso por meio do Clube **Folha** Gourmet.

Taste Festival Brasil
ONDE Parque Villa-Lobos - av. Prof. Fonseca Rodrigues, 2.000, São Paulo. **QUANDO** 14, 15, 19, 20, 21, 22, 27, 28 e 29. Qui., das 12h às 20h. Sex., das 17h às 23h. Sáb., das 12h às 23h. Dom., das 11h às 20h. **QUANTO** R$ 65, em Eventim